



13 SULA

*Semantics of Underrepresented
Languages of the Americas*

CADERNO DE RESUMOS Book of Abstracts

Organização **Roberta Pires de Oliveira
Helena Loch de Oliveira**



FLORIANÓPOLIS
2024

SOBRE O 13° SULA

O SULA é uma conferência de linguística bianual cujos objetivos são reforçar a conexão entre o trabalho de campo em semântica e a teoria semântica e promover o estudo de problemas de semântica das línguas das Américas que não receberam muita atenção nas fases iniciais da semântica teórica (elas incluem as línguas ameríndias, as línguas de sinais, crioulos, sejam oficialmente falados ou não, mas também variedades não padrão de línguas nacionais, entre outras) O 13th SULA (Semantics of Under-represented Languages of the Americas) será sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, de **28 a 31 de outubro de 2024**. Busca aprofundar as interações entre semântica-pragmática e educação. Nesta edição agrega o encontro sobre a “(In)definitude em línguas sub-representadas” (Project CNPq 420314/2022-9).

ABOUT 13th SULA

SULA is a biannual linguistics conference whose goals are to strengthen the connection between semantic fieldwork and semantic theory and to foster the study of problems of semantics in languages of the Americas that had not received much attention in the early development of theoretical semantics (these include Amerindian languages, sign languages, and creoles, whether official or not where they are spoken, but also nonstandard varieties of national languages, among others). 13th SULA (Semantics of Under-represented Languages of the Americas) will take place at the Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brazil on **October 28th to 31st, 2024**. It aims to deepen the interactions between semantics-pragmatics, and education. Moreover, this edition hosts the workshop of “In-definiteness: the perspective of under-represented languages” (Project CNPq 420314/2022-9).

Agradecimento ao financiamento de CAPES, CNPq, Pós-Graduação em Linguística da UFSC, à comissão organizadora, aos alunos que trabalharam muito para a realização deste evento

Comissão Organizadora / Organizing Committee

Roberta Pires de Oliveira – Universidade Federal de Santa Catarina

Coordenadora/Coordinator

Lara Frutos – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Leia Jesus da Silva – Universidade Federal de Santa Catarina

Raynice Geraldine Pereira da Silva – Universidade Federal de Santa Catarina

Mário André Coelho da Silva – Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena –
Universidade Federal de Goiás

Andrey Nikulin – Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena – Universidade
Federal de Goiás

Luana De Conto – Universidade Federal do Paraná

Programação

28/10 - Segunda / Monday

1:00 - 1:30 pm

Abertura do evento / Opening of the Event

Registro dos participantes / Welcome Registration

1:30 - 2:00 pm

Notas sobre o Nome Nu em Terena (Aruák) / Remarks on the Bare Noun in Terena (Aruák) – Cristina de Cássia Borella (UFAM/UFRJ); Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ); Aronaldo Júlio (UFRJ); Nicolly Dutra de Carvalho Cabral (UFRJ)

2:00 - 2:30 pm

Demonstrativos específicos em Coatlán Mixe / Specific Demonstratives in Coatlán Mixe – Rodrigo Romero-Méndez (Universidad Nacional Autónoma de México)

2:30 - 3:00 pm

Alguns argumentos a favor de um DP completo em Portunhol / Some Arguments in favor of a full DP in Portuñol – Ana Clara Polakof Universidad de la Republica (UDELAR); Carolina Oggiani (UDELAR); Carla Custodio; Christian Almonacid (UDELAR)

3:00 - 3:30 pm

A infinitude em Nahuatl Clássico: o caso de *se:* e *sente-* / Indefiniteness in Classical Nahuatl: the case of *se:* and *sente-* – Rafael Herrera Jiménez (UNAM); Julia Pozas Loyo (ColMex)

Intervalo - Coffee Break

4:00 - 5:00 pm (Conferências / Keynote Talks)

Estudo de rastreamento ocular de evidências em Kaingang / An eye-tracking study on evidentials in Kaingang – Marcia Nascimento Kaingang (Unicamp)

5:00 - 5:30 pm

(In)Definitude e Epistemicidade em Mebêngôkre (Kayapó) / (In)definiteness and Epistemicity in Mebêngôkre (Kayapó) – Clédson Mendonça Junior (UFRJ); Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ); Thais Gabriela Ramos Figueredo (UFRJ); Guilherme Augusto Duarte Borges (UFRJ)

5:30 - 6:00 pm

Dos Numerais distributivos aos quantificadores universais: uma visão de Zoque e Purépecha / From Distributive Numerals to Universal Quantifiers: a view from Zoque and Purépecha – Fernando Chapa Barrios (ColMex); Violeta Vázquez-Rojas Maldonado (ColMex)

29/10 - Terça / Tuesday

8:00 - 8:30 am

Abertura do evento / Opening of the Event
Registro dos participantes / Welcome Registratio

8:30 - 9:00 am

Classificadores e Marcação de número em línguas das Américas / Classifiers and Number Marking in Languages of the Americas - Carol Rose Little (University of Oklahoma); Virginia Dawson (Western Washington University); Matthew Chandler (University of Oklahoma)

9:00 - 9:30 am

Numerais, Morfema de plural e pluracionalidade em Wayoro / Numerals, Plural Morpheme and Pluractionality in Wayoro (Tupian) – Antônia Fernanda de Souza Nogueira (UFPA)

9:30 - 10:00 am

Um estudo comparativo entre os numerais em Karitiana e em Avá Guarani / A Comparative Study between the Numerals of Karitiana and Avá Guarani – Luciana Sanchez Mendes (UFF)

10:00 - 10:30 am

O papel da saliência cognitiva para a pluralização em Wapishana / The role of Cognitive Saliency for Pluralization in Wapishana – Luciana Sanchez Mendes (UFF)

Intervalo - Coffee Break

11:00 - 12:00 pm (Conferência / Keynote Talks)

As marcas de (in)definitude numa língua de argumentos nominais nus: Terena (Aruaque) / (In)definite markers in a bare argument language: Terena (Aruaque) – Aronaldo Júlio Terena (UFRJ)

2:00 - 2:30 pm

Evidências iniciais na direção de uma análise sem Tempo em Chuj / Initial Evidence towards a Tenseless Analysis of Chuj (Mayan) – Seaira Lett (University of Georgia)

2:30 - 3:00 pm

A expressão de gênero em pronomes plenos do Rikbaktsa (Macro-Jê) / Gender expression in plain pronouns of Rikbaktsa (Macro-Jê) – Léia de Jesus Silva (Universidade Federal de Santa Catarina); Laiara Machado Serafim (Universidade Federal de Santa Catarina); Helena Loch de Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina); João Tsaputai

3:00 - 3:30 pm

A interação tempo-epistêmica em San Pablo Güilá Zapotec / Epistemic Temporal Interaction in San Pablo Güilá Zapotec – Ana Laura Arrieta Zamudio (UBC)

3:30 - 4:00 pm

A interpretação de quantificadores em Chuj: implicações para teorias de contraste fraco/forte / Quantifier Interpretation in Chuj: Implications for Theories of the weak/strong contrast – Justin Royer (Université de Montréal); Cristina Buenrostro (UNAM)

Intervalo - Coffee Break

4:30 - 5:00 pm (Poster Session 1)

(In)Definiteness in Kaiowá (Tupí-Guaraní): Illustrating a Diagnostic Questionnaire / (In)Definitude em Kaiowá (Tupí-Guaraní): Ilustrando um Questionário Diagnóstico – Helena Guerra-Vicente (UnB); Marina Nunes da Cunha Rabelo (UnB); Daiane Ramires (UnB)

Alcance diferenciado y marcado diferencial de objetos en español / Alcance diferenciado e marcação diferencial de objetos em espanhol – Romina Verónica Trebisacce (UBA); Pablo Zdrojewski (UBA); Victoria Ferrero (UBA)

Fazer trabalho de campo ou experimental em portunhol / Fieldwork or experimental work in Portunhol – Carla Custodio Marcelino; Ana Clara Polakof (UDELAR)

Bare arguments in Brazilian Portuguese: an investigation into intermediate scope / Nomes nus no Português Brasileiro: uma investigação sobre escopo intermediário – Diogo Simão (UFSC)-CNPq

Bare nouns, demonstratives and indefinites in Wapixana / Nomes nus, demonstrativos e indefinidos em Wapixana – Marcus Vinicius Lunguinho (UnB); Isabella Coutinho Costa (UFRR); Jhenifer Alves (UnB); Marina Rabelo (UnB); Shirlene da Silva

5:00 - 6:00 pm (Conferências / Keynote Talks)

Variação através das línguas no tempo de referência: o caso das sentenças temporais / Cross-linguistic variation in time reference: the case of temporal clauses – Ana Müller (USP) (with Marta Donazzan)

30/10 - Quarta / Wednesday

8:30 - 9:00 am

O impacto dos complementos sentenciais nominais na facticidade em Karitiana / The Impact of Nominal Clausal Complements on Factivity in Karitiana – Karin Camolese Vivanco (Unicamp); Maria del Mar Bassa Vanrell (University of the Balearic Islands)

9:00 - 9:30 am

A anatomia de perguntas adjuntas em Ktunaxa / The Anatomy of Adjunct Questions in Ktunaxa – Starr Sandoval (UBC); Yangshuying Kate Zhou (UBC); Marcin Morzycki Slo (UBC)

9:30 - 10:00 am

Perguntas bipolares não são necessariamente exaustivas: evidência de Nl̥ʔkepmxcín / Bipolar Questions are not necessarily Exhaustive: Evidence from Nl̥ʔkepmxcín – Lisa Matthewson (UBC)

10:00 - 10:30 am

Perguntas conjecturais em Ktunaxa como Perguntas canônicas / Conjectural Questions in Ktunaxa as Canonical Questions – Ana Laura Arrieta Zamudio (UBC); Ryan M. Bochnak (UBC)

Intervalo - Coffee Break

11:00 - 12:00 pm (Conferências / Keynote Talks)

Sobre o estatuto dos assim chamados marcadores plurais / On the status of so-called optional plural markers – Veneeta Dayal (Yale University)

2:00 - 2:30 pm

Alguns efeitos dos nominais nus em Kaingang / Scope Effects of Bare Nouns in Kaingang – Michel Navarro (UBC)

2:30 - 3:00 pm

Numerais Distributivos em Kadiwéu (Guaikuru) / Distributive Numerals in Kadiwéu (Guaikuru) – Juliana Vignado (Unicamp)/CNPq

3:00 - 3:30 pm (Poster Session 2)

A distinção massivo-contável em Sanõma (Yanomami) / The mass-count distinction in Sanõma (Yanomami) – Joana Dworecka Autuori (UFRR); Isabella Coutinho Costa (UFRR)

Brazilian Portuguese's complex system to express modality / O complexo sistema para expressar modalidade no português brasileiro – Luiz Fernando Ferreira (UFRR); Núbia Saraiva Ferreira Rech (UFSC)

Bare singulars in Brazilian Portuguese, English and Mandarin chinese: Experimental evidences on atomicity / Singulares Nus no Português Brasileiro, inglês e Mandarim: evidência experimental para atomicidade – Kayron Beviláqua (IFSC)

Coleta de dados em semântica: entrevista falante-falante/pesquisador indígenas / Collecting data in semantics: interview speaker-speaker/indigenous language researcher – João Tsaputai (Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi povo Rikbaktsa); Helena Loch de Oliveira (UFSC); Laiara Machado Serafim (UFSC); Léia de Jesus Silva (UFSC)

(In)definiteness in Kaiowá (Tupí-Guaraní): a case study / A (in)definitude em Kaiowá (Tupí-Guaraní): um estudo de caso – Helena da Silva Guerra Vicente (UnB); Daiane Ramires (UnB); Hermano Dias Noletto (UnB); Luiz Eduardo Silva Rocha (UnB); Marina Nunes da Cunha Rabelo (UnB)

Intervalo - Coffee Break

4:00 - 4:30 pm

Uma fonte de Conatividade nos verbos pluracionais em Tlingit / A Source of Conativity in Tlingit Pluractional Verbs – Laurestine Bradford (McGill University)

4:30 - 5:00 pm

Abordagem quantificacional para a negação em Kanien'kéha / Quantifier Approach to Negation in Kanien'kéha – Katya Morgunova (McGill University)

5:00 - 5:30 pm

Pluralidade em Ava Guarani / Plurality in Ava Guaraní – Lara Frutos (Unioeste)

5:30 – 6:00 pm

A marcação nominal de tempo em línguas Tupí-Guaraní / Tense Marking on Nouns in Tupí-Guaraní Languages - Déborah Christina de Mendonça Oliveira (SEEDF); Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles (UnB)

31/10 - Quinta / Thursday

8:30 - 9:00 am

Aspecto Intetivo, Propósito e os resultados em Kanien'kéha / Intensive Aspect, Purposives, and their Results in Kanien'kéha – Terrance Gatchalian (McGill University); Katya Morgunova (McGill University)

9:00 - 9:30 am

Explorando o aspecto contínuo em Nsyilxcn (Okanagan Salish) / Exploring Continuous Aspect in Nsyilxcn (Okanagan Salish) – John Lyon (University of British Columbia)

9:30 - 10:00 am

Aspecto Perfectivo e Neutro em duas línguas Mixe / Perfective and Neutral Aspect in two Mixe Languages – Rodrigo Romero-Méndez (Universidad Nacional Autónoma de México)

10:00 - 10:30 am

A função discursiva do aspecto verbal em duas línguas Oeste-Tukanoan / The Discourse Function of Verbal Aspect in two West-Tukanoan Languages – Jelle Christiaans (Leiden University)

Intervalo - Coffee Break

11:00 - 11:30 (Poster Session 3)

Demonstrativos em Chiquitano Miguelenho / Demonstratives in Miguelenho Chiquitano – Andrey Nikulin (Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígenas)

Expressive meaning in Paraguayan Guarani / Significado expressivo em Guarani Paraguaio – Estefanía Baranger (Universidad de Buenos Aires); Martín Califa (Universidad Nacional de Hurlingham / CONICET); Sofía Checchi (Universidad Nacional de Hurlingham / CONICET); Mercedes Pujalte (Universidad Nacional de Hurlingham / CONICET)

Ciência cidadã na pesquisa de línguas sub-representadas / Citizen science in the research on under-represented languages – Luana De Conto (Universidade Federal do Paraná)

The Cheyenne Potential, Irrealis and Conditional Modes / Os modos potencial, irrealis e condicional em Cheyenne – Quartz Colvin (Rutgers University)

11:30 - 12:30 pm (Conferências / Keynote Talks)

Um guia prático de semântica e pragmática formais na educação básica / A Practical Guide to Formal Semantics and Pragmatics in Basic Education – Luiz Fernando Ferreira (Universidade Federal de Roraima)

2:00 - 2:30 pm

O repositivo Mixteco / The Mixtec Restitutive – Michael W. Swanton (Universidad Nacional Autónoma de México); Violeta Vázquez-Rojas Maldonado (El Colegio de México); Elodia Ramírez Pérez (Biblioteca de Investigación Juan de Córdova)

2:30 - 3:00 pm

O prefixo repetitivo e pressuposição não argumental em Kanien'kéha / The Repetitive Prefix and Argumentless Presupposition in Kanien'kéha – Willie Myers (McGill University)

3:00 - 3:30 pm

Autoridade Epistêmica em Imbabura Kichwa: Nem sempre é Evidência Direta / Epistemic Authority in Imbabura Kichwa: Direct Evidence isn't Always it! – Sama'a Salama (McGill University)

3:30 - 4:00 pm

Sentenças Subordinadas Adverbiais em Sakurabiat: Referência Temporal e Representação de Tempo / Adverbial subordinate clauses in Sakurabiat: Temporal reference and tense marking – Ana Vilacy Galucio (Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI, CNPq); Frida Lobato de Albuquerque (Universidade Federal do Pará)

Intervalo - Coffee Break

4:30 - 5:00 pm

Expressivos não orientados para o falante em Ktunaxa / Non-speaker-oriented Expressives in Ktunaxa – Starr Sandoval (University of British Columbia); Violet Birdstone (University of British Columbia); Dorothy Alpine (University of British Columbia)

5:00 - 5:30 pm

Reduccionismo em semântica: o caso de sufixação em Greenlândico Ocidental / Reductionism in semantics: the case of suffixation in West Greenlandic – Tess Huijting (University of Groningen)

5:30 - 6:00 pm

Fechamento / Closing Remarks

Jantar / Dinner



REMARKS ON THE BARE NOUN IN TERENA (ARAWAK)¹

Ana Paula Quadros Gomes

anaquadros@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Cristina de Cássia Borella

cristina.borella@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Amazonas (UFAM) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Aronaldo Júlio

aronaldo@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Nicolly Dultra de Carvalho Cabral

nicollydultra@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

This presentation examines the semantic interpretations that bare nouns license in the Terena language (Arawak family). The Terena people number 26,000 and are an Indigenous group primarily living in the Brazilian state of Mato Grosso do Sul. This research is linked to the project *A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas (In)Definiteness: the perspective of under-represented languages*. The data was obtained through controlled elicitation, following the questionnaire by Dayal (in press). The entire process, from the cultural adaptation of contexts to translations and obtaining judgments of grammaticality, truth, and felicity in the Cachoerinha and Argola villages, was supervised by a bilingual consultant in Terena and Portuguese. Terena is an agglutinative language with a canonical VSO (Verb-Subject-Object) order, no gender marking, and no obligatory number marking (there is an optional particle, -hiko, which is not part of the noun but is inserted at various points in the sentence). The language allows argumental bare nouns and lacks indefinite articles. There are demonstratives (hára'a "that"), emphatics (enepo "that very one"), and two definiteness markers, 'ne' and 'ra', which can only be inserted once per sentence, even if there are two or more arguments. There is no consensus on whether the morpheme 'ne' is a definite article (see Butler, 2003, and Oliveira, 2021, among others). These definiteness particles can be used enclitically, as seen in (1), and they can also be applied to proper nouns, as shown in (2). Terena also has some quantificational indefinites, such as 'eno' ("many") and 'pohuti' ("one" [numeral]). In natural languages, definite noun phrases (NPs) are generally not licensed in presentational sentences due to the "definiteness restriction" (Milsark, 1979). In Terena, bare nouns can be used in these constructions (example 3). In terms of discourse dynamics (Heim, 1982), the bare noun in Terena can introduce a new referent into the discourse (see 'kalivono-hiko' and 'peleku' in example 4), which is typical of indefinites. The referent is later resumed in the discourse with 'ne', as in 'ne kalivono-hiko' and 'ne peleku' (example 4). Indefinites also interact with other operators in terms of scope. Testing sentences with ambiguous interpretations, promoted by the narrow or wide scope of the bare nouns concerning the sentential negation operator in the target language, was challenging. We initially tried using storyboards but were unsuccessful as the speakers did not recognize some interpretations. We then opted to produce a series of short videos. In them, situations were acted out, and at the end of the video, the target sentence was added to the images, sometimes expressing $\exists\neg$ and sometimes $\neg\exists$. We asked the consultant whether the sentence was appropriate for the video they watched, and if not, we requested suggestions for a better

¹ Translated by Uiara Nunes.

description of the scene. In the interaction of the bare noun with sentential negation (5), the $\exists\neg$ reading was not accepted (5a), only the $\neg\exists$ reading (5b). With 'pohuti' (the numeral 1) in the sentence (6), both readings were viable (6a, 6b). The bare noun does not take scope over negation, distinguishing it from NPs with indefinite determiners. However, with intensional verbs, the bare noun (see "councilman" in example 2) presents both the reading $\text{want} > \exists$ (Aronaldo wants to see any councilman) and the reading $\exists > \text{want}$ (there is a specific councilman that Aronaldo wants to see).

1. Ø-imokóvo-ti=ra hóyeno kalivóno
3-sing-DUR DEF man child
'This boy is singing'

2. Often, there is a water shortage in the Argola village. Aronaldo is thinking about asking a councilman for help. I tell my friend:

Ø-kaha'á-ti Yuho'i-xea councilman ne Aronaldo
3-want-DUR talk-AUX / POT councilman DEF Aronaldo.
'Aronaldo wants to talk to a councilman'

3. aneko hovovo banheru-ke
exist frog bathroom-LOC
There is a frog in the bathroom.

4. noinj-o kalivono-hiko Ø-komohi-ti-hiko opéku-ke manga, ngayuk-o-po-vo ovongu-ke
1/see-VT children-PL 3-play-DUR-PL under-LOC mango.tree 1/return-VT-DL-INC
1/house-LOC

When I was returning home, I saw some children playing under the mango tree.

"Apé koene Ø-íyio-yea póhuti kalivono enzakov-o-ne nzuvo'ó-x-o-a exist AX 3-cry-?
one child 1/run-VT-CONCL 1/help-VBL-VT-3OBJ

noinj-o-ti peleku xeréré-ku-ke

1/see-VT-DUR caterpillar side-place-LOC

There was a child who started crying; I ran to help him and saw a caterpillar next to him.

ngoepe-k-o-a ne peleku, yane endo'ó-k-o-a-ne

1/kill-VBL-VT-3OBJ DEF caterpillar and 1/tell-VBL-VT-3OBJ-CONCLne

kalivono-hiko enó'-iyea peleku xapa Ø-tuti mangaDEF children-PL many-?

caterpillar middle 3-leaf mango "I killed the caterpillar and told the children that the mango tree leaves were full of caterpillars."

5. Ako Ø-neke-xapa nikiri ne Marlene

NEG 3-pick-? coin DEF Marlene

'Marlene didn't pick up a coin.'

a. **Film context:** Marlene is sweeping, and there are coins scattered on the ground; she collects all of them except for one that rolls away, and she doesn't pick it up.

Intended meaning: "There is a coin that Marlene didn't pick up"
($\exists\neg$) (not accepted).

b. **Film context:** Marlene sweeps the floor and doesn't pick up any of the coins.

Intended meaning: "Marlene didn't pick up a single coin" ($\neg\exists$)
(accepted).

6. Ako Ø-neke-xapa pohuti nikiri ne MarleneNEG 3-pick-? one coin DEF Marlene

"Marlene didn't pick up a coin."

a. **Film context:** Marlene is sweeping, and there are several coins scattered on the ground; she collects all of them except for one that rolls away and isn't picked up.

Intended meaning: "There is a coin that Marlene didn't pick up" ($\exists \neg$) (accepted). **b.Film b. context:** Marlene sweeps the floor and doesn't pick up any coins.
Intended meaning: "Marlene didn't pick up a single coin" ($\neg \exists$) (accepted).

Thus, the elicited data shows that bare nouns in Terena can fulfil functions performed in other languages both by NPs with definite articles and NPs with indefinite articles. Bare nouns in Terena behave as uncontroversial indefinites in (2) and (3), referring to non-specific individuals, whose existence the speaker is not committed to. The numeral 'pohuti' behaves like a quantificational indefinite, capable of taking scope over or under negation (6), while the bare noun does not take scope over negation (5). The bare noun introduces a new referent into the discourse (4) and can appear in a presentational sentence (3). Even when modified, bare nouns are used, as seen in 'xapa tuti manga' in (4), a context that would require a definite determiner in Portuguese.

References:

- BUTLER, N. E. The multiple functions of the definite article in Terena. SIL, language series, 2003
- HEIM, I. The semantics of definite and indefinite noun phrases. Doctoral Dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1982.
- Matthews, L. On the Methodology of Semantic Fieldwork. International Journal of American Linguistics 70, pp. 369-415, 2004.
- OLIVEIRA, C. P. de. Aspectos linguísticos da língua terena (Arawak). (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021.

NOTAS SOBRE O NOME NU EM TERENA (ARUÁK)

Ana Paula Quadros Gomes

anaquadrogomes@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Cristina de Cássia Borella

cristina.borella@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Amazonas (UFAM) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Aronaldo Júlio

aronaldo@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Nicolly Dultra de Carvalho Cabral

nicollydultra@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Esta apresentação explora a gama de interpretações semânticas que os nomes nus licenciam na língua Terena (família Aruak). O povo Terena conta com 26 mil indígenas, residentes principalmente em Mato Grosso do Sul, Brasil. Esta pesquisa está vinculada ao projeto *A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas (In)Definiteness: the perspective of under-represented languages*. Os dados foram obtidos através de elicitacão controlada, tendo como guia o questionário de Dayal (no prelo). Todo o processo, desde a adaptação cultural dos contextos, passando pelas traduções, até a obtenção dos julgamentos de gramaticalidade, verdade e felicidade nas aldeias Cachoerinha e Argola foi supervisionado

por um consultor bilingue em terena e português. O Terena é uma língua aglutinante, com ordem canônica VSO (Verbo-Sujeito-Objeto), sem marcação de gênero e sem obrigatoriedade de número (há uma partícula opcional, *-hiko*, que não é formante do nominal, e sim é inserida em pontos da sentença). A língua permite nomes nus argumentais e não conta com artigos indefinidos. Há demonstrativos (*'hára'a'* 'esse'), enfáticos (*'enepo'* 'esse mesmo') e dois marcadores de definitude, 'ne' e 'ra', que só podem ser inseridos uma vez por sentença, mesmo que haja dois ou mais argumentos. Não há consenso sobre o morfema 'ne' ser ou não um artigo definido (ver Butler, 2003, e Oliveira, 2021, *inter alia*). Essas partículas de definitude podem ser usadas de forma enclítica, como vemos em (1); elas também operam sobre nomes próprios, como vemos em (2). Terena tem ainda alguns indefinidos quantificacionais, como 'eno' 'muito' e 'pohuti' 'um' (numeral). Nas línguas naturais, em geral, sintagmas nominais (SNs) definidos não são licenciados em sentenças apresentacionais, dada a "restrição de definitude" (Milsark, 1979). Os nomes nus em Terena podem ser utilizados nestas construções (ex. 3). Em termos de dinâmica discursiva (Heim, 1982), o nome nu em Terena pode introduzir um novo referente no discurso (ver '*kalivono-hiko*' e '*peleku*', no ex. 4), como é típico de indefinidos. A retomada do referente no discurso é feita com 'ne', como em '*ne kalivono-hiko*' e '*ne peleku*' (ex. 4). Indefinidos também interagem com outros operadores em termos de escopo. Testar sentenças com interpretações ambíguas promovidas pelo escopo restrito ou largo dos nus em relação ao operador de negação sentencial na língua-alvo foi um desafio. Tentamos com *storyboards*, mas sem êxito; os falantes não reconheciam algumas interpretações. Optamos então por produzir uma série de vídeos curtos. Neles, foram encenadas situações. Ao finalizar o vídeo, foi adicionada às imagens a sentença-alvo, por vezes expressando $\exists \neg$ e, por vezes, $\neg \exists$. Perguntamos ao colaborador se a frase era adequada para o vídeo assistido, pedindo sugestões para descrever melhor a cena, caso a resposta fosse negativa. Na interação do nome nu com a negação sentencial (5), a leitura $\exists \neg$ não foi aceita (5a), apenas a $\neg \exists$ (5b). Já com '*pohuti*' (o numeral 1) na sentença (6), ambas as leituras são viáveis (6a, 6b). O nome nu não toma escopo sobre a negação, distinguindo-se nisso de SNs com determinantes indefinidos. Com verbos intensionais, entretanto, o nome nu (ver '*vereador*', no ex. 2) apresenta tanto a leitura *querer* $\triangleright \exists$ (Aronaldo quer ver qualquer vereador) quanto a leitura $\exists \triangleright$ *querer* (há um determinado vereador que Aronaldo quer ver).

1 Ø- imokóvo-ti=ra hóyeno kalivóno
3-cantar-DUR DEF homem criança
'Esse menino tá cantando'

2 **Contexto:** Muitas vezes falta água na aldeia Argola. O Aronaldo está pensando em pedir ajuda para um vereador. Falo para meu amigo:

Ø-kaha'á-ti yuho'i-xea vereador ne Aronaldo
3-querer-DUR falar-AUX/POT vereador DEF Aronaldo.
'O Aronaldo quer falar com um vereador'

3 aneko hovovo banheru-ke
ter/existir sapo banheiro-LOC
'tem sapo(s) no banheiro'

4 noinj-o kalivono-hiko Ø-komohi-ti-hiko opéku-ke manga, ngayuk-o-po-vo ovongu-ke

1/ver-VT **crianças-PL** 3-brincar-DUR-PL embaixo-LOC manga 1/voltar-VT-DL-INC
1/casa-LOC

‘Quando estava voltando para casa, vi umas crianças brincando embaixo da mangueira’
Apé koene Ø-íyiyoyea póhuti kalivono enzakov-o-ne nzuvo’ó-x-o-a
existir AX 3-chorar-? 1 criança 1/correr-VT-CONCL 1/ajudar-VBL-VT-3OBJ
noinj-o-ti **peleku** xereré-ku-ke
1/ver-VT-DUR taturana lado-lugar-LOC
‘havia uma criança que começou a chorar; corri para ajudá-lo e vi uma taturana do lado dele’
ngoepe-k-o-a **ne peleku,** yane endo’o-k-o-a-ne
1/matar-VBL-VT-3OBJ DET taturana e 1/avisar-VBL-VT-3OBJ-CONCL
ne kalivono-hiko enó’-iyea **peleku** xapa Ø-tuti manga
DEF crianças-PL muitas-? taturana meio 3-folhas manga
‘matei **a taturana** e avisei as crianças que as folhas da mangueira estavam cheias de taturanas’

5 Ako Ø-neke-xapa nikiri ne Marlene
NEG 3 -catar-? moeda DEF Marlene
‘Marlene não catou uma moeda’

a. Contexto dado em filme: Marlene está varrendo e há moedas espalhadas pelo chão; ela coleta todas, exceto uma que rola para longe e que Marlene não pega.

Sentido pretendido: ‘existe uma moeda que Marlene não catou’ (∃¬)
(não foi aceito)

b. Contexto (filme): Marlene varre o chão e não pega nenhuma das moedas que há ali.

Sentido pretendido: ‘Marlene não catou uma moeda sequer’ (¬∃) (foi aceito)

6 Ako Ø-neke-xapa pohuti nikiri ne Marlene
NEG 3 -catar-? 1 moeda DEF Marlene
‘Marlene não catou uma moeda’

a. Contexto dado em filme: Marlene está varrendo e há várias moedas que estão espalhadas pelo chão; ela coleta todas, com exceção de uma, que rola para longe e não é apanhada.

Sentido pretendido: ‘existe uma moeda que Marlene não catou’ (∃¬)
(foi aceito)

b. Contexto dado em filme: Marlene varre o chão e não pega nenhuma moeda

Sentido pretendido: ‘Marlene não catou uma moeda sequer’ (¬∃) (foi aceito)

Assim, os dados elicitados mostram que os nomes nu em Terena podem apresentar funções que são desempenhadas, em outras línguas, tanto por SNs com artigos definidos como por SNs com artigos indefinidos. Os nomes nus em terena comportam-se como indefinidos indubitáveis (“uncontroversial indefinites”) em (2) e (3), ao fazerem referência a indivíduos não-específicos, com cuja existência o falante não está comprometido. O numeral ‘*pohuti*’ se comporta como um indefinido quantificacional, podendo ter escopo sobre ou sob a negação (6), enquanto o nome nu não toma escopo sobre a negação (5). O nome nu introduz um referente novo no discurso (4) e pode figurar em sentença apresentacional (3). Mesmo modificados, os nomes nus são usados ‘*xapa tuti manga*’, em (4), contexto que exige determinante definido em português.

Referências Bibliográficas.

BUTLER, N. E. *The multiple functions of the definite article in Terena*. SIL, Série Linguística, 2003

HEIM, I. *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. Doctoral Dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1982.

MATTHEWSON, L. *On the Methodology of Semantic Fieldwork*. *International Journal of American Linguistics* 70, p. 369-415, 2004.

OLIVEIRA, C.P. de. *Aspectos linguísticos da língua terena (Arawak)*. (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021.

SPECIFIC DEMONSTRATIVES IN COATLÁN MIXE

Rodrigo Romero-Méndez

rrmz@unam.mx

Universidad Nacional Autónoma de México

In this paper I argue that all the demonstratives in Coatlán Mixe are not definite but specific. Coatlán Mixe (CoaMi) is an indigenous language from the Mixezoque linguistic family spoken in Southern Mexico. It received some attention years ago due to an alleged contrast between three vowel lengths (Hoogshagen 1959, Ladefoged y Maddieson 1996), but there are just a handful of syntactic and semantic studies. It is one of the most endangered Mixe languages, since there are no children learning the language and most fluent speakers are 50 years and older.

It has been said that other Mixe languages have definite articles which developed from demonstratives (Zavala 2000, Suslak 2005, Guzman 2012), but they do not provide any semantic evidence for claiming that they are indeed articles or that they are definite. They assume, I suppose, that all demonstratives are definite, as is usually the case in English or Spanish, even though it has been show that the proximal demonstrative in English has indefinite uses (Fodor & Sag 1982, Ionin 2006, von Heusinger 2011, *inter alia*) and there are reports of indefinite demonstratives in other languages (Daladier 2002, Killian 2021).

In contrast, Author (2009, in press) argues that in Ayutla Mixe all demonstratives are neutral with respect to definiteness. For, CoaMi, Hoogshagen (1974) states that one of the demonstratives is definite and the other indefinite, but he does not provide any evidence.

In this talk, I maintain that Coatlán mixe has a four-way distinction between proximal, distant and very distant/non-visible and neutral demonstratives. The proximal and distant demonstratives are only exophorical while the neutral and non-visible are endophorical as well (cf. Halliday and Hasan 1976, Himmelman 1996, Diessel 1999).

When exophorical, demonstratives refer to a particular individual that is visible, or at least available, to both the speaker and the hearer (i.e. shared attention). When they are endophorical, they also refer to a previously mentioned entity as in (1), or at least one that is in the common ground. While this seems standard to definites, demonstratives in CoaMi do not presuppose a maximally unique individual, since in (2) the antecedent of the demonstrative *yē* 'neutral' is a plural NP. This alone could be a huge challenge for a definite analysis of the demonstratives.

In addition, although not as common in elicitation tasks, in natural discourse demonstratives can also be used to introduce a new referent, something compatible with an indefinite marker. The key to understanding CoaMi demonstratives, I think now, is that they are specific (see von Heusinger 2011a, 2011b, and the references therein). Example (3) shows this.

In English and other languages, it makes sense to make a difference between specific indefinites (or referential indefinites) and definites. However, in other languages the grammatical contrast might be between non-specific and specific phrases, without mention to (in)definiteness, as suggested by Dryer (2007), and CoaMi is one of these languages. In this respect, demonstratives in Mixe indicates familiarity of the speaker and leaves the door open on whether the hearer is familiar or not with the referent. If we take von Heusinger's approach, "The anchor must in principle be familiar to both speaker and hearer[...] The content of the anchoring relation must be hearer-new in order to distinguish between specific indefinites and definites." (von Heusinger 2011). However, since there is no contrast between definites and indefinites demonstratives in Coatlán Mixe, the content of the anchoring relation can be hearer-new or not. This analysis explains the seemingly contradictory accounts in other Mixe languages.

In addition, Coatlán Mixe bare-NPs can be referential as well, but I deal with the contrast between bare and Demonstrative NPs in a similar fashion as Corbett general number (Corbett 2000): the unmarked form is vague with respect to specificity while the marked one is specific.

(1) Jeky'ajty tu'uk mēj'ēna'ak y-mēēt najty y-nēēx ets y-mank_i.
 before one elder 3POSS-with IMPF 3POSS-daughter and 3POSS-son

Je y-mank_i oo najty y-ja'axy-pujx-y.

DEM 3POSS-son a.lot IMPF 3S-firewood-chop-DEP

'A long time ago, an elder had a daughter and a son. The son was able to chop a lot of firewood.'

(2) We'e ajkxytē xy-mo'o-y=ētsy tu'uk tseeynyē'aa_i e
 mets tseetyo'oxy_j.

DEM **PL** **ANT** **SAP.O-give-DEP=1** one rooster and two hen

Tē **je** tseetyo'oxy_jn-took-y=ētsy e tsyam je'etajty n-mēēt=ētsy je
 tseenyē'aa_i.

ANT **DEM** hen 1A-sell-DEP=1 and now only 1POSS-with=1 **DEM** rooster

'They gave me one rooster and two hens. I sold (one of) the hens and now I only have the rooster.'

(3) [The speaker is on the street looking for the dog that bit him. Another person approaches them and asks what is going on:]

Yē uk n-ixtaap-y=ētsy.

DEM dog 1S-look.for-dep=1

'I'm looking for a (particular) dog.'

(All the data was collected in fieldtrips to the community by the author.)

References

- Daladier, A. 2002. Definiteness in Amwi : grammaticalization and syntax. *Recherches linguistiques de Vincennes* 31.
- Diessel, H. 1999. *Demonstratives: Form, Function, and Grammaticalization*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins.
- Dryer, M. 2007. Noun phrase structure. In T. Shopen (ed.), *Language typology and syntactic description. Volume II: Complex structures*, pp. 151-205. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Guzmán Guzmán, V. 2012. *Las construcciones aplicativas en el mixe de Totontepec*. MA Thesis. México: CIESAS.
- Halliday, M. A. K. and Hasan, R. 1976. *Cohesion in English*. London: Longman.
- Hoogshagen, Searl. 1974. "Estructura de la Cláusula en el Mixe de Coatlán", *Work Papers*, 1, pp. 31-44.
- Suslak, Daniel. 2005. *The future of Totontepecano Mixe: youth and language in the Mixe highlands*. Tesis de Doctorado. Chicago: University of Chicago.
- von Heusinger, K. 2011a. Specificity, Referentiality and Discourse Prominence: German Indefinite Demonstratives. In Reich et al. (eds.), *Proceedings of Sinn & Bedeutung 15*, pp. 9–30. Saarbrücken, Germany: Saarland University Press
- Killian, D. 2022. Towards a typology of predicative demonstratives. *Linguistic Typology* 26(1): 1–41
- von Heusinger, K. 2011b. Specificity. In K. von Heusinger, C. Maienborn, P Portner (eds.), *Semantics: an international handbook of natural language meaning*, Vol 2, pp. 1025-1058. Berlin/Boston: Walter de Gruyter.

Zavala Maldonado, Roberto. 2000. *Inversion and other topics in the grammar of Olutec (Mixe)*. PhD Dissertation. Oregon: University of Oregon.

DEMONSTRATIVOS ESPECÍFICOS EM COATLÁN MIXE²

Rodrigo Romero-Méndez

rrmz@unam.mx

Universidad Nacional Autónoma de México

Neste artigo, argumento que todos os demonstrativos em Coatlán Mixe não são definitivos, mas específicos. O Coatlán Mixe (CoaMi) é uma língua indígena da família linguística Mixezoque falada no sul do México. Recebeu alguma atenção há anos devido a um suposto contraste entre três comprimentos vocálicos (Hoogshagen 1959, Ladefoged e Maddieson 1996), mas há apenas um punhado de estudos sintáticos e semânticos. É uma das línguas Mixe mais ameaçadas de extinção, uma vez que não há crianças aprendendo a língua e a maioria dos falantes fluentes tem 50 anos ou mais.

Foi dito que outras línguas Mixe têm artigos definidos que se desenvolveram a partir de demonstrativos (Zavala 2000, Suslak 2005, Guzmán 2012), mas não fornecem nenhuma evidência semântica para afirmar que, de fato, são artigos ou que são definidos. Assumem, suponho, que todos os demonstrativos são definitivos, como geralmente acontece em inglês ou espanhol, embora tenha sido demonstrado que o demonstrativo proximal em inglês tem usos indefinidos (Fodor & Sag 1982, Ionin 2006, von Heusinger 2011, entre outros) e há relatos de demonstrativos indefinidos em outras línguas (Daladier 2002, Killian 2021).

Em contraste, o Autor (2009, no prelo) argumenta que em Ayutla Mixe todos os demonstrativos são neutros em relação à definitude. Para CoaMi, Hoogshagen (1974) afirma que um dos demonstrativos é definido e o outro indefinido, mas ele não fornece nenhuma evidência.

Nesta apresentação, sustento que o Coatlán Mixe possui uma distinção de quatro vias entre demonstrativos proximais, distantes, muito distantes/não visíveis e demonstrativos neutros. Os demonstrativos proximais e distantes são apenas exofóricos, enquanto os neutros e não visíveis são também endofóricos (cf. Halliday e Hasan 1976, Himmelman 1996, Diessel 1999).

Quando exofóricos, os demonstrativos se referem a um indivíduo particular que está visível ou, pelo menos, disponível tanto para o falante quanto para o ouvinte (ou seja, atenção compartilhada). Quando são endofóricos, eles também se referem a uma entidade mencionada anteriormente, como em (1), ou pelo menos uma que está no conhecimento comum. Embora isso pareça padrão para definidos, os demonstrativos em CoaMi não pressupõem um indivíduo maximamente único, uma vez que em (2) o antecedente do demonstrativo *yě* 'neutro' é um NP plural. Isso por si só pode ser um grande desafio para uma análise definida dos demonstrativos.

Além disso, embora não seja tão comum em tarefas de elicitación, em discursos naturais os demonstrativos também podem ser usados para introduzir um novo referente, algo compatível com um marcador indefinido. A chave para entender os demonstrativos de CoaMi,

² Traduzido por Dionatan Bastos Cardozo.

acho eu, é que eles são específicos (veja von Heusinger 2011a, 2011b e as referências lá contidas). O exemplo (3) ilustra isso.

Em inglês e em outras línguas, faz sentido fazer uma distinção entre indefinidos específicos (ou indefinidos referenciais) e definitivos. No entanto, em outras línguas, o contraste gramatical pode ser entre frases não específicas e específicas, sem menção à (in)definitude, como sugerido por Dryer (2007), e CoaMi é uma dessas línguas. Nesse sentido, os demonstrativos em Mixe indicam a familiaridade do falante e deixam em aberto a questão de saber se o ouvinte está ou não familiarizado com o referente. Se adotarmos a abordagem de von Heusinger, “A âncora deve, em princípio, ser familiar tanto para o falante quanto para o ouvinte [...] O conteúdo da relação de ancoragem deve ser novo para o ouvinte, a fim de distinguir entre indefinidos específicos e definidos.” (von Heusinger 2011). No entanto, uma vez que não há contraste entre demonstrativos definidos e indefinidos em Coatlán Mixe, o conteúdo da relação de ancoragem pode ser novo para o ouvinte ou não. Essa análise explica as abordagens aparentemente contraditórias em outras línguas Mixe.

Além disso, as NPs nus em Coatlán Mixe também podem ser referenciais, mas eu abordo o contraste entre NPs nus e NPs demonstrativos de maneira semelhante à generalização de número de Corbett (Corbett 2000): a forma não marcada é vaga em relação à especificidade, enquanto a forma marcada é específica.

- (1) Jeky'ajty tu'uk mēj'ēna'ak y-mēēt najty y-nēēx ets y-mank_i.
antes um senhor 3poss-com impf 3poss-filha e 3poss-filho
Je y-mank_i oo najty y-ja'axy-pujx-y.
dem 3poss-filho muito impf 3s-lenha-chop-dep

‘Muito tempo atrás, um senhor teve uma filha e um filho. O filho era capaz de cortar muita lenha.’

- (2) We'e ajkxy tē xy-mo'o-y=ētsy tu'uk tseeynyē'aa_i e mets
tseetyo'oxy_j.
dem pl formiga sap.o-give-dep=1 um galo e duas galinhas
Tē **je** tseetyo'oxy_j n-took-y=ētsy e tsyam je'etajty n-mēēt=ētsy je tseenyē'aa_i.
formiga **dem** galinha 1a-sell-dep=1 e agora só 1poss-with=1 dem galo

‘Eles me deram um galo e duas galinhas. Eu vendi (uma das) galinhas e agora só tenho o galo.’

- (3) [O falante está na rua procurando o cachorro que o mordeu. Outra pessoa se aproxima e pergunta o que está acontecendo:]

Yē uk n-ixtaap-y=ētsy.
dem cachorro 1s-procurando-dep=1
‘eu estou procurando (particular) cachorro.’

(Todos os dados foram coletados em visitas de campo à comunidade pelo autor.)

Referências selecionadas

Daladier, A. 2002. Definiteness in Amwi : grammaticalization and syntax. *Recherches linguistiques de Vincennes* 31.

- Diessel, H. 1999. *Demonstratives: Form, Function, and Grammaticalization*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins.
- Dryer, M. 2007. Noun phrase structure. In T. Shopen (ed.), *Language typology and syntactic description. Volume II: Complex structures*, pp. 151-205. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Guzmán Guzmán, V. 2012. *Las construcciones aplicativas en el mixe de Totontepec*. MA Thesis. México: CIESAS.
- Halliday, M. A. K. and Hasan, R. 1976. *Cohesion in English*. London: Longman.
- Hoogshagen, Searl. 1974. “Estructura de la Cláusula en el Mixe de Coatlán”, *Work Papers*, 1, pp. 31-44.
- Suslak, Daniel. 2005. *The future of Totontepecano Mixe: youth and language in the Mixe highlands*. Tesis de Doctorado. Chicago: University of Chicago.
- von Heusinger, K. 2011a. Specificity, Referentiality and Discourse Prominence: German Indefinite Demonstratives. In Reich et al. (eds.), *Proceedings of Sinn & Bedeutung 15*, pp. 9–30. Saarbrücken, Germany: Saarland University Press
- Killian, D. 2022. Towards a typology of predicative demonstratives. *Linguistic Typology* 26(1): 1–41
- von Heusinger, K. 2011b. Specificity. In K. von Heusinger, C. Maienborn, P Portner (eds.), *Semantics: an international handbook of natural language meaning*, Vol 2, pp. 1025-1058. Berlin/Boston: Walter de Gruyter.
- Zavala Maldonado, Roberto. 2000. *Inversion and other topics in the grammar of Olutec (Mixe)*. PhD Dissertation. Oregon: University of Oregon.

SOME ARGUMENTS IN FAVOR OF A FULL DP IN PORTUÑOL

Carolina Oggiani

oggiani.carolina@gmail.com

Universidad de la República (Udelar/SNI)

Ana Clara Polakof

anaclarapo@gmail.com

Universidad de la República (Udelar/SNI)

Carla Custodio

carlacustodiomarcelino@gmail.com

CeRP del Norte

Christian Almonacid

alevchristian@gmail.com

Universidad de la República (Udelar)

Portuñol — also called Uruguayan Portuguese, or Portuguese Dialects in Uruguay— is spoken in the border area of Uruguay with Brazil (Rona, 1959; Elizaincín, Behares & Barrios, 1987, among others). Portuñol (term that we will assume further on) is the native language of many Uruguayans who inhabit the border. As such, it has encouraged research both from sociolinguistic and syntactic perspectives, suggesting that it is a different internal language from current Brazilian Portuguese (PB) (Carvalho, 2003; Carvalho & Bessett, 2015; Gasque de Souza, Chaves & Simioni, 2018; Simioni, 2019, among others).

In this work, we address bare nouns in the external argument position of episodic sentences in Portuñol. In a nutshell, we argue that it involves a full DP, at least when the bare noun is being interpreted as a concrete object, as Cyrino & Espinal (2015) have argued for Brazilian Portuguese (BP). To explore this idea, we present results obtained by an experiment we carried out in 2022 in Rivera, and field-work data obtained via three interviews made in Rivera by our native consultant in 2023-2024.

Our first experiment (authors, xxx) tested the acceptability of recorded sentences (in a Likert scale from 1 a 5), such as examples (1) and (2). The results showed that, even though Mann-Whitney indicated a statistically relevant difference ($U = 162$, $p < 0,01$), Portuñol speakers accept both bare nouns and determined nouns as the external argument of episodic statements. The mean for bare nouns was 3.7, while the mean for determined nouns was 4.2. So, there seems to be a slight preference for non-bare nominals, but bare nouns are also accepted as external arguments of episodic statements.

Our field-work data, presented for the first time, seem to confirm our experiments. Portuñol speakers do in fact use bare (and non-bare) nouns as external arguments of episodic statements (3)-(6). This new data was gathered via interviews to three Portuñol native speakers in two separate instances. In the interviews, the consultant orally provided the interviewee with a context, a picture, and read two sentences. The interviewee had to choose the sentence that better described the context, or provide an alternative answer. The first context involved a picture with several Legos, a boy with a sword, and a girl with a sword (fig. 1). The interviewee had to select between sentences (3) and (4), which provided an indefinite reading (Dayal, 2023). In the second context (fig. 2) the interviewee had to choose between (5) and (6). The picture, which provided a definite reading, involved two legos that “caressed” one another (Dayal, 2023).

Field-work data reinforce the results of our experiment, and bring along new information to the table. They clearly show indefinite singular readings for the nouns in (7)-

(8) and definite plural readings for the ones in (9)-(11), both in episodic contexts. Different speakers answered differently, either by using a bare noun or not. Nonetheless, agreement was never lost (7), (9), (10) suggesting that they all involve full DPs.

Overall, we have shown via two empirical methods that Portuguese is a full DP language, even when nouns are superficially bare. We argue that they refer to entities and leave as an open question whether this behavior can be extended to other argument positions.

References

- Carvalho, A., & Bessett, R. (2015). Subject pronoun expression in Spanish in contact with Portuguese. In A. Carvalho, R. Orozco & N. Shin (Eds.). *Subject pronoun expression in Spanish* (pp. 143-166). Georgetown University Press.
- Carvalho, A. M. (2003). Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 2, 125-150.
- Cyrino, S., & Espinal, M. (2015). Bare nominals In Brazilian Portuguese: more on the DP/NP analysis. *Natural Language and Linguistic Theory*, 33, 471-521.
- Dayal, V. (2023). Highlights from the Hitchhiker’s Guide to Bare Nominals. (In)definiteness and Genericity across Languages, SALT slides. En <https://saltconf.github.io/salt33/abstracts/Dayal-slides.pdf>
- Gasque de Souza, K., Chaves, L., & Simioni, L. (2018). Sujeitos nulos no português uruguaio. *PAPIA*, 28(1), 7-24.
- Simioni, L. (2019). A realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguaio. *Fórum Linguístico*, 16(1), 3601-3611.
- Elizaincín, A., Behares, L. E., & Barrios, G. (1987). *Nos falemo brasileiro*. Amesur.
- Rona, J. (1959). El dialecto “fronterizo” del Norte de Uruguay. *Facultad de Humanidades y Ciencias*.

1. Macaco comeu banana.
monkey.masc ate banana
2. O macaco comeu banana.
the.masc monkey.masc ate banana
3. Menino e menina estão jogando com as espadas.
kid.masc and kid.fem are playing with the.fem.pl sword.fem.pl
4. Um menino e uma menina estão jogando com a espada.
a.masc.sing boy and a girl are playing with a sword
5. Bonecos se acariciam.
doll each-other caress
6. Boneco se acariciam.
doll each-other caress
7. Menino e menina estão jogando com as espadas. (Interview 3, p. 1)
kid.masc and kid.fem are playing with the.fem.pl sword.fem.pl
8. Um menino e uma menina estão jogando com as espadas. (Interview 2, p. 1)
a.masc.sing boy and a.fem.sing girl are playing with a.fem.pl sword.fem.pl
9. Bonecos se acariciam. (Interview 2, p. 1)
dolls each-other caress

10. boneco se acarician. (Interview 3, p. 1)
doll each-other caress.pl

11. Os boneco tao se pegando. (Interview 1, p. 1)
The.pl doll are each-other kicking



Fig. 1



Fig. 2

ALGUNS ARGUMENTOS A FAVOR DE UM DP COMPLETO EM PORTUNHOL³

Carolina Oggiani

oggiani.carolina@gmail.com

Universidad de la República (Udelar/SNI)

Ana Clara Polakof

anaclarapo@gmail.com

Universidad de la República (Udelar/SNI)

Carla Custodio

carlacustodimarcelino@gmail.com

CeRP del Norte

Christian Almonacid

alevchristian@gmail.com

Universidad de la República (Udelar)

O portuñol —também chamado de português uruguaio, ou dialetos portugueses no Uruguai— é falado na zona fronteiriça do Uruguai com o Brasil (Rona, 1959; Elizaincín, Behares & Barrios, 1987, entre outros). O portuñol (termo que assumiremos mais adiante) é a língua nativa de muitos uruguaioes que habitam a fronteira. Como tal, tem incentivado pesquisas tanto do ponto de vista sociolinguístico quanto sintático, sugerindo que se trata de uma língua interna diferente do atual português brasileiro (PB) (Carvalho, 2003; Carvalho & Bessett, 2015; Gasque de Souza, Chaves & Simioni, 2018; Simioni, 2019, entre outros).

Neste trabalho, abordamos nominais nus na posição de argumento externo de sentenças episódicas em Portuñol. Em suma, argumentamos que se trata de um DP completo, pelo menos quando o substantivo simples está sendo interpretado como um objeto concreto, como defendem Cyrino e Espinal (2015) para o Português Brasileiro (PB). Para explorar esta ideia, apresentamos resultados obtidos por uma experiência que realizamos em 2022 em Rivera, e dados de trabalho de campo obtidos através de três entrevistas feitas em Rivera pelo nosso consultor nativo em 2023-2024.

³ Traduzido por Ana Clara Polakof.

Nosso primeiro experimento (autores, xxx) testou a aceitabilidade de sentenças gravadas (em uma escala Likert de 1 a 5), como os exemplos (1) e (2). Os resultados mostraram que, embora Mann-Whitney tenha indicado uma diferença estatisticamente relevante ($U = 162$, $p < 0,01$), os falantes do Português aceitam tanto nomes nus quanto nomes determinados como argumento externo de declarações episódicas. A média para substantivos nus foi de 3,7, enquanto a média para substantivos determinados foi de 4,2. Assim, parece haver uma ligeira preferência por nominais não-nus, mas substantivos nus também são aceitos como argumentos externos de declarações episódicas.

Os nossos dados de trabalho de campo, apresentados pela primeira vez, parecem confirmar os nossos dados experimentais. Os falantes do Português de fato usam substantivos nus (e não-nus) como argumentos externos de sentenças episódicas (3)-(6). Estes novos dados foram recolhidos através de entrevistas a três falantes nativos de Português em dois momentos distintos. Nas entrevistas, o consultor forneceu oralmente ao entrevistado um contexto, uma imagem e leu duas frases. O entrevistado deveria escolher a frase que melhor descrevia o contexto ou fornecer uma resposta alternativa. O primeiro contexto envolveu uma imagem com vários Legos, um menino com espada e uma menina com espada (fig. 1). O entrevistado teve que selecionar entre as sentenças (3) e (4), o que proporcionou uma leitura indefinida (Dayal, 2023). No segundo contexto (fig. 2) o entrevistado teve que escolher entre (5) e (6). A imagem, que proporcionava uma leitura definitiva, envolvia dois legos que se “acariciavam” (Dayal, 2023).

Os dados do trabalho de campo reforçam os resultados do nosso experimento e trazem novas informações para a mesa. Eles mostram claramente leituras singulares indefinidas para os substantivos em (7)-(8) e leituras plurais definidas para aqueles em (9)-(11), ambas em contextos episódicos. Diferentes falantes responderam de forma diferente, usando um nominal nu ou não. No entanto, a concordância nunca foi perdida (7), (9), (10), sugerindo que todos envolvem DPs completos.

No geral, mostramos através de dois métodos empíricos que o Português é uma língua DP completa, mesmo quando os nomes aparecem superficialmente como nus. Argumentamos que eles se referem a entidades e deixamos em aberto a questão de saber se esse comportamento pode ser estendido a outras posições argumentais ou não.

References

- Carvalho, A., & Bessett, R. (2015). Subject pronoun expression in Spanish in contact with Portuguese. In A. Carvalho, R. Orozco & N. Shin (Eds.). *Subject pronoun expression in Spanish* (pp. 143-166). Georgetown University Press.
- Carvalho, A. M. (2003). Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, 2, 125-150.
- Cyrino, S., & Espinal, M. (2015). Bare nominals In Brazilian Portuguese: more on the DP/NP analysis. *Natural Language and Linguistic Theory*, 33, 471-521.
- Dayal, V. (2023). Highlights from the Hitchhiker’s Guide to Bare Nominals. (In)definiteness and Genericity across Languages, SALT slides. En <https://saltconf.github.io/salt33/abstracts/Dayal-slides.pdf>
- Gasque de Souza, K., Chaves, L., & Simioni, L. (2018). Sujeitos nulos no português uruguaio. *PAPIA*, 28(1), 7-24.
- Simioni, L. (2019). A realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguaio. *Fórum Linguístico*, 16(1), 3601-3611.

Elizaincín, A., Behares, L. E., & Barrios, G. (1987). *Nos falemo brasileiro*. Amesur.
 Rona, J. (1959). El dialecto “fronterizo” del Norte de Uruguay. *Facultad de Humanidades y Ciencias*.

1. Macaco comeu banana.
 monkey.masc ate banana
2. O macaco comeu banana.
 the.masc monkey.masc ate banana
3. Menino e menina estam jogando com as espadas.
 kid.masc and kid.fem are playing with the.fem.pl sword.fem.pl
4. Um menino e uma menina estam jogando com a espada.
 a.masc.sing boy and a girl are playing with a sword
5. Bonecos se acariciam.
 doll each-other caress
6. Boneco se acariciam.
 doll each-other caress
7. Menino e menina estam jogando com as espadas. (Interview 3, p. 1)
 kid.masc and kid.fem are playing with the.fem.pl sword.fem.pl
8. Um menino e uma menina estam jogando com as espadas. (Interview 2, p. 1)
 a.masc.sing boy and a.fem.sing girl are playing with a.fem.pl sword.fem.pl
9. Bonecos se acarician. (Interview 2, p. 1)
 dolls each-other caress
10. boneco se acarician. (Interview 3, p. 1)
 doll each-other caress.pl
11. Os boneco tao se pegando. (Interview 1, p. 1)
 The.pl doll are each-other kicking



Fig. 1



Fig. 2

INDEFINITENESS IN CLASSICAL NAHUATL: THE CASE OF *SE:* AND *SENTE-*

Rafael Herrera

rafael.1731@gmail.com

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Julia Pozas Loyo

jpozas@colmex.mx

El Colegio de México (ColMex)

The development of indefinite markers from unitary cardinals is typologically widely attested (Dryer, 2002). Typically, the grammaticalization from numeral to indefinite article advances along a referentiality scale, from more to less referential indefinites (Givón, 1981; Heine, 1997). At least since Whorf (1946), it has been recognized that in some Central varieties of Nahuatl (Uto-Aztecan) *se:* and *sente-* (< *sen-* ‘one’ + sortal classifier *te-*) can be used as markers of indefiniteness (see also Author 2022). Both forms can be traced back to Classical Nahuatl (CN), where –besides its cardinal value– *se:* and *sente-* already display behaviors compatible with those of an incipient indefinite article.

This paper analyzes the use of *se:* and *sente-* (*se*-indefinites) as markers of indefiniteness in CN and how these indefinites contrast with bare singular nouns (BS).⁴ We explore the distinction between *se*-indefinites and BS on the basis of three variables: animacy (animate/non-animate), referential status (specific/non-specific), and prominence (i.e., whether the referent they introduce is later recovered by a definite expression). Based on a corpus of texts from the 16th century, we show that *se*-indefinites may introduce new prominent discourse referents (1) and receive scopally specific (2) and non-specific readings (3). However, kind-level interpretations of *se*-indefinites are not attested, and, in nominal predicates, they only trigger classifying, but not attributive predication (4) (Beyssade & Dobrovie-Sorin, 2005). Like *se*-indefinites, BS may also introduce new prominent discourse referents (5) and appear as predicates (6). However, BS are always attested as scopally non-specific (7). Furthermore, BS may receive a kind-level interpretation (8), as well as an anaphoric one (9) in a set of restricted contexts (in the left periphery, in postverbal position, as the complement of an adposition, and as the possessor of a possessive construction). Note also that the interpretation of BS depends on the animacy status of the noun: while non-animate BS are always attested as number neutral predicates, animate BS may also denote singularities only. Last, it is worth noting that, in CN, the determiner *in* overlaps with BS: *in* NPs introduce new prominent discourse referents and may be interpreted anaphorically or as a kind-referring phrase without restrictions.

To account for the data, we suggest that *se*-indefinites are interpreted as normal indefinites, which explains why they display wide and narrow scope readings. For this reason, we propose that *se*-indefinites incorporate \exists into their meaning (10) (see Dayal, 2004, 2018). As for BS, we propose that they may be both kind-referring or predicates. If they surface as kind-referring expressions, they may appear bare in argument positions and acquire an existential interpretation by means of the Derived Kind Predication (DKP) operation. This accounts for both the narrow scope and the number neutral interpretations of BNs (Carlson, 1977:

⁴ In CN, bare animate nouns may display plural morphology. For now, we are only considering bare singular nouns, since they contrast minimally with *se*-indefinites, which never display plural morphology. It is also worth noting that *sen-* may attach to other sortal classifiers. However, we do not consider those sequences, since they do not seem to have been grammaticalized as indefinite markers in modern varieties of Nahuatl.

Chierchia, 1998). As predicates, CN BS need to shift their type into an argumental one. Apart from a *se*-indefinites, other way to accomplish that is either by *in* or by a null determiner \emptyset , both of which lexicalize the $\hat{\iota}$ and ι operations (11–12). The choice between these determiners is determined by the interaction of structural, markedness and fidelity constraints. However, in some contexts (left periphery, postverbal position, complement of an adposition, and possessor of a possessive construction), these constraints cancel each other out, which accounts for the optionality of *in* and \emptyset in the mentioned contexts. When atomic, animate BS can only shift through ι , since $\hat{\iota}$ is not allowed for atomic predicates and \exists is blocked by *se*-indefinites as per the Blocking Principle (Chierchia, 1998). This predicts that atomic animate BS are always interpreted as definite and accordingly only occur in contexts where maximality is satisfied (see Dayal 2004). This prediction is fulfilled in our corpus. Our account also predicts that bare plurals are only attested as kind-referring or definite, which is also substantiated by our data.

- (1) ki-wa:lno:tsk-e? se: tekiwa? i:-to:ka: tlamajocatl
o.3-call.pst-s.pl one warrior posr.3sg-name Tlamayocatl
‘They called in a warrior named Tlamayocatl’ (*new referent*, FC12, f. 72r)
- (2) **sen-te-tl** **cojo:tġ** **ai:kka:n** o:=k-ittaka in te:k^wa:ni
one-cl-sg coyote.sg never ant-o.3-see.pst.perf det beast
mistli
feline.sg
‘A coyote had never seen the jaguar’ (*specific, wide scope*, Aesop. p. 62) \exists \neg
- (3) intla: aka?me? ki-mo-k^wi?k^wi:lia se: ma:lli [...] **intla:kamo**
if some.pl o.3-refl-take one prisoner.sg if.not
se: tla:katl i:tetġ nelti aja:k no: k-im-ittak in
one person.sg on.it verify no.one also o.3-o.pl-see.pst
det
ke:nin tlamak-e? je?wa:ntin k-in-tlatontekilia in to:nati μ
how capture.pst-s.pl pron.3pl o.3-o.pl-judge det sun
i:-tla?toka:-wa:n
posr.3sg-lord-pos.pl
‘If some (warriors) captured the same prisoner [...], if no person was there to verify it neither no anyone saw how they had captured the prisoner, those who judged it were the sun priests’ (*non-specific, narrow scope*, FC08, p. 53, f. 35v) \neg \exists
- (4) se: siwa:tġ nikan ti-tlaka-? in k-in-wa:lwi:kak
one woman.sg here 1pl-person-pl det o.3-o.pl-bring.pst
‘It was a native woman that brought them (the Spaniards) here’ (*predicate*, FC12, f. 13v)
- (5) o:mpa nenka **siwa:-tġ** i:-to:ka: ko:a:-tġ i:-k^we:
there live.pst.perf woman.sg posr.3sg-name snake.sg posr.3sg-skirt
‘There lived a woman named “Her snake skirt”’ (*new referent*; FC3, f. 1r)
- (6) in masa:tġ kwa:kwawe? ka **okitġli**
det deer.sg horned asert male.sg
‘Horned deers are male’ (*predicate*, FC11, f. 16r)

(7) $\widehat{int\acute{t}a}$: $we\acute{?}ka:\acute{m}tika$ **a?mo** $wa:lwia$ **cojo:t\acute{t}** in $ki-wa:lanaja$
 if long.ago neg come.pst.perf coyote.sg det o.3-come.to.take.imperf
 $\widehat{it\acute{t}kame?}$ in $cojo:to:ntli$ $\widehat{it\acute{t}taka}$ $sen-te-\acute{t}$ $ki-miktiaja$
 sheep.pl det coyote.dim.sg secretly one-cl-sg o.3-kill.imperf
 in $\widehat{it\acute{t}kat\acute{t}}$
 det sheep.sg
 ‘Given that no coyote had come in a while for a sheep, the little coyote secretly killed one sheep’ (*non-specific, narrow scope*, Aesop, p. 192) $\neg \exists$

(8) **a:itskwintli** $i\acute{m}kin$ $\widehat{t\acute{t}a:lt\acute{t}it\acute{t}}$
 water.dog.sg like earth.dwelling.dog
 ‘Otters are like earth-dwelling dogs’ (*Generic*, FC11, f. 17v)

(9) **se:** **to:to:a:nki** $k-on-kwik$ in $i:-tekpa$ $i:w:an$
 one bird.catcher o.3-dir-take.pst det posr.3sg-bird.lime with.it
 $i:a:ka-\acute{m}$ $o:=ja?\acute{p}st$ $\widehat{t\acute{t}ate:kpa?wito}$ [...] in
 posr.3sg-reed-pos.sg ant=go go.hunt.something.with.bird.lime det
 $o:=kittak$ **to:to:a:nki** $niman$ je ik $k-ala:wa$
 ant=o.3-see.pst bird.catcher then already with.that o.3-spread
 in $i:-tekpa$ $a:katit\acute{t}$
 det posr.3sg-bird.lime over.reed
 ‘A birdcatcher took his bird lime and his reed and went hunting [...] When he saw it (a dove) then he spread the birdlime over the reed’ (*anaphoric*, Aesop, p. 114).

(10) $\llbracket \uparrow \rrbracket = \lambda P.\lambda s. \iota x [P_s(x)]$

(11) $\llbracket \iota \rrbracket = \lambda P. \iota x [P_s(x)]$

(12) $\llbracket \exists \rrbracket = \lambda P.\lambda Q. \exists x [P_s(x) \& Q_s(x)]$ (Dayal, 2004, p. 413)

References

- Beyssade, C. & Dobrovie-Sorin, C.** (2005). A syntax-based analysis of predication.
Carlson, G. (1977). *Reference to kinds in English*.
Chierchia, G. (1998). Reference to kinds across languages.
Dayal, V. (2004). Number marking and (in)definiteness in kind terms; (2018). (In)definiteness without articles: diagnosis, analysis, implications.
Dryer, Matthew S. (2013). Indefinite articles.
Givón, T. (1981). On the development of the numeral ‘one’ as an indefinite marker. Heine, B. (1997). *Cognitive Foundations of Grammar*.
Le Bruyn, B., de Swart, H. & Zwarts, J. (2017). Bare Nominals.
Whorf, B. L. (1946). The Milpa Alta dialect of Aztec. Corpus:
Aesop: Aesop fables translated to Nahuatl; **FC** = Florentine Codex.

Abbreviations. ant = antecessive, asert = assertion, cl = classifier, det = determiner, dir = directional, neg = negation, o = object, perf = perfect, pl = plural, pos = possessed, posr = possessor, pron = pronoun, refl = reflexive, s = subject, sg = singular, 1 = first person, 3 = third person.

A INDEFINITUDE EM NAHUATL CLÁSSICO: O CASO DE SE: E SENTE⁵

⁵ Traduzido por Ana Paula Quadros Gomes.

Rafael Herrera
rafael.1731@gmail.com
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Julia Pozas Loyo
jpozas@colmex.mx
El Colegio de México (ColMex)

A evolução de marcadores indefinidos a partir de cardinais unitários é tipológica e amplamente atestada (Dryer, 2002). Tipicamente, a gramaticalização de numerais em artigos indefinidos avança ao longo de uma escala de referencialidade, de indefinidos mais referenciais a menos (Givón, 1981; Heine, 1997). Desde Whorf (1946), pelo menos, sabe-se que, em algumas variedades centrais de Nahuatl (Uto-Aztecan), *se:* e *sente-* (< *sen-* ‘um’ + classificador sortal *te-*) podem ser usados como marcadores de indefinitude (ver também Herrera; Loyo, 2022). Ambas as formas têm sua origem em Nahuatl clássico (NC), no qual – além de seu valor cardinal – *se:* e *sente-* já mostram comportamentos compatíveis com os de artigos indefinidos incipientes.

Este trabalho analisa o emprego de *se:* e de *sente-* (os indefinidos *se*) como marcadores de indefinitude em NC e como esses indefinidos contrastam com nomes nus singulares (NSs)⁶. Exploraremos a distinção entre os indefinidos da série *se* e os NSs quanto a três variáveis: animacidade (animado/inanimado), referencialidade (específico/não-específico) e proeminência (i.e., se o referente introduzido é ou não recuperado depois por uma expressão definida). Com base num corpus de textos do século 16, mostraremos que os indefinidos *se* podem introduzir novos referentes discursivos proeminentes (1) e receber especificidade em termos de escopo (2), além de terem interpretações não-específicas (3). No entanto, interpretações como espécie não são atestadas para os indefinidos *se*, e, ainda, em predicados nominais, eles apenas disparam predicação classificadora, jamais operando predicação atributiva (4) (Beyssade & Dobrovie-Sorin, 2005). Tal como os indefinidos *se*, os NSs também introduzem novos referentes proeminentes (5) e aparecem como predicados (6). Porém, os NSs são sempre não-específicos quanto ao escopo (7). Ademais, os NSs podem receber interpretação tanto de espécie (8) quanto anafórica (9) em um conjunto restrito de contextos (na periferia esquerda, em posição pós-verbal, como complemento de uma preposição ou posposição, ou como o possuidor, numa construção possessiva). Note-se também que a interpretação dos NSs depende de sua animacidade: enquanto os NSs inanimados são sempre predicados nominais de número neutro, os NSs animados podem também denotar singularidades. Por fim, vale a pena destacar que, em NC, o determinante *in* e os NSs compartilham diversas funções: NSs com *in* introduzem novos referentes discursivos proeminentes e podem ser interpretados anaforicamente ou fazer referência a espécies, irrestritamente.

Para dar conta desses fatos, propomos que os indefinidos *se* são indefinidos padrão em termos de interpretação, o que explica as leituras de escopo amplo e estreito associadas a eles. Por isso, propomos que os indefinidos *se* incorporam \exists em sua denotação (10) (ver Dayal, 2004, 2018). Quanto aos NSs, propomos que podem ser tanto predicados quanto fazer referência a espécies. Se eles entrarem na derivação sintática como fazendo referência a espécie, serão licenciados em posições argumentais apropriadas para nus e adquirirão

⁶ Em NC, nomes nus animados podem apresentar morfema de plural. Por hora, estamos considerando apenas os nus singulares, já que eles contrastam minimamente com os indefinidos *se*, os quais, por sua vez, nunca apresentam morfologia de plural. Também cabe observar que *sen-* pode se adjungir a outros classificadores sortais. Contudo, não estamos considerando essas sequências, já que elas aparentemente não são gramaticalizadas como marcadores de indefinitude nas variedades modernas de Nahuatl.

interpretação existencial via a aplicação da operação de Derivação de Predicação de Espécie (DKP - Derived Kind Predication). Isso explicaria o escopo amplo e o estreito (Carlson, 1977; Chierchia, 1998). Como predicados, os NSs do NC precisam mudar para o tipo argumental. Isso pode ser obtido tanto com os indefinidos *se* quanto com *in* ou pelo determinante nulo \emptyset , já que estes dois últimos lexicalizam os operadores $\hat{\iota}$ e ι (11–12). A escolha entre esses determinantes depende da interação entre restrições estruturais, estruturas marcadas e de fidelidade. Não obstante, em alguns contextos (na periferia esquerda, em posição pós-verbal, como complemento de uma preposição ou posposição, e como o possuidor numa construção possessiva), essas restrições se cancelam mutuamente, o que explica a opcionalidade de *in* e \emptyset nos contextos mencionados. No caso de os NSs serem atômicos e animados, eles só poderão sofrer mudança de tipo por meio de ι , uma vez que $\hat{\iota}$ não é licenciado para predicados atômicos e que \exists fica bloqueado pelos indefinidos *se*, dado o Princípio do Bloqueio (Chierchia, 1998), o qual prevê que um NS atômico e animado seja sempre interpretado como definido, e, conseqüentemente, só ocorra em contextos nos quais a maximalidade seja satisfeita (vide Dayal 2004). Essa previsão é corroborada pelo nosso corpus. Nossa análise também leva a esperar que os nomes nus plurais sejam atestados apenas como definidos ou fazendo referência a espécies, o que também é corroborado pelos dados.

- (1) ki-wa:lno:tsk-e? **se:** **tekiwa?** i:-to:ka: $\widehat{\text{t}}$ lamajocatl
o.3-chamar.pst-s.pl um guerreiro posr.3sg-nome Tlamayocatl
‘Eles convocaram um guerreiro chamado Tlamayocatl’ (*referente novo*, FC12, f. 72r)
- (2) **sen-te-t $\widehat{\text{t}}$** **cojo:t $\widehat{\text{t}}$** **ai:kka:n** o:=k-ittaka in te:k^wa:ni
um-cl-sg coiole.sg nunca ant-o.3-ver.pst.perf det besta
mistli
felina.sg
‘Um coiole jamais tinha visto o jaguar’ (*especifico, escopo largo*, Esopo. p. 62) $\exists \neg$
- (3) int $\widehat{\text{t}}$ la: aka?me? ki-mo-k^wi?k^wi:lia se: ma:lli [...]
int $\widehat{\text{t}}$ la:kamo
se dado.plo.3-refl-tomar um prisioneiro.sg se.não
se: **t $\widehat{\text{t}}$ la:kati** i:tet $\widehat{\text{t}}$ nelti aja:k no: k-im-ittak in
um pessoa.sg em.isto verificar não.um também
o.3-o.pl-ver.pst det
ke:nin t $\widehat{\text{t}}$ amak-e? je?wa:ntin k-in-t $\widehat{\text{t}}$ atsontekilia in to:nati m
como capturar.pst-s.pl pron.3pl o.3-o.pl-julgar det sol
i:-t $\widehat{\text{t}}$ la?toka:-wa:n
posr.3sg-senhor-pos.pl
‘Caso alguns (guerreiros) tenham capturado um prisioneiro [...], e ninguém esteja ali para averiguar isso, nem qualquer um tenha testemunhado como foi capturado o prisioneiro, aqueles a quem caberia julgar isso seriam os sacerdotes do sol’ (*não-especifico, escopo estreito*, FC08, p. 53, f. 35v) $\neg \exists$
- (4) **se:** **siwa:t $\widehat{\text{t}}$** **nikan ti-tlaka-?** in k-in-wa:lwi:kak
uma mulher.sg aqui 1pl-pessoa-pl det o.3-o.pl-trazer.pst
‘Foi uma mulher nativa que os trouxe (os espanhóis) aqui’ (*predicado*, FC12, f. 13v)
- (5) o:mpa nenka **siwa:-t $\widehat{\text{t}}$** i:-to:ka: ko:a:-t $\widehat{\text{t}}$ i:-k^we:
lá viver.pst.perf mulher .sg posr.3sg-nome cobra.sg posr.3sg-saia
‘Lá vivia uma mulher denominada “A saia de cobra dela”’ (*novo referente*; FC3, f. 1r)

- (6) in masa:tĥ kwa:kwawe? ka okitĥtĥi
 det veado.sg de-chifre assert macho.sg
 ‘Um veado com chifre é macho’ (*predicado*, FC11, f. 16r)
- (7) intĥa: we?ka:mtika a?mo wa:lwia cojo:tĥ in ki-wa:lanaja
 se tempo-atrás neg vir.pst.perf coioite.sg det o.3-
 vir.to.tomar.imperf
 itĥkame? in cojo:to:ntĥi itĥtaka sen-te-tĥ ki-
 miktiaja in
 ovelha.pl det coioite.dim.sg secretamente um-cl-sg o.3-
 kill.imperf
 itĥkatĥ
 det sheep.sg
 ‘Dado que um coioite não aparecia há muito tempo para pegar uma ovelha, um pequeno coioite secretamente matou uma ovelha’
 ’ (*não-específico, escopo estreito*, Esopo, p. 192) $\neg \exists$
- (8) a:itskwintĥi imkin tĥa:ltĥitĥi
 água.cão.sg como terra.casa.cão
 ‘Lontras são como cães que vivem na terra’ (*Genérico*, FC11, f. 17v)
- (9) se: to:to:a:nki k-on-kwik in i:-tekpa i:w:an
 um pássaro.catador o.3-dir-tomar.pst det posr.3sg-pássaro.cal
 com.isso
 i:a:ka-m o:=ja?.pst tĥate:kpa?wito [...] in
 posr.3sg-reed-pos.sg formiga=ir ir.caçar.algo.com.pássaro.cal det
 o:=kittak to:to:a:nki niman je ik k-ala:wa
 formiga=o.3-ver.pst pássaro.catador então já com.esse o.3-
 espalhar
 in i:-tekpa a:katitetĥ
 det posr.3sg-pássaro.cal sobre.junco
 ‘Um caçador de pássaros pegou sua cal das aves e sua vara de junco e foi caçar [...] Quando ele viu um (uma pomba), então ele espalhou a cal das aves sobre a vara de junco’ (*anafórico*, Esopo, p. 114).

$$(10) \quad [\ulcorner] = \lambda P. \lambda s. \iota x [P_s(x)]$$

$$(11) \quad [\ulcorner] = \lambda P. \iota x [P_s(x)]$$

$$(12) \quad [\exists] = \lambda P. \lambda Q. \exists x [P_s(x) \& Q_s(x)] \quad (\text{Dayal, 2004, p. 413})$$

Referências

- Beysade, C. & Dobrovie-Sorin, C.** (2005). A syntax-based analysis of predication.
- Carlson, G.** (1977). *Reference to kinds in English*.
- Chierchia, G.** (1998). Reference to kinds across languages.
- Dayal, V.** (2004). Number marking and (in)definiteness in kind terms; (2018). (In)definiteness without articles: diagnosis, analysis, implications.
- Dryer, Matthew S.** (2013). Indefinite articles.
- Givón, T.** (1981). On the development of the numeral ‘one’ as an indefinite marker. Heine, B. (1997). *Cognitive Foundations of Grammar*.
- Le Bruyn, B., de Swart, H. & Zwarts, J.** (2017). Bare Nominals.
- Whorf, B. L.** (1946). The Milpa Alta dialect of Aztec. Corpus:

Aesop: Aesop fables translated to Nahuatl; **FC** = Florentine Codex.

Abreviações. ant = antecessor, assert = assertivo, cl = classificado, det = determinante, dir = direcional, neg = negação, o = objeto, perf = perfectivo, pl = plural, pos = possuído, posr = possuidor, pron = pronome, refl = reflexivo, s = sujeito, sg = singular, 1 = primeira pessoa, 3 = terceira pessoa.

AN EYE-TRACKING STUDY ON EVIDENTIALS IN KAINGANG⁷

Marcia Nascimento Kaingang

indiaedai@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

An eye tracking study of evidentials in Kaingang (Tronco Macro Jê, Jê family) will be presented. This language has an evidential system with seven distinct categories that indicate the source of information and, basically, organizes the categories by contrasting information such as “first hand” versus “hearsay” (NASCIMENTO, 2013, 2017). Using techniques from experimental psycholinguistics, we verified in adult speakers the processes of understanding evidentials that oppose each other in terms of the source of information, namely, the direct evidential *mÿr*, which indicates visual information and the indirect *je*, which indicates reported information. We applied an eye tracking experiment, with a “sentence/picture matching” task measuring the same evidentials, with the aim of verifying whether these evidentials are psychologically real in an online task. This study showed that there is a direct relationship between the evidential elements present in auditory inputs and the elements that indicate the source of information in visualized images. The results obtained support our hypotheses and provide important clues about the characteristics of these morphemes and how they act in processing.

ESTUDO DE RASTREAMENTO OCULAR DE EVIDENCIAIS EM KAINGANG

Marcia Nascimento Kaingang

indiaedai@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Será apresentado um estudo de rastreamento ocular de evidenciais em Kaingang (Tronco Macro Jê, família Jê). Esta língua possui um sistema de evidencialidade com sete categorias distintas que indicam fonte de informação e, basicamente, organiza as categorias contrapondo informações do tipo “primeira mão” versus “ouvir dizer” (NASCIMENTO, 2013, 2017). Utilizando técnicas da psicolinguística experimental, verificamos em falantes adultos, os processos de compreensão dos evidenciais que se opõem quanto à fonte de informação, a saber, o evidencial direto *mÿr*, que indica informação visual e o indireto *je*, que indica informação reportada. Aplicamos um experimento de rastreamento ocular, com tarefa do tipo “*sentence/picture matching*” aferindo os mesmos evidenciais, com o objetivo de verificar se esses evidenciais são reais psicologicamente em uma tarefa *on-line*. Esse estudo mostrou que existe uma relação direta dos evidenciais presentes em *inputs* auditivos e os elementos que indicam a fonte de informação em imagens visualizadas. Os resultados obtidos apoiam nossas hipóteses e fornecem pistas importantes sobre as características desses morfemas e sobre a forma como atuam no processamento.

⁷ Translated by Roberta Pires de Oliveira.

(IN)DEFINITENESS AND EPISTEMICITY IN MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)⁸

Ana Paula Quadros Gomes

anaquadros.gomes@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Clédson Mendonça Junior

cledsonjunior@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Guilherme Augusto Duarte-Borges

guilhermeborges@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Thais Gabriela Ramos Figueredo

thaisgabriela.figueredo@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

This research looks at the semantics of the noun phrase (SN) in Mebêngôkre (Kayapó), a Jê language spoken in the North of Brazil and with little description, even less in semantics. We departed from a questionnaire developed by Dayal (in press) to identify the main properties associated with (in)definiteness. A controlled elicitation was carried out. For Chierchia (2001), the manifestations of (in)definiteness are universal; the differences between languages lay in the way their NP grammar encodes (in)definiteness. Our first objective is to capture under what conditions a language of bare NPs, without openly realized determiners, can have its nominals interpreted as defined, as indefinite or as both. The findings were promising and contribute to increase the empirical coverage that will guide the resettlement of theoretical frontiers, in the terms of Chierchia and Pires de Oliveira (2021).

There are no articles in Mebêngôkre. There is no nominal number inflection. “A NP can be interpreted as singular or plural and does not require, in an argument position, the presence of a determiner” (Mendonça Junior; Gomes, in press). There are quantifiers, such as *kunī* ‘every’ and *ap̄ȳnh* ‘each’, and demonstratives, such as *jã* ‘this’ and *wã* ‘that’. These demonstratives select an element within a set (egg. 1), but cannot make reference to unique elements in a given situation (egg. 2). It turns out that *jã/wã* are well-behaved demonstratives; for example, they cannot be used to refer to unique individuals in the universe of discourse, such as the sun or the moon. Inside coordinated sentences (egg. 3), the first and second occurrence of demonstratives can have different referents, as long as those referents are salient in the context. If the second occurrence takes over the same referent of the first, the coordination will be contradictory. This reading, verified in Mebêngôkre with bare names, in languages such as English or Portuguese is obtained exclusively with definite determiners (‘The dog is sleeping, and the dog is awake’).

The challenge brought about by Mebêngôkre is not in marking definition, because, when there are no determinants in the language, it is already known that bare names allow defined interpretations, as attested, for example, for Karitiana (Arikém, Tupi). We found in Mebêngôkre the existence of a wide variety of combinations to mark different types of indefiniteness, and it is this richness that we want to address. The functional particle *’õ* occurs in different syntactic positions. Postposed to a demonstrative and before the verb by ‘take’ (egg. 4), it produces the meaning of ‘any’ and allows an individual to freely choose between alternatives in the nominal domain. In sentences containing species predicates, postposed to the bare noun, it produces a universal reading (egg. 5). Together with the negation *kêt* ‘no’, it

⁸ Translated by Marcus Vinicius Lunguinho.

produces the meaning of ‘none’ (egg. 6), as does the negative polarity item (IPN) ‘any’, in ‘I didn't buy any books’. Associated with the numeral *pydji* ‘one’, this particle generates the meaning of ‘some’ (egg. 8), that is, it functions as a positive polarity item (IPP), carrying a presupposition of existence (there are some fish that I didn't see in this situation).

This particle seems to have epistemic importance, marking the speaker's state of knowledge along with indefiniteness, in episodic sentences. It was employed, for instance, in a context in which the speaker is searching for a glass or some glasses, but at the same moment realizes that there are none available in his field of vision (egg. 7). If there were glasses in sight, the sentence would be pronounced without the particle 'õ. Since there is no visual confirmation of the existence of glasses in the surroundings and there is no knowledge of where to find one in a broader situation (in the nearest market, for example), 'õ is mandatory in the sentence, which reinforces our hypothesis about its epistemic nature.

We are currently working to (i) be sure about the distribution of 'õ; (ii) check whether its use is related to ignorance of the referent's identity; (iii) more extensively test the scope of 'õ in sentences; (iv) check whether this particle co-occurs with the language's quantifiers, generating scope relationships.

- (1) Dja⁹ ba pidjôrã jã/wã by
Fut 1sg flower Dem v.take
'I will take this/that flower.'
- (2) *Jākãm ne aringro jã/wã tyx
today NFut sun (hot day) Dem strong
'*This/that sun is strong today'
- (3) Ropre wã ne õt o nõ nhym kãm ropre wã prõt
dog Dem NFut v.sleep NF Ins Pos.lying down Conj Loc dog Dem v.run
'That dog was sleeping while that dog was running around'
- (4) Dja ba pidjôrã jã/wã 'õ by
Fut 1sg flower Dem In v.take
'I will take any flower (among those)'
- (5) Tu Ngi□jadjy 'o ne uwabô
In deer In NFut gentle
'Any deer is gentle'
- (6) Ije pi'ôkti 'õ bury kêt
1Erg book In v.buy Neg
'I did not buy any book'
- (7) Dja ba ngônhrã 'õ by
Fut 1sg glass In v.take
'I will take some glass(es)'
- (8) Ngô kam ne tep õ pydji ari ba
water Loc NFut fish In 1 numeral v.line
'There are some fish in the water'

⁹ Glosa: Fut – future; NF – non-finite; Ins – instrument; Pos – positional; 1sg – first pessoa singular; Dem – demonstrative; v. – verbe; Nfut – non-future; In – indefinite; Conj – Conjunction; Loc – Locative; Neg – negation; Fem - feminine; Mas - masculine; Pos – Positional; Pl - plural; Erg – ergative.

References

- CHIERCHIA, G. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language and Semantics*, 6, 339-405. 1998.
- CHIERCHIA, Gennaro. A puzzle about indefinites. *Semantic interfaces: Reference, anaphora and aspect*, p. 51-89, 2001
- CHIERCHIA, G., PIRES DE OLIVEIRA. (2021). Contemporary Issues in Natural Language Semantics: an interview with Gennaro Chierchia. *DELTA*, 36(1).
- DAYAL, V. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *Linguistics and Philosophy*, 27, 393-450. 2004.
- DAYAL, Veneeta. Identifying (in)definiteness: A questionnaire. In: DAYAL, Veneeta. (org.). *The open handbook of (in)definiteness: A hitchhiker's guide to interpreting bare arguments*. Em preparação.
- MENDONÇA JUNIOR, Clédson; GOMES, Ana Paula Quadros. *Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)*. In press.
- MÜLLER, Ana; STORTO, Luciana; COUTINHO-SILVA, Thiago. Número aa distinção contável-massivo em Karitiana. *Revista da ABRALIN*, 2006.

(IN)DEFINITUDE E EPISTEMICIDADE EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Ana Paula Quadros Gomes

anaquadrosgomes@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Clédson Mendonça Junior

cludsonjunior@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Guilherme Augusto Duarte-Borges

guilhermeborges@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Thais Gabriela Ramos Figueredo

thaisgabriela.figueredo@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Esta é uma pesquisa¹⁰ sobre a semântica do sintagma nominal (SN) em Mebêngôkre (Kayapó), uma língua Jê falada no norte do Brasil e com pouca descrição, sobretudo semântica. Empregamos o questionário elaborado por Dayal (no prelo) para identificar as principais propriedades associadas à (in)definitude. Foi realizada uma elicitación controlada. Chierchia (2001) considera que a manifestação da (in)definitude é universal; a diferença entre as línguas está na forma como os SNs codificam a (in)definitude gramaticalmente. Nosso objetivo imediato é compreender em que condições uma língua de SNs nus, sem determinantes abertamente realizados, pode ter seus nominais interpretados como definidos, indefinidos ou ambos. Os resultados foram promissores e contribuem para aumentar a cobertura empírica que vai guiar o reassentamento das fronteiras teóricas, nos termos de Chierchia e Pires de Oliveira (2021).

Em Mebêngôkre não há artigos. Não há flexão nominal de número. “Um SN pode ser interpretado como singular ou plural e não requer, em posição argumental, a presença de um determinante” (Mendonça Junior; Gomes, no prelo). Há quantificadores, como *kunī* ‘todo’ e *ap̄yñh* ‘cada’, e demonstrativos, como *jã* ‘esse’ e *wã* ‘aquele’. Esses demonstrativos

¹⁰ Estudo vinculado ao projeto “(In)definitude através das línguas/(In)definiteness across languages”.

selecionam um elemento dentro de um conjunto (dado 1), mas não fazem referência a elementos únicos em uma dada situação (dado 2). Verificamos que *jã/wã* são demonstrativos bem-comportados; por exemplo, eles não podem ser usados para referência a indivíduos únicos no universo do discurso, tais como o sol ou a lua. Em sequências de duas sentenças coordenadas (dado 3), a primeira e a segunda ocorrência dos demonstrativos podem ter referentes diferentes, desde que salientes no contexto. Para um mesmo referente, a segunda ocorrência retoma o referente da primeira, tornando a coordenação contraditória. Essa leitura, verificada em Mebêngôkre com nomes nus, em línguas como o português é obtida exclusivamente com determinantes definidos ('O cachorro está dormindo e o cachorro está acordado').

O desafio em Mebêngôkre não está na marcação da definitude, pois, quando não há determinantes na língua, já se sabe que os nomes nus permitem interpretações definidas, como atestado, p.ex., para o Karitiana (Arikém, Tupi). Verificamos em Mebêngôkre a existência de uma grande variedade de combinações para marcar diferentes tipos de indefinitude, e é essa riqueza que queremos abordar. A partícula funcional 'õ ocorre em diferentes posições sintáticas. Posposta a um demonstrativo e anterior ao verbo *by* 'pegar' (dado 4), produz o sentido de 'qualquer' e permite a livre escolha de um indivíduo entre alternativas do domínio nominal. Em sentenças contendo predicados de espécie, posposta ao nome nu, ela produz leitura universal (dado 5). Junto à negação *kêt* 'não', produz o sentido de 'nenhum' (dado 6), tal como faz o item de polaridade negativa (IPN) 'algum', em 'livro algum foi comprado'. Associada ao numeral *pydji* 'um', essa partícula gera o sentido de 'algum' (dado 8), ou seja, funciona como um item de polaridade positiva (IPP), carregando uma pressuposição de existência (existem alguns peixes que eu não vi nessa situação).

Essa partícula parece ter importe epistêmico, marcando o estado de conhecimento do falante junto com a indefinitude, em sentenças episódicas. Ela foi empregada, por exemplo, num contexto em que o falante tem a intenção de buscar um copo ou alguns copos, mas no momento percebe que não há nenhum disponível no seu campo de visão (dado 7). Se houvesse copo(s) à vista, a sentença seria pronunciada sem a partícula 'õ. Uma vez que não há uma confirmação visual da existência de um copo no ambiente e não há o conhecimento de onde encontrá-lo numa situação mais ampliada (no mercado mais próximo, por exemplo), 'õ é de uso obrigatório na sentença, o que reforça nossa hipótese sobre sua natureza epistêmica.

Estamos correntemente trabalhando para (i) nos certificarmos da distribuição de 'õ; (ii) checar se seu uso tem relação com a ignorância da identidade do referente; (iii) testar mais extensivamente o escopo de 'õ nas sentenças; (iv) verificar se essa partícula coocorre com os quantificadores da língua, gerando relações de escopo.

(1) Dja¹¹ ba pidjôrã já/wã by
Fut 1sg flor Dem v.pegar
'Eu vou pegar essa/aquela flor.'

(2) *Jākãm ne aringro já/wã tyx
hoje NFut sol (dia de calor) Dem forte
'Esse/aquele sol está forte hoje'

(3) Ropre wã ne ôt o nã nhy□m kãm ropre wã prõt
Cachorro Dem NFut v.dormir NF Ins Pos.deitado Conj Loc cachorro Dem v.correr
'Aquele cachorro estava dormindo enquanto aquele cachorro estava correndo'

¹¹ Glosa: Fut – future; NF – non-finite; Ins – instrument; Pos – positional; 1sg – first pessoa singular; Dem – demonstrative; v. – verbe; Nfut – non-future; In – indefinite; Conj – Conjunction; Loc – Locative; Neg – negation; Fem - feminine; Mas - masculine; Pos – Positional; Pl - plural; Erg – ergative.

- (4) Dja ba pidjôrã jã/wã 'õ by
 Fut 1sg flor Dem In v.pegar
 'Eu vou pegar qualquer flor dessas/daquelas'
- (5) Tu Ngi□jady 'o ne uwabô
 In veado In NFut manso
 'Qualquer veado é manso'
- (6) Ije pi'ôkti 'õ bury kêt
 1Erg livro In v.comprar Neg
 'Eu não comprei nenhum livro'
- (7) Dja ba ngônhkrã 'õ by
 Fut 1sg copo In v.pegar
 'Eu vou pegar um/uns copo(s)'
- (8) Ngô kam ne tep õ pydji ari ba
 água Loc NFut peixe In 1 numeral v.habitar
 'Tem alguns peixes na água'

Referências

- CHIERCHIA, G. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language and Semantics*, 6, 339-405. 1998.
- CHIERCHIA, Gennaro. A puzzle about indefinites. *Semantic interfaces: Reference, anaphora and aspect*, p. 51-89, 2001
- CHIERCHIA, G., PIRES DE OLIVEIRA. 2021). Contemporary Issues in Natural Language Semantics: an interview with Gennaro Chierchia. *DELTA*, 36(1).
- DAYAL, V. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *Linguistics and Philosophy*, 27, 393-450. 2004.
- DAYAL, Veneeta. Identifying (in)definiteness: A questionnaire. In: DAYAL, Veneeta. (org.). *The open handbook of (in)definiteness: A hitchhiker's guide to interpreting bare arguments*. Em preparação.
- MENDONÇA JUNIOR, Clédson; GOMES, Ana Paula Quadros. *Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)*. em preparação.
- MÜLLER, Ana; STORTO, Luciana; COUTINHO-SILVA, Thiago. Número aa distinção contável-massivo em Karitiana. *Revista da ABRALIN*, 2006.

FROM DISTRIBUTIVE NUMERALS TO UNIVERSAL QUANTIFIERS: A VIEW FROM ZOQUE AND PURÉPECHA.

Violeta Vázquez Rojas Maldonado

vr.maldonado@gmail.com

El Colegio de México (ColMex)

Fernando Chapa Barrios

fernandochapabarrios@gmail.com

El Colegio de México (ColMex)

Reduplicated numerals in Zoque (Mixe-Zoquean) (1) and plural-marked numerals in Purépecha (isolate) (2) introduce the *share* of a distributive relation, as is typologically expected (Choe 1987, Gil 1982, Chapa Barrios 2022, Vázquez Rojas 2023).

However, the distributive numeral ‘one’ can also be used in these languages as a universal quantifier, in which case the set it introduces is the *key* of the distributive relation, i.e. the counterpart of the share (3 and 4).

This poses a problem because the distributive relation, understood as a relation between two sets (in examples 1 and 2, a set of women and a set of baskets) is **asymmetrical**: while the key component needs to be exhausted (i.e. every individual in the key set must be related to one element in the other set), the share component may include individuals that do not take part in the relation. That is, sentences 1 and 2 could be true even if there are baskets that no woman is carrying, but they would be false if some woman is carrying two or three baskets. The inevitable question that arises is, how can the same distributive numeral that introduces a share also function as the expression that introduces its counterpart, the key? Furthermore, we must note that this “switch” from share-markers to key-markers only happens with the unitary distributive numeral, but never with distributive numerals of larger cardinalities.

The switch is not merely the effect of the free translation, it does emerge from the truth conditions of the sentences: if the set of years were the share of the distributive relation, and the set of events of Samuel sowing a cornfield were the key, sentence (3) would be true in a scenario in which one of these events occurs in 2020, another one in 2023 and one more in 2025. That would satisfy the requirement that for every event there is a different year in which it happens. However, this is not the case. Sentence (3) requires that every consecutive year has at least one event of Samuel sowing a cornfield. Furthermore, if ‘one-DIST year’ signalled a share, then sentence (3) would be false if Samuel sowed a cornfield twice in a year, because in that case the condition that each event is related to exactly one (different) year would not be obtained. Again, this is not what is empirically attested.

Our proposal is that the switch takes place when the distributive numeral introduces a temporal expression (like ‘day’, ‘month’, ‘night’, ‘year’, etc.), and the expected key corresponds to a set of events. The reason why temporal expressions allow for the switch is because in these contexts the difference between share and key is neutralized. If every event of Samuel sowing his cornfield happens at different but consecutive years, then every (relevant) year has an event of Samuel sowing his cornfield, making it impossible or irrelevant to distinguish between key and share. From these temporal contexts, it is possible that the distributive numeral later generalizes to other domains and gives rise to a universal distributive quantifier based on ‘one’.

Our proposal makes two predictions: (a) that every language that has a universal distributive quantifier derived from the distributive numeral ‘one’ uses it in temporal quantification, which is the bridge context that enables the switch from share to key, and (b) languages with dependent rather than distributive numerals (Farkas 1997) will not have

universal quantifiers derived from their dependent numeral ‘one’, because dependent numerals do not allow for event-key readings. Furthermore, the fact that only the numeral ‘one’ gives rise to universal quantification suggests that all distributive quantification is atomic (*contra* Schwarzschild 1996 and Champollion 2016a,b).

Data

1. te’ yomo’ista’m kyukyaju tumtumä waka (zoque)
te’ yomo=’is=ta’m y-kuk-yaj-u tumä-tumä waka
DET woman=ERG=PL 3A-carry-3PL-CP one-DIST
basket ‘The women carried one basket each’.
2. warhitiecha tarhatastiksï mandan tsïkiata (purépecha)
warhiti-echa tarhata-s-ti=ksï ma-ntani tsïkiata
woman-PL carry-PFVE-3IND=PL.SUBJ one-DIST basket
‘The women carried one basket each’.
3. tumtuma ame’ Samuelis tzyäkpa kama (zoque)
tumä-tumä ame’ Smuel=’is y-tzäjk-pa kama
one-DIST year Samuel=ERG 3A-do-ICP maize.field
‘Every year Samuel sows a maize field’.
4. mandan wexurhin imarin jurhasïndi xeni (purépecha)
Ma-ntani wexurhini ima=rini jurha-sïn-ti xeni
One-DIST year he=1OBJ come-HAB-2IND see
‘Every year he comes to see me’.

References

- CHAMPOLLION, Lucas. 2016a. Covert distributivity in algebraic event semantics. *Semantics & Pragmatics* 9:15. 1-62.
- CHAMPOLLION, Lucas. 2016b. Overt distributivity in algebraic event semantics. *Semantics and Pragmatics* 9:16. 1-65.
- CHAPA BARRIOS, Fernando. 2022. Semántica de los numerales distributivos del zoque de Ocotepéc. Paper presented in the XVI National Conference of Asociación Mexicana de Lingüística Aplicada (AMLA). Guadalajara.
- CHOE, Jae-Woong. 1987. *Anti-quantifiers and a theory of distributivity*. University of Massachusetts. PhD dissertation
- FARKAS, Donka. 1997. Dependent indefinites. In Corbin, F et al. *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*. Berlin: Peter Lang. 243-267.
- GIL, David. 1982. *Distributive Numerals*. University of California Los Angeles. PhD dissertation.
- SCHWARZSCHILD, Roger. 1996. *Pluralities*. Dordrecht: Kluwer.
- VÁZQUEZ-ROJAS MALDONADO, Violeta. 2013. Los numerales distributivos del purépecha. *Lingüística Mexicana VII:2*. 81-102.

DOS NUMERAIS DISTRIBUTIVOS AOS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS: UMA VISÃO DE ZOQUE E PURÉPECHA¹²

Violeta Vázquez Rojas Maldonado
vr.maldonado@gmail.com

¹² Traduzido por Guilherme Augusto Duarte Borges.

El Colegio de México (ColMex)

Fernando Chapa Barrios

fernandochapabarrios@gmail.com

El Colegio de México (ColMex)

Os numerais reduplicados em Zoque (Mixe-Zoqueano) (1) e numerais marcados no plural em Purépecha (isolada) (2) introduzem o *share* (compartilhado) de uma relação distributiva, como é tipologicamente esperado (Choe 1987, Gil 1982, Chapa Barrios 2022, Vázquez Rojas 2023).

No entanto, o numeral distributivo ‘um’ também pode ser usado nessas línguas como um quantificador universal, caso em que o conjunto que ele introduz é o *key* (a chave) da relação distributiva, ou seja, a contrapartida da *share* (3 e 4).

Isso levanta um problema pois, a relação distributiva, entendida como uma relação entre dois conjuntos (nos exemplos 1 e 2, um conjunto de mulheres e um conjunto de cestas) é **assimétrica**: enquanto o componente *key* precisa ser exaurido (ou seja, cada elemento no conjunto *key* deve estar relacionado a um elemento no outro conjunto), o componente *share* pode incluir elementos que não participam da relação. Ou seja, as sentenças 1 e 2 poderiam ser verdadeiras mesmo que houvesse cestas que nenhuma mulher esteja carregando, mas seriam falsas se alguma mulher estivesse carregando duas ou três cestas. A pergunta inevitável que surge é: como o mesmo numeral distributivo que introduz um *share* também pode funcionar como a expressão que introduz sua contraparte, o *key*? Além disso, devemos notar que essa “troca” de marcadores de *share* para marcadores de *key* só ocorre com o numeral distributivo unitário, mas nunca com numerais distributivos de cardinalidades maiores.

A troca não é meramente o efeito da tradução livre, ela emerge das condições de verdade das sentenças: se o conjunto de anos fosse um *share* da relação distributiva, e o conjunto de eventos de Samuel semeando um milharal fosse *key*, a sentença (3) seria verdadeira em um cenário em que um desses eventos ocorresse em 2020, outro em 2023 e mais um em 2025. Isso satisfaria o requisito de que para cada evento há um ‘ano’ diferente em que ele acontece. No entanto, esse não é o caso. A sentença (3) exige que cada ano consecutivo tenha pelo menos um evento de Samuel semeando um milharal. Além disso, se ‘um-DIST ano’ sinalizasse um *share*, então a sentença (3) seria falsa se Samuel semeasse um milharal duas vezes em um ano, porque nesse caso a condição de que cada evento está relacionado a exatamente um ano (diferente) não seria obtida. Novamente, isso não é o que é empiricamente atestado.

Nossa proposta é de que a troca ocorre quando o numeral distributivo introduz uma expressão temporal (como ‘dia’, ‘mês’, ‘noite’, ‘ano’, etc.), e o *key* esperado corresponde a um conjunto de eventos. A razão pela qual as expressões temporais permitem essa troca é porque nesses contextos a diferença entre *share* e *key* é neutralizada. Se cada evento de Samuel semeando seu milharal acontecesse em anos diferentes, mas consecutivos, então cada ano (relevante) teria um evento de Samuel semeando seu milharal, tornando impossível ou irrelevante distinguir entre *key* e *share*. A partir desses contextos temporais, é possível que o numeral distributivo posteriormente se generalize para outros domínios e dê origem a um quantificador distributivo universal baseado em ‘um’.

Nossa proposta faz duas previsões: (a) toda linguagem que tem um quantificador distributivo universal derivado do numeral distributivo ‘um’ usa-o na quantificação temporal, que é o contexto de ligação que permite a troca do *share* para *key*, e (b) línguas com numerais dependentes em vez de distributivos (Farkas 1997) não terão quantificadores

universais derivados de seu numeral dependente ‘um’, porque numerais dependentes não permitem leituras de evento *key*. Além disso, o fato de que apenas o numeral ‘um’ dá origem à quantificação universal sugere que toda quantificação distributiva é atômica (contra Schwarzschild 1996 e Champollion 2016a,b).

Dados

1. te’ yomo’ista’m kyukyaju tumtumä waka (zoque)
te’ yomo=’is=ta’m y-kuk-yaj-u tumä-tumä waka
DET mulher=ERG=PL 3A-carregar-3PL-CP um-DIST cesta
‘As mulheres carregaram uma cesta cada’.
2. warhitiecha tarhatastiksi mandan tsikiata (purépecha)
warhiti-echa tarhata-s-ti=ksi ma-ntani tsikiata
mulher-PL carregar-PFVE-3IND=PL.SUBJ um-DIST cesta
‘As mulheres carregaram uma cesta cada’.
3. tumtuma ame’ Samuelis tzyäkpa kama (zoque)
tumä-tumä ame’ Samuel=’is y-tzäjk-pa kama
um-DIST ano Samuel=ERG 3A-fazer-ICP campo.de.milho
‘Todo ano, Samuel semeia um campo de milho’.
4. mandan wexurhin imarin jurhasindi xeni (purépecha)
Ma-ntani wexurhini ima=rini jurha-sin-ti xeni
Um-DIST ano ele=1OBJ vir-HAB-2IND ver
‘Todo ano ele vem para me ver’.

Referências

- CHAMPOLLION, Lucas. 2016a. Covert distributivity in algebraic event semantics. *Semantics & Pragmatics* 9:15. 1-62.
- CHAMPOLLION, Lucas. 2016b. Overt distributivity in algebraic event semantics. *Semantics and Pragmatics* 9:16. 1-65.
- CHAPA BARRIOS, Fernando. 2022. Semántica de los numerales distributivos del zoque de Ocotepéc. Paper presented in the XVI National Conference of Asociación Mexicana de Lingüística Aplicada (AMLA). Guadalajara.
- CHOE, Jae-Woong. 1987. *Anti-quantifiers and a theory of distributivity*. University of Massachusetts. PhD dissertation
- FARKAS, Donka. 1997. Dependent indefinites. In Corbin, F et al. *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*. Berlin: Peter Lang. 243-267.
- GIL, David. 1982. *Distributive Numerals*. University of California Los Angeles. PhD dissertation.
- SCHWARZSCHILD, Roger. 1996. *Pluralities*. Dordrecht: Kluwer.
- VÁZQUEZ-ROJAS MALDONADO, Violeta. 2013. Los numerales distributivos del purépecha. *Lingüística Mexicana VII:2*. 81-102.

CLASSIFIERS AND NUMBER MARKING IN LANGUAGES OF THE AMERICAS

Matthew Chandler
matthew.r.chandler-1@ou.edu
University of Oklahoma

Carol Rose Little
little@ou.edu
University of Oklahoma

Virginia Dawson
dawsonv@wwu.edu
Western Washington University

Background

Recently, it has been observed that numeral classifiers across languages are not a homogeneous class (e.g., Little et al. 2022). Specifically, while classifiers in many languages modify the noun meaning, classifiers in other languages modify the meaning of the numeral (e.g., Bale & Coon 2014). The existence of these languages has implications for typologies of number marking and classifiers. For classifiers for nouns, as described in Chierchia 1998 and Borer 2005, classifiers and plural marking are in complementary distribution across languages. This generalization works well for languages like Mandarin Chinese. However, for classifiers for numeral languages, we would expect more independence between classifiers and number marking (e.g., Krifka 1995, Bale & Coon 2014).

Survey

This paper presents a typological survey of numeral classifiers and number marking in 24 languages of the Americas. We show that independence between number marking and classifiers is met, by illustrating four different ways languages pattern with respect to number marking and classifiers. Specifically, we demonstrate that the presence of plural marking and numeral classifiers in a single DP is cross-linguistically common. Specifically, we show a four-way distinction, as per Table 1, and exemplified for each language in (1)-(4) on the next page. (Data comes from cited sources. If no source is cited, the data comes from fieldwork.)

	Classifiers	No classifiers
Plural marking obligatory	Mi'gmaq (Algonquian)	Taurepang (Carib)
Plural marking optional	Ch'ol (Mayan)	Wapishana (Arawak)

Table 1: Presence of plural marking and classifiers in numeral modification

Theoretical implications

This finding provides further evidence for the independence of plural marking and classifiers in at least some languages. We discuss theoretical implications of this independence, namely that languages may require numeral classifiers regardless of the denotations of their nouns. Specifically, classifiers in many languages are not required to individuate nouns. This lends further support to Bale & Coon's (2014) argument that the presence or absence of classifiers in languages is not due to the kinds of countability distinctions that they make. The existence of languages without classifiers and with optional plural marking, such as Wapishana which is a general number language in the sense of Corbett 2000, also shows that the optionality of plural marking in languages like Ch'ol is not due to the availability of numeral classifiers. In the full paper, we further discuss links between

classifiers and definiteness and kind-readings, engaging with findings from Bangla (Indic) provided in Dayal 2012.

Typological implications

While Chierchia 1998/Borer 2005 accurately capture certain classifier languages, a closer look into the typology of classifiers shows that they are not a homogeneous class, supporting recent conclusions from Little et al. 2022. Languages of the Americas therefore provide important insight into the study of classifiers and number marking cross-linguistically. We end with some preliminary observations on languages with optional classifiers.

Mi'gmaq (Algonquian) (obligatory plural marking + classifier):

- | | | | | |
|----------------------|--------|----------------|-----------------------|----------|
| (1) Tepiaq- l | asugom | tes'g-l | wi'gatign- n . | |
| enough.II-PL | six | CLF-PL | book-PL | |
| 'Six | | books | are | enough.' |

Ch'ol (Mayan) (optional plural marking + classifier):

- | | | | |
|---------|----------|---------------------|---------------------|
| (2) Ta' | juli | cha'- tyikil | wiñik(- ob) |
| PFV | arrive | two-CFL | man(-PL) |
| | 'Two men | arrived.' | |

Taurepang (Carib) (obligatory plural marking + no classifier)

- | | | | |
|---------------|-------------------|----------------|-------------------|
| (3) seruwö'ne | kurai- ton | etopök | wo'nanse'na. |
| three | man-PL | went | hunting |
| | 'Three men | went hunting.' | (Costa 2020: 354) |

Wapishana (Arawak) (optional plural marking + no classifier):

- | | | |
|--------------|---------------------|----------------------------------|
| (4) Un-tykap | dikinhyday | kaizkin(- au) |
| 1SG-see | three | pot(-PL). |
| | 'I saw three pots.' | (Guerra Vicente et al. 2020:401) |

References

- Bale, Alan, and Jessica Coon. 2014. Classifiers are for numerals, not for nouns: consequences for the mass/count distinction. *Linguistic Inquiry* 45:695–707.
- Borer, Hagit. 2005. *In name only*. Oxford: Oxford University Press.
- Chierchia, Gennaro. 1998. Reference to kinds across language. *Natural Language Semantics* 6(4):339–405.
- Corbett, Greville. (2000). *Number*. Cambridge University Press.
- Coutinho Costa, Isabella. 2020. The count/mass distinction in Taurepang. *Linguistic Variation* 20(2):352–365.
- Dayal, Veneeta. 2012. Bangla classifiers: Mediating between kinds and objects. *Rivista di Linguistica* 24(2). 195–226.
- Guerra Vicente, Helena, Luciana Sanchez-Mendes, Roberta Pires De Oliveira, Marcus Vinicius Lunguinho and Wendy Mary Leandro. 2020. The nominal system in Wapishana (Aruák), preliminary results. *Linguistic Variation* 20(2):398–408.
- Krifka, Manfred. 1995. Common nouns: A contrastive analysis of English and Chinese. In Carlson, Gregory & Pelletier, Francis Jeffry (eds.), *The generic book*, 398–411.
- Little, Carol Rose, Mary Moroney and Justin Royer. 2022. Classifiers can be for numerals or nouns: Two strategies for numeral modification. *Glossa* 7(1).

CLASSIFICADORES E MARCAÇÃO DE NÚMERO EM LÍNGUAS DAS AMÉRICAS¹³

Matthew Chandler
matthew.r.chandler-1@ou.edu
University of Oklahoma

Carol Rose Little
little@ou.edu
University of Oklahoma

Virginia Dawson
dawsonv@wwu.edu
Western Washington University

Contexto.

Recentemente, observou-se que os classificadores numéricos entre as línguas não são uma classe homogênea (Little et al., 2022). Especificamente, enquanto os classificadores em muitas línguas modificam o significado do nome, os classificadores em outras línguas modificam o significado do numeral (Bale & Coon, 2014). A existência dessas línguas tem implicações para tipologias de marcação de número e classificadores. Para classificadores de nomes, conforme descrito em Chierchia (1998) e Borer (2005), os classificadores e a marcação de plural estão em distribuição complementar nas línguas. Essa generalização funciona bem para línguas como o chinês mandarim. No entanto, para classificadores em línguas numéricas, esperaríamos mais independência entre classificadores e marcação numérica (Krifka, 1995; Bale & Coon, 2014).

Pesquisa.

Este artigo apresenta uma pesquisa tipológica de classificadores numéricos e marcação de número em 24 línguas das Américas. Mostramos que a independência entre marcação de número e classificadores é alcançada, ilustrando quatro maneiras diferentes em padrões linguísticos, com relação à marcação numérica e de classificadores. Especificamente, demonstramos que a presença de marcação de plural e classificadores numéricos em um único DP é comum inter-linguisticamente. Especificamente, mostramos uma distinção de quatro vias, conforme a Tabela 1 e exemplificada para cada língua em (1)-(4) na próxima página. (Os dados vêm das fontes citadas. Caso nenhuma fonte for citada, os dados vêm de trabalho de campo.)

	Classifiers	No classifiers
Marcação de plural obrigatória	Mi'gmaq (Algonquian)	Taurepang (Caribe)
Marcação de plural opcional	Ch'ol (Maia)	Wapishana (Arawak)

Tabela 1: Presença de marcação de plural e classificadores em modificação numérica.

Implicações teóricas.

¹³ Traduzido por Guilherme Augusto Duarte Borges.

Estas descobertas fornecem evidências para a independência da marcação de plural e classificadores, pelo menos em algumas línguas. Discutimos implicações teóricas desta independência, a saber, que as línguas podem exigir classificadores numéricos independentemente das denotações de seus nomes. Especificamente, os classificadores em muitas línguas não necessitam individualizar nomes. Isso dá mais suporte ao argumento de Bale & Coon (2014) de que a presença ou ausência de classificadores em línguas não se deve aos tipos de distinções de contagem que elas fazem. A existência de línguas sem classificadores e com marcação de plural opcional, como Wapishana, que é uma língua numérica geral no sentido de Corbett (2000), também mostra que a opcionalidade da marcação de plural em línguas como Ch'ol não se deve à disponibilidade de classificadores numéricos. No artigo completo, discutimos ainda mais as ligações entre classificadores e leitura de definitude e espécie, relacionando com as descobertas mostradas em Dayal (2012) para bangla (Índico).

Implicações tipológicas.

Enquanto Chierchia (1998)/Borer (2005) capturam com precisão certas línguas com classificadores, um olhar mais atento à tipologia de classificadores demonstra que eles não são uma classe homogênea, dando suporte às conclusões recentes de Little et al. (2022). Portanto, as línguas das Américas fornecem importantes *insights* para o estudo de classificadores e marcação numérica inter-linguisticamente. Concluímos com algumas observações preliminares sobre línguas com classificadores opcionais.

Mi'gmaq (Algonquian) (marcação de plural obrigatória + classificador):

- | | | | |
|----------------------|--------|----------------|-----------------------|
| (1) Tepiaq- l | asugom | tes'g-l | wi'gatign- n . |
| suficiente.II-PL | seis | CLF-PL | livro-PL |
- ‘Seis livros são suficientes.’

Ch'ol (Maya) (marcação de plural opcional + classificador):

- | | | |
|--------------|---------------------|---------------------|
| (2) Ta' juli | cha'- tyikil | wiñik(- ob) |
| PFV | chegar dois-CFL | homem(-PL) |
- ‘Dois homens chegaram.’

Taurepang (Caribe) (marcação de plural obrigatória + sem classificador)

- | | | | |
|---------------|-------------------|--------|--------------|
| (3) seruwö'ne | kurai- ton | etopök | wo'nanse'na. |
| três | homem-PL | foi | caça |
- ‘Três homens foram caçar.’ (Costa 2020: 354)

Wapishana (Arawak) (marcação de plural opcional + sem classificador):

- | | | |
|--------------|------------|-----------------------|
| (4) Un-tykap | dikinhyday | kaizkin(- au) |
| 1SG-ver | três | panela(-PL). |
- ‘Eu vi três panelas.’ (Guerra Vicente et al. 2020:401)

Referências

Bale, Alan, and Jessica Coon. 2014. Classifiers are for numerals, not for nouns: consequences for the mass/count distinction. *Linguistic Inquiry* 45:695–707.

- Borer, Hagit. 2005. *In name only*. Oxford: Oxford University Press.
- Chierchia, Gennaro. 1998. Reference to kinds across language. *Natural Language Semantics* 6(4):339–405.
- Corbett, Greville. (2000). *Number*. Cambridge University Press.
- Coutinho Costa, Isabella. 2020. The count/mass distinction in Taurepang. *Linguistic Variation* 20(2):352–365.
- Dayal, Veneeta. 2012. Bangla classifiers: Mediating between kinds and objects. *Rivista di Linguistica* 24(2). 195–226.
- Guerra Vicente, Helena, Luciana Sanchez-Mendes, Roberta Pires De Oliveira, Marcus Vinicius Lunguinho and Wendy Mary Leandro. 2020. The nominal system in Wapishana (Aruák), preliminary results. *Linguistic Variation* 20(2):398–408.
- Krifka, Manfred. 1995. Common nouns: A contrastive analysis of English and Chinese. In Carlson, Gregory & Pelletier, Francis Jeffrey (eds.), *The generic book*, 398–411.
- Little, Carol Rose, Mary Moroney and Justin Royer. 2022. Classifiers can be for numerals or nouns: Two strategies for numeral modification. *Glossa* 7(1).

NUMERALS, PLURAL MORPHEME AND PLURACTIONALITY IN WAYORO (TUPIAN)

Antônia Fernanda de Souza Nogueira

afernanda@ufpa.br

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Wayoro is a nearly extinct Tupi language of the Tuparian subfamily (Moore, Galucio, Gabas Jr 2008) which is situated in the Brazilian state of Rondônia. The data for this study were collected in field notes from elicitation sessions and from translated natural texts. The elicitation sessions were based on Lima and Rothstein (2020) questionnaires and stimuli. In Wayoro, the numeral words are *kiet* ‘one’, also translated as ‘only/alone’, and *nduruut* ‘two’. In the construction used to express ‘three’, there is a coordination by juxtaposition of the words for ‘two’ and ‘one’, *nduruut kiet*. In the construction equivalent to ‘four’ it seems that the speaker produces a non verbal predicate using the existing numeral word *nduruut* and the lexical item *ndege* ‘all’. When the speaker counts on her fingers, the expression *nduruut ndege* ‘all pairs’ can be seen as referring to ‘all pairs of fingers in one hand’. In Wayoro, verb morphology is rich (Nogueira 2011, 2019). On the other hand, there is only one suffix used with nouns, the suffix {-iat}. The plural morpheme {-iat} can be used to mean ‘a group of/a plantation of’. A word like *epiip* ‘banana’ can take the morpheme, *epiip-iat* ‘banana field/plantation’, as well as nouns for humans, spirits, animals. Note that {-iat} is optional with plural verb roots. Verbs may be pluralized by the suffix {-kwa} and root reduplication, operations that pluralize the event (and not necessarily the arguments).

References

LIMA, Suzi; ROTHSTEIN, Susan. A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. **Linguistic Variation**, Volume 20, Issue 2, Oct 2020, p. 174 - 218

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JR, Nilson. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. **Scientific American Brasil**, v. 3, p. 36-43, 2008.

NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. **Predicação na língua Wayoro (Tupi): propriedades de finitude**. 2019. 189 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. **Wayoro êmêto :fonologia segmental e morfossintaxe verbal**. 2011. Dissertação de (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NUMERAIS, MORFEMA DE PLURAL E PLURACIONALIDADE EM WAYORO¹⁴

Antônia Fernanda de Souza Nogueira

afernanda@ufpa.br

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Wayoro é uma língua tupi quase extinta da subfamília tupariana (Moore, Galucio, Gabas Jr. 2008), situada no estado de Rondônia, Brasil. Os dados para este estudo foram coletados em anotações de campo durante sessões de elicitação e de textos naturais traduzidos. As sessões de elicitação foram baseadas nos questionários e estímulos de Lima e Rothstein (2020). Em Wayoro, os numerais são *kiet* 'um', também traduzido como 'somente/sozinho', e *nduruut* 'dois'. Na construção usada para expressar 'três', há uma coordenação por justaposição das

¹⁴ Traduzido por Uiara Nunes.

palavras para 'dois' e 'um', *nduruut kiet*. Na construção equivalente a 'quatro', parece que o falante produz um predicado não verbal utilizando o numeral existente *nduruut* e o item lexical *ndege* 'todos'. Quando o falante conta nos dedos, a expressão *nduruut ndege* ('todos os pares') pode ser entendida como uma referência a 'todos os pares de dedos de uma mão'. No Wayoro, a morfologia verbal é bastante rica (Nogueira, 2011; 2019). Por outro lado, há apenas um sufixo usado com nomes, o sufixo {-iat}. Esse morfema plural {-iat} pode ser utilizado para significar 'um grupo de/uma plantação de'. Uma palavra como *epiip* ('banana') pode receber o sufixo, formando *epiip-iat* ('plantação de bananas'), e o mesmo ocorre com substantivos que se referem a humanos, espíritos e animais. Vale notar que o sufixo {-iat} é opcional com raízes verbais no plural. Os verbos podem ser pluralizados com o sufixo {-kwa} e pela reduplicação da raiz, operações que pluralizam o evento (não necessariamente os argumentos).

References

LIMA, Suzi; ROTHSTEIN, Susan. A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. **Linguistic Variation**, Volume 20, Issue 2, Oct 2020, p. 174 - 218

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JR, Nilson. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. **Scientific American Brasil**, v. 3, p. 36-43, 2008.

NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. **Predicação na língua Wayoro (Tupi): propriedades de finitude**. 2019. 189 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NOGUEIRA, Antônia Fernanda de Souza. **Wayoro êmêto :fonologia segmental e morfossintaxe verbal**. 2011. Dissertação de (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A COMPARATIVE STUDY BETWEEN THE NUMERALS OF KARITIANA AND AVÁ GUARANI

Juliana Vignado

juvign@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/CNPq

Lara Frutos

larafrutosg@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Introduction

This work presents numeral data from two Tupi languages, Avá Guarani (Tupi-Guarani) and Karitiana (Arikém) from a comparative perspective. In addition to descriptive aspects, we will present semantic aspects of the numerals and discuss some considerations regarding the expansion of counting systems. The numeral systems of Brazilian indigenous languages still constitute a topic to be further explored despite recent efforts (see Fargetti & Sumaio, 2015; Alves, 2017; Vignado, 2017, 2019; De Felipe, 2019). Both languages feature cardinal numerals, which are linguistic expressions referring to whole and positive numbers (Comrie, 2005; Hammarström, 2010).

Cardinal numerals

Vignado (2019) demonstrates that Karitiana includes basic numerals up to 4, as shown in (1), as well as compound numerals derived from basic numerals and words related to parts of the body, as shown in (2). These numerals exhibit an adverbializing morpheme and function as adverbial modifiers. Thus, cardinal numerals have scope over the event, and the readings in which the arguments are counted reflect the possibilities of interpretation arising from the modification of the event denoted by the sentence.

Avá Guarani also has native numerals up to 4, as shown in (3), and compound numerals with the word "po" ('hand'), as exemplified in (4). From 10 onwards, there is the insertion of "pa," a particle that introduces the idea of 'whole' or 'terminative' (o-pa = verb 'to finish' or pronoun 'whole'), indicating that the hands have already been counted. In this language, cardinals are adnominal and occur in the prenominal position. Unlike Karitiana (see Muller et al., 2006), Guarani languages have the determiner position in the nominal phrase, which can be occupied by numerals, possessive pronouns, demonstratives, and quantifiers. Semantically, cardinal numbers in Avá Guarani express cardinality of individuals, counted directly, while Karitiana cardinal numbers express the cardinality of events.

Distributive numerals

Karitiana and Avá Guarani have similar distributive numerals in terms of morphology, as distributives are formed by reduplicating the cardinal. They are adverbial and have scope over the event. As pointed by Kuhn (2019), distributive numerals can indicate that a plurality of individuals is distributed with respect to another plurality. Terminologically, the plurality introduced by the distributive numeral is the share, and the second plurality is called the key. Muller (2012) showed that Karitiana distributive numerals are distributive operators that multiply events in the denotation of the verbal predicate and impose a restriction on the cardinality of their internal argument, as in (5). We verify that the distributives of Avá Guarani exhibit a similar behavior, modifying the verbal predicate, and distributing the event across participants or segments of time, see (6).

Ordinal numerals

Only Avá Guarani features ordinal numerals. In this language, the ordinal numeral is formed by combining cardinal numerals with the nominalizer suffix -ha, as shown in (7). These ordinal numerals probably are native, since very similar numerals were described in the grammar of the Língua Geral Brasileira by Anchieta (Anchieta, 1595), which is also a Tupi-Guarani language. These ordinal numerals function as nominal modifiers.

Proposal

In both languages we observed processes of expansion of the counting system based on the creation of cardinal numerals and the use of expressions referring to parts of the body. As noted by Epps (2006), we presume that many societies that underwent social processes resulting in increased economic and cultural complexity had more basic numbering systems in earlier stages than the stage of expanded systems. Hurford (1987) considers that internal variations within the numeral system - such as the change in morphological pattern for numerals larger than 4 that we have shown - provide evidence for verifying historical stages in the development of these systems. Finally, we advocate for the importance of investigating numerals in indigenous languages as a contribution not only to the description and analysis of these languages but also to the research on numeral semantics and the development of numeral systems in natural languages.

- (1) myhint 'one', sypomp 'two', mÿjymp 'three', otadnamynt 'four'
- (2) sypomp yjpi ot
sypom-t yj-pi ot
two-ADVZ 1p.pl-foot take
'doze' (Vignado, 2019, p.79)
- (3) peteĩ 'um', mokõi 'dois', mbohapy 'três', irundy 'quatro'
- (4) pokõi
po-mokõi
mão-dois
'sete'
- (5) myhint.myhint ðmbaky naka'y-t pikom.
myhim-t.myhim-t ðmbaky Ø-naka-'y-t pikom
one-ADVZ.one-ADVZ jaguar 3p-DECL-eat-NFUT monkey
'each jaguar ate one monkey.'
'The jaguars ate one monkey each time' (Müller, 2012, p.225)
- (6) Mbo'ehara oguhẽ mokõimokõi
Mbo'ehara o-guahẽ-Ø
mokõi-mokõi teacher
3p-arrive-nfut two-RED
'two teachers arrived each time'
- (7) mokõia
'second'

References

- ALVES, Walter. *O sistema numeral da língua Guató*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ undergraduate dissertation, 2017.
- ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra:

António de Mariz, 1595.

COMRIE, Bernard. Endangered numeral systems. In: WOHLGEMUTH, Jan; DIRKSMEYER, Tyko (Eds.). *Bedrohte Vielfalt: Aspekte des Sprach(en)tods*. Berlin: Weissensee Verlag, pp. 203-230, 2005 EPPS, Patience. Growing a numeral system: The historical development of numerals in an Amazonian language family. *Diachronica*, vol. 23, no. 2, pp. 259-288, 2006.

HAMMARSTRÖM, H. Rarities in numeral systems. In J. Wohlgemuth & M. Cysouw (Eds.), *Rethinking universals: How rarities affect linguistic theory* (pp. 11–60). Berlin, Germany: Mouton de Gruyter, 2010.

FARGETTI, C.M.; SUMAIO, P.A. Numerals in Juruna. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, v. 15, n. 2, 2015.

De FELIPE, Paulo Henrique Pereira Silva. Numerais na língua Mehináku (Arawak). *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 48, n. 2, pp. 786-799, 2019.

HURFORD, James. *Language and Number*. Oxford: Blackwell, 1987.

KUHN, Jeremy. Pluractionality and distributive numerals. *Language and Linguistics Compass*, v. 13, n. 2, p. e12309, 2019.

MÜLLER, Ana. Distributividade: o caso dos numerais reduplicados em Karitiana. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 2, p. 223-244, 2012.

MÜLLER, A.; STORTO, L.; COUTINHO-SILVA, T. Número e a Distinção Contável-Massivo em Karitiana. *Revista da Abralin*, vol. 5, pp. 185-213, 2006.

VIGNADO, J.N. A sintaxe e a semântica de expressões numéricas do karitiana. *Revista Letras*. UFPR, 2017.

VIGNADO, J. N. *A interface sintática e semântica na análise dos sistemas numerais do karitiana e do kamayurá*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2019.

UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS NUMERAIS EM KARITIANA E EM AVÁ GUARANI¹⁵

Juliana Vignado

juvign@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/CNPq

Lara Frutos

larafrutosg@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Introdução

Este trabalho apresenta dados numéricos de duas línguas Tupi, o Avá Guarani (Tupi-Guarani) e o Karitiana (Arikém), sob uma perspectiva comparativa. Além de aspectos descritivos, abordaremos aspectos semânticos dos numerais e discutiremos algumas considerações sobre a expansão dos sistemas de contagem. Os sistemas numéricos das línguas indígenas brasileiras ainda constituem um tema a ser mais explorado, apesar de esforços recentes (ver Fargetti & Sumaio, 2015; Alves, 2017; Vignado, 2017, 2019; De Felipe, 2019). Ambas as línguas apresentam numerais cardinais, que são expressões linguísticas que se referem a números inteiros e positivos (Comrie, 2005; Hammarström, 2010).

Numerais Cardinais

¹⁵ Traduzido por Lara Frutos.

Vignado (2019) demonstra que o Karitiana inclui numerais básicos até 4, conforme mostrado em (1), além de numerais compostos derivados de numerais básicos e palavras relacionadas a partes do corpo, conforme exemplificado em (2). Esses numerais apresentam um morfema de adverbialização e funcionam como modificadores adverbiais. Assim, os numerais cardinais têm escopo sobre o evento, e as interpretações nas quais os argumentos são contados refletem as possibilidades de interpretação surgidas da modificação do evento denotado pela frase. O Avá Guarani também possui numerais nativos até 4, conforme mostrado em (3), e numerais compostos com a palavra "po" ('mão'), conforme exemplificado em (4). A partir de 10, há a inserção de "pa", uma partícula que introduz a ideia de 'todo' ou 'terminativo' (o-pa = verbo 'terminar' ou pronome 'todo'), indicando que as mãos já foram contadas. Nesta língua, os cardinais são adnominais e ocorrem na posição prenominal. Ao contrário do Karitiana (ver Muller et al., 2006), as línguas guaranis possuem uma posição de determinante no sintagma nominal, que pode ser ocupada por numerais, pronomes possessivos, demonstrativos e quantificadores. Semanticamente, os números cardinais no Avá Guarani expressam a cardinalidade de indivíduos contados diretamente, enquanto os números cardinais do Karitiana expressam a cardinalidade de eventos.

Numerais Distributivos

Karitiana e Avá Guarani apresentam numerais distributivos semelhantes em termos de morfologia, uma vez que os distributivos são formados pela reduplicação do cardinal. Eles são adverbiais e têm escopo sobre o evento. Como apontado por Kuhn (2019), os numerais distributivos podem indicar que uma pluralidade de indivíduos é distribuída em relação a outra pluralidade. Terminologicamente, a pluralidade introduzida pelo numeral distributivo é chamada de "parte", e a segunda pluralidade é chamada de "chave". Muller (2012) demonstrou que os numerais distributivos do Karitiana são operadores distributivos que multiplicam eventos na denotação do predicado verbal e impõem uma restrição sobre a cardinalidade de seu argumento interno, como em (5). Verificamos que os distributivos do Avá Guarani apresentam um comportamento similar, modificando o predicado verbal e distribuindo o evento entre participantes ou segmentos de tempo, conforme mostrado em (6).

Numerais Ordinais

Apenas o Avá Guarani apresenta numerais ordinais. Nesta língua, o numeral ordinal é formado pela combinação de numerais cardinais com o sufixo nominalizador -ha, conforme mostrado em (7). Esses numerais ordinais são provavelmente nativos, uma vez que numerais muito semelhantes foram descritos na gramática da Língua Geral Brasileira por Anchieta (Anchieta, 1595), que também é uma língua Tupi-Guarani. Funcionam como modificadores nominais.

Proposta

Em ambas as línguas, observamos processos de expansão do sistema de contagem com base na criação de numerais cardinais e no uso de expressões referentes a partes do corpo. Como notado por Epps (2006), presumimos que muitas sociedades que passaram por processos sociais resultantes em aumento da complexidade econômica e cultural possuíam sistemas de numeração mais básicos em estágios anteriores em comparação com os sistemas expandidos. Hurford (1987) considera que variações internas dentro do sistema numérico — como a mudança no padrão morfológico para numerais maiores que 4 que mostramos — fornecem evidências para verificar estágios históricos no desenvolvimento desses sistemas.

Finalmente, defendemos a importância de investigar os numerais em línguas indígenas, contribuindo não apenas para a descrição e análise dessas línguas, mas também para a pesquisa sobre semântica numérica e o desenvolvimento de sistemas numéricos em línguas naturais.

- (1) myhint 'um', sypomp 'dois', mÿjymp 'três', otadnamynt 'quatro'
- (2) sypomp yjpi ot
sypom-t yj-pi ot
dois-ADVZ 1p.pl-pé pegar
'doze' (Vignado, 2019, p.79)
- (3) peteĩ 'um', mokõi 'dois', mbohapy 'três', irundy 'quatro'
- (4) pokõi
po-mokõi
mão-dois
'sete'
- (5) myhint.myhint õmbaky naka'yt pikom.
myhim-t.myhim-t õmbaky Ø-naka-'y-t pikom
um-ADVZ.um-ADVZ onça 3p-DECL-comer-NFUT macaco
'Cada onça comeu um macaco''
'As onças comeram um macaco de cada vez' (Müller, 2012, p.225)
- (6) Mbo'ehara oguhẽ mokõimokõi
Mbo'ehara o-guahẽ-Ø mokõi-mokõi
professor 3p-chegar-nfutdois-RED
'Dois professores chegaram de cada vez'
- (7) mokõiha
'segundo'

Referências

- ALVES, Walter. *O sistema numeral da língua Guató*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ undergraduate dissertation, 2017.
- ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.
- COMRIE, Bernard. Endangered numeral systems. In: WOHLGEMUTH, Jan; DIRKSMEYER, Tyko (Eds.). *Bedrohte Vielfalt: Aspekte des Sprach(en)tods*. Berlin: Weissensee Verlag, pp. 203-230, 2005
- EPPS, Patience. Growing a numeral system: The historical development of numerals in an Amazonian language family. *Diachronica*, vol. 23, no. 2, pp. 259-288, 2006.
- HAMMARSTRÖM, H. Rarities in numeral systems. In J. Wohlgemuth & M. Cysouw (Eds.), *Rethinking universals: How rarities affect linguistic theory* (pp. 11–60). Berlin, Germany: Mouton de Gruyter, 2010.
- FARGETTI, C.M.; SUMAIO, P.A. Numerals in Juruna. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, v. 15, n. 2, 2015.
- De FELIPE, Paulo Henrique Pereira Silva. Numerals na língua Mehináku (Arawak). *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 48, n. 2, pp. 786-799, 2019.
- HURFORD, James. *Language and Number*. Oxford: Blackwell, 1987.

- KUHN, Jeremy. Pluractionality and distributive numerals. *Language and Linguistics Compass*, v. 13, n. 2, p. e12309, 2019.
- MÜLLER, Ana. Distributividade: o caso dos numerais reduplicados em Karitiana. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 2, p. 223-244, 2012.
- MÜLLER, A.; STORTO, L.; COUTINHO-SILVA, T. Número e a Distinção Contável-Massivo em Karitiana. *Revista da Abralin*, vol. 5, pp. 185-213, 2006.
- VIGNADO, J.N. A sintaxe e a semântica de expressões numéricas do karitiana. *Revista Letras*. UFPR, 2017.
- VIGNADO, J. N. *A interface sintática e semântica na análise dos sistemas numerais do karitiana e do kamayurá*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2019.

THE ROLE OF COGNITIVE SALIENCE FOR PLURALIZATION IN WAPISHANA

Luciana Sanchez-Mendes

sanchez_mendes@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense (UFF) / CNPq / Faperj

Goal

The aim of this talk is to discuss the role of cognitive salience for counting in natural languages focusing on the plural morpheme in Wapishana (Arawak). The main goal is to argue against an analysis of plural as collectivizer and to show that pluralization in this language is related to counting and is based on the cognitive salience of individuals (Doetjes, 2007, 2021a).

Generalizations on plural and count-mass distinction:

In the count-mass literature, pluralization has been used as a test to identify count nouns (Chierchia, 2018a, p.55). Cross-linguistically, it has been pointed out that languages that lack plural morphemes have classifiers. The complementary distribution of plural morphemes and classifiers was captured by what Doetjes (2012) called the Sanches-Greenberg-Slobin generalization.

Wapishana (previous analysis):

Wapishana is an Arawakan language from the Northern branch spoken in communities in Brazil, Guiana and Venezuela. Their estimated population is around 15000 people. It is considered an endangered language (Franchetto, 1988). Sanchez-Mendes (2016) argues that Wapishana is not a classifier language (in Chierchia's 2010 terms), contradicting the description in Santos (2006). In her analysis, numerals are not composed of classifiers as Santos (2006) suggested but were historically composed by class terms. Pires de Oliveira and Giovannetti (2016) proposed that Wapishana is not a number marking language either and claimed that the so-called plural morpheme *-nau* is optional and has an exclusive reading in the language. Guerra Vicente et al. (2020) reinforced the idea that the plural in the language is optional and showed that *-nau* displays some puzzling restrictions as some nouns cannot occur with it on a non-possessed form in sentences like (1). This restriction leads the authors to assume that the plural morpheme in Wapishana is not a closure under sum but is a collectivizer with pragmatic constraints that are not fully understood yet.

- (1) *Un-tykap xamuru / *xamurunau/ i-xamuru-n-nau.*
1sg-seemusical instrument/ musical instruments/ 3sg-musicalinstrument.poss.pl
'I saw musical instrument. / I saw his musical instruments.'

(Guerra Vicente et al., 2020, 402)

Proposal:

The aim of this talk is to challenge the collective proposal showing that the plural morpheme is not orthogonal to count/mass distinction in Wapishana and it is in fact related to counting. The first argument is that plurality is forbidden with notional mass nouns in Wapishana as claimed in Vicente et al. (2020) and illustrated by unpublished data in (2).

- (2) a. *wyn* 'water' a'. **wynau* Intended: waters
b. *kududu* porridge b'. **kududunau* Intended: porridges
c. *u'i* 'flour' c'. **u'inhau* Intended: flowers
(unpublished – collected for Lima and Rothstein 2017-2020 project)

Doetjes, J. 2017. The count/mass distinction in grammar and cognition, *Annual Review of Linguistics* 3: 199-217.

Doetjes, J. 2021a. Count-Mass asymmetries: the importance of being count. In T. Kiss, F. J. Pelletier, & H. Husic (Eds.) *Things and Stuff: The Semantics of the Count-Mass Distinction*, p. 81-114. Cambridge: Cambridge University Press.

Grimm, S. 2018. Grammatical number and the scale of individuation. *Language* 94.3: 527–574.

Helmbrecht, Johannes. 2013. Politeness Distinctions in Pronouns. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *WALS Online (v2020.3) [Data set]*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533> (Available online at <http://wals.info/chapter/45>, Accessed on 2023-12-06.)

Krasnoukhova O. 2022. Number in the languages of South America. In: Acquaviva P. & Daniel M. (Eds.) *Number in the World’s Languages: A Comparative Handbook*. Comparative Handbooks of Linguistics no. 5: De Gruyter Mouton.

Pires de Oliveira, R.; Giovannetti, M. 2016. The nominal system in Wapishana (Aruák): first thoughts. In: Bui, T. & Ivan, R. R. (eds.) *Proceedings of the 9th Conference on The Semantics of Under-represented Languages in the Americas (SULA 9)*, 113-126.

Sanchez-Mendes, L. 2016. A Distincao Contável-Massivo em Wapixana: aparente desafio tipológico. *Revista do GEL*, v.13, n. 2: 138 – 162.

Santos, M. G. 2006. Uma Gramática do Wapixana (Aruák) – Aspectos da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe. PhD Dissertation. Unicamp.

Guerra Vicente, H.; Sanchez-Mendes, L.; Pires de Oliveira, R.; Lunguinho, M.V.; Leandro, W.M. 2020. The nominal system in Wapishana (Aruák), preliminary results. *Linguistic Variation*, 20:2: 398-408.

O PAPEL DA SALIÊNCIA COGNITIVA PARA A PLURALIZAAO EM WAPISHANA¹⁶

Luciana Sanchez-Mendes

sanchez_mendes@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense (UFF) / CNPq / Faperj

Objetivo

O objetivo da comunicaao é discutir o papel da saliência cognitiva na contagem em línguas naturais, com foco no morfema pluralizador do Wapichana (família Aruak). O objetivo principal é argumentar contra uma análise do pluralizador como coletivizador e mostrar que a pluralizaao nesse idioma está relacionada à contagem, sendo baseada na saliência cognitiva dos indivíduos (Doetjes, 2007, 2021a).

Generalizaoes sobre plural e distinao contável–massivo

Na literatura sobre a distinao contável–massivo, a pluralizaao tem sido usada como um teste para a identificaao de nomes contáveis (Chierchia, 2018a, p. 55). Foi observado que, do ponto de vista tipológico, as línguas que carecem de morfemas pluralizadores possuem classificadores. A distribuao complementar entre os morfemas pluralizadores e os classificadores é contemplada pela chamada “generalizaao de Sanches–Greenberg–Slobin” (Doetjes, 2012).

Wapichana (análise anterior)

¹⁶ Traduzido por Andrey Nikulin.

O Wapichana é uma língua pertencente ao ramo Setentrional da família Aruak falada em comunidades localizadas no Brasil, na Guiana e na Venezuela. A população étnica totaliza cerca de 15.000 indivíduos. A língua é considerada ameaçada (Franchetto, 1988). Sanchez-Mendes (2016) argumenta que o Wapichana não é uma língua de classificadores (nos termos de Chierchia, 2010), contradizendo, assim, a descrição em Santos (2006). Em sua análise, os numerais não são constituídos por classificadores, como havia sido sugerido por Santos (2006), tendo sido historicamente compostos por termos de classe. Pires de Oliveira e Giovannetti (2016) propuseram que o Wapichana não é uma língua em que o plural é marcado, sugerindo que o chamado morfema pluralizador *-nau* é opcional e possui uma leitura exclusiva naquela língua. Guerra Vicente et al. (2020) reforçaram a ideia de que a marcação do plural na língua seria opcional, mostrando que *-nau* demonstra algumas restrições intrigantes, pois certos nomes não podem coocorrer com esse marcador em formas não possuídas em orações como (1). Tal restrição leva os autores a suporem que o morfema pluralizador em Wapichana não é um fechamento sob soma, mas um coletivizador com restrições pragmáticas ainda pouco compreendidas.

(1) *Un-tykap xamuru / *xamurunau/ i-xamuru-n-nau.*

1sg-verinstrumento musical / instrumento musical / 3sg-instrumentomusical.poss.pl
 ‘Eu vi um instrumento musical. / Eu vi os instrumentos musicais dele.’

(Guerra Vicente et al., 2020, 402)

O objetivo da apresentação é desafiar a proposta referente a um suposto morfema coletivizador, demonstrando que o uso do morfema em questão não é ortogonal à distinção contável–massivo em Wapichana, sendo, na realidade, relacionado à contagem. O primeiro argumento é de que a pluralidade é proibida com nomes nocionalmente massivos em Wapichana, conforme afirmado em Vicente et al. (2020) e ilustrado com dados inéditos em (2).

- | | | | | | | |
|-----|----|---------------|-----------|-----|-------------------|-----------------------------------|
| (2) | a. | <i>wyn</i> | ‘água’ | a’. | <i>*wynau</i> | significado pretendido: ‘águas’ |
| | b. | <i>kududu</i> | ‘mingau’ | b’. | <i>*kududunau</i> | significado pretendido: ‘mingaus’ |
| | c. | <i>u’i</i> | ‘farinha’ | c’. | <i>*u’inhau</i> | significado pretendido: ‘flores’ |
- (inédito – dados coletados para o projeto de Lima e Rothstein, de 2017–2020)

Além disso, um fato que não é contemplado pela hipótese do coletivizador é que o Wapichana já conta com um sufixo coletivizador diferente, *-bau*, conforme descrito em Santos (2006) (3).

- | | | | |
|-----|----|------------------|----------------------------------|
| (3) | a. | <i>wayni</i> | ‘folha de mandioca’ |
| | b. | <i>wayni-bau</i> | ‘coletivo de folhas de mandioca’ |

Dois argumentos adicionais advêm das generalizações tipológicas. Em primeiro lugar, os coletivizadores não deveriam ser encontrados em pronomes (Corbett, 2000), entretanto, o Wapichana exhibe o morfema *-nau* nos pronomes pessoais (4).

- | | | | | |
|-----|----|---|----|-----------------------------|
| (4) | a. | 1° do singular: <i>ungary</i> | b. | 1° do plural: <i>waynau</i> |
| | c. | 2° do singular: <i>pygary</i> | d. | 2° do plural: <i>ynau</i> |
| | e. | 3° do singular masc.: <i>yryy</i> / fem.: <i>uruu</i> | f. | 3° do plural: <i>inhau</i> |

Mais um argumento adicional vem do chamado Estilo de Fala Evitativo, ou seja, o uso de uma forma plural para se dirigir a uma única pessoa como um sinal de polidez, um fenômeno tipologicamente comum (Helmbrecht, 2013). Em Wapichana, os termos para anciãos (*tynarynau* no masculino e *maskunau* no feminino) sempre aparecem pluralizadas,

mesmo que o referente seja singular (conforme estabelecido pela tradução, já que o Wapichana não tem artigos) (5).

- (5) *Tynary-nau waut-a-n wyn bauku i:*
ancião-pl cair-ep-mi water meio loc
'O ancião caiu na água.'
(Santos, 2006, 218)

O argumento final é semântico e vem do fato de que o morfema plural pode ser usado em orações com predicados distributivos que não admitem uma interpretação coletiva. Em (6), cada mulher está varrendo sua própria casa.

- (6) *Zyn-nau parai-p-a-n pa-dap.*
mulher-pl varrer-cont-ep-mi anf-cl:moradia
'Todas as mulheres estão varrendo sua(s) casa(s).'

Considerando todos os argumentos acima, a proposta é de que o Wapichana tem plural opcional, mas o plural não é um coletivizador. O morfema em questão está presente em contextos cognitivamente salientes que promovem um aumento na individuação (Grimm, 2018, Doetjes, 2021a). Isto explica suas restrições em relação a alguns substantivos em sintagmas possessivos. A relação exata das representações cognitivas à pluralização nessa língua é objeto de trabalho em andamento, porém um ponto fundamental desta comunicação é que seria errado descartar a análise de pluralizadores como plurais de contagem em uma língua só porque eles não se comportam como o pluralizador do inglês, ao não serem obrigatórios. A opcionalidade da marcação de número é um fato generalizado nas línguas naturais, especialmente na América do Sul (Krasnoukhova, 2022), fato a ser considerado.

Referências

- Chierchia, G. 1998. Plurality of mass nouns and the notion of 'semantic parameter'. In: S. Rothstein (Ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht & Boston: Kluwer Academic Publishers. 53-103.
- Chierchia, G. 2010. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese* 174: 99-149.
- Doetjes, J. 2012. Count/mass distinctions across languages. In: C. Maienborn, K. von Stechow, P. Portner *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. v. 3. Berlin: Mouton de Gruyter, 2559-2580.
- Doetjes, J. 2017. The count/mass distinction in grammar and cognition, *Annual Review of Linguistics* 3: 199-217.
- Doetjes, J. 2021a. Count-Mass asymmetries: the importance of being count. In T. Kiss, F. J. Pelletier, & H. Husić (Eds.) *Things and Stuff: The Semantics of the Count-Mass Distinction*, p. 81-114. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grimm, S. 2018. Grammatical number and the scale of individuation. *Language* 94.3: 527–574.
- Helmbrecht, Johannes. 2013. Politeness Distinctions in Pronouns. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *WALS Online (v2020.3)* [Data set]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533> (Available online at <http://wals.info/chapter/45>, Accessed on 2023-12-06.)
- Krasnoukhova O. 2022. Number in the languages of South America. In: Acquaviva P. & Daniel M. (Eds.) *Number in the World's Languages: A Comparative Handbook*. Comparative Handbooks of Linguistics no. 5: De Gruyter Mouton.

Pires de Oliveira, R.; Giovannetti, M. 2016. The nominal system in Wapishana (Aruák): first thoughts. In: Bui, T. & Ivan, R. R. (eds.) Proceedings of the 9th Conference on The Semantics of Under-represented Languages in the Americas (SULA 9), 113-126.

Sanchez-Mendes, L. 2016. A Distinção Contável-Massivo em Wapixana: aparente desafio tipológico. *Revista do GEL*, v.13, n. 2: 138 – 162.

Santos, M. G. 2006. Uma Gramática do Wapixana (Aruák) – Aspectos da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe. PhD Dissertation. Unicamp.

Guerra Vicente, H.; Sanchez-Mendes, L.; Pires de Oliveira, R.; Lunguinho, M.V.; Leandro, W.M. 2020. The nominal system in Wapishana (Aruák), preliminary results. *Linguistic Variation*, 20:2: 398-408.

(IN)DEFINITE MARKERS IN A BARE ARGUMENT LANGUAGE: TERENA (ARUAQUE)

Aronaldo Julio Terena

aronterena@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

AS MARCAS DE (IN)DEFINITUDE NUMA LÍNGUA DE ARGUMENTOS NOMINAIS NUS: TERENA (ARUAQUE)

Aronaldo Julio Terena

aronterena@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

INITIAL EVIDENCE TOWARDS A TENSELESS ANALYSIS OF CHUJ (MAYAN)

Seaira Lett

seaira.lett@uga.edu

University of Georgia

Tenseless analyses have been proposed for languages such as Kallaalisut (Eskimo; Bittner 2005), Yucatec (Mayan; Bohnemeyer 2009) and Q'eqchi' (Mayan; DeChicchis 1996), but the extent of tenselessness cross-linguistically remains unknown. In particular, it is unclear whether tenselessness is characteristic of the Mayan family or isolated to a few individual languages within the family, due to lack of in-depth study and conflicting descriptions of tense and aspect morphology. Using original data, I aim to provide a tenseless analysis of Chuj (Mayan), beginning with the semantics of the prospective marker *j* and the progressive marker *wan*.

Sentences in Chuj are typically marked with one of four aspect markers. Previous descriptions of these markers differ in their labels; for example, the morpheme *j* has been defined as a future tense marker (Maxwell 1982) and a prospective aspect marker (Carolan 2015), demonstrating uncertainty about Chuj's status as tensed or tenseless. In the only work focused on tense and aspect in Chuj, Carolan (2015) argues that morphemes such as *j* in Chuj combine tense and aspect information, evidenced by the recent and remote past distinction she found. However, Bohnemeyer (2009) provides a tenseless analysis of Yucatec despite a recent and remote past distinction, meaning that these two phenomena are not mutually exclusive. Instead, he claims that the graded tense markers in Yucatec express the relationship as well as the distance between topic time (TT) and situation time (TSit). Thus, a recent/remote distinction is not sufficient evidence to claim that a language is tensed.

If Chuj is a tenseless language, it would be expected that previously described TAM morphology such as *j* and *wan* can be used with different temporal references, as is the case in Yucatec Mayan (see 1; Bohnemeyer 2002). According to my data, this is the case in Chuj as well; examples (2) and (3) demonstrate that the prospective marker *j* can be used with both present and past temporal reference; in (2), TT overlaps with utterance time (TU), resulting in present temporal reference, and in (3), TT is before TU, resulting in past temporal reference. This leads to the conclusion that *j* encodes only prospective aspect information, placing TSit after TT, and not tense information.

Next, *wan*, previously labelled a progressive marker, similarly can be used with both present and past temporal reference. I show that *wan* marks both progressive (TT \subset TSit) and 'immediate prospective' (TSit immediately $>$ TT) aspects. In (4a), *wan* is used with present temporal reference, and in (4b-c), *wan* is used with past temporal reference, further evidence that these morphemes mark only aspect and not tense. These examples demonstrate the two interpretations of *wan*, and that these interpretations are not dependent on temporal reference. The two interpretations are visually represented in (5).

The markers *wan* and *j* appear to demonstrate a "graded tense" distinction; *wan* marks immediate prospective/recent future, and *j* marks remote prospective/future. However, as my data has shown, these markers can be used with both past and present temporal reference, so they are not truly marking tense, but rather the relationship and the distance between TT and TSit, additional evidence that graded tense does not entail tensed-ness.

In sum, my data points toward Chuj being a tenseless language, despite Carolan's (2015) claim that Chuj is tensed. This presentation shows that knowledge on TAM in Chuj is incomplete, and further in-depth study is necessary. Future research should contribute data on Chuj's other TAM markers to confirm this analysis.

(1) **Táan** in xok-ik le periyòodiko-o'.
 PROG A1S read-INC(B3S) DEF newspaper-D2
 'I am/was/will be reading the paper.' (Bohnmeyer 2002:5)

(2) a. **j=in** eli k'ik'an
 PROS=B1S go.out tomorrow
 'I'm going to go out tomorrow.'



(3) a. **ijan.kob'** **j=in** eli k'ik'an
 COUNTERFACTUAL (CNFL) PROS=B1S go.out tomorrow
 'I was going to go out tomorrow (but now I can't).'



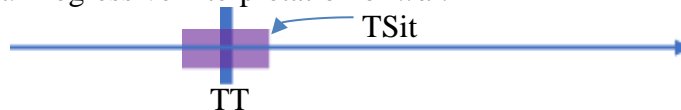
(4) a. **wan** s-b'on tas s-k'uxu
 PROG A3S-make DEM A3S-food
 '(S)he is about to prepare the food.' or '(S)he is preparing the food.'

b. Context: What were you doing five minutes ago?

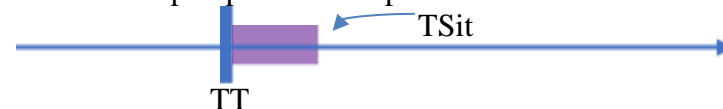
to **wan** in-on tas k'ushi
 COMP PROG A1S-make DEM food
 'I was making food.'

c. to kob' **wan** in-mesw ewi axcha x awjeb' ay=in
 COMP CNFL PROG A1S-clean yesterday CONJ PFV call PREP=B1S
 'I was about to clean yesterday when they called me.'

(5) a. Progressive interpretation of *wan*



b. Immediate prospective interpretation of *wan*



References

- Bittner, Maria. 2005. Future Discourse in a Tenseless Language. *Journal of Semantics* 22(4). 339–387. <https://doi.org/10.1093/jos/ffh029>.
- Bohnmeyer, Jürgen. 2002. *The grammar of time reference in Yukatek Maya* (LINCUM Studies in Native American Linguistics 44). Muenchen: LINCUM Europa.
- Bohnmeyer, Jürgen. 2009. Temporal anaphora in a tenseless language. In Wolfgang Klein & Ping Li (eds.), *The Expression of Time*, 83–128. Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110199031.83>.
- Carolan, Elizabeth. 2015. An Exploration of Tense in Chuj. (Ed.) Marc Pomerleau & Eve-Marie Gendron-Pontbriand. *Revue de l'édition 2014 de VocUM*.
- DeChicchis, Joseph. 1996. Aspect in Q'eqchi' Mayan. *Folia Linguistica* 30(1–2). <https://doi.org/10.1515/flin.1996.30.1-2.59>.
- Maxwell, Judith. 1982. *How to talk to people who talk chekel "different": The Chuj (Mayan) solution*. University of Chicago, PhD dissertation.

EVIDÊNCIAS INICIAIS NA DIREÇÃO DE UMA ANÁLISE SEM TEMPO EM CHUJ¹⁷

Seaira Lett

seaira.lett@uga.edu

University of Georgia

Análises de línguas sem tempo foram propostas para línguas como Kallaalisut (Esquimó; Bittner 2005), Yucatec (Maia; Bohnemeyer 2009) e Q'eqchi' (Maia; DeChicchis 1996), mas a extensão da ausência de tempo de um ponto de vista translinguístico permanece desconhecida. Em particular, não está claro se a inexistência de tempo é uma característica da família Maia ou é uma propriedade isolada em algumas línguas individuais dentro da família, devido à falta de estudos aprofundados e descrições conflitantes da morfologia de tempo e de aspecto. A partir de dados originais, começando com a semântica do marcador prospectivo *j* e do marcador progressivo *wan* pretendo fornecer uma análise da língua Chuj (Maia), mostrando que essa língua não tem tempo.

As sentenças em Chuj apresentam tipicamente um dos quatro marcadores de aspecto. Descrições anteriores desses marcadores diferem em relação aos seus rótulos; por exemplo, o morfema *j* foi definido como um marcador de tempo futuro (Maxwell 1982) e um marcador de aspecto prospectivo (Carolan 2015), demonstrando incerteza acerca do status do Chuj como uma língua que marca tempo ou não. No único trabalho cujo foco é a marcação de tempo e de aspecto em Chuj, Carolan (2015) argumenta que morfemas como *j* em Chuj combinam informações de tempo e aspecto, tomando como base a distinção entre passado recente e passado remoto que a autora encontrou. No entanto, Bohnemeyer (2009) fornece uma análise sem tempo para Yucatec, apesar de uma distinção entre passado recente e passado remoto, o que significa que esses dois fenômenos não são mutuamente exclusivos. Em vez disso, ele afirma que os marcadores graduais de tempo em Yucatec expressam a relação, bem como a distância entre o tempo do tópico (TT) e o tempo da situação (TSit). Assim, uma distinção recente/remoto não constitui evidência suficiente para afirmar que uma língua apresenta marcadores de tempo.

Se Chuj é uma língua sem tempo, seria esperado que a morfologia TAM descrita anteriormente, como *j* e *wan*, pudesse ser usada com referências temporais diferentes, como é o caso do Maia Iucateque (ver 1; Bohnemeyer 2002). De acordo com meus dados, esse também é o caso em Chuj; os exemplos (2) e (3) demonstram que o marcador prospectivo *j* pode ser usado com referência temporal presente e passada; em (2), TT se sobrepõe ao tempo de enunciação (TU), resultando em referência temporal presente, e em (3), TT localiza-se antes de TU, resultando em referência temporal passada. Isso leva à conclusão de que *j* codifica apenas informações de aspecto prospectivo, colocando TSit após TT, e não informações de tempo.

Por sua vez, o morfema *wan*, anteriormente rotulado como um marcador progressivo, também pode ser usado com referência temporal presente e passada. Mostro que *wan* marca aspecto progressivos ($TT \subset TSit$) e aspecto 'imediatos prospectivos' ($TSit \text{ imediatamente } > TT$). Em (4a), *wan* é usado com referência temporal presente, e em (4b-c), *wan* é usado com referência temporal passada, evidência adicional de que esses morfemas marcam apenas aspecto e não tempo. Esses exemplos demonstram as duas interpretações de *wan* e que essas

¹⁷ Traduzido por Marcus Vinicius Lunguinho.

interpretações não são dependentes de referência temporal. As duas interpretações são representadas visualmente em (5).

Os marcadores *wan* e *j* parecem demonstrar uma distinção de “tempo gradual”: *wan* marca futuro prospectivo/recente imediato, e *j* marca futuro prospectivo/futuro remoto. No entanto, como meus dados mostram, esses marcadores podem ser usados tanto com referência temporal passada quanto com referência temporal presente. Sendo assim, eles não estão realmente marcando o tempo, mas sim a relação entre TT e TSit e a distância entre esses dois momentos, o que é uma evidência adicional de que o tempo gradual não implica em marcação de tempo.

Em resumo, meus dados apontam para uma análise do Chuj como uma língua sem tempo, apesar da afirmação de Carolan (2015) de que o Chuj é uma língua que marca tempo. Esta apresentação mostra que o conhecimento sobre marcadores TAM no Chuj está incompleto, e que um estudo mais aprofundado é necessário. Pesquisas futuras devem contribuir com dados sobre outros marcadores TAM do Chuj para confirmar a análise apresentada aqui.

- (1) **Táan** in xok-ik le periyòdiko-o’.
 PROG A1S ler-INC(B3S) DEF jornal-D2
 ‘Eu estou / estava / estarei lendo o jornal’ (Bohnemeyer 2002:5)

- (2) a. **j**=in eli k’ik’an
 PROS=B1S sair amanhã
 ‘Eu vou sair amanhã’



- (3) a. ijan.kob’ j=in eli k’ik’an
 COUNTERFACTUAL (CNFL) PROS=B1S sair amanhã
 ‘Eu ia sair amanhã (mas agora não posso)’



- (4) a. **wan** s-b’on tas s-k’uxu
 PROG A3S-fazer DEM A3S-comida
 ‘Ela/Ele está prestes a preparar a comida’ ou ‘Ela/Ele está preparando a comida’

b. Contexto: O que você estava fazendo há cinco minutos?

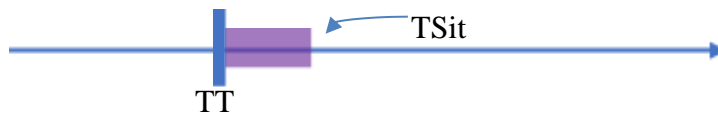
- to **wan** in-on tas k’ushi
 COMP PROG A1S-fazer DEM comida
 ‘Eu estava fazendo comida’

- c. to kob’ **wan** in-mesw ewi axcha x awjeb’ ay=in
 COMP CNFL PROG A1S-limpar ontem CONJ PFV chamar PREP=B1S
 ‘Eu estava prestes a limpar ontem quando me chamaram’

- (5) a. Interpretação progressiva de *wan*



b. Interpretação de prospectivo imediato de *wan*



Referências

- Bittner, Maria. 2005. Future discourse in a tenseless language. *Journal of Semantics* 22(4): 339-387. <https://doi.org/10.1093/jos/ffh029>.
- Bohnenmeyer, Jürgen. 2002. *The Grammar of Time Reference in Yukatek Maya*. Munique: LINCOM Europa.
- Bohnenmeyer, Jürgen. 2009. Temporal anaphora in a tenseless language. In: Wolfgang Klein & Ping Li (eds.) *The Expression of Time*, 83-128. Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110199031.83>.
- Carolan, Elizabeth. 2015. An exploration of tense in Chuj. In: Marc Pomerleau & Eve-Marie Gendron-Pontbriand. *Revue de l'édition 2014 de VocUM*.
- DeChicchis, Joseph. 1996. Aspect in Q'eqchi' Mayan. *Folia Linguistica* 30 (1-2). <https://doi.org/10.1515/flin.1996.30.1-2.59>.
- Maxwell, Judith. 1982. *How to Talk to People Who Talk Chekel "Different": The Chuj (Mayan) solution*. Tese de Doutorado: University of Chicago.

GENDER EXPRESSION IN PLAIN PRONOUNS OF RIKBAK TSA (MACRO-JÊ)^{18 19}

Léia da Silva

Leiajs@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Laiara Machado Serafim

Laiara.serafim@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Helena Loch de Oliveira

oliveirahelena068@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

João Tsaputai Rikbaktsa

joaotsatuti@gmail.com

Professor de Língua Materna, Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi

In Rikbaktsa (Macro-Jê), the form *ikza* indicates the first-person feminine and *uta* the first-person non-feminine (Silva, 2011).²⁰ This language confirms Greenberg's Universal 44 (1963: 96), as it distinguishes gender in the first person singular, (1a-b), and although it does not in the second person singular (1c, 2c-d), it does in the third person – *ata* '3sg.nf', *atatsa* '3sg.f'. On the other hand, it does not confirm Universal 45, since it marks gender in the second-person plural – *ikiahatsa* '2pl.nf', *ikahaka* '2pl.f', but not in the second singular, *ikia* (1c, 2c-d):

1. (a) *ikza piksi*.

1sg.f go.away

'I (feminine) am going away.'

(b) *uta piksi*.

1sg.nf go.away

'I (non-feminine) am going away.'

(c) *ikia tsipiksi*.

2sg go.away

'You (feminine or non-feminine) are going away.'

In Rikbaktsa, there are no exclusive markers to indicate number or gender, but rather a fusion of both features, expressed by a single form; this occurs both in the free morpheme (1a-b) and in the inflectional system (2):

2. (a) *jabyi-tsa*

child-pl.nf

'children (non-feminine)'

(b) *khabyi-za*

child-pl.f

¹⁸Os dados foram coletados com o pesquisador falante e primeiro autor deste trabalho, João Tsaputai Rikbaktsa.

¹⁹ Traduzido por Uiara Nunes.

²⁰ 1 'first person', 2 'second person', 3 'third person', sg 'singular', pl 'plural', f 'feminine', nf 'non-feminine'; posp 'postposition'; pred 'predicativizer.'

'children (feminine)

(c) *ikia humu ka-mypokzitsi-ẽ-ta*
you PPOST 1sg-like-PRED-sg.nf
'I (non-feminine) like you.'

(d) *ikia humu ka-mypokzitsi-ẽ-tatsa*
you PPOST 1sg-like-PRED-sg.f
'I (feminine) like you.'

The absence of distinct morphology to express gender and number leads to the existence of two distinct forms for the first-person singular personal pronoun. Our hypothesis is that languages with gender and number fusion have free forms for the first-person singular, both feminine and non-feminine. According to Viola (2015), there are at least three other languages that distinguish gender in the first person singular: Karajá (Macro-Jê), Awatí (Tupi), and Nasa Yuwe (an isolated language). Our next step is to verify whether the hypothesis raised in this work holds in these other languages.

References

- GREENBERG, Joseph. 1963. Some universals of grammar with 245 particular reference to the order of meaningful elements. In 246 Joseph Greenberg, ed., *Universals of Human Language*, pp. 247-73-113. Cambridge: MIT Press.
- PIRES DE OLIVEIRA, 2022. A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas. Projeto Humanidades número 420314/2022-9.
- SILVA, Leia De Jesus. 2011. *Morphosyntaxe du Rikbaktsa (Amazonie brésilienne)*. (Tese de doutorado). Université Denis Diderot, Paris.
- VIOLA, Eduard Vidal. 2015. *Pronomes pessoais e marcadores de pessoas nas línguas ameríndias*. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GENDER EXPRESSION IN PLAIN PRONOUNS OF RIKBAKTSÁ (MACRO-JÊ)²¹

Léia da Silva

Leiajs@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Laiara Machado Serafim

Laiara.serafim@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Helena Loch de Oliveira

oliveirahelena068@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

João Tsaputai Rikbaktsa

joaotsatuti@gmail.com

Professor de Língua Materna, Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi

²¹Os dados foram coletados com o pesquisador falante e primeiro autor deste trabalho, João Tsaputai Rikbaktsa.

Em Rikbaktsa (Macro-Jê), a forma *ikza* indica primeira pessoa feminina e *uta*, primeira pessoa não-feminina (Silva, 2011).²² Essa língua verifica o universal 44 de Greenberg (1963: 96), porque faz diferença de gênero na primeira do singular, (1a-b), e embora não faça na segunda pessoa singular, (1c, 2c-d), faz na terceira - *ata* '3sg.nf', *atatsa* '3sg.f'. Por outro lado, não confirma o universal 45, já que marca gênero na segunda do plural - *ikiahatsa* '2pl.nf', *ikahaka* '2pl.f', mas não na segunda singular, *ikia* (1c, 2c-d):

1. (a) *ikza piksi.*
1sg.f ir.embora
'eu (feminino) vou embora.'
- (b) *uta piksi.*
1sg.nf ir.embora
'eu (não-feminino) vou embora.'
- (c) *ikia tsipiksi.*
2sg ir.embora
'você (feminino ou não-feminino) vai embora.'

Em Rikbaktsa não há marcas exclusivas para indicar número ou gênero, mas uma fusão de ambos os traços, que são expressos por uma única forma; isso ocorre tanto no morfema livre (1a-b), quanto no sistema flexional (2):

2. (a) *jabyi-tsa*
criança-pl.nf
'crianças (não-feminino)'
- (b) *jabyi-za*
criança-pl.f
'crianças (feminino)'
- (c) *ikia humu ka-mypokzitsi-ẽ-ta*
você posp. 1sg-gostar-pred-sg.nf
'eu (não-feminino) gosto de você.'
- (d) *ikia humu ka-mypokzitsi-ẽ-tatsa*
você posp. 1sg-gostar-pred-sg.f
'eu (feminino) gosto de você.'

A ausência de morfologia distinta para expressar gênero e número leva à existência de duas formas distintas de pronome pessoal de primeira pessoa singular. Nossa hipótese é que línguas com fusão de gênero e número são línguas em que há formas livres de primeira pessoa singular feminino e não-feminino. Segundo Viola (2015), há pelo menos outras três línguas que distinguem gênero na primeira pessoa do singular: Karajá (Macro-Jê), Awatí (Tupi) e Nasa Yuwe (língua isolada). Nosso próximo passo é verificar se a hipótese levantada neste trabalho se mantém nessas outras línguas.

Referências

GREENBERG, Joseph. 1963. Some universals of grammar with 245 particular reference to the order of meaningful elements. In 246 Joseph Greenberg, ed., *Universals of Human Language*, pp. 247-113. Cambridge: MIT Press.

²² 1 'primeira pessoa', 2 'segunda pessoa', 3 'terceira pessoa', sg 'singular', pl 'plural', f 'feminino', nf 'não-feminino; posp 'posposição'; pred 'predicativizador'

PIRES DE OLIVEIRA, 2022. A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas. Projeto Humanidades número 420314/2022-9.

SILVA, Léia de Jesus. 2011. Morphosyntaxe du Rikbaktsa (Amazonie brésilienne). (Tese de doutorado). Université Denis Diderot, Paris.

VIOLA, Eduard Vidal. 2015. Pronomes pessoais e marcadores de pessoas nas línguas ameríndias. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

EPISTEMIC-TEMPORAL INTERACTION IN SAN PABLO GÜILÁ ZAPOTEC

Ana Laura Arrieta Zamudio

ana.arrieta@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

There is much research about the interaction between modality and tense/aspect (Condoravdi, 2002; Hacquard, 2006, 2010; Rullmann & Matthewson, 2018). In this work, I will demonstrate how temporal perspective (TP) and temporal orientation (TO) are derived for the epistemic modal *păt* in San Pablo Güilá Zapotec (SPGZ) (Otomanguan, ISO [ztu]). TP refers to the time at which a modal conversational background is evaluated; TO refers to the relation between a modal's TP and the time of the prejacent event (Condoravdi, 2002). Data in this paper comes from original fieldwork with a SPGZ consultant.

Epistemic-temporal interactions in SPGZ.

SPGZ has a set of aspectual prefixes on the verb stem. Tense, on the other hand, is expressed optionally by different temporal adverbs (López Cruz, 1997) (see 1). There are no previous descriptions of epistemic modality in SPGZ. I show that epistemic modality is expressed by an adverb *păt*, which can be translated as 'maybe' or 'I think'. *Păt* scopes over the verb stem and does not take an aspectual prefix itself. Furthermore, I show that *păt* is compatible with both necessity and possibility readings (Kratzer, 1991) (see 2).

I adopt the *modal choice function* analysis proposed by Rullmann et al. (2008) to deal with variable-force modals. If the modal choice function f selects the entire set of worlds restricted by the modal base B then we get a reading equivalent to a strong modal ('must'). However, if f selects a proper subset of the set of worlds restricted by B it results in a weaker reading ('might'). This analysis captures the variable force shown by *păt* (see 3).

Temporal Perspective and Temporal Orientation.

Some authors dispute the existence of past TP for epistemic modals based on the claim that epistemic modals scope over tense (e.g. Condoravdi, 2002; Hacquard, 2006, 2010). However, others suggest that past epistemic readings are possible (Rullmann & Matthewson, 2018). SPGZ data partially supports both sides of this debate.

In English, a sentence like *Mary might have won the game* can ambiguously express present and past epistemic TPs. It can state a present-TP epistemic claim about a past event, or it can express that at some past time the epistemic belief of the speaker was that things could have develop in a way such that Mary would win the game (Condoravdi, 2002). These two readings are disambiguated in SPGZ: *păt* by itself can express a present epistemic state (present TP) (see 4), but it requires a defective verb *là>z* (i.e. a verb that does not take aspectual prefixes) to express a past epistemic state (past TP) (see 5). *Là>z* is infelicitous for present TPs (see 4), but necessary for past TPs (see 5).

Moreover, *là>z* must overtly mark the *judge* of the epistemic claim, with a pronominal clitic attached to it, and this perspective can be shifted (see 6) (Stephenson, 2007). Additionally, as predicted by Condoravdi (2002) and Rullmann & Matthewson (2018), TO is indicated by aspectual prefixes attached to the verb stem (see 4, 5 and 6).

Conclusion.

This research supports the claim that past-TP epistemic readings are possible and that they depend on operators that scope over the modal (Rullmann & Matthewson, 2018). Furthermore, it shows that *păt* does not scope necessarily below a tense marker (Condoravdi, 2002). Additionally, this study confirms that TO can be conveyed by aspectual prefixes embedded under the modal. The distributional pattern is summarized in Table 1.

Table 1. TP and TO of the epistemic modal *păt*

		Temporal Orientation		
		Past	Present	Future
Temporal Perspective	Past: <i>lâz + păt</i>	<i>b-</i> , <i>g-</i> ‘perfective’	copula, <i>r-</i> ‘habitual’, <i>kă-</i> ‘progressive’	<i>s-</i> ‘future’
	Present: <i>păt</i>			

(1) Context: I’m in my living room and I look at my window and I see drops of water. I say:

nà=pă **kă-jàb** nisgjè
 now=always PROGR-fall rain
 ‘Right now, it is raining’

(2) **păt** nõ? bít[=ì] là?ňj kânâst jnyâ
 EPIS COP cat=DIM stomach basket red
 ‘The cat might/must be in the red basket.’ (TP: present, TO: present)

Felicitous in Context (A) (‘might’): Mary is looking for the cat Tito. The room has three baskets, a red one, a yellow one and a blue one. Tito could be in any of the boxes.

Felicitous in Context (B) (‘must’): Mary has checked that Tito is not in the blue or the yellow baskets. There’s only the red basket, so Tito must be in that one.

(3) $[[păt]]^{c,w}$ is only defined if c provides an epistemic modal base B .
 If defined, $[[păt]]^{c,w} = \lambda f_{(st,st)}. \lambda p_{(s,t)}. \forall w' [w' \in f(B(w)) \rightarrow p(w')]$

(4) Context: Yesterday, your friend Rosa was playing a soccer match. You don’t know if her team won because you couldn’t attend the match. Someone asks you how Rosa did, you tell her:

(#**lâz=â**) **păt** **b-èn** ròsà gân pàrtíd
 heart(think)=1SG EPIST PERF-to.do Rosa win match
 ‘Rosa might have won the match.’ (TP: present, TO past)

(5) Context: Yesterday, your friend Rosa was playing a soccer match. You didn’t know if her team had won because you couldn’t attend the match, but you bought a bottle of mezcal to celebrate in case they won. You arrived at your house, and you found out that Rosa’s team had lost the match. Your sister asked you why you had bought mezcal, and you said:

tí #(bâz=â) **păt** **s-ùn** ròsà gân pàrtíd
 so that heart(think)=1SG EPIST FUT-to.do Rosa win match
 ‘Because Rosa might have won the match’ (TP: past, TO future)

(6) Context: Last Sunday you were at home with your sister. You remember that the day before, that is, on Saturday, she looked out the window and there was water falling, so it seemed like it was raining. But later, your sister found out that someone else had poured water from above her house, and it fell by the window. So, on Sunday you said to her:

ă **lâz=ù** **păt** **b-jàb** nisgjè mbâ?
 POL.Q heart(think)=2SG EPIST PERF-to.fall rain in.the.morning/earlier

‘Did you think that it might have been raining earlier?’
past)

(TP: past, TO:

References

- Condoravdi, C.** (2002). Temporal Interpretation of Modals. Modals for the Present and for the Past. In D. Beaver, S. Kaufmann, B. Clark, & C. Luis (Eds.), *The Construction of Meaning* (pp. 59–88). CSLI Publications.
- Hacquard, V.** (2006). *Aspects of modality*. Massachusetts Institute of Technology.
- Hacquard, V.** (2010). On the event relativity of modal auxiliaries. *Natural Language Semantics*, 18, 79–114. <https://doi.org/10.1007/s11050-010-9056-4>
- Kratzer, A.** (1991). Modality. In D. Wunderlich & A. von Stechow (Eds.), *Semantik/Semantics. An International Handbook of Contemporary Research* (pp. 639–650). De Gruyter.
- López Cruz, A.** (1997). *Morfología verbal del zapoteco de San Pablo Güilá*. Escuela Nacional de Antropología e Historia.
- Rullmann, H., & Matthewson, L.** (2018). Towards a theory of modal-temporal interaction. *Language A Journal of the Linguistic Society of America*, 94(2), 281–331. <https://doi.org/10.1353/lan.2018.0018>
- Rullmann, H., Matthewson, L., & Davis, H.** (2008). Modals as distributive indefinites. *Natural Language Semantics*, 16, 317–357.
- Stephenson, T.** (2007). Judge Dependence, Epistemic Modals, and Predicates of Personal Taste. *Linguistics and Philosophy*, 30(4), 487–52

A INTERAÇÃO TEMPO-EPISTÊMICA EM SAN PABLO GÜILÁ ZAPOTEC²³

Ana Laura Arrieta Zamudio

ana.arrieta@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Há muita pesquisa sobre a interação entre modalidade e tempo/aspecto (Condoravdi, 2002; Hacquard, 2006, 2010; Rullmann & Matthewson, 2018). Neste trabalho demonstro que a perspectiva temporal (TP) e a orientação temporal (TO) são derivados do modal epistêmico *păt* em San Pablo Güilá Zapotec (SPGZ) (Otomanguean, ISO [ztu]). TP se refere ao tempo no qual o fundo conversacional modal é avaliado; TO denota a relação entre o TP do modal e o tempo do evento da prejacente (Condoravdi, 2002). Os dados deste artigo vem de trabalho de campo original com um consultante de SPGZ.

Interações epistêmico-temporais em SPGZ.

SPGZ tem um conjunto de prefixos aspectuais na raiz verbal. O tempo, por outro lado, é expresso opcionalmente por diferentes advérbios temporais (López Cruz, 1997) (veja 1). Não há descrição prévia da modalidade epistêmica em SPGZ. Mostro que a modalidade epistêmica é expressa por um advérbio *păt*, que pode ser traduzido por ‘talvez’ ou ‘eu penso’. *Păt* tem escopo sobre a raiz verbal e ele mesmo não toma um prefixo aspectual. Além disso, mostro que *păt* é compatível tanto com leituras de necessidade quanto de possibilidade (Kratzer, 1991) (veja 2).

Adoto a análise de *função de escolha modal* de Rullmann et al. (2008) para lidar com a força variável dos modais. Se a função de escolha modal *f* seleciona o conjunto inteiro de mundos restritos pela base modal B, então obtemos uma leitura equivalente a um modal forte (‘must’). No entanto, se *f* seleciona um subconjunto próprio do conjunto de mundos restrito

²³ Traduzido por Roberta Pires de Oliveira

por *B*, o resultado é uma leitura mais fraca ('might'). Essa análise captura a força variável mostrada por *păt* (veja 3).

Perspectiva Temporal e Orientação Temporal.

Alguns autores discordam da existência de um TP passado para modais epistêmicos baseados na afirmação de que modais epistêmicos tem escopo acima do tempo (e.g. Condoravdi, 2002; Hacquard, 2006, 2010). No entanto, outros sugerem que leituras epistêmicas de passado são possíveis (Rullmann & Matthewson, 2018). Os dados de SPGZ dão suporte parcial a ambos os lados desse debate.

Em inglês, uma sentença como *Mary might have won the game* pode expressar ambigualmente TPs epistêmicos presente e passado. Pode declarar uma afirmação epistêmica com TP presente sobre um evento passado ou pode expressar que em algum momento passado a crença epistêmica do falante era que as coisas poderiam se desenvolver de tal forma que Mary ganharia o jogo (Condoravdi, 2002). Essas duas leituras podem ser desambiguizadas em: *păt* por si mesmo pode expressar um estado epistêmico presente (TP presente) (veja 4), mas exige um verbo defectivo *lâz* (i.e. um verbo que não toma prefixos aspectuais) para expressar um estado epistêmico passado (TP passado) (veja 5). *Lâz* é infeliz com TPs presente (veja 4), mas necessário para TPs passado (veja 5).

Além disso, *lâz* deve marcar abertamente o *juíz* da afirmação epistêmica com um clítico pronominal atado a ele, e essa perspectiva pode ser mudada (veja 6) (Stephenson, 2007). Adicionalmente, como predito por Condoravdi (2002) e Rullmann & Matthewson (2018), TO é indicado pelos prefixos aspectuais atados à raiz verbal (veja 4, 5 e 6).

Conclusão.

Essa pesquisa dá suporte à afirmação de que as leituras epistêmicas com TP-passado são possíveis e que elas dependem de operadores que tenham escopo sobre o modal (Rullmann & Matthewson, 2018). Além disso, mostra que *păt* não necessariamente tem escopo abaixo do marcador de tempo (Condoravdi, 2002). Finalmente, esse estudo confirma que TO pode ser expresso por prefixos aspectuais sob o modal. O padrão distribucional está resumido na Tabela 1

Tabela 1. TP e TO do modal epistêmico *păt*

		Orientação Temporal		
		Passado	Presente	Futuro
Perspectiva Temporal	Passado: <i>lâz + păt</i>	<i>b-</i> , <i>g-</i> 'perfectivo'	copula, <i>r-</i> 'habitual', <i>kă-</i> 'progressivo'	<i>s-</i> 'future'
	Presente: <i>păt</i>			

(1) Contexto: Estou na minha sala e olho pela janela e vejo gotas de água. Eu digo:

nà=pă **kă-jàb** **nìsgjè**
 agora=sempre PROGR-fall chover
 'Agora mesmo, está chovendo.'

(2) **păt** **nǒ?** **bítʃ=ì** **là?ñj** **kànâst** **ʃnyâ**
 EPIS COP gato=DIM estômago cesto vermelha
 'O gato pode/deve estar no cesto vermelho.' (TP: presente, TO: presente)

Feliz no Contexto (A) ('pode'): Mary está procurando pelo gato Tito. A sala tem três cestos, um vermelho, um amarelo e um azul. Tito poderia estar em qualquer dessas caixas.

Feliz no Contexto (B) ('deve'): Mary verificou que Tito não estava nem na cesta azul nem na amarela. Tem apenas uma cesta vermelha, então o Tito deve estar nessa.

(3) $\llbracket p\grave{a}t \rrbracket^{c,w}$ só é definido se c provê uma base modal epistêmica B .

Se definida, $\llbracket p\grave{a}t \rrbracket^{c,w} = \lambda f_{(st,st)}. \lambda p_{(s,t)}. \forall w' [w' \in f(B(w)) \rightarrow p(w')]$

(4) Contexto: Ontem, a sua amiga Rosa estava jogando uma partida de futebol. Você não sabe se o time dela ganhou porque você não pôde ir ao jogo. Alguém pergunta como a Rosa se saiu e você afirma:

(#lâz=â) păt b-èn ròsà gân pàrtíd
heart(think)=1SG EPIST PERF-to.do Rosa win match
'Rosa pode ter ganho o jogo.' (TP: presente, TO passado)

(5) Contexto: Ontem, a sua amiga Rosa estava jogando uma partida de futebol. Você não sabia se o time dela tinha ganho porque você não pôde ir a partida de futebol, mas você comprou uma garrafa de mezcal para celebrar caso eles ganhassem. Você chega na sua casa e descobre que o time da Rosa perdeu a partida. Sua irmão pergunta porque você comprou o mezcal e você disse:

tí #(lâz=â) păt s-ùn ròsà gân pàrtíd
então que coração(pensa)=1SGEPIST FUT-to.fazer Rosa ganhar partida
'Porque a Rosa podia ter ganho a partida.' (TP: passado, TO: futuro)

(6) Contexto: No último domingo você estava em casa com a sua irmã. Você lembra que no dia anterior, isto é, no sábado, ela olhou pela janela e tinha água caindo, então parecia que estava chovendo. Mas mais tarde, sua irmã descobriu que alguma outra pessoa tinha jogado água de cima da casa e ela caiu pela janela. Assim, no domingo, você disse para ela Last Sunday you were at home with your sister. You remember that the day before, that is, on Saturday, she looked out the window and there was water falling, so it seemed like it was raining. But later, your sister found out that someone else had poured water from above her house, and it fell by the window. So, on Sunday you said to her:

ă lâz=ù păt b-jàb nìsgjè mbâ?
POL.Q coração(pensa)=2SG EPIST PERF-cair chuva na manhã/mais cedo
'Você pensou que poderia estar chovendo mais cedo?' (TP: passado, TO: passado)

References

- Condoravdi, C.** (2002). Temporal Interpretation of Modals. Modals for the Present and for the Past. In D. Beaver, S. Kaufmann, B. Clark, & C. Luis (Eds.), *The Construction of Meaning* (pp. 59–88). CSLI Publications.
- Hacquard, V.** (2006). *Aspects of modality*. Massachusetts Institute of Technology.
- Hacquard, V.** (2010). On the event relativity of modal auxiliaries. *Natural Language Semantics*, 18, 79–114. <https://doi.org/10.1007/s11050-010-9056-4>
- Kratzer, A.** (1991). Modality. In D. Wunderlich & A. von Stechow (Eds.), *Semantik/Semantics. An International Handbook of Contemporary Research* (pp. 639–650). De Gruyter.
- López Cruz, A.** (1997). *Morfología verbal del zapoteco de San Pablo Güilá*. Escuela Nacional de Antropología e Historia.
- Rullmann, H., & Matthewson, L.** (2018). Towards a theory of modal-temporal interaction. *Language A Journal of the Linguistic Society of America*, 94(2), 281–331. <https://doi.org/10.1353/lan.2018.0018>

- Rullmann, H., Matthewson, L., & Davis, H.** (2008). Modals as distributive indefinites. *Natural Language Semantics*, 16, 317–357.
- Stephenson, T.** (2007). Judge Dependence, Epistemic Modals, and Predicates of Personal Taste. *Linguistics and Philosophy*, 30(4), 487–52

QUANTIFIER INTERPRETATION IN CHUJ: IMPLICATIONS FOR THEORIES OF THE WEAK/STRONG CONTRAST

Justin Royer

justinroyer@berkeley.edu

Université de Montréal

Cristina Buenrostro

cbuenrostro@ia.unam.mx

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Summary.

This paper offers a novel description and analysis of *value-judgment quantifiers* (JQV) ('many/few') in Chuj, an understudied Mayan language spoken in Guatemala and Mexico. We show that there are two subtypes of JQVs: those that are syntactically instantiated as determiners (*D-quantifiers*) and those that are instantiated as nonverbal predicates (*A-quantifiers*). Based on previous work (e.g., Partee 1989), we then consider a putative implication of the syntax of each quantifier type for their interpretation: that only D-quantifiers should admit proportional (strong) readings, whereas A-quantifiers should be restricted to cardinal (weak) readings. We show that this implication is **not** borne out: both types of quantifiers can have both types of interpretations. We then discuss why this is significant for semantic theories of the weak/strong quantifier contrast. More generally, we present methodological tools for the investigation of weak/strong quantifiers.

Two types of quantifiers.

Chuj exhibits a clear morphosyntactic contrast between two types of JQVs. Consider, for instance, the quantifiers *jantak* (1) and *tzijtum* (2), which both mean 'many'. While *jantak* can appear as the complement of a preposition in (1), *tzijtum* is always judged unacceptable in that position; *tzijtum* must instead arise sentence-initially in (2), in the expected position of nonverbal predicates. Furthermore, in (2), notice that the subject DP *chonhab* 'towns' is relativized, as evidenced by the appearance of the relative pronoun *b'aj*. The literal translation of (2) is thus clearly one in which the quantifier is a predicate, i.e., *the towns where I went are many*. Other syntactic diagnostics leading to the conclusion that JQVs like *jantak* are DP-internal expressions, whereas those like *tzijtum* are nonverbal predicates, are summarized in Table 1.

A semantic prediction?

Partee (1989) influentially proposed that quantifiers like *many* are *lexically ambiguous*. As a 'weak' quantifier, *many* can be conceived as a cardinality predicate. In such cases, it is evaluated with respect to a contextually provided standard; see (3). As a 'strong' quantifier, in contrast, *many* denotes a determiner in the sense of Barwise & Cooper 1981 i.e., it takes both the NP restrictor and VP scope as arguments; this allows it to be interpreted relative to a *proportion*, normally the proportion of NP satisfiers that also satisfy the VP in the context; (4). Being clearly predicates, a potential semantic implication of the syntax of Chuj JQVs like *tzijtum* is thus the following: they should only map to a weak interpretation, and not to a strong one.

Prediction falsified.

We show that this prediction is **not** borne out. To identify whether each JQV type in Chuj could have a weak or strong reading, we elaborated a questionnaire that we presented to several Chuj collaborators, employing standard semantic elicitation techniques (Matthewson 2004, and others). In short, our results show that *weak and strong interpretations are equally*

available for D- and A-quantifiers. A sample of our data is found in (5-9) for *tzijtum* ‘many’ and *kennhej* ‘few’, both A-quantifiers. But note that the exact same judgments were replicated for the D-quantifiers *jantak* ‘many’ and *jaye* ‘few’. Prompts included (i) acceptability judgments tasks with verbal contexts; (5-6), (ii) acceptability judgment tasks with visual contexts; (7-8), and (iii) translation tasks involving continuations that favored one reading over the other; (9). In each case, we found strong evidence that both JQV type can express cardinal and proportional quantification. We have also corroborated our results with findings from Chuj texts.

Theoretical implications.

The Chuj results are significant: if both JQV types may convey the two readings, then lexical ambiguity approaches lose strength: not only would we need two entries for *many* in the nominal domain, but two entries for *many* as a nonverbal predicate. More critically, the fact that clear syntactic predicates, such as *tzijtum*, may convey ‘strong’ readings suggests that proportional quantification does not rely on postulating higher lexical types like (2), contra Partee 1989. The same conclusion can be reached for other native languages of North America, where predicative quantifiers can also convey strong readings (Davis & Matthewson 2019). On the other hand, Chuj provides evidence for recent accounts that explain weak/strong readings via uniform lexical entries, such as Romero 2016, Penka 2018 and Bale & Schwarz 2020 (see in particular Penka 2018 for a possible way to derive proportions with a predicative lexical entry

(1) *Ixinxit’ek’ t’a jantak chonhab’.*

I.went to many town
‘I went to many towns.’

(2) *Tzijtum chonhab’ b’aj ixinxit’ek’i.*

many town where I.went
‘I went to many towns.’

Table 1: Syntactic evidence for D vs A status of value judgment quantifiers in Chuj

Syntactic diagnostics (Chuj paraphrases in blue)	DQ (<i>jantak</i>)	AQ (<i>tzijtum</i>)
1. Can be the complement of a preposition	Yes	No
2. Can modify the possessor of a DP	Yes	No
3. Can be part of a topicalized DP	Yes	No
4. Can appear in predicational copular clauses <i>MANY_{PRED} them</i> = ‘They are many.’	No	Yes
5. Can be predicates of ‘possessive have’ constructions <i>MANY_{PRED} your children</i> = ‘You have many children.’	No	Yes
6. Participates in secondary predication (see Mateo-Toledo 2012) <i>The tourists came MANY_{PRED}</i> = ‘Many tourists came.’	No	Yes
7. Must appear sentence-initially (since Chuj is predicate-initial)	No	Yes

(3) **Many as ‘weak’ cardinality predicate**

$\lambda x. |x| > n, n$ a large number

(4) **Many as ‘strong’ quantification DET**

$\lambda P. \lambda Q. |P \cap Q| / |P| > p, p$ a large

proportion

Acceptability judgment task, verbal contexts | (6a/b) = proportionality | (6c) = cardinality.

(5) **Kennhej** heb’ anima’ ixyawtej waj Xuxeb’ yet’ ix Anix ixjaw*i.*

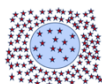
few PL people invited CLF Xuxeb’ and CLF Anix came
‘Few people that Xuxeb’ and Anix invited came.’

- (6) a. Xuxeb' and Anix invited 200 people to their wedding. 50 of them came.
 (5) = ✓
 b. Xuxeb' and Anix invited 52 people to their wedding. 50 of them came. (5) = #
 c. Xuxeb' and Anix invited 10 people to their wedding, and they all came.
 (5) = ✓

Visual context for acceptability judgment | (8a) = cardinality | (8b) = proportionality

- (7) **Tzjijum** k'anah tzkil t'a yol hoyan.
 many star we.see inside circle
 'We can see many stars in the circle.'

- (8) a. **Context 1** = ✓ b. **Context 2** = #



Continuation translation task | 1st sentence = cardinality, 2nd sentence = proportionality

- (9) a. **Tzjijum** ch'anh libro t'a biblioteka Tziskao.
 many CLF book in library tziscao
 'There are many books at the Tziscao library.'
 b. **Tzjijum** ch'anh ixstz'ib'ej jun winh Mejikano
 many CLF.PRON wrote INDF CLF Mexican
 'Many of them were written by a Mexican.'

References

- Bale, A. & Schwarz, B.** 2020. Proportional readings of *many* and *few*. *Linguistics and Philosophy*, 673-699.
Davis, H & Matthewson, L. 2019. Quantification. *Routledge Handbook of North America Languages*, 310-328.
Partee, B. 1989. Many quantifiers. *Proceedings of the fifth Eastern States Conference on Linguistics*, 383-402.
Penka, D. 2018. One *many*, many readings. *Proceedings of SuB 21*, 933-950.
Romero, M. 2016. POS, *-est*, and reverse readings of *many* and *most*. *Proceedings of NELS 46*, 141-154.

A INTERPRETAÇÃO DE QUANTIFICADORES EM CHUJ: IMPLICAÇÕES PARA TEORIAS DE CONTRASTE FRACO/FORTE²⁴

Justin Royer
justinroyer@berkeley.edu
 Université de Montréal

Cristina Buenrostro
cbuenrostro@iaa.unam.mx
 Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Resumo.

²⁴ Traduzido por Dionatan Bastos Cardozo.

Este artigo oferece uma descrição e análise inovadora dos *Quantificadores de Julgamento de Valor* (QJV) ('muitos/pouco') no **Chuj**, uma língua maia pouco estudada, falada na Guatemala e no México. Mostramos que existem dois subtipos de QJV: aqueles que são instanciados sintaticamente como determinantes (quantificadores-D) e aqueles que são instanciados como predicados não verbais (quantificadores-A). Com base em trabalhos anteriores (por exemplo, Partee 1989), consideramos uma possível implicação da sintaxe de cada tipo de quantificador para sua interpretação: que apenas os quantificadores-D deveriam admitir leituras proporcionais (fortes), enquanto os quantificadores-A deveriam estar restritos a leituras cardinais (fracas). Mostramos que essa implicação **não** se confirma: ambos os tipos de quantificadores podem ter ambos os tipos de interpretações. Em seguida, discutimos porque isso é significativo para as teorias semânticas do contraste entre quantificadores fracos/fortes. De forma mais geral, apresentamos ferramentas metodológicas para a investigação dos quantificadores fracos/fortes.

Dois tipos de quantificadores.

O Chuj apresenta um contraste morfossintático claro entre dois tipos de QJVs. Considere, por exemplo, os quantificadores *jantak* (1) e *tzijtum* (2), ambos significando 'muitos'. Enquanto *jantak* pode aparecer como complemento de uma preposição em (1), *tzijtum* é sempre julgado como inaceitável nessa posição; *tzijtum* deve, em vez disso, aparecer no início da sentença em (2), na posição esperada de predicados não verbais. Além disso, em (2), observe que o sujeito DP *chonhab* 'cidades' é relativizado, como evidenciado pela aparição do pronome relativo *b'aj*. A tradução literal de (2) é claramente uma em que o quantificador é um predicado, ou seja, as cidades onde fui são muitas. Outros diagnósticos sintáticos que levam à conclusão de que QJVs como *jantak* são expressões internas ao DP, enquanto os como *tzijtum* são predicados não verbais, estão resumidos na Tabela 1.

Uma previsão semântica?

Partee (1989) propôs de forma influente que quantificadores como 'muitos' são lexicamente ambíguos. Como um quantificador 'fraco', 'muitos' pode ser concebido como um predicado de cardinalidade. Em tais casos, ele é avaliado em relação a um padrão fornecido contextualmente; veja (3). Como um quantificador 'forte', em contraste, 'muitos' denota um determinante no sentido de Barwise & Cooper 1981, ou seja, ele toma tanto o restritor NP quanto o escopo VP como argumentos; isso permite que ele seja interpretado em relação a uma proporção, normalmente a proporção de satisfatórios do NP que também satisfazem o VP no contexto; (4). Sendo claramente predicados, uma implicação semântica potencial da sintaxe dos QJVs no Chuj, como *tzijtum*, é a seguinte: eles deveriam se mapear apenas para uma interpretação fraca, e não para uma forte.

Previsão falsificada.

Mostramos que essa previsão **não** se confirma. Para identificar se cada tipo de QJV no Chuj poderia ter uma leitura fraca ou forte, elaboramos um questionário que apresentamos a vários colaboradores Chuj, utilizando técnicas padrão de elicitación semântica (Matthewson 2004, e outros). Em resumo, nossos resultados mostram que as interpretações fracas e fortes estão igualmente disponíveis para quantificadores-D e quantificadores-A. Uma amostra de nossos dados pode ser encontrada em (5-9) para *tzijtum* 'muitos' e *kennhej* 'poucos', ambos quantificadores-A. Mas observe que os mesmos julgamentos foram replicados para os D-

quantificadores *jantak* ‘muitos’ e *jaye* ‘poucos’. As tarefas incluíram (i) julgamentos de aceitabilidade com contextos verbais; (5-6), (ii) julgamentos de aceitabilidade com contextos visuais; (7-8), e (iii) tarefas de tradução envolvendo continuações que favoreciam uma leitura sobre a outra; (9). Em cada caso, encontramos fortes evidências de que ambos os tipos de QJVs podem expressar quantificação cardinal e proporcional. Também corroboramos nossos resultados com achados de textos Chuj.

Implicações teóricas.

Os resultados do Chuj são significativos: se ambos os tipos de QJVs podem transmitir as duas leituras, então as abordagens de ambiguidade lexical perdem força: não só precisaríamos de duas entradas para ‘muitos’ no domínio nominal, como também de duas entradas para ‘muitos’ como predicado não verbal. Mais criticamente, o fato de predicados sintáticos claros, como *tzijtum*, poderem transmitir leituras ‘fortes’ sugere que a quantificação proporcional não depende da postulação de tipos lexicais mais altos, como em (2), contra Partee 1989. A mesma conclusão pode ser alcançada para outras línguas nativas da América do Norte, onde quantificadores predicativos também podem transmitir leituras fortes (Davis & Matthewson 2019). Por outro lado, o Chuj fornece evidências para explicações recentes que explicam leituras fracas/fortes por meio de entradas lexicais uniformes, como Romero 2016, Penka 2018, e Bale & Schwarz 2020 (veja, em particular, Penka 2018 para uma possível maneira de derivar proporções com uma entrada lexical predicativa).

(1) *Ixinxit'ek' t'a jantak chonhab'*.
 eu.fui para muitas cidade
 ‘Eu fui para muitas cidades.’

(2) *Tzijtum chonhab' b'aj ixinxit'ek'i*.
 muitas cidade onde eu.fui
 ‘Eu fui para muitas cidades.’

Tabela 1: Evidência sintática para o status de D vs A dos quantificadores de juízo de valor em Chuj

Diagnóstico sintático (Chuj em parênteses em azul)	DQ (<i>jantak</i>)	AQ (<i>tzijtum</i>)
1. Pode ser o complemento de uma preposição	Sim	Não
2. Pode modificar o possuidor de um DP	Sim	Não
3. Pode fazer parte de um DP topicalizado	Sim	Não
4. Pode aparecer em orações copulares predicativas <i>MUITAS_{PRED} eles</i> = ‘Elas são muitas.’	Não	Sim
5. Pode ser predicado em construções com 'ter' possessivo <i>MUITAS_{PRED} seus filhos</i> = ‘Você tem muitas crianças.’	Não	Sim
6. Participa em predicação secundária (ver Mateo-Toledo 2012) <i>Os turistas vieram MUITAS_{PRED}</i> = ‘Muitos turistas vieram.’	Não	Sim
7. Deve aparecer no início da frase (visto que Chuj é uma língua com predicado inicial)	Não	Sim

(3) *Muitas* como predicado cardinal ‘fraco’ (4) *Muitas* como quantificador DET ‘forte’

$\lambda x. |x| > n$, n um grande número
 proporção

$\lambda P. \lambda Q. |P \cap Q| / |P| > p$, p uma grande

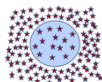
Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade, contextos verbais | (6a/b) = proporcionalidade | (6c) = cardinalidade.

- (5) **Kennhej** heb' anima' ixyawtej waj Xuxeb'yet' ix Anix ixjawí.
poucas PL pessoas convidaram CLF Xuxeb' e CLF Anix came
'Poucas pessoas que Xuxeb' e Anix convidaram vieram.'
- (6) a. Xuxeb' e Anix convidaram 200 pessoas para o casamento deles. 50 vieram.
(5) = ✓
b. Xuxeb' e Anix convidaram 52 pessoas para o casamento deles. 50 vieram. (5) = #
c. Xuxeb' e Anix convidaram 10 pessoas para o casamento deles, e todas vieram.
(5) = ✓

Contexto visual para julgamento de aceitabilidade | (8a) = cardinalidade | (8b) = proporcionalidade

- (7) **Tzjztum** k'anal tzkil t'a yol hoyan.
muitas estrela nós.ver dentro círculo
'Nós podemos ver muitas estrelas dentro do círculo.'

- (8) a. **Context 1** = ✓ b. **Context 2** = #



Tarefa de tradução de continuidade | 1ª frase = cardinalidade, 2ª frase = proporcionalidade

- (9) a. **Tzjztum** ch'anh libro t'a biblioteka Tziskao.
muitos CLF livros na biblioteca tziscao
'Tem muitos livros na biblioteca de Tziscao.'
- b. **Tzjztum** ch'anh ixstz'ib'ej jun winh Mejikano
muitos CLF.PRON escreveram INDF CLF Mexicano
'Muitos deles foram escritos por mexicanos.'

Referências

- Bale, A. & Schwarz, B.** 2020. Proportional readings of *many* and *few*. *Linguistics and Philosophy*, 673-699.
- Davis, H & Matthewson, L.** 2019. Quantification. *Routledge Handbook of North America Languages*, 310-328.
- Partee, B.** 1989. Many quantifiers. *Proceedings of the fifth Eastern States Conference on Linguistics*, 383-402.
- Penka, D.** 2018. One *many*, many readings. *Proceedings of SuB 21*, 933-950.
- Romero, M.** 2016. POS, *-est*, and reverse readings of *many* and *most*. *Proceedings of NELS 46*, 141-154.

(IN)DEFINITENESS IN KAIOWÁ (TUPÍ-GUARANÍ): ILLUSTRATING A DIAGNOSTIC QUESTIONNAIRE

Helena Guerra Vicente

helenaguerravicente@gmail.com

Universidade de Brasília

Marina Rabelo

marina.rabelo13@gmail.com

Universidade de Brasília

Daiane Ramires

danny-ramires@hotmail.com

Universidade de Brasília

The aim of this work is to describe the process of creating pictures and storyboards (Burton; Matthewson, 2015) to illustrate a diagnostic questionnaire on (in)definiteness in languages without articles (Dayal, to appear). We focus on Kaiowá (Tupí-Guaraní), an articleless language spoken in Mato do Grosso do Sul State (Brazil) and in parts of Paraguay. The language abounds in demonstrative pronouns (both proximal and distal):

- (1) *che a-hecha péa/ko'ã/amo japepo yvy-pe*
1 SG 1-see DEM_{PROX}/DEM_{PROX}/DE pot floor-POSTP
M_{DIST}

‘I saw **this/these/that/those** pot(s) on the floor.’

However, tests involving predicate incompatibility and other semantic constraints show that they cannot work as definite articles:

- (2) a. #*jagua o-guapy ha jagua o-ñeno*
dog 3-sit down and dog 3-lie down
‘**The** dog is sitting down and **the** dog is lying down.’
b. *amo jagua o-guapy ha amo jagua o-ñeno*
that dog 3-sit down and that dog 3-lie down
‘**That** dog is sitting down and **that** dog is lying down.’

In (2), only (b), which presupposes the existence of two different dogs, is a possible sentence. (2a) is judged as “odd”, as it leads to an implausible situation in which one dog is performing two incompatible actions simultaneously. We translate the oddness of (2a) into a picture showing the superimposed images of two dogs (supposedly one) sitting down and lying down. For (2b), the corresponding picture shows two dogs performing the two different/incompatible actions separately. In Kaiowá there is also a productive use of the numeral *peteĩ* ‘one’ as an indefiniteness marker:

- (3) *Maria o-hecha peteĩ japepo yvy-pe*
Maria 3-see one pot floor-POSTP
‘Maria saw **a/one** pot on the floor.’

However, tests involving the inability to scope under negation (among others) show that *peteĩ*, although being able to work as an indefinite marker, cannot be analyzed as a *bona fide* indefinite article:

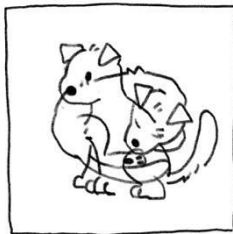
- (4) *Maria nd-o-hecha-i peteĩ japepo yvy-pe*

Maria Neg-3-see-Neg one pot floor-POSTP
 ‘Maria didn’t see **a/one pot on the floor.**’ [only ($\exists > \neg$)]

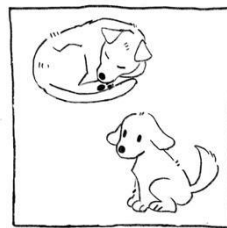
The corresponding storyboard goes as follows: Maria is transferring pots that were on the floor to a shelf; in the process, she does not notice that one of the pots remains on the floor. Without *peteĩ*, that is, with the bare noun, these are the possible readings:

- (5) *Maria nd-o-hecha-i japepo yvy-pe*
 Maria Neg-3-see-Neg pot floor-POSTP
 ‘Maria didn’t see pot on the floor.’ (literal)
 ‘**Maria didn’t see pots on the floor.**’ [both ($\neg > \exists$)]
 [but also ‘Maria didn’t see the pot(s) on the floor.’]

In the picture that elicits the first two readings one can see Maria looking at the floor, where there are other types of kitchenware, but no pots there. (5) also yields a definite reading, which is illustrated in a storyboard in which Maria has been cooking with a given pot; then, she washes it and puts it out to dry; a cat comes into the kitchen and drops the pot on the floor; Maria comes into the kitchen to drink some water and does not notice the pot on the floor. The plural version is also possible – ‘the pots’ – to which a visual adjustment is required. We hope these pictures and storyboards can be useful to other researchers working on the expression of (in)definiteness in articleless languages.



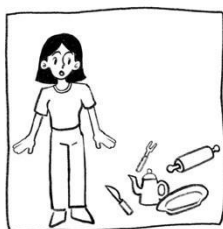
Picture for sentence (2a):
 #*Jagua oguapy ha jagua oñeno*
 # ‘The dog is sitting down and the dog is lying down.’



Picture for sentence (2b):
Amo jagua oguapy ha amo jagua oñeno
 ‘That dog is sitting down and that dog is lying down.’



Storyboard for sentence (4):
Maria ndohechai peteĩ japepo yvy-pe ‘Maria didn’t see a/one pot on the floor.’



Picture for sentence (5), indefinite reading:
Maria ndohechai japepo yvy-pe ‘Maria didn’t see pot(s) on the floor.’



Picture for sentence (5), definite reading:

Maria ndohechai japepo yvype ‘Maria didn’t see the pot on the floor.’

References

BURTON, S.; MATTHEWSON, L. Targeted Construction Storyboards in Semantic Fieldwork. In: BOCHNAK, M.R.; MATTHEWSON, L. *Methodologies in Semantic Fieldwork*. Oxford University Press, 2015, 135-156.

DAYAL, V. *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker’s Guide to Interpreting Bare Arguments*. MIT Press, 2023 version, to appear.

(IN)DEFINITUDE EM KAIOWÁ (TUPÍ-GUARANÍ): ILUSTRANDO UM QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO²⁵

Helena Guerra Vicente

helenaguerravicente@gmail.com

Universidade de Brasília

Marina Rabelo

marina.rabelo13@gmail.com

Universidade de Brasília

Daiane RAMIRES

danny-ramires@hotmail.com

Universidade de Brasília

O objetivo deste trabalho é descrever o processo de criação de imagens e *storyboards* (Burton; Matthewson, 2015) para um questionário-diagnóstico para (in)definitude em línguas sem artigos (Dayal, no prelo). Nosso foco é o Kaiowá (Tupí-Guaraní), uma língua sem artigos falada no estado do Mato do Grosso do Sul (Brasil) e em partes do Paraguai. A língua é rica em pronomes demonstrativos (tanto proximais quanto distais):

- (1) *che a-hecha péa/ko’ã/amo japepo yvy-pe*
 1SG 1-ver DEM_{PROX}/DEM_{PROX}/DEM_{DIST} panela chão- POSP
 ‘Eu vi esta(s)/essa(s)/aquela(s) panela(s) no chão.’

No entanto, testes envolvendo incompatibilidade de predicados e outras restrições semânticas mostram que eles não podem funcionar como artigos definidos:

- (2) a. *#jagua o-guapy ha jagua o-ñeno*
 cachorro 3-sentar e cachorro 3-deitar
 # ‘O cachorro está sentado e o cachorro está deitado.’

²⁵ Traduzido por Helena Guerra Vicente.

- b. *amo jagua o-guapy ha amo jagua o-ñeno*
aquele cachorro 3-sentar e aquele cachorro 3-deitar
'Aquele cachorro está sentado e aquele cachorro está deitado.'

Em (2), apenas (b), que pressupõe a existência de dois cães diferentes, é uma sentença possível. (2a) é considerada “estranha”, pois leva a uma situação implausível em que um cão está realizando duas ações incompatíveis simultaneamente. Traduzimos a estranheza de (2a) em uma figura que mostra as imagens sobrepostas de dois cães (supostamente um) sentados e deitados. Para (2b), a imagem correspondente mostra dois cães executando as duas ações diferentes/incompatíveis separadamente. Em Kaiowá, há também um uso produtivo do numeral *peteĩ* 'um' como marcador de indefinitude:

- (3) *Maria o-hecha peteĩ japepo yvy-pe*
Maria 3-ver um panela chão-POSP
'Maria viu uma panela no chão.'

No entanto, testes envolvendo a impossibilidade de escopo sob negação (entre outros) mostram que *peteĩ*, embora possa funcionar como um marcador de indefinitude, não pode ser analisado como um artigo indefinido genuíno:

- (4) *Maria nd-o-hecha-i peteĩ japepo yvy-pe*
Maria Neg-3-ver-Neg um panela chão-POSP
'Maria não viu uma panela no chão.' [Somente ($\exists > \neg$)]

O *storyboard* correspondente é o seguinte: Maria está transferindo painéis que estavam no chão para uma prateleira; no processo, ela não percebe que uma das painéis permanece no chão. Sem *peteĩ*, ou seja, com o NP nu, estas são as leituras possíveis:

- (5) *Maria nd-o-hecha-i japepo yvy-pe*
Maria Neg-3-ver-Neg panela chão-POSP
'Maria não viu panela no chão.'
Maria não viu painéis no chão [$\neg > \exists$]
[mas também 'Maria não viu a(s) panela(s) no chão.']

Na imagem que elicit as duas primeiras leituras, é possível ver Maria olhando para o chão, onde há outros tipos de utensílios de cozinha, mas não há painéis. (5) também produz uma leitura definida, que é ilustrada em um *storyboard* em que Maria cozinha com uma determinada panela; depois, ela a lava e a coloca para secar; um gato entra na cozinha e deixa a panela cair no chão; Maria entra na cozinha para beber água e não percebe a panela no chão. A versão no plural também é possível – ‘as painéis – para a qual seria necessário um ajuste no desenho. Esperamos que essas imagens e *storyboards* possam ser úteis para outros pesquisadores que trabalham com a expressão da (in)definitude em línguas sem artigos.

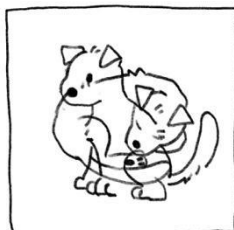


Imagem para sentença (2a):
#*Jagua oguapy ha jagua oñeno*
'O cachorro está sentado e o cachorro está deitado.'

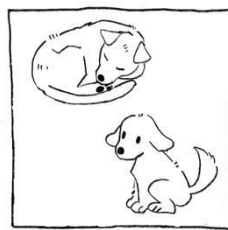
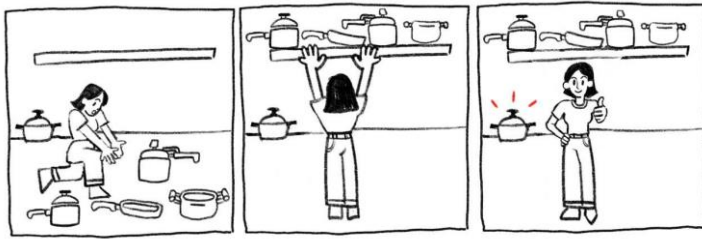


Imagem para frase (2b):
Amo jagua oguapy ha amo jagua oñeno
'Aquele cachorro está sentado e aquele cachorro está deitado.'



Storyboard para sentença (4):

Maria ndohechai peteĩ japepo yvype ‘Maria não viu uma panela no chão.’

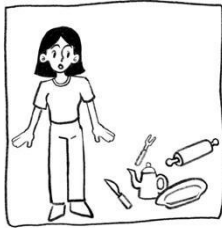


Imagem para frase (5), leitura indefinida:

Maria ndohechai japepo yvype ‘Maria didn’t see pot(s) on the floor.’



Imagem para sentença (5), leitura definida:

Maria ndohechai japepo yvype ‘Maria não viu panela no chão.’

Referências

BURTON, S.; MATTHEWSON, L. Targeted Construction Storyboards in Semantic Fieldwork. In: BOCHNAK, M.R.; MATTHEWSON, L. *Methodologies in Semantic Fieldwork*. Oxford University Press, 2015, 135-156.

DAYAL, V. *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker’s Guide to Interpreting Bare Arguments*. MIT Press, 2023 version, to appear.

DIFFERENTIAL SCOPE AND DIFFERENTIAL MARKING OF OBJECTS IN SPANISH²⁶

Romina Trebisacce

rtrebisacce@gmail.com

Universidad de Buenos Aires

Pablo Zdrojewski

pablo.zd@gmail.com

Universidad de Buenos Aires

Victoria Ferrero

victoria_ferrero@hotmail.com

Universidad de Buenos Aires

Main issue

The interaction of durative temporal phrases with telic predicates results in anomalous sentences whenever the object is not a bare plural.

- (1) a. Ana mató mosquitos durante media hora.
Ana killed mosquitoes for half an hour.
b. #Ana mató unos/los mosquitos durante media hora.
Ana killed some/the mosquitoes for half an hour.

There are various explanations to account for this behavior. Some proposals focus on the relative scope of the noun phrases and the durative phrase (Carlson, 1977; Dowty, 1979). Others are based on the semantics of bare plurals, particularly the fact that they constitute homogeneous entities (Verkuyl, 2005; van Geenhoven, 2004). However, in Rioplatense Spanish, when the definite phrase is marked differentially with the "a" marker (i.e., a DOM case), the judgment significantly improves.

- (2) Ana mató **a los mosquitos** durante media hora.
Ana killed A the mosquitoes for half an hour.

This fact is interesting in two ways. On the one hand, it has been observed that DPs with DOM usually induce wide-scope readings (Rodríguez-Mondoñedo 2007, López 2012), which reduces the plausibility of explaining this behavior based on the relative scope of the operators. On the other hand, definite objects with DOM do not induce a reading of homogeneous entities, as would be expected according to the alternative analysis of the phenomenon.

Main data

The literature on DOM in Spanish observes that marked DPs allow for an event-multiplying reading (Torrego, 1998; Rodríguez Mondoñedo, 2007).

- (3) a. El chico abrazó **a las columnas**.
The boy hugged A the columns. (repetitive event = one by one)
b. El chico abrazó las columnas.
The boy hugged the columns. (a single event) [Rodríguez Mondoñedo, 2007]

In this paper, we provide new data that expand on the observations of Torrego and Rodríguez-Mondoñedo. In particular, we present evidence that it is the individuated

²⁶ Traduzido por Romina Trebisacce.

interpretation of objects with DOM that induces these readings. Thus, in combination with the one-by-one adjunct, which has a distributive nature, only objects with DOM allow access to each member of the set denoted by the definite.

- (4) ?? Pedro mató los mosquitos uno a uno. vs. Pedro mató **a los mosquitos** uno a uno.
Pedro killed the mosquitoes one by one. vs. Pedro killed A the mosquitoes one by one.

The contrast observed between (1) and (2) reappears in contexts where the verb allows for a modifier that multiplies the event.

- (5) a. *Juan mató los mosquitos en diferentes momentos.
*Juan killed the mosquitoes at different times.
b. Juan mató **a los mosquitos** en diferentes momentos.
Juan killed A the mosquitoes at different times.

Analysis

In this presentation, we argue that the contrast between (1b) and (2) is due to the semantic nature of objects with DOM. In contexts with durative phrases or event-multiplying phrases, telic predicates require a plural object that allows for an interpretation where there is more than one event per object. Since definite plurals denote a maximal entity, (1b) can only be interpreted as a single event applied to the same entity, leading to anomalous readings with irreversible change-of-state predicates or single-event readings with other telic predicates. In contrast, objects with DOM denote instances of a maximal entity, as differential marking allows access to the individuals within that plural entity. This fact is what enables the interpretation of multiple events applied to different entities. This explanation accounts for why objects with DOM have an individuating effect on entities and enable multiple event readings.

References

- Carlson, G. 1977. Reference to kinds in English. Tesis doctoral, Universidad de Massachusetts.
Dowty, D. 1979. Word meaning and Montague grammar, volumen 7. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
van Geenhoven, V. 2004. For-Adverbials, Frequentative Aspect, and Pluractionality. *Natural Language Semantics*, 12:135–190.
López, Luis. 2012. Indefinite objects: Scrambling, choice functions, and differential marking. MIT Press Cambridge.
Rodríguez-Mondoñedo, Miguel. 2007. The syntax of objects: Agree and differential object marking. Doctoral Dissertation, University of Connecticut.
Torrego, Esther. 1998. The dependencies of objects. Cambridge: The MIT Press.
Verkuyl, H. J. 1972. On the compositional nature of the aspects. *Foundations of language*, supplementary series, vol. 15. Dordrecht: Springer.

ALCANCE DIFERENCIADO Y MARCADO DIFERENCIAL DE OBJETOS EN ESPAÑOL

Romina Trebisacce
rtrebisacce@gmail.com
Universidad de Buenos Aires

Pablo Zdrojewski
pablo.zd@gmail.com
Universidad de Buenos Aires

Victoria Ferrero
victoria_ferrero@hotmail.com

Descripción del problema.

La interacción de frases temporales durativas con predicados télicos da como resultado oraciones anómalas siempre que el objeto no sea un plural desnudo.

- (1) a. Ana mató mosquitos durante media hora.
b. #Ana mató unos/los mosquitos durante media hora.

Existen diversas explicaciones para dar cuenta de este comportamiento. Algunas propuestas centran su explicación en el alcance relativo de las frases nominales y la frase durativa (Carlson, 1977; Dowty, 1979). Otras se basan en la semántica de los plurales desnudos, en particular, el hecho de que constituyan entidades homogéneas (Verkuyl, 2005; van Geenhoven, 2004). Sin embargo, en español rioplatense, cuando la frase definida está marcada diferencialmente con la marca *a* (i.e., un caso MDO), el juicio mejora significativamente.

- (2) Ana mató **a los mosquitos** durante media hora.

Este hecho resulta interesante en dos sentidos. Por un lado, se ha observado que los DPs con MDO suelen inducir lecturas de alcance amplio (Rodríguez-Mondoñedo 2007, López 2012), lo que reduce la plausibilidad de una explicación de este comportamiento a partir del alcance relativo los operadores. Por el otro, los objetos definidos con MDO no inducen la lectura de entidades homogéneas, como sería esperable según el análisis alternativo del fenómeno.

Datos relevantes.

La bibliografía sobre el MDO en español observa que los DPs marcados permiten inducir una lectura en la que se multiplica el evento (Torrego, 1998; Rodríguez Mondoñedo, 2007).

- (3) a. El chico abrazó **a** las columnas. (evento repetitivo= una por una)
b. El chico abrazó las columnas. (un único evento) [Rodríguez Mondoñedo, 2007]

En este trabajo aportamos nuevos datos expanden las observaciones de Torrego y Rodríguez-Mondoñedo. En particular, presentamos evidencia de que es la interpretación individuada de los objetos con MDO lo que induce estas lecturas. Así, en combinación con el adjunto *uno a uno*, de naturaleza distributiva, solo los objetos con MDO permiten acceder a cada miembro del conjunto denotado por el definido.

- (4) ?? Pedro mató los mosquitos uno a uno. vs. Pedro mató a los mosquitos uno a uno.
El contraste observado entre (1) y (2) surge nuevamente en contextos en los que el verbo admite un modificador que multiplica el evento.

- (5) a. *Juan mató los mosquitos en diferentes momentos.
b. Juan mató a los mosquitos en diferentes momentos.

Análisis.

En este trabajo, sostenemos que el contraste entre (1b) y (2) se debe a la naturaleza semántica de los objetos con MDO. En contextos de frases durativas o frases multiplicadoras de eventos, los predicados télicos requieren un objeto plural que habilite una interpretación en la que existe más de un evento para un objeto. Dado que los plurales definidos denotan una entidad máxima, (1b) solo puede interpretarse como un único evento sobre una misma entidad, lo que da lecturas anómalas con predicados de cambio de estado irreversible o lecturas de evento único con otros predicados télicos. En cambio, los objetos con MDO denotan instancias de una entidad máxima, en tanto el marcado diferencial permite acceder a los individuos de

dicha entidad plural. Este hecho es lo que habilita la interpretación de múltiples eventos aplicados a distintas entidades. Esta explicación permite dar cuenta de por qué los objetos con MDO tienen un efecto de individuación de entidades y habilitan lecturas de múltiples eventos.

Referencias.

- Carlson, G. 1977. Reference to kinds in English. Tesis doctoral, Universidad de Massachusetts.
- Dowty, D. 1979. Word meaning and Montague grammar, volumen 7. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Van Geenhoven, V. 2004. For-Adverbials, Frequentative Aspect, and Pluractionality. *Natural Language Semantics*, 12:135–190.
- López, Luis. 2012. Indefinite objects: Scrambling, choice functions, and differential marking. MIT Press Cambridge.
- Rodríguez-Mondoñedo, Miguel. 2007. The syntax of objects: Agree and differential object marking. Doctoral Dissertation, University of Connecticut.
- Torrego, Esther. 1998. The dependencies of objects. Cambridge: The MIT Press.
- Verkuyl, H. J. 1972. On the compositional nature of the aspects. *Foundations of language, supplementary series*, vol. 15. Dordrecht: Springer.

DEVELOPING FIELDWORK OR EXPERIMENTAL WORK IN PORTUNHOL²⁷

Ana Clara Polakof

anaclarapo@gmail.com

Universidad de la República (Udelar)

Carla Custodio Marcelino

carlacustodiomarcelino@gmail.com

CeRP del Norte

Recently, Matthewson (2022) has again argued in favor of doing fieldwork semantics for studying underrepresented languages, and proposed (following Davidson, 2020) that it is not necessary to perceive experimental work as dichotomous in relation to fieldwork. However, Matthewson argues, something “much more experimental” is not always better. This work aims to provide evidence regarding the discussion proposed in Matthewson (2022) in relation to the study of portunhol.

Portunhol is a language spoken on the border between Uruguay and Brazil. It has been called portuñol, border dialects of Uruguay, Uruguayan Portuguese, among others, by different researchers (see Rona, 1959, Elizaincín, Behares and Barrios, 1987, Carvalho, 2003). Portunhol is a native language, oral, and not standardized. If the Portunhol speaker is educated, they learn Brazilian Portuguese (BP). Even so, native speakers of this language speak Portunhol with people close to them and, generally, at home. The Portunhol speaker, unlike speakers of standardized languages, feels dislanguage (dislenguado) (Custodio Marcelino, 2023).

The work on Portunhol semantics is very recent, and begins within the framework of the project “(In)definitude through languages”. Within this framework, a first experimental approach to the determination in Portunhol was made (authors xxxx). Because Portunhol is a spoken language, recordings had to be used and the writing in BP was mixed with audio in Portunhol (as seen in fig. 1). The results allowed us to observe that Portunhol speakers accept bare nominals in external argument positions, see (1).

Once the project received funding, we started with fieldwork. This work was based on the questionnaire by Dayal (2023). The questionnaire aims to study indefiniteness across different languages and presents sentences to be tested in these languages. Portunhol is a language with articles, but it also accepts bare nominals (which was evidenced by the experiment). To carry out the fieldwork, a questionnaire was prepared with contexts and images (like fig.2) that would be read by the consultant, a native speaker of Portunhol, to other native speakers of Portunhol in Rivera. The interviews were carried out at people's places of work, 3 people were interviewed, and the interviews were carried out in two parts, so as not to tire the interviewees. They had to choose which sentence they would use to describe the situation told by the interviewer, or they could give an alternative (see 2 to 4, responses to the context of fig. 2).

In relation to fieldwork, it is observed that the lack of proximity between the interviewer and the participants meant that, in the beginning, they appeared to be restrained. However, as they knew the interviewer, they agreed to participate. As reading was not allowed, the images with the contexts helped to disambiguate the meaning and the participants to choose the most

²⁷Translated by Ana Clara Polakof.

appropriate sentence. However, new data to be considered was displayed (as can be seen in the correction that the speaker makes in 4).

We want to conclude by confirming Matthewson's (2020) theses: fieldwork does allow us to access semantic data, it is not incompatible with experimental methodology, and when working with an oralized and under-represented language such as Portunhol it presents the advantage of being able to have direct contact with native speakers, as well as accessing information regarding semantic issues that the researcher may not have considered.

References

- Carvalho, A. M. (2003) “Rumo a uma definição do português uruguaio”. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*. 1, 2. 125-150//Davidson, K. (2020). Is experimental a gradable predicate. In *North East Linguistic Society (NELS)* (Vol. 50, pp. 125-144)
- Dayal, V. 2023 Highlights from the Hitchhiker’s Guide to Bare Nominals. (In)definiteness and Genericity across Languages, SALT slides. (<https://saltconf.github.io/salt33/abstracts/Dayal-slides.pdf>)
- Elizaincín, A., Behares, L. E., Barrios, G. (1987). *Nos falemo brasileiro*. Amesur: Montevideo
- Custodio Marcelino, C. (2023). Portuñol: declarasaum duma dislinguada fronteriza. *Trama*, (13), 25-33.
- Rona, J. (1959). El dialecto “fronterizo” del Norte de Uruguay. *Facultad de Humanidades y Ciencias*.
- Matthewson, L. (2022). Semantic fieldwork: How experimental should we be?. *Semantic Fieldwork Methods*, 4(2).

Examples and Figures

1. Menina leu um livro. / Children.FEM read a book
2. Context figure 2: Imagine that the doll si on the skate, and you want to tell him a story. You think that you could start the story as:
3. Read and possible answers:
 - a. Havía uma vez boneco que estava na patineta./Once upon a time there was doll...
 - b. Havía uma vez um boneco que estava na patineta./Once upon a time there was a doll...
 - c. ou tú dirias de outro jeito?/Or would you say something else?
4. Answer to figure one
 - a. Tinha uma vez um boneco que estava no skate./One time there was a doll on the skate.

soSci
oFb - der onlineFragebogen

15% concluido

Por favor, ouça o áudio a seguir e nos diga que tão aceitável é.

0:00 / 0:03

1 2 3 4 5

Seguente

Fig. 1 Questionnaires.



Fig. 2 Doll on skate (storytelling).

FAZER TRABALHO DE CAMPO OU EXPERIMENTAL EM PORTUNHOL

Ana Clara Polakof

anaclarapo@gmail.com

Universidad de la República Uruguay (Udelar)

Carla Custodio Marcelino

carlacustodiomarcelino@gmail.com

CeRP del Norte

Recentemente, Matthewson (2022) tem, novamente, argumentado a favor de uma semântica de campo para estudar línguas sub-representadas, e propôs (seguindo Davidson, 2020) que não é necessário perceber o trabalho experimental como dicotômico em relação ao trabalho de campo. Contudo, argumenta Matthewson, algo “muito mais experimental” nem sempre é melhor. Este trabalho visa dar evidências a respeito da discussão proposta em Matthewson (2022) em relação ao estudo do portunhol.

O portunhol é uma língua falada na fronteira do Uruguai com o Brasil. Ela tem sido chamada por distintos pesquisadores de *portuñol*, *dialectos fronterizos del Uruguay*, *portugués uruguayo*, entre outros (ver Rona, 1959, Elizaincín, Behares e Barrios, 1987, Carvalho, 2003). O portunhol é uma língua materna, oral, e não standardizada. Se o falante de portunhol é escolarizado aprende português do Brasil (PB). Mesmo assim, quem é falante nativo dessa língua fala portunhol com pessoas próximas e, geralmente, em casa. O falante do portunhol, a diferença de falantes de línguas standardizadas, se sente *dislinguado* (Custodio Marcelino, 2023).

O trabalho em semântica do portunhol é muito recente, e começa dentro do marco do projeto “(In)definitude através das línguas”. Dentro desse marco, foi feita uma primeira aproximação experimental à determinação em portunhol (autores xxxx). Devido a que o portunhol é uma língua oralizada, houve que usar gravações e misturar a escrita em PB com áudios em portunhol (como se observa na fig. 1). Os resultados nos permitiram observar que os falantes de portunhol aceitam nominais nús em posições argumentais externas, ver (1).

Uma vez que o projeto recebeu fomento, começamos com o trabalho de campo. Esse trabalho foi feito baseado no questionário de Dayal (2023). O questionário tem o fim de estudar a indefinitude a través de distintas línguas e apresenta sentenças a serem testadas nessas línguas. O portunhol é uma língua com artigos, mas que também aceita nominais nús (o que foi evidenciado pelo experimento). Para fazer o trabalho de campo, preparou-se um questionário com contextos e imagens (como a fig.2) que iria ser lido pela e consultora, falante nativa de portunhol a outras falantes nativas de portunhol em Rivera. As entrevistas foram feitas no lugar de trabalho das pessoas, foram entrevistadas 3 pessoas, e as entrevistas foram feitas em duas partes, para não cansar às entrevistadas. Elas deviam escolher qual sentença

usariam para descrever a situação contada pela entrevistadora, ou podiam dar uma alternativa (ver 2 a 4, respostas ao contexto da fig. 2).

Em relação ao trabalho de campo, se observa que a falta de proximidade entre a entrevistadora e os participantes, fez com que, no começo, eles aparentassem estar coibidos. No entanto, como elas conheciam à entrevistadora, aceitaram participar. Como não foi permitida a leitura, as imagens com os contextos ajudaram a desambiguar o significado e as participantes a escolherem a sentença mais adequada. Contudo, visualizaram-se novos dados a serem considerados (como pode se observar na correção que a falante faz em 4)

Queremos concluir confirmando as teses de Matthewson (2020): o trabalho de campo nos permite sim acceder a dados semânticos, ele não é incompatível com metodologia experimental, e no trabalho com uma língua oralizada e sub-representada como o portunhol apresenta a vantagem de poder ter contato direto com falantes nativos, assim como acceder a informações em relação a questões semânticas que o pesquisador pode não ter considerado.

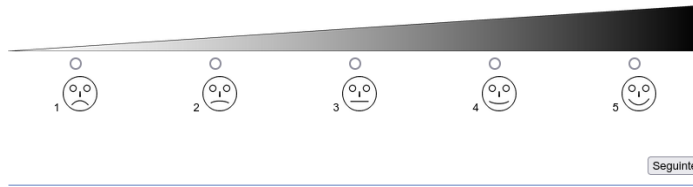
Referências

- Carvalho, A. M. (2003) “Rumo a uma definição do português uruguaio”. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*. 1, 2. 125-150
- Davidson, K. (2020). Is experimental a gradable predicate. In *North East Linguistic Society (NELS)* (Vol. 50, pp. 125-144)
- Dayal, V. 2023 Highlights from the Hitchhiker’s Guide to Bare Nominals. (In)definiteness and Genericity across Languages, SALT slides. (<https://saltconf.github.io/salt33/abstracts/Dayal-slides.pdf>)
- Elizaincín, A., Behares, L. E., Barrios, G. (1987). *Nos falemo brasileiro*. Amesur: Montevideo
- Custodio Marcelino, C. (2023). Portuñol: declarasaum duma dislinguada fronteriza. *Trama*, (13), 25-33.
- Rona, J. (1959). El dialecto “fronterizo” del Norte de Uruguay. *Facultad de Humanidades y Ciencias*.
- Matthewson, L. (2022). Semantic fieldwork: How experimental should we be?. *Semantic Fieldwork Methods*, 4(2).

Exemplos e figuras

1. Menina leu um livro.
2. Contexto para a figura 2: Imagine que nessa imagem o boneco está andando no patinete, e tú quer contar uma história a uma criança. Tú acha que poderia começar a história dizendo:
3. Respostas possíveis (todas lidas pela pesquisadora)
 - a. Havía uma vez boneco que estava na patineta.
 - b. Havía uma vez um boneco que estava na patineta.
 - c. ou tú dirias de outro jeito?
4. Resposta dada por uma entrevistada ao contexto fig. 2 (depois da pesquisadora repetir a pergunta, e a entrevistada ter corrigido “patinete” por “skate”)
 - a. Tinha uma vez um boneco que estava no skate.

Por favor, ouça o áudio a seguir e nos diga que tão aceitável é.



Seguinte

fig. 1 visual do questionário, áudio acima, escala Likhert embaixo



fig. 2 Boneco em patinete usado para testar indefinidade contando-contos (storytelling)

BARE ARGUMENTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: AN INVESTIGATION INTO INTERMEDIATE SCOPE.

Diogo Simão

diogo.lgstca@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina a (UFSC)-CNPq

This paper investigates the intermediate scope of Brazilian Portuguese (BrP).²⁸ Partee (1985) argues for an intermediate scope reading of the bare plural in English as a counter-example to Carlson's (1977) generalization that bare plurals are scope inert. Schmitt & Munn (1999) argue that in Partee's context, the bare singular is scope inert. In contrast, the bare plural has an intermediary reading, an intuition corroborated by Pires de Oliveira & Rothstein (2021). As far as we know, there is no systematic investigation concerning the speakers' intuitions about intermediary scope with bare nouns in BrP.

We hypothesize that (i) sentences with indefinites allow narrow, intermediate, and wide scope, and (ii) sentences with bare singular only allow reading with a narrow scope. We investigate speakers' degree of acceptance of sentences with intermediary scope, as in Dayal's (in press) questionnaire, and their interpretation²⁹.

(1) Todas as mulheres viram todos os homens que construíram [uma casa].
All the women saw all the men who built [a house].

(2) Todas as mulheres viram todos os homens que construíram [casa].
All the women saw all the men who built [house].

If our hypothesis holds, (1) would be good in three situations: (i) wide-scope reading [a < all < all], where there is a house such that every woman saw every man who built it; (ii) narrow scope reading [all < all < a], where every woman saw all the men who built a house, any house; and (iii) intermediate scope reading [all < a < all], where for every woman there is a house such that she saw all the men who build it. (2), on the other hand, would be good in only one of them: narrow scope.

In addition to sentences (1) and (2), four other sentences will be part of our study. They are:

(3) Todas as escritoras odeiam todos os editores que rejeitaram [um livro].
All female writers hate all publishers who rejected [a book].

(4) Todas as escritoras odeiam todos os editores que rejeitaram [livro].
All female writers hate all publishers who rejected [book].

(5) Todos os meninos fizeram carinho em todos os cachorros que ganharam [um petisco].
All the boys petted all the dogs that got [a snack].

(6) Todos os meninos fizeram carinho em todos os cachorros que ganharam [petisco].
All the boys petted all the dogs that got [snack].

²⁸ Project number 420314/2022-9 from CNPq financially supports this research that investigates (in) definiteness in BrP, Rio Platense Spanish, Portunhol, Wapishana (Aruak), Kaiowá (Tupi Guarani), Rikbatksa (Macro-Jê), Terena (Aruak), and Mebengokre (Macro-Jê).

²⁹ The scene appears in Navarro (in preparation).

Our research is qualitative in an acceptability test: we organized the six sentences above and will present them to native BrP in different sessions. Our primary goal in this presentation is to present and discuss the results of these tests.

References

- Dayal, Veneeta. A Hitchhiker's Guide to (In)definiteness: Case Studies in Bare Argument Languages. To appear in *MIT Open Handbooks in Linguistics*, in press.
- Navarro, Michel. Tese de doutorado, in press.
- Partee, Barbara H. Worlds and Contexts. *Linguistics and Philosophy*, v. 8, n. 1, p. 53-58, 1985.
- Pires de Oliveira, Roberta; Rothstein, Susan. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, 121, p. 2153-2175, 2011.
- Pires de Oliveira, Roberta. *A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas*. Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 40/2022, 2022.
- Schmitt, Cristina, Munn, Alan, Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of NELS 29*. pp. 339–353, 1999.

NOMES NUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE ESCOPO INTERMEDIÁRIO³⁰

Diogo Simão

diogo.lgstca@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina a (UFSC)-CNPq

Este trabalho investiga o escopo intermediário em Português Brasileiro (PBr)³¹. Partee (1985) usa o argumento de que existe uma leitura de escopo intermediário para os plurais nus no Inglês como um contraexemplo da generalização de Carlson's (1977) de que plurais nus são inertes ao escopo. Schmitt & Munn (1999) argumentam que, no contexto apresentado por Partee, o singular nu é inerte ao escopo. Por outro lado, o plural nu teria uma leitura intermediária, intuição corroborada por Pires de Oliveira & Rothstein (2021). Até agora, não existe uma investigação sistemática que leve em conta a intuição dos falantes sobre escopo intermediário com nominais nus em PBr.

A nossa hipótese é de que (i) sentenças com indefinidos permitem escopo estreito, intermediário e amplo; e (ii) sentenças com singular nu permitem apenas leitura com escopo estreito. Investigamos o grau de aceitação e as interpretações dos falantes em sentenças com escopo intermediário, seguindo o questionário da Dayal (inédito)³².

- (1) Todas as mulheres viram todos os homens que construíram [uma casa].
- (2) Todas as mulheres viram todos os homens que construíram [casa].

Se nossa hipótese estiver correta, (1) seria aceitável em três situações: (i) leitura de escopo amplo [uma < todas < todos], em que existe uma casa tal que cada mulher viu cada homem que construiu essa casa; (ii) leitura de escopo estreito [todas < todos < uma], em que cada mulher viu todos os homens que construíram uma casa, qualquer casa; e (iii) leitura de escopo intermediário [todas < uma < todos], em que para cada mulher, existe uma casa tal que cada mulher viu todos os homens que construíram essa casa. (2), por outro lado, seria aceitável em apenas uma situação: leitura de escopo estreito.

³⁰ Traduzido por Diogo Simão.

³¹ Projeto número 420314/2022-9 do CNPq, que dá o suporte financeiro para esta pesquisa, que investiga (in)definidos em PBr, Espanhol Rioplatense, Portunhol, Wapishana (Aruak), Kaiowá (Tupi Guarani), Rikbatksa (Macro-Jê), Terena (Aruak), e Mebengokre (Macro-Jê).

³² Cf. Navarro (inédito).

Além das sentenças (1) e (2), quatro outras sentenças farão parte de nosso estudo, que são:

- (3) Todas as escritoras odeiam todos os editores que rejeitaram [um livro].
- (4) Todas as escritoras odeiam todos os editores que rejeitaram [livro]
- (5) Todos os meninos fizeram carinho em todos os cachorros que ganharam [um petisco].
- (6) Todos os meninos fizeram carinho em todos os cachorros que ganharam [petisco].

Nossa pesquisa é qualitativa, a partir de um teste de aceitabilidade: nós organizamos as seis sentenças acima e vamos apresentá-las para falantes nativos de PBr em diferentes sessões. Nosso objetivo principal nesta apresentação é mostrar e discutir os resultados desses testes.

Referências

- Dayal, Veneeta. A Hitchhiker's Guide to (In)definiteness: Case Studies in Bare Argument Languages. To appear in *MIT Open Handbooks in Linguistics*, in press.
- Navarro, Michel. Tese de doutorado, in press.
- Partee, Barbara H. Worlds and Contexts. *Linguistics and Philosophy*, v. 8, n. 1, p. 53-58, 1985.
- Pires de Oliveira, Roberta; Rothstein, Susan. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, 121, p. 2153-2175, 2011.
- Pires de Oliveira, Roberta. *A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas*. Chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 40/2022, 2022.
- Schmitt, Cristina, Munn, Alan, Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of NELS 29*. pp. 339–353, 1999.

BARE NOUNS, DEMONSTRATIVES AND INDEFINITES IN WAPIXANA

Marcus Vinicius Lunguinho

marcuslunguinho@gmail.com

Universidade de Brasília (UnB)

Isabella Coutinho Costa

isabella_coutinho@hotmail.com

Universidade Federal Rural de Roraima (UFRR)

Jhenifer Alves

jhenifer25122002@gmail.com

Universidade de Brasília (UnB)

Marina Rabelo

marina.rabelo13@gmail.com

Universidade de Brasília (UnB)

Shirlene da Silva

This paper is part of the international project *(In)definiteness in underrepresented languages*, whose main objective is to contribute to a better understanding of the semantics of definite and indefinite NPs through natural languages. Following the main lines of investigation of this project, in the present paper we discuss the semantics of NPs in Wapichana, focusing primarily on bare nouns, demonstratives, and indefinites. Wapichana is an indigenous language of the Aruák (or Arawak) family (Rodrigues, 1986) which is spoken in Brazil (in the Serra da Lua region in the state of Roraima), in Venezuela, and in Guyana. This language has no determiners (Santos 2006) and the bare noun is the regular form of NPs (Pires de Oliveira & Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al. 2020). Based on Dayal's questionnaire on indefiniteness (Dayal in press), we proposed a methodology of data collection that uses illustrations developed separately from the questionnaire, in order to help to establish the context more clearly to our consultant. The results brought us the following information. In Wapichana, bare nouns can be interpreted as singular/plural definite or singular/plural indefinite depending on contextual information (Guerra Vicente and Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al 2020):

(1) Un-tykap zyn

1SG-see the woman / the women / a women / women

'I saw the woman / the women / a women / women'

Tests involving uniqueness and the functional relationship between the NP and its antecedent indicate that, in Wapichana, the distal demonstrative *diura'a* cannot assume the role of definite article, as it has an implicature of anti-uniqueness:

(2) Un-zamatan nii diura'a kayzkin/ka'yz

1SG-get NPRES DEM pot

'I'm going to get that pot'

To contextualize: sentence in (2) was produced by the consultant after seeing an illustration where there were three identical pots and a hand pointing to one of them. In the

sentence in (3), the implicature of non-uniqueness becomes more evident, as it is not possible to use demonstratives in contexts of single referents.

- (3) Aizii (*diura'a) kamiu wicha'u manwyn
today DEM sun hot a lot
'The/ *that sun is shining a lot today'

Furthermore, there is a very productive use of the numeral *baydap* as indefinite. This happens, for example, in contexts that force a generic reading:

- (4) Baydap tapi'izab nikepan pinid.
NUM cow eat grass
'A cow eats grass'

This behavior of *baydap* is seen in tests of scope:

- (5) Aunaa un-turian baydap karichi
NEG 1SG-buy NUM book
'I didn't buy a book'

In (5), *baydap* scopes over the negation *aunaa*, what shows that this item behaves like an indefinite. However, in contexts which investigate the possibility of non-compatible predicates have the same subject, we note that the role of *baydap* is closer to a numeral/demonstrative than an indefinite:

- (6) Baydap arimeraka da'aupan, baydap arimeraka dimpan
NUM dog sleeping NUM dog running
'A dog is sleeping and another dog is running'

There is in (6) the presupposition that there are two different dogs. It is impossible to interpret that the same dog is running and sleeping at the same time, due to the impossibility of the same subject to perform two different actions at the same time. In this paper, we presented data which help us to understand how an underrepresented language, Wapichana, builds the semantics of its NPs in absence of determiners. The main findings of the paper are: a) Wapichana is a language of bare nouns (confirming what is presented in Santos 2006, Pires de Oliveira & Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al. 2020); b) bare nouns can be interpreted as singular/plural and definite/indefinite (confirming what is proposed in Guerra Vicente and Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al 2020); c) demonstrative *diura'a* is associated with an implicature of anti-uniqueness; d) numeral *baydap*, apart from its use of numeral, can be used in contexts where it can be interpreted as an indefiniteness marker. With our results, we contribute to the description of the semantic properties of NPs of an underrepresented language, Wapichana, and to the understanding of the strategies that languages use to construct (in)definiteness. In connection with this last point, our data on Wapichana nominal system show that this language seems to work very similarly to Guarani Kaiowa (Guerra-Vicente & Ramires, 2020) in a lot of aspects, which could lead to an insightful translinguistic analysis.

Abbreviations in glosses

1 = 1st person; SG = singular; NPRES = non-present morpheme, DEM = demonstrative; NUM = numeral; NEG = negation morpheme

References

Dayal, Veneeta (in press). The (in)definiteness questionnaire. In: DAYAL, Veneeta (ed.) *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker's Guide to Interpreting Bare Arguments*.

Guerra Vicente, Helena & Giovannetti, Marcelo (2016) Number and the expression of the count/mass distinction in English, Brazilian Portuguese and Wapishana: What is universal? What is variable? In: BUI, Thuy & IVAN, Rudmila-Rodica (eds.) *Proceedings of the 9th Conference on The Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*, p. 213-222.

Guerra Vicente, Helena; Sanchez-Mendes, Luciana; Pires de Oliveira, Roberta; Lunguinho, Marcus V.; Leandro, Wendy (2020) The nominal system in Wapishana (Aruák): preliminary results. *Linguistic Variation* 20(2): 397-407.

Guerra Vicente, Helena; Ramires, Daiane (2020) Plurals in Kaiowá and the case for obligatory implicatures. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 62: 1-25.

Pires de Oliveira, Roberta & Giovannetti, Marcelo (2016) The nominal system in Wapishana (Aruák): first thoughts. In: BUI, Thuy & IVAN, Rudmila-Rodica (eds.) *Proceedings of the 9th Conference on The Semantics of Under-represented Languages in the Americas*, p. 113-126.

Rodrigues, Aryon (1986) *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

Santos, Manoel (2006) *Uma Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe*. PhD Dissertation: Universidade Estadual de Campinas.

NOMES NUS, DEMONSTRATIVOS E INDEFINIDOS EM WAPIXANA³³

Marcus Vinicius Lunguinho
marcuslunguinho@gmail.com
Universidade de Brasília (UnB)

Isabella Coutinho Costa
isabella_coutinho@hotmail.com
Universidade Federal Rural de Roraima (UFRR)

Jhenifer Alves
jhenifer25122002@gmail.com
Universidade de Brasília (UnB)

Marina Rabelo
marina.rabelo13@gmail.com
Universidade de Brasília (UnB)

Shirlene da Silva

Este trabalho faz parte do projeto internacional *(In)definitude em línguas sub-representadas*, cujo objetivo principal é contribuir para uma melhor compreensão da semântica de NPs definidos e indefinidos nas línguas naturais. Seguindo as principais linhas de investigação deste projeto, no presente trabalho discutimos a semântica dos NPs em Wapichana, analisando especificamente nomes nus, demonstrativos e indefinidos. Wapichana é uma língua indígena da família Aruák /Arawak (Rodrigues, 1986), falada no Brasil (na região da Serra da Lua no estado de Roraima), na Venezuela e na Guiana. Essa língua não apresenta determinantes (Santos 2006) e o nome nu é a forma regular dos NPs (Pires de Oliveira & Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al. 2020). Com base no questionário de Dayal sobre indefinitude (Dayal no prelo), propusemos uma metodologia de coleta de dados que usa ilustrações desenvolvidas separadamente do questionário, a fim de ajudar a estabelecer mais claramente para nosso consultor o contexto que se quer investigar. Com base nos resultados obtidos, apresentamos as seguintes informações. Em Wapichana, os substantivos podem ser

³³ Traduzido por Marcus Vinicius Lunguinho.

interpretados como singular/plural definido ou singular/plural indefinido, dependendo das informações contextuais (Guerra Vicente e Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al 2020):

(1) Un-tykap zyn

1SG-ver a mulher / as mulheres / uma mulher / mulheres
'Eu vi a mulher / as mulheres / uma mulher / mulheres'

Testes envolvendo unicidade e a relação funcional entre o NP e seu antecedente indicam que, em Wapichana, o demonstrativo distal *diura'a* não pode assumir o papel de artigo definido, pois a ele está associada uma implicatura de antiunicidade:

(2) Un-zamatan nii diura'a kayzkin/ka'yz

1SG-pegar NPRES DEM panela
'Eu vou pegar aquela panela'

Contextualizando: a sentença em (2) foi produzida pelo consultor após ele ver uma ilustração onde havia três potes idênticos e uma mão apontando para um deles.

Na sentença em (3), a implicatura de não-unicidade se torna mais evidente, pois não é possível usar demonstrativos em contextos de referentes únicos:

(3) Aizii (*diura'a) kamiu wicha'u manwyn

hoje DEM sol quente muito
'O/ *Aquele sol está brilhando muito hoje'

Além disso, há um uso muito produtivo do numeral *baydap* como indefinido. Isso acontece, por exemplo, em contextos que forçam uma leitura genérica:

(4) Baydap tapi'izab nikepan pinid.

NUM vaca comer grama
'Vaca come grama'

Esse comportamento de *baydap* é visto em testes de escopo:

(5) Aunaa un-turian baydap karichi

NEG 1SG-comprar NUM livro
'I não comprei um livro'

Em (5), *baydap* tem escopo sobre a negação *aunaa*, o que mostra que esse item se comporta como um indefinido. Entretanto, em contextos que investigam a possibilidade de predicados não compatíveis terem o mesmo sujeito, notamos que o papel de *baydap* está mais próximo de um numeral/demonstrativo do que de um indefinido:

(6) Baydap arimeraka da'aupan, baydap arimeraka dimpan

NUM cachorro dormindo NUM cachorro correndo
'Um cachorro está dormindo e outro cachorro está correndo'

Há em (6) a pressuposição de que há dois cães diferentes. É impossível interpretar que o mesmo cão está correndo e dormindo ao mesmo tempo, devido à impossibilidade de um mesmo sujeito realizar duas ações diferentes ao mesmo tempo.

Neste artigo, apresentamos dados que ajudam a entender como, na ausência de determinantes, uma língua sub-representada, Wapichana, constrói a semântica de seus NPs. As principais descobertas do artigo são: a) Wapichana é uma língua de nomes nus (confirmando o que é apresentado em Santos 2006, Pires de Oliveira & Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al. 2020); b) nomes nus podem ser interpretados como singular/plural e definido/indefinido (confirmando o que é proposto em Guerra Vicente e Giovanetti 2016, Guerra Vicente et al 2020); c) o

demonstrativo *diura'a* está associado a uma implicatura de anti-unicidade; d) o numeral *baydap*, além do uso de numeral, é usado em contextos onde pode ser interpretado como um marcador de indefinidade. Com este resultado, damos uma contribuição para a descrição das propriedades semânticas dos NPs de uma língua sub-representada, o Wapichana, e para a compreensão das estratégias que as línguas usam para construir (in)definitude. Em conexão com esse último ponto, nossos dados sobre o sistema nominal do Wapichana mostram que essa língua parece funcionar de forma muito semelhante ao Guaraní Kaiowa (Guerra-Vicente & Ramires, 2020) em vários aspectos, o que pode levar a uma investigação translinguística.

Abreviaturas nas glosas

1 = 1st pessoa; SG = singular; NPRES = morfema de não-presente; DEM = demonstrativo; NUM = numeral; NEG = morfema de negação

References

- Dayal, Veneeta (in press). The (in)definiteness questionnaire. In: DAYAL, Veneeta (ed.) *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker's Guide to Interpreting Bare Arguments*.
- Guerra Vicente, Helena & Giovannetti, Marcelo (2016) Number and the expression of the count/mass distinction in English, Brazilian Portuguese and Wapishana: What is universal? What is variable? In: BUI, Thuy & IVAN, Rudmila-Rodica (eds.) *Proceedings of the 9th Conference on The Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*, p. 213-222.
- Guerra Vicente, Helena; Sanchez-Mendes, Luciana; Pires de Oliveira, Roberta; Lunguinho, Marcus V.; Leandro, Wendy (2020) The nominal system in Wapishana (Aruák): preliminary results. *Linguistic Variation* 20(2): 397-407.
- Guerra Vicente, Helena; Ramires, Daiane (2020) Plurals in Kaiowá and the case for obligatory implicatures. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 62: 1-25.
- Pires de Oliveira, Roberta & Giovannetti, Marcelo (2016) The nominal system in Wapishana (Aruák): first thoughts. In: BUI, Thuy & IVAN, Rudmila-Rodica (eds.) *Proceedings of the 9th Conference on The Semantics of Under-represented Languages in the Americas*, p. 113-126.
- Rodrigues, Aryon (1986) *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- Santos, Manoel (2006) *Uma Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe*. PhD Dissertation: Universidade Estadual de Campinas.

CROSS-LINGUISTIC VARIATION IN TIME REFERENCE: THE CASE OF TEMPORAL CLAUSES.

Ana Müller (with M. Donazzan)

anamuler@usp.br

Universidade de São Paulo (USP)

Not all languages express time reference through their inflexional morphology. It is thus important to think of time reference and tense as separate concepts (Thonhauser 2015). There are languages like English and Japanese that inflect their matrix and (most of) their subordinate clauses for tense (Kubota et al 2009). There are languages like Karitiana that inflect (some of) their matrix clauses for tense, but not their subordinates (Storto 2013). Finally, there are languages like Mandarin that do not grammaticalize tense at all (Sun & Dermidache 2022). This talk contributes to the inquiry on the grammatical strategies deployed by natural languages to express temporal reference and event ordering. More specifically, it focuses on temporal adverbial clauses (TACs). We argue that, across languages, temporal ordering is obtained by combining a limited number set of ingredients, which languages distribute differently across functional categories. These ingredients include tense, aspect and temporal connectives. We support our argument by looking at TACs in Karitiana, an indigenous language spoken in N-W Brazil, which has the particularity of expressing precedence and subsequence without the help of temporal connectives.

VARIAÇÃO ATRAVÉS DAS LÍNGUAS NO TEMPO DE REFERÊNCIA: O CASO DAS SENTENÇAS TEMPORAIS³⁴

Ana Müller (with M. Donazzan)

anamuler@usp.br

Universidade de São Paulo (USP)

Nem todas as línguas expressam a referência temporal através de sua morfologia flexional. É, então, importante pensar a referência temporal e o tempo como conceitos separados (Thonhauser 2015). Há línguas como inglês e japonês que flexionam para tempo nas matrizes e (na maior parte) das sentenças subordinadas here are languages (Kubota et al 2009). Há línguas como o Karitiana que flexionam (algumas de) suas sentenças matrizes para tempo, mas não as suas subordinadas (Storto 2013). Finalmente, há língua como o mandarim que não gramaticalizam o tempo de modo algum (Sun & Dermidache 2022). Essa fala contribui para a investigação das estratégias gramaticais utilizadas pelas línguas naturais para expressar a referência temporal e o ordenamento dos eventos. Mais especificamente, foca nas sentenças adverbiais temporais (TACs). Argumentamos que, através das línguas, a ordenação temporal é obtida combinando um número limitado de ingredientes, que as línguas distribuem diferentemente através de categorias funcionais. Esses ingredientes incluem tempo, aspecto e conectivos temporais. Sustentamos nosso argumento investigando os TACs em Karitiana, um língua indígena falada no N-W do Brasil, que tem a particularidade de expressar precedência e subsequência sem a ajuda de conectivos temporais.

³⁴ Traduzido por Roberta Pires de Oliveira.

THE IMPACT NOMINAL CLAUSAL COMPLEMENTS ON FACTIVITY IN KARITIANA

Karin Vivanco

vivanco@unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Maria del Mar Bassa Vanrell

mar.bassa@uib.cat

U. de les Illes Balears

Background

Factivity is a phenomenon affecting cognitive verbs like ‘believe’, ‘know’, etc., whereby the proposition denoted by the clausal complement of these verbs must be interpreted as true (Kiparsky y Kiparsky 1971). One may propose that this factivity is lexically encoded in the matrix verb itself. Nonetheless, it has been observed that the structure of the clausal complement may affect the interpretation of certain verbs such as ‘know’, ‘lament’, and ‘forget’: in some languages, subordinate clauses with nomina features trigger factive readings of these verbs (Moulton 2009, Kastner 2015, Özyildiz 2017, Moulton and Bogal-Allbritten 2017, Bochnak and Hanink 2022). Given that, this talk intends to explore whether a similar phenomenon can be found in Karitiana, a Tupian language spoken in the Brazilian State of Rondônia. Vivanco (2022) demonstrates that all embedded clauses are nominalized in Karitiana; therefore, one may wonder whether this nominalization could lead to factive interpretations of verbs that are usually non-factive cross-linguistically.

Hypothesis

The syntactic structure of the clausal complement affects the interpretation of the whole sentence, and hence widespread nominalization of embedded clauses in Karitiana could potentially give rise to factive readings of verbs that have not been interpreted as factive in other languages (such as ‘believe’).

Data

Elicitation sessions with two native consultants were conducted in order to see if a sequence of two sentences was judged as contradictory. The second sentence always negated the truth of the proposition expressed by the embedded clause in the first sentence (see Example 1 - “[s1 João remembered that Francisco was born in Porto Velho], [s2 but Francisco was born in São Paulo]”). Whenever this sequence was judged as contradictory by our consultants, this was an indication of a factive verb. Two types of verbs were tested: (A) verbs taken to be factive in many languages, and (B) verbs that are usually non-factive in other languages (see Table 1).

Results

The verbs in (A) are systematically judged as contradictions in the structure of Example 1. The result of verbs in (B) is much more complex though: sometimes, a sequence of sentences containing these verbs is judged as contradictory, but, in other contexts and/or with the other speaker, they were not considered to lead to a contradiction. However, even though their factive behavior may be cancelled in specific contexts with the right variables, these verbs do seem to still induce contradictions in some of the attested cases, which is surprising given their non-factive nature cross-linguistically. The general behavior of (B) verbs indicates that, on the one hand, the nominal status of the clausal complement is not sufficient to force a factive reading of the matrix verb - despite of their conveying factive interpretations in some cases, and on the other hand, just looking at the lexical meaning of the verb cross-linguistically is not enough either.

Conclusion

The structure of the clausal complement can influence the interpretation of the matrix cognitive verb. Nominalization of subordinate clauses in Karitiana favors, at the very minimum, factive readings of all studied verbs. Nevertheless, the lexical meaning of the verb also seems to play a role. Furthermore, the results suggest that factivity of embedded clauses, in Karitiana at least, cannot be accounted for by a simple dichotomy between matrix factive and non-factive verbs. We posit an alternative analysis in which cognitive verbs would be positioned on a scale depending on their degree of acceptability in non-factive contexts. Such a variability has recently been observed in European languages - even though the class of verbs that show this variability is different from ours (Dahlman and Van de Weijer 2022; Degen and Tonhauser 2022).

- (1) João \emptyset -na-aka-t i-sikina-t [Porto Velho pip Francisco
João 3-DECL-COP-NFUT PART-recordar-COP.AGR Porto Velho en Francisco
yt}-y-ty. Francisco \emptyset -na-aka-t i-yt- \emptyset São Paulo
nacer-EPEN-OBL Francisco 3DECL-COP-NFUT PART-nacer-COP.AGR São Paulo
pip.
en
“João recordó que Francisco nació en Porto Velho, # **pero Francisco nació en São Paulo**”

(A) Supuestamente factivos

diwyt (‘olvidar’)
sondyp (‘saber’)
sikina (‘recordar’)
koro’op yra (‘lamentar’)

(B) Supuestamente No-factivos

kywyt (‘creer’)
pyting (‘querer’)
koro’op k̃ara (‘pensar’)

References

- Bochnak, M. Ryan, and Emily Hanink. 2022. Clausal embedding in Washo: Complementation vs. modification. *Natural Language & Linguistic Theory* 40: 979–1022.
- Bogal-Allbritten, Elizabeth, and Keir Moulton. 2018. Nominalized clauses and reference to propositional content. *Sinn und Bedeutung* 21.
- Dahlman, Roberta, and Joost van de Weijer. 2022. Cognitive factive verbs across languages. *Language Sciences* 90: 101458.
- Degen, Judith, and Judith Tonhauser. 2022. Are there factive predicates? An empirical investigation. *Language* 98: 552–91.
- Kastner, Itamar. 2015. Factivity mirrors interpretation: The selectional requirements of presuppositional verbs. *Lingua* 164: 156–88.
- Moulton, Keir. 2009. *Natural Selection and the Syntax of Clausal Complementation*. Amherst: University of Massachusetts Amherst.
- Özyıldız, Deniz. 2017. Attitude reports with and without true belief. *Semantics and Linguistic Theory* 27: 397–417.
- Vivanco, Karin Camolese. 2022. Subordinação e nominalização em karitiana (tupi). *RASAL Linguística* 2: 125–54

O IMPACTO DOS COMPLEMENTOS SENTENCIAIS NOMINAIS NA FACTICIDADE EM KARITIANA³⁵

Karin Vivanco

vivanco@unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

³⁵ Traduzido por Dionatan Cardozo.

Introdução

A factividade é um fenômeno que afeta verbos cognitivos como ‘acreditar’, ‘saber’, etc., em que a proposição denotada pelo complemento oracional desses verbos deve ser interpretada como verdadeira (Kiparsky e Kiparsky 1971). Pode-se propor que essa factividade está codificada lexicalmente no próprio verbo da matriz. No entanto, foi observado que a estrutura do complemento oracional pode afetar a interpretação de certos verbos como ‘saber’, ‘lamentar’ e ‘esquecer’: em algumas línguas, orações subordinadas com traços nominais desencadeiam leituras factivas desses verbos (Moulton 2009, Kastner 2015, Özyildiz 2017, Moulton e Bogal-Allbritten 2017, Bochnak e Hanink 2022). Dado isso, esta apresentação pretende explorar se um fenômeno semelhante pode ser encontrado em Karitiana, uma língua Tupi falada no estado brasileiro de Rondônia. Vivanco (2022) demonstra que todas as orações encaixadas são nominalizadas em Karitiana; portanto, pode-se questionar se essa nominalização poderia levar a interpretações factivas de verbos que geralmente não são factivos entre línguas.

Hipótese

A estrutura sintática do complemento oracional afeta a interpretação de toda a sentença, e, portanto, a nominalização generalizada das orações encaixadas em Karitiana poderia potencialmente dar origem a leituras factivas de verbos que não são interpretados como factivos em outras línguas (como ‘acreditar’).

Dados

Sessões de elicitación com dois falantes nativos foram realizadas para verificar se uma sequência de duas sentenças era julgada como contraditória. A segunda sentença sempre negava a veracidade da proposição expressa pela oração encaixada na primeira sentença (veja o Exemplo 1 - “[S1 João se lembrou de que Francisco nasceu em Porto Velho], [S2 mas Francisco nasceu em São Paulo]”). Sempre que essa sequência era julgada como contraditória pelos consultores, isso indicava um verbo factivo. Dois tipos de verbos foram testados: (A) verbos considerados factivos em muitas línguas, e (B) verbos que geralmente não são factivos em outras línguas (veja Tabela 1).

Resultados

Os verbos do grupo (A) são sistematicamente julgados como contraditórios na estrutura do Exemplo 1. Os resultados dos verbos do grupo (B) são muito mais complexos: às vezes, uma sequência de sentenças contendo esses verbos é julgada como contraditória, mas, em outros contextos e/ou com o outro consultor, eles não foram considerados contraditórios. No entanto, embora seu comportamento factivo possa ser cancelado em contextos específicos com as variáveis corretas, esses verbos parecem induzir contradições em alguns dos casos observados, o que é surpreendente dado seu caráter não-factivo entre línguas. O comportamento geral dos verbos do grupo (B) indica que, por um lado, o status nominal do complemento oracional não é suficiente para forçar uma leitura factiva do verbo da matriz – apesar de eles transmitirem interpretações factivas em alguns casos, e, por outro lado, olhar apenas para o significado lexical do verbo entre línguas não é suficiente.

Conclusão

A estrutura do complemento oracional pode influenciar a interpretação do verbo cognitivo matriz. A nominalização das orações subordinadas em Karitiana favorece, no mínimo, leituras factivas de todos os verbos estudados. No entanto, o significado lexical do verbo também parece influenciar. Além disso, os resultados sugerem que a factividade das orações encaixadas, pelo menos em Karitiana, não pode ser explicada por uma dicotomia simples entre verbos factivos matriz e não-factivos. Propomos uma análise alternativa em que os verbos cognitivos seriam posicionados em uma escala, dependendo do grau de aceitabilidade em contextos não-factivos. Tal variabilidade foi observada recentemente em línguas europeias – embora a classe de verbos que mostra essa variabilidade seja diferente da nossa (Dahlman e Van de Weijer 2022; Degen e Tonhauser 2022).

- (1) *João* \emptyset -*na-aka-t* *i-sikina-t* [Porto Velho *pip* Francisco
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-recordar-COP.AGR Porto Velho en Francisco
yt]-*y-ty*. *Francisco* \emptyset -*na-aka-t* *i-yt*- \emptyset *São Paulo*
 nacer-EPEN-OBL Francisco 3-DECL-COP-NFUT PART-nacer-COP.AGR São Paulo
pip.
 en

“João recordou que Francisco nasceu em Porto Velho, # **mas Francisco nasceu em São Paulo**”

- | | |
|----------------------------------|----------------------------------|
| (A) SUPOSTAMENTE FACTIVOS | (B) SUPOSTAMENTE NÃO-FACTIVOS |
| <i>diwyt</i> (‘esquecer’) | <i>kywyt</i> (‘acreditar’) |
| <i>sondyp</i> (‘saber’) | <i>pyting</i> (‘querer’) |
| <i>sikina</i> (‘recordar’) | <i>koro ’op k̃ara</i> (‘pensar’) |
| <i>koro ’op yra</i> (‘lamentar’) | |

Referências

- Bochnak, M. Ryan, and Emily Hanink. 2022. Clausal embedding in Washo: Complementation vs. modification. *Natural Language & Linguistic Theory* 40: 979–1022.
- Bogal-Allbritten, Elizabeth, and Keir Moulton. 2018. Nominalized clauses and reference to propositional content. *Sinn und Bedeutung* 21.
- Dahlman, Roberta, and Joost van de Weijer. 2022. Cognitive factive verbs across languages. *Language Sciences* 90: 101458.
- Degen, Judith, and Judith Tonhauser. 2022. Are there factive predicates? An empirical investigation. *Language* 98: 552–91.
- Kastner, Itamar. 2015. Factivity mirrors interpretation: The selectional requirements of presuppositional verbs. *Lingua* 164: 156–88.
- Moulton, Keir. 2009. *Natural Selection and the Syntax of Clausal Complementation*. Amherst: University of Massachusetts Amherst.
- Özyıldız, Deniz. 2017. Attitude reports with and without true belief. *Semantics and Linguistic Theory* 27: 397–417.
- Vivanco, Karin Camolese. 2022. Subordinação e nominalização em karitiana (tupi). *RASAL Linguística* 2: 125–54

THE ANATOMY OF ADJUNCT QUESTIONS IN KTUNAXA

Starr Sandoval

starr.sandoval@ubc.ca

University of British Columbia

Kate Yangshuying Zhou

University of British Columbia

Marcin Morzycki

University of British Columbia

Ktunaxa asks questions about manners, locations, and times using two distinct grammatical elements in different positions: a particle that is structurally high and signals that an adjunct question is being asked (the ‘*wh* kernel’) and a preverb that is low and signals the type of the adjunct question (the ‘descriptive content marker’, henceforth DCM). DCMs have an independent distribution as anaphors for properties of events. In questions, the *wh* kernel binds this variable and yields an alternative set. Ktunaxa’s two-part strategy for expressing adjunct questions—one word dedicated to forming the question and one word dedicated to defining the question type—may shed light on the grammatical architecture of adjunct questions more broadly.

Data

Adjunct questions are built on the foundation of independent adverbial anaphors. Anaphora to a manner, method, or instrument, for example, is expressed with *qa-t* as in (1), roughly analogous to English ‘way’. Anaphora to times is expressed with *qa-su-sa-t* as in (2). Anaphora to locations is expressed with *?a-qa-wxa-t* as in (3). All of these have significant internal structure. All are preverbs, the language’s analogue of adverbs (Dryer 2002), and all carry the preverb marker *-t*. They also all contain the morpheme *qa*, which can be translated as ‘manner’ or ‘way’. The temporal anaphor is almost identical to the manner/method one, but adds *su-sa*, a time marker. The locative anaphor is parallel, adding instead *wxa*, a location marker. To form an adjunct question, the *wh*-kernel *ka-s* is added high in the left periphery of the clause (Morgan 1991). That’s exemplified for manners and methods in (4), for times in (5), and for locations in (6). In addition, the DCM is prefixed with *?a-*, which we believe to be a marker of agreement with the *wh*-kernel. The *wh*-kernel *ka-s* is part of a series of constituent question markers, all of which start with /k/ or /q/ and all of which occur in the high left periphery (Morgan 1991).

Previous work

Some languages—most famously Japanese—use a two part strategy for *wh* questions in which a question marker occurs high and an indefinite occurs low. This has been analyzed using quantification over Hamblin alternatives (Kratzer & Shimoyama 2002). More generally, languages often have *wh* indefinites (Hengeveld et al 2022 a.o.) But in Ktunaxa, the lower elements aren’t indefinites, and they have an independent use as anaphors that should be explained.

Analysis

We propose that *qa-t* expresses anaphora to properties of events, which can be bound or supplied contextually. The denotation for *qa-t* is just the value of that implicit argument, as in (7). This is interpreted intersectively with the VP it adjoins to and the subject is introduced externally (Kratzer 1996), as in (8). The resulting event description is existentially closed, as in (9). In adjunct questions, the *wh*-kernel binds the property variable and yields an alternative set that varies with respect to its value, as in (10) and (11). In a locative question, the DCM includes a locative presupposition that restricts its value, yielding a purely locative anaphor. This ensures that only locative answers are included in the alternative set. The temporal case is analogous, with the corresponding morpheme adding a temporal presupposition instead. The manner/instrumental reading of *qa-t*—achieved without a temporal or locative morpheme—arises as an elsewhere case.

A question that lacks temporal or locative marking includes such answers in its denotation, but these readings are blocked by Maximize Presupposition (Heim 1991), which requires using the explicitly temporal and locative forms when appropriate.

Outlook

The anatomy of adjunct questions in Ktunaxa has two principal components: a *wh*-kernel *ka-s* and a DCM preverb that expresses the type of the adjunct question. The system has a tidy logic that accords with question strategies in unrelated languages. The Chinese language Changshanese, for example, expresses adjunct questions similarly (Zhou & Hsieh 2023). Even in English, there are echos of such a system in phrases like *in what way*, *at what place*, and *at what time*. More generally, in many languages there are correspondences between *wh* modifiers and related anaphors. Ktunaxa ultimately highlights the same close connection between asking and anaphora, but it puts the ingredients together in an interestingly different way.

(1) Suk-waxsumik Ana ϕ ?a·ki **qa-t** hawasxumik Maḥi.
 good-sing Ana and also way-PRVB sing Mary
 ‘Ana sang well and Mary sang **that way** too’

(2) ?uḥumi ?at **qa-su·sa-t** ?itakli?-ni qapi qapsin
 May HAB way-TEMP-PRVB grow-IND all what
 ‘Everything starts growing at that time, May.’

(3) **Qa-wxa-t** ?ik-ni qu-s k-xa·ca-s yuwat-ṣ
 way-LOC-PRVB eat-IND DIST.DEM-OBV COMP-four-OBV bee-OBV
 ‘He ate at that place, Four Bees.’

(4) Ka-s k ?a-qa-t hawasxumik Maḥi
 WH-OBV COMP AGR-way-PRVB sing Mary
 ‘How did Mary sing?’

(5) Ka-s k ?a-qa-su·sa-t hawasxumik La·t?
 WH-OBV COMP AGR-way-TEMP-PRVB sing La·t
 ‘When did La·t sing?’

(6) Ka-s k ?a-qa-wxa-t hawasxumik La·t?
 WH-OBV COMP AGR-way-LOC-PRVB sing La·t
 ‘Where did La·t sing?’

(7) $\llbracket qaP -t \text{ ‘way-PRVB’} \rrbracket = \lambda e \lambda w . P(e)(w)$

(8) $\llbracket qaP -t \text{ hawasxumik Maḥi ‘Mary sang that way’} \rrbracket = \lambda e \lambda w . P(e)(w) \wedge \text{sing}(e)(w)(\mathbf{Mary})$

(9) $\llbracket \exists qaP -t \text{ hawasxumik Maḥi ‘Mary sang that way’} \rrbracket = \lambda w . \exists e [P(e)(w) \wedge \text{sing}(e)(w)(\mathbf{Mary})]$

(10) $\llbracket ka-s \text{ ‘WH-OBV’} \rrbracket = \lambda f \langle v, s t \rangle . t . \{p : \exists P \langle v, s t \rangle [p = f(P)]\}$

(11) $\llbracket ka-s \lambda P k \exists ?a-qaP-t \text{ hawasxumik ‘How did Mary sing?’} \rrbracket$
 $= \llbracket ka-s \rrbracket (\llbracket \lambda P k \exists ?a-qaP-t \text{ hawasxumik ‘How did Mary sing?’} \rrbracket)$
 $= \{p : \exists P \langle v, s t \rangle [p = \llbracket \lambda P k \exists ?a-qaP-t \text{ hawasxumik ‘How did Mary sing?’} \rrbracket (P)]\}$
 $= \{p : \exists P \langle v, s t \rangle [p = \lambda w . \exists e [P(e)(w) \wedge \text{sing}(e)(w)(\mathbf{Mary})]]\}$

- (12) a. $\llbracket xwa \text{ 'LOCATIVE'} \rrbracket = \lambda P \langle v, s, t \rangle : \mathbf{locative}(P) . P$
 b. $\llbracket qap-wxa-t \text{ 'way-LOCATIVE-PRVB'} \rrbracket = \lambda e \lambda w : \mathbf{locative}(P) . P(e)(w)$
- (13) a. $\llbracket su-sa \text{ 'TEMPORAL'} \rrbracket = \lambda P \langle v, s, t \rangle : \mathbf{temporal}(P) . P$
 b. $\llbracket qap-susa-t \text{ 'way-TEMPORAL-PRVB'} \rrbracket = \lambda e \lambda w : \mathbf{temporal}(P) . P(e)(w)$
- (14) a. $\mathbf{temporal}(P) \stackrel{def}{=} \forall w \forall e \forall e' [P(e)(w) \wedge P(e')(w) \leftrightarrow \tau(e)(w) = \tau(e')(w)]$
 ...where τ maps events to their running times
 b. $\mathbf{locative}(P) \stackrel{def}{=} \forall w \forall e \forall e' [P(e)(w) \wedge P(e')(w) \leftrightarrow \mathbf{location}(e)(w) = \mathbf{location}(e')(w)]$

References

- Dryer, M. 2002.** A comparison of preverbs in Kutenai and Algonquian. 29th *Algonquian Conference*.
- Heim, I. 1991.** Artikel und definitheit. *Semantik: Ein internationales handbuch der zeitgenössischen forschung*.
- Hengeveld, K., S. Iatridou & F. Roelofsen. 2022.** Quexistentials and focus. *Linguistic Inquiry*.
- Kratzer, A. 1996.** Severing the external argument from its verb *Phrase structure and the lexicon*.
- Kratzer, A. & J. Shimoyama. 2002.** Indeterminate pronouns. 3rd Tokyo Conference on Psycholinguistics.
- Morgan, L. 1991.** *A description of the Kutenai language*. Diss., Berkeley.
- Zhou, K. Y. & M.-L. Hsieh. 2023.** Two premodal ‘how’s in Mandarin Chinese, Taiwanese and Changshanese. *Proceedings of Canadian Linguistics Society 2023*.

A ANATOMIA DE PERGUNTAS ADJUNTAS EM KTUNAXA³⁶

Starr Sandoval

starr.sandoval@ubc.ca

University of British Columbia

Kate Yangshuying Zhou

University of British Columbia

Marcin Morzycki

University of British Columbia

Em Ktunaxa, perguntas sobre maneiras, locais e horários são feitas com o uso de dois elementos gramaticais distintos em posições diferentes: uma partícula que é estruturalmente alta e sinaliza que está sendo feita uma pergunta de adjunto (o núcleo QU) e um preverbo em posição baixa que sinaliza o tipo da pergunta de adjunto (o “marcador de conteúdo descritivo”, doravante MCD). Os MCDs têm uma distribuição independente, em que funcionam como anáforas para propriedades de eventos. Em perguntas, o núcleo QU vincula a variável em questão, produzindo um conjunto alternativo. A estratégia de duas partes do Ktunaxa para expressar perguntas de adjunto — uma palavra dedicada que forma as perguntas e uma palavra dedicada que define o tipo de pergunta — pode esclarecer a arquitetura gramatical das perguntas de adjunto de forma mais ampla.

Os dados

³⁶ Traduzido por Andrey Nikulin.

As perguntas de adjuntos são construídas com base em anáforas adverbiais independentes. A anáfora para uma maneira, método ou instrumento (comparável a *way* em inglês), por exemplo, é expressa por meio de *qa-l* (1). A anáfora para expressões temporais é expressa como *qa-su-sa-l* (2). A anáfora para locais é expressa por meio de *?a-qa-wxa-l* (3). Todas elas têm uma estrutura interna significativa. Todas estas expressões são preverbos, o análogo dos advérbios na língua (Dryer 2002), e todas apresentam o marcador de advérbio *-l*. Todas elas também contêm o morfema *qa*, que pode ser traduzido como “maneira” ou “jeito”. A anáfora temporal é quase idêntica à de maneira/método, mas inclui o elemento *su-sa*, um marcador de tempo. A anáfora locativa tem estrutura semelhante, mas inclui *wxa*, um marcador de localização. Para formar uma pergunta de adjuntos, o núcleo QU *ka-s* é adicionado no alto da periferia esquerda da oração (Morgan 1991). Isso é exemplificado para maneiras e métodos em (4), para tempos em (5) e para localizações em (6). Além disso, o MCD apresenta um prefixo *?a-*, que acreditamos ser um marcador de concordância com o núcleo QU. O núcleo QU *ka-s* faz parte de uma série de marcadores de perguntas constituintes, sendo que todos começam com /k/ ou /q/ e ocorrem na periferia esquerda alta (Morgan 1991).

Trabalhos anteriores

Algumas línguas — notoriamente, o japonês — usam uma estratégia de duas partes para perguntas em que um marcador de pergunta ocorre em posição alto e um indefinido ocorre em posição baixa. Isto tem sido analisado usando a quantificação sobre as alternativas de Hamblin (Kratzer & Shimoyama 2002). De modo mais geral, as línguas geralmente têm indefinidos QU (Hengeveld et al. 2022, dentre outros). Em Ktunaxa, entretanto, os elementos em posição baixa não são indefinidos e têm um uso independente como anáforas, o que deve ser explicado.

Análise

Propomos que a função de *qa-l* é expressar anáfora para propriedades de eventos, que podem ser vinculadas ou fornecidas contextualmente. A denotação de *qa-l* é apenas o valor desse argumento implícito, como em (7). Isso é interpretado intersectivamente com o sintagma verbal ao qual se junta, e o sujeito é introduzido externamente (Kratzer 1996), como em (8). A descrição do evento resultante é existencialmente fechada, como em (9). Em perguntas de adjuntos, o núcleo QU vincula a variável de propriedade e produz um conjunto alternativo que varia quanto ao seu valor, como em (10) e (11). Em uma pergunta locativa, o MCD inclui uma pressuposição locativa que restringe seu valor, produzindo uma anáfora puramente locativa. Isso garante que somente as respostas locativas sejam incluídas no conjunto alternativo. O caso temporal é análogo, sendo que o morfema correspondente adiciona uma pressuposição temporal. A leitura de maneira/instrumento de *qa-l* é alcançada na ausência de um morfema temporal ou locativo. Uma pergunta que não tem marcação temporal ou locativa inclui essas respostas em sua denotação, mas tais leituras são bloqueadas pelo princípio de Maximizar Pressuposição (Heim 1991), que exige o uso das formas explicitamente temporais e locativas quando apropriado.

Panorama

A anatomia das perguntas de adjuntos em Ktunaxa tem dois componentes principais: um núcleo QU *ka-s* e um preverbo MCD que expressa o tipo da pergunta de adjunto. O sistema tem uma lógica clara que corresponde a estratégias de perguntas encontradas em línguas não relacionadas. Em changshanês (família sinítica), por exemplo, perguntas adjuntas são formadas de forma semelhante (Zhou & Hsieh 2023). Mesmo em inglês, há ecos desse sistema em frases como *in what way*, *at what place* ou *at what time*. De modo mais geral, em muitas línguas há correspondências entre

modificadores QU e anáforas relacionadas. Em última análise, o Ktunaxa destaca a mesma conexão estreita entre perguntas e anáfora, mas junta os ingredientes de uma forma diferente e interessante.

- (1) Suk-wasxumik Ana ϵ $\text{ʔa}\cdot\text{ki}$ **qa-ł** hawasxumik Mali
 bom-cantar Ana e também jeito-PRVB cantar Mary
 ‘Ana cantou bem e Mary cantou **daquele jeito** também.’
- (2) $\text{ʔu}\text{łumi}$ ʔat **qa-su·sa-ł** $\text{ʔitakhi}\text{ʔ-ni}$ qapi qapsin
 maio HAB jeito-TEMP-PRVB crescer-IND todos o_que
 ‘Tudo começa a crescer **naquela época**, em maio.’
- (3) **Qa-wxa-ł** ʔik-ni qu-s $\text{k-xa}\cdot\text{ca-s}$ yuwat-s
 jeito-LOC-PRVB comer-IND DIST.DEM-OBV COMP-quarto-OBV abelha-
 OBV
 ‘Ele comeu naquele lugar, Quatro Abelhas.’
- (4) Ka-s k ʔa-qa-ł hawasxumik Mali
 WH-OBV COMP AGR-jeito-PRVB cantar Mary
 ‘Como Mary cantou?’
- (5) Ka-s k $\text{ʔa-qa-su}\cdot\text{sa-ł}$ hawasxumik La·t
 WH-OBV COMP AGR-jeito-TEMP-PRVB cantar La·t
 ‘Quando La·t cantou?’
- (6) Ka-s k $\text{ʔa-qa-su}\cdot\text{sa-ł}$ hawasxumik La·t
 WH-OBV COMP AGR-jeito-LOC-PRVB cantar La·t
 ‘Onde La·t cantou?’

$$(7) \llbracket \text{qaP-ł ‘jeito-PRVB’} \rrbracket = \lambda e \lambda w . P(e)(w)$$

$$(8) \llbracket \text{qaP-ł hawasxumik Mali ‘A Mary cantou daquele jeito’} \rrbracket = \lambda e \lambda w . P(e)(w) \wedge \mathbf{cantar}(e)(w)(\mathbf{Mary})$$

$$(9) \llbracket \exists \text{qaP-ł hawasxumik Mali ‘A Mary cantou daquele jeito’} \rrbracket = \lambda w . \exists e [P(e)(w) \wedge \mathbf{cantar}(e)(w)(\mathbf{Mary})]$$

$$(10) \llbracket \text{ka-s ‘WH-OBV’} \rrbracket = \lambda f_{\langle \langle v,s \rangle t \rangle, t} . \{p : \exists P_{\langle v,s \rangle t} [p = f(P)]\}$$

$$(11) \llbracket \text{ka-s } \lambda P k \exists \text{ʔa-qaP-ł hawasxumik ‘Como a Mary cantou?’} \rrbracket$$

$$= \llbracket \text{ka-s} \rrbracket (\llbracket \lambda P k \exists \text{ʔa-qaP-ł hawasxumik ‘Como a Mary cantou?’} \rrbracket)$$

$$= \{p : \exists P_{\langle v,s \rangle t} [p = \llbracket \lambda P k \exists \text{ʔa-qaP-ł hawasxumik ‘Como a Mary cantou?’} \rrbracket (P)]\}$$

$$= \{p : \exists P_{\langle v,s \rangle t} [p = \lambda w . \exists e [P(e)(w) \wedge \mathbf{cantar}(e)(w)(\mathbf{Mary})]]\}$$

$$(12) \text{ a. } \llbracket \text{xwa ‘LOCATIVO’} \rrbracket = \lambda P_{\langle v,s \rangle t} : \mathbf{locativo}(P) . P$$

$$\text{ b. } \llbracket \text{qaP-wxa-ł ‘jeito-LOCATIVO-PRVB’} \rrbracket = \lambda e \lambda w : \mathbf{locativo}(P) . P(e)(w)$$

- (13) a. $\llbracket su\text{-}sa \text{ 'TEMPORAL' } \rrbracket = \lambda P_{\langle v, s, t \rangle} : \mathbf{temporal}(P) . P$
 b. $\llbracket qaP\text{-}susa\text{-}t \text{ 'jeito-LOCATIVO-PRVB' } \rrbracket = \lambda e \lambda w : \mathbf{temporal}(P) . P(e)(w)$
- (14) a. $\mathbf{temporal}(P)^{\text{def}}$
 $= \forall w \forall e \forall e' [P(e)(w) \wedge P(e')(w) \leftrightarrow \tau(e)(w) = \tau(e')(w)]$
...em que τ mapeia eventos aos seus tempos de execução
- b. $\mathbf{locativo}(P)^{\text{def}}$
 $= \forall w \forall e \forall e' [P(e)(w) \wedge P(e')(w) \leftrightarrow \mathbf{localização}(e)(w) =$
 $\mathbf{localização}(e')(w)]$

Referências

- Dryer, M. 2002.** A comparison of preverbs in Kutenai and Algonquian. *29th Algonquian Conference*.
- Heim, I. 1991.** Artikel und definitheit. *Semantik: Ein internationales handbuch der zeitgenössischen forschung*.
- Hengeveld, K., S. Iatridou & F. Roelofsen. 2022.** Quexistentials and focus. *Linguistic Inquiry*.
- Kratzer, A. 1996.** Severing the external argument from its verb *Phrase structure and the lexicon*.
- Kratzer, A. & J. Shimoyama. 2002.** Indeterminate pronouns. *3rd Tokyo Conference on Psycholinguistics*.
- Morgan, L. 1991.** *A description of the Kutenai language*. Diss., Berkeley.
- Zhou, K. Y. & M.-L. Hsieh. 2023.** Two premodal 'how's in Mandarin Chinese, Taiwanese and Changshanese. *Proceedings of Canadian Linguistics Society 2023*.

BIPOLAR QUESTIONS ARE NOT NECESSARILY EXHAUSTIVE: EVIDENCE FROM Nl̥eʔkepmxcín

Lisa Matthewson

lisa.matthewson@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Background.

There is no consensus about the semantics of polar questions (PQs). According to some researchers, all PQs are **bipolar**: they introduce two alternatives corresponding to positive and negative answers (e.g., Hamblin 1973; Farkas & Roelofsen 2017; Ciardelli 2021). In contrast, some claim that all PQs are **monopolar**, semantically denoting only a single proposition (e.g., Bolinger 1978; Biezma & Rawlins 2012 (henceforth B&R)). Finally, some propose that PQs can be **either bipolar or monopolar** (e.g., Krifka 2015; 2017). With very few exceptions, all formal research into PQs has focused on English. This talk aims to shed light on the debate using fieldwork data from Nl̥eʔkepmxcín (Salish; British Columbia, Canada and Washington, USA; iso thp).

Proposal.

On the basis of Nl̥eʔkepmxcín data, I argue that both bipolar and monopolar PQs exist, and that languages can overtly encode the difference between the two types. I further argue that Nl̥eʔkepmxcín clears up a misconception that can arise through focusing on English data. One of the main arguments for the monopolarity of English PQs is the pragmatic contrasts they show with explicitly bipolar PQs formed with ... or not? (Bolinger 1978; B&R). However, English ‘or not’ questions are crucially not only bipolar, but also exhaustive, and these two properties are in principle separable (see also Beltrama et al. 2020). The two properties are explicitly teased apart in Nl̥eʔkepmxcín, which thus displays a **three-way** contrast in its PQs: monopolar PQs, bipolar PQs, and exhaustive ‘or not’ PQs.

Evidence for the proposal. Nl̥eʔkepmxcín regularly forms PQs in two ways: with a second-position clitic *n̥*, or with an introductory predicate *keʔ* followed by a nominalized clause. The data in (1)-(2) illustrate typical discourse contexts in which each question-type is felicitous. In (1), the speaker has contextual evidence for the truth of the prejacent (that it is raining), and *n̥* is strongly preferred over *keʔ*. In (2), the speaker has no contextual evidence for the prejacent, and wishes to convey no bias toward the positive answer; *keʔ* is now the preferred choice. These contexts correspond to typical monopolar vs. bipolar environments respectively.

A full paradigm including an explicit ‘or not’ question is given in (3). The monopolar question is rejected, as the salesman has no evidence to assume a positive answer. Bipolar *keʔ* is perfect, as it neutrally offers the addressee both possible options as answers. The exhaustive version with explicit ‘or not’ is acceptable only after intervening utterances have caused the speaker to need to ‘corner’ the addressee (cf. B&R).

Analysis.

For bipolar *keʔ* questions I adopt a standard Hamblin-style bipolar set of alternatives: $[[keʔ]] = \lambda p_{\langle s, t \rangle} . \{p, \neg p\}$. Monopolar *n̥*-questions semantically denote a singleton set $\{p\}$, and have additional pragmatic constraints similar to those advanced by Rudin (2022) for English declarative questions. The ‘or not’ questions are bipolar and in addition have a closure operator that ensures that the two alternatives exhaust the salient alternatives (B&R).

Implications.

Nl̥eʔkepmxcín takes us a step further in the debate about the semantics of PQs. If the proposed analysis is correct, it cannot be the case that PQs are semantically uniform; both monopolar and bipolar PQs exist. Further, a systematic look at Nl̥eʔkepmxcín data for Bolinger’s

cases where ‘or not’ questions are infelicitous reveals that these contexts are not unified: some of them actually test exhaustivity rather than bipolarity. Thus, the felicity of English plain PQs in these contexts does not provide an argument that PQs must be monopolar. The cross-linguistic comparison suggests that English PQs are ambiguous between monopolar and bipolar semantics.

(1) *Context (adapted from Gunlogson 2008): Rose is working in an office that has no windows. Bob enters the office wearing raingear and carrying an umbrella. Rose says to Bob:*

- a. $\text{?ex}=\text{?n} \text{ tékl}$
 IPFV=Q rain
 ‘Is it raining?’
- b. # **ke?** $k=s=\text{tekl}=s$
 Q D/C=NMLZ=rain=3POSS
 ‘Is it raining?’

(2) *Context: A job interview.*

- a. **ke?** $k=s=\text{na?íp}=s$ $k=e?s=s=\text{zu}~\text{zúw-t}$
 Q D/C=NMLZ=already=3POSS D/C=2SG.POSS=NMLZ=AUG~slow-IMM
 $\text{?e}=\text{?éx}=\text{əx}^w$ cwuw-m
 D/C=IPFV=2SG.SBJV work-CTR.MID
 ‘Are you always late when you go to work?’
- b. ?? $\text{na?íp}=\text{kw}=\text{?n}$ $\text{zu}~\text{zúw-t}$ $\text{?e}=\text{?éx}=\text{əx}^w$ cwuw-m
 always=2SG.SBJ=Q AUG~SLOW-IMM D/C=IPFV=2SG.SBJV work-CTR.MID
 ‘Are you always late when you go to work?’

(3) *Context: A salesman comes to the door and asks:*

- a. # $\text{txwəp-mémən}=\text{kw}=\text{?n}$ tək cuwmín?
 buy-DESID=Q OBL-D/C work-INSTR
 ‘Do you want to buy some tools?’
- b. **ke?** $k=e?s=\text{txwep-mémən}$ tək cuwmín?
 Q D/C=2SG.POSS=NMLZ=buy-DESID OBL-D/C work-INSTR
 ‘Do you want to buy some tools?’
- c. **ke?** $k=s=\text{?a?z-memən[-t]-əxw}$ e=tém=us?
 Q D/C=NMLZ=buy-DESID[-CTR.TR]-2SG.ERG D/C=NEG=3SBJV
 ‘Do you want to buy them or not?’

discourse-initially: \checkmark if addressee has responded indecisively in prior utterances.

References

- Beltrama**, A, E. Meertens & M. Romero 2020. Alternative questions: Distinguishing between negated and complementary disjuncts. *Sem. & Prag.* 13(5):1-29.
- Biezma**, M. & K. Rawlins 2012. Responding to alternative and polar questions. *L&P* 35:361-406.
- Bolinger**, D. 1978. Yes–no questions are not alternative questions. In H. Hiz (ed.), *Questions*. Reidel, 87-105.
- Ciardelli**, I. 2021. Why we need a question semantics. In M. Cordes (ed.), *Asking and answering: Rival approaches to interrogative methods*. Narr Verlag, 15-47.
- Farkas**, D. & F. Roelofsen 2017. Division of labor in the interpretation of declaratives and interrogatives. *J. of Sem.*34:237-289.
- Gunlogson**, C. 2008. A question of commitment. *Belgian J. of Ling.* 22:101-136.
- Hamblin**, C. 1973. Questions in Montague English. *Foundations of Language* 10:41–53.
- Krifka**, M. 2015. Bias in Commitment Space Semantics: Declarative questions, negated questions, and question tags. *SALT* 25:328-345.
- Krifka**, M. 2017. Negated polarity questions as denegations of assertions. In C. Lee et al. (eds.), *Contrastiveness in information structure, alternatives and scalar implicatures*. Springer, 359-398.

Rudin, D. 2022. Intonational commitments. *J. of Sem.* 39:339-383.

PERGUNTAS BIPOLARES NÃO SÃO NECESSARIAMENTE EXAUSTIVAS: EVIDÊNCIA DE Nleʔkepmxcín³⁷

Lisa Matthewson

lisa.matthewson@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Background

Não há consenso em relação à semântica das perguntas polares (PQs). De acordo com alguns pesquisadores, todas as PQs são bipolares: elas introduzem duas alternativas correspondentes à resposta positiva e à resposta negativa (cf. Hamblin 1973; Farkas & Roelofsen 2017; Ciardelli 2021). Em contraste, alguns afirmam que todas as PQs são monopulares, denotando semanticamente apenas uma única proposição (cf. Bolinger 1978; Biezma & Rawlins 2012 (doravante B&R)). Finalmente, alguns propõem que as PQs podem ser bipolares ou monopulares (cf. Krifka 2015; 2017). Com pouquíssimas exceções, toda pesquisa formal sobre PQs se concentrou no Inglês. Esta apresentação tem como objetivo lançar luz sobre o debate, usando dados de trabalho de campo com a língua Nleʔkepmxcín (Salish – Colúmbia Britânica, Canadá e Washington, EUA; iso thp).

Proposta

Com base nos dados do Nleʔkepmxcín, argumento que existem PQs bipolares e PQs monopulares, e que as línguas podem codificar visivelmente a diferença entre os dois tipos de perguntas. Argumento ainda que Nleʔkepmxcín esclarece um equívoco que pode surgir ao observar dados do Inglês. Um dos principais argumentos para a monopolaridade das PQs em Inglês são os contrastes pragmáticos que essas questões exibem quando se relacionam com PQs explicitamente bipolares formadas com ... *or not?* (Bolinger 1978; B&R). No entanto, as perguntas ‘or not’ do Inglês crucialmente são não apenas bipolares, mas também exaustivas, e essas duas propriedades são, em princípio, separáveis (ver também Beltrama et al. 2020). As duas propriedades são explicitamente separadas em Nleʔkepmxcín, que, portanto, exibe um contraste triplo em suas PQs: PQs monopulares, PQs bipolares, e PQs ‘or not’ exaustivas.

Evidências para a proposta

Nleʔkepmxcín forma regularmente PQs de duas maneiras: ou com um clítico de segunda posição *n̄*, ou com um predicado introdutório *keʔ* seguido por uma oração nominalizada. Os dados em (1)-(2) ilustram contextos típicos de discurso nos quais cada tipo de pergunta é feliz. Em (1), o falante tem evidências contextuais para a verdade da prejacente (*que está chovendo*). Nesse contexto, *n̄* é fortemente preferido em vez de *keʔ*. Em (2), o falante não tem evidências contextuais para a prejacente e não deseja transmitir nenhum viés em direção à resposta positiva. Agora, *keʔ* é a escolha preferida. Esses contextos correspondem a ambientes monopulares vs. bipolares típicos, respectivamente.

Um paradigma completo incluindo uma pergunta explícita ‘or not’ é dado em (3). A pergunta monopolar *n̄* é rejeitada, pois o vendedor não tem evidências para assumir uma resposta positiva. A pergunta bipolar *keʔ* é perfeita, pois oferece, de forma neutra, ao destinatário ambas as opções possíveis como respostas. A versão exaustiva com ‘or not’ explícito é aceitável somente após declarações intervenientes terem causado a necessidade de o falante de ‘encurrular’ o destinatário (cf. B&R).

Análise

Para as perguntas bipolares *keʔ*, adoto um conjunto bipolar padrão de alternativas no estilo Hamblin: $\llbracket keʔ \rrbracket = \lambda p_{\langle s, t \rangle} . \{p, \neg p\}$. As perguntas *n̄* monopulares denotam semanticamente um

³⁷ Traduzido por Marcus Vinicius Lunguinho.

conjunto único {p} e têm restrições pragmáticas adicionais semelhantes às propostas por Rudin (2022) para perguntas declarativas do Inglês. As perguntas ‘or not’ são bipolares e, além disso, apresentam um operador de fechamento que garante que as duas alternativas esgotem as alternativas salientes (B&R).

Implicações

Nleʔkepmxcín nos leva a dar um passo adiante no debate relativo à semântica das PQs. Se a análise proposta estiver correta, não pode ser o caso de que as PQs sejam semanticamente uniformes: existem PQs que são monopolares e bipolares ao mesmo tempo. Além disso, uma análise sistemática dos dados do Nleʔkepmxcín para os casos de Bolinger onde as perguntas “or not” são infelizes revela que esses contextos não são unificados: alguns deles realmente testam a exaustividade em vez da bipolaridade. Assim, a felicidade das PQs em Inglês nesses contextos não fornece um argumento de que os PQs devem ser monopolares. A comparação translinguística sugere que as PQs em Inglês são ambíguas entre a semântica monopolar e bipolar.

(1) *Contexto (adaptado de Gunlogson 2008): Rose está trabalhando em um escritório que não tem janelas. Bob entra no escritório usando capa de chuva e carregando um guarda-chuva. Rose diz a Bob:*

a. ʔex=ṅ tékl
IPFV=Q chover
‘Está chovendo?’

b. #keʔ k=s=tekl=s
Q D/C=NMLZ=chover=3POSS
‘Está chovendo?’

(2) *Contexto: Uma entrevista de emprego.*

a. keʔ k=s=naʔʔíp=s k=eʔ=s=zu~zúw-t
Q D/C=NMLZ=já=3POSS D/C=2SG.POSS=NMLZ=AUG~devagar-IMM
ʔe=ʔéx=əx^w cwuw-m
D/C=IPFV=2SG.SBJV trabalhar-CTR.MID
‘Você está sempre atrasado quando você vai trabalhar?’

b. ??naʔʔíp=k^w=ṅ zu~zúw-t ʔe=ʔéx=əx^w cwuw-m
sempre=2SG.SBJ=Q AUG~devagar-IMM D/C=IPFV=2SG.SBJV trabalhar-CTR.MID
‘Você está sempre atrasado quando você vai trabalhar?’

(3) *Contexto: Um vendedor chega à porta e pergunta:*

a. #tx^wəp-mémən=k^w=ṅ tək cuwmín?
comprar-DESID=Q OBL-D/C trabalhar-INSTR
‘Você quer comprar algumas ferramentas?’

b. keʔ k=eʔ=s=tx^wəp-mémən tək cuwmín?
Q D/C=2SG.POSS=NMLZ=comprar-DESID OBL-D/C trabalhar-INSTR
‘Você quer comprar algumas ferramentas?’

c. keʔ k=s=ʔaʔ-memən[-t]-əx^w e=tém=us?
Q D/C=NMLZ=comprar-DESID[-CTR.TR]-2SG.ERG D/C=NEG=3SBJV
‘Você quer comprá-las ou não?’

em posição inicial do discurso;

√ se o interlocutor respondeu de modo indeciso em declarações anteriores.

Referências

- Beltrama, A, E. Meertens & M. Romero 2020. Alternative questions: distinguishing between negated and complementary disjuncts. *Semantics & Pragmatics* 13(5):1-29.
- Biezma, M. & K. Rawlins 2012. Responding to alternative and polar questions. *Linguistics & Philosophy* 35:361-406.
- Bolinger, D. 1978. Yes-no questions are not alternative questions. In H. Hiz (ed.) *Questions*. Reidel, 87-105.
- Ciardelli, I. 2021. Why we need a question semantics. In M. Cordes (ed.) *Asking and answering: Rival approaches to interrogative methods*. Narr Verlag, 15-47.
- Farkas, D. & F. Roelofsen 2017. Division of labor in the interpretation of declaratives and interrogatives. *Journal of Semantics* 34: 237-289.
- Gunlogson, C. 2008. A question of commitment. *Belgian Journal of Linguistics* 22:101-136.
- Hamblin, C. 1973. Questions in Montague English. *Foundations of Language* 10:41-53.
- Krifka, M. 2015. Bias in Commitment Space Semantics: Declarative questions, negated questions, and question tags. *SALT* 25:328-345.
- Krifka, M. 2017. Negated polarity questions as denegations of assertions. In C. Lee et al. (eds.), *Contrastiveness in information structure, alternatives and scalar implicatures*. Springer, 359-398.
- Rudin, D. 2022. Intonational commitments. *Journal of Semantics* 39:339-383.

CONJECTURAL QUESTIONS IN KTUNAXA AS CANONICAL QUESTIONS

Ana Laura Arrieta Zamudio

ana.arrieta@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Ryan Bochnak

ryan.bochnak@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Conjectural questions (CQs) are those lacking both speaker and addressee knowledge expectations, and there is a cross-linguistic tendency that CQs are formed with indirect or conjectural evidentials in languages that have them (Littel et al. 2010, Eckardt 2020, Faller 2023, Frana & Menéndez-Benito 2023). In this study, we focus on CQs in Ktunaxa (isolate; British Columbia, Idaho and Montana), which are formed using the modal *xma*, as in (1). In (1), La-t doesn't expect that Dorothy knows who is at the door.

Our main claim is that Ktunaxa CQs are simply canonical questions on the epistemic reading of *xma*, which is subject to interrogative flip. Specifically, epistemic *xma* has a particular temporal profile that requires indirect evidence to be acquired before the prejacent becomes true. A question with epistemic *xma* presupposes that the addressee has this particular type of evidence. However, in contexts where CQs are licit, the speaker does not assume that the addressee has such evidence, resulting in a pragmatics for these questions whereby the addressee is not compelled to answer. The apparent CQ reading is thus derived indirectly from how epistemic *xma* interacts with a canonical question semantics.

Semantics of *xma*.

Xma is a weak necessity modal compatible with epistemic and circumstantial readings; (2) shows an example illustrating teleological weak necessity. Like circumstantial modals cross-linguistically (Condoravdi 2002, Matthewson 2012), *xma* has a future temporal orientation: in (2), the event of the prejacent (wearing the red dress) follows the utterance time, though there is no overt future marking in the sentence.

On its epistemic use, *xma* is also future-oriented: it encodes that the earliest time the prejacent *p* becomes true (EARLIEST(*p*)) has to follow the Evidence Acquisition Time (EAT): $EAT < EARLIEST(p)$ (Hirayama & Matthewson 2022) (see (3)). *Xma* is infelicitous in cases where this condition is not met, as (4) shows. This temporal profile derives a ban on direct evidence with epistemic *xma* claims. Since the evidence has to be acquired before the prejacent *p* becomes true, there can be no direct evidence for *p* (Koev 2011).

We furthermore argue that on all of its uses – epistemic or circumstantial – *xma* is judge-dependent (in the sense of Stephenson 2007 for epistemic modals). By default, the judge is set to the speaker in unembedded declaratives. For instance in (2), it is the speaker's opinion that wearing the red dress will fulfill the addressee's goals.

We thus propose (5) as our analysis for *xma*, where the modal anchor is an index consisting of a world-time-judge tuple $\langle w, t, x \rangle$ (Stephenson 2007). We represent the fact that *xma* is compatible with a variety of conversational backgrounds with an underspecified accessibility relation *Acc* (we also abstract away from the weak necessity force here). *Xma* furthermore presupposes a future temporal orientation of the prejacent: the evaluation time *t* (which for the epistemic reading of *xma* is the EAT) must be before the earliest *p*-time.

Questions with *xma*.

In questions, *xma* displays interrogative flip, whereby instead of having the speaker as an anchor, the judge parameter is set to the addressee (Murray 2010). Thus, the question in (6) invokes the opinion of the addressee. Modeling the denotation of the question in (6) as in (7), we use $\Box_{Acc,j}$ as a shorthand for the modal contribution of *xma*, where *Acc* represents the modal

flavour, and *j* the judge. Thus, the first proposition in (7) reads as: “in the worlds that the *addressee* considers the best according to the speaker’s *goals*, the speaker wears a red dress in those worlds, in the future of the reference time”.

We propose that the apparent CQ reading of *xma* in (1) is a result of the default interrogative flip on the epistemic reading of *xma*, modeled in (8). Because of the evidential and temporal profile of *xma*, the question presupposes that the addressee only has indirect evidence for *p* acquired prior to EARLIEST(*p*). (For space, we leave out the temporal information in (8)).

However, in scenarios like (1), the context provides that the speaker does not assume that the addressee has such evidence (neither Dorothy nor *La-t* are expecting visitors). Thus, the speaker does not expect the addressee to have evidence for one of the propositions in (8). We argue that the semantics of the question containing *xma* paired with this particular pragmatic profile of the context together give rise to the apparent CQ reading of (1). By invoking the addressee’s epistemic state in a context where the speaker does not expect the addressee to have the relevant evidence for the prejacent, addressee competence (Farkas 2022) is suspended. Thus, the apparent CQ flavour of the *xma*-interrogative in (1) is derived from a canonical question semantics on the epistemic reading of *xma*. On our account, there is no grammatical device that directly encodes the CQ effects.

Taking stock, our account shares some features of recent analyses of CQs in other languages, in that we derive the CQ reading as a side-effect of interrogative flip of an inferential or conjectural modal/evidential in canonical questions (e.g., Littel et al. 2010 for St’át’imcets, Nl̓eʔkepmxcín and Gitksan; Faller 2023 for Cuzco Quechua; Frana & Menéndez-Benito 2023 for Italian). However, we recognize genuine cross-linguistic variation in this domain whereby CQs appear to be more grammaticalized in some languages compared to others. For instance, German makes a syntactic distinction between questions containing *wohl* that simply involve interrogative flip versus genuine CQs (Eckardt 2020); meanwhile CQs in Cheyenne are formed using the reportative evidential, and thus requires extra machinery beyond interrogative flip (Murray, 2010). Additionally, we believe that our observation that *xma* is necessarily future-oriented may provide a clue for why languages often recruit markers of futurity as conjectural markers in declaratives and interrogatives (e.g., Italian): this temporal profile enforces a ban on direct evidence, and so only indirect evidence can be used. The indirect evidential requirement can then become grammaticalized as an inferential evidential requirement, which in interrogatives gives rise to CQ-like readings.

- (1) Context: *There is a knock on the door in the middle of the night. Dorothy and La-t weren’t expecting anyone. La-t says to Dorothy:*
 Qaʔa *xma* ki-ʔin
 who MOD COMP-to.be
 ‘Who could it be?’ [Conjectural question]
- (2) Context: *I’m going to a party and I don’t know what to wear, so I ask you for your opinion. You say:*
xma-hin qanaxam-ni na-s kanuhus ʔa·qatwumʔaʔt-s
 MOD-2SG to.wear-OBV DEM.NEAR-OBV red dress-OBV
 ‘You should wear this red dress’ [Teleological reading of *xma*]
- (3) Context: (Adapted from Hirayama & Matthewson 2022) *La-t poisons Mary’s food and leaves. Later La-t says:*
 Maʔi *xma* ʔis-iʔ ksa·nitxuʔni-ni na-s taxa-s
 Mary MOD really-ADV to.be.sick-IND DEM.NEAR-OBV now-OBV
 ‘Mary should be very sick right now’ [EAT (poisoning) < EARLIEST(*p*) (sickness)]
- (4) Context: (Adapted from Hirayama & Matthewson 2022) *La-t visits Zara in the*

hospital. *La-t* sees through the window of the hospital room that the doctors look worried. *La-t* says:

#*xma* ?is-it ksa-nitxu?ni-ni

MOD really-ADV to.be.sick-IND

Intended: ‘She should be very sick’

Consultant’s comment: no [EARLIEST(*p*)(sickness) < EAT (seeing worried doctors)]

(5) $\llbracket xma(p) \rrbracket^{c; w, t, j}$ is only defined if {EAT / *t*} < EARLIEST(*p*)

If defined, $\llbracket xma \rrbracket^{c; w, t, j} = \lambda p_{(s, (i, et))} [\forall \langle w', t', x \rangle \in \mathbf{Acc}_{w, t, j} : p(w')(t')(x) = 1]$

(6) *Context: There is a new restaurant in ?aqam. You and Laura want to go there for dinner. Laura is at your house and helping you get ready. You are not sure what to wear to the restaurant. You don’t know if it is fancy or casual, but Laura has walked by before and seen the people who go in there. You ask her:*

Qapsin xma-hu k-u s-it hatqani?t

what MOD-1SG COMP-1SG PROGR-ADV to.wear

‘What should I wear?’ [Teleological reading, Interrogative flip]

(7) $\llbracket (6) \rrbracket^t = \{ \square_{\text{Teleo, Add}}(\text{sp wears the red dress at } t' > t), \square_{\text{Teleo, Add}}(\text{sp wears jeans at } t' > t), \dots \}$

(8) $\llbracket (1) \rrbracket^t = \{ \square_{\text{Epis, Add}}(\text{it’s Laura}), \square_{\text{Epis, Add}}(\text{it’s Alfred}), \square_{\text{Epis, Add}}(\text{it’s Chrystal}), \dots \}$

References

Condoravdi, C. 2002. Temporal Interpretation of Modals. Modals for the Present and for the Past. In D. Beaver, S. Kaufmann, B. Clark, & C. Luis (Eds.), *The Construction of Meaning* (59–88). CSLI Publications.

Eckardt, R. 2020. The case of German verb-final wohl questions. *Semantics and Pragmatics*, 13(9), 1–17.

Faller, M. 2023. Conjectural Speech Acts in Cuzco Quechua. *Journal of Pragmatics*, 214, 144–163.

Farkas, D. 2022. Non-intrusive Questions as a Special Type of Non-Canonical Questions. *Journal of Semantics*, 39, 295–337.

Frana, I. Menéndez-Benito, P. 2023. The evidential future in Italian. *Natural Language Semantics*, 31, 139–178.

Hirayama, Y. & Matthewson, L. 2022. Evidential-temporal interactions do not (always) come for free. *Journal of Pragmatics*, 193, 173–188.

Koiv, T. 2011. Evidentiality and temporal distance learning. *Proceedings of SALT 21*, 115–134.

Littell, P., Matthewson, L., & Peterson, T. 2010. On the semantics of conjectural questions. In T. Peterson & U. Sauerland (Eds.), *Evidence from Evidentials*, 89–104. UBC. Working Papers in Linguistics.

Matthewson, L. 2012. On the (Non-) Future Orientation of Modals. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, 16(2), 431–446.

Murray, S. E. 2010. *Evidentiality and the Structure of Speech Acts*. PhD dissertation. Rutgers University.

Stephenson, T. (2007). Judge Dependence, Epistemic Modals, and Predicates of Personal Taste. *Linguistics and Philosophy*, 30(4), 487–525.

PERGUNTAS CONJECTURAS EM KTUNAXA COMO PERGUNTAS CANÔNICAS³⁸

Ana Laura Arrieta Zamudio

³⁸ Traduzido por Ana Clara Polakof.

ana.arrieta@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Ryan Bochnak

ryan.bochnak@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Perguntas conjecturais (CQs) são aquelas que não apresentam expectativas de conhecimento tanto do falante como do destinatário, e há uma tendência cross-linguística de que as CQs se formem com evidências indiretos ou conjecturais em línguas que os têm (Littel et al. 2010, Eckardt 2020, Faller 2023, Frana & Menéndez-Benito 2023). Neste trabalho, focamos nas CQs em Ktunaxa (isolado; British Columbia, Idaho e Montana), que são formadas usando o modal *xma*, como em (1). Em (1), La-t não espera que Dorothy saiba quem está na porta.

O nosso argumento principal é que as CQs em Ktunaxa são simplesmente perguntas canônicas sobre a leitura epistêmica de *xma*, que está sujeita à virada (flip) interrogativa. Especificamente, o *xma* epistêmico tem um perfil temporal particular que requer evidência indireta que seja adquirida antes de que o prejacente se transforme em verdadeiro. Uma pergunta com o *xma* epistêmico pressupõe que o destinatário tem esse tipo particular de evidência. Contudo, em contexto onde as CQs são lícitas, o falante não assume que o destinatário tem essa evidência, resultando numa pragmática para esse tipo de perguntas na qual o destinatário não está comprometido a responder. A leitura CQ aparente se deriva, então, indiretamente de como o epistêmico *xma* interage com a semântica das perguntas canônicas.

A semântica de *xma*.

Xma é um modal de necessidade fraca que é compatível com leituras epistêmicas e circunstanciais; (2) mostra um exemplo que ilustra a necessidade fraca teleológica. Como os modais circunstanciais cross-linguisticamente (Condoravdi 2002, Matthewson 2012), *xma* tem uma orientação temporal futura: em (2), o evento do prejacente (vestir um vestido vermelho) segue o tempo da enunciação, mesmo quando não há uma marcação aberta de futuro na sentença.

No seu uso epistêmico, *xma* também é orientado ao futuro: ele codifica que o tempo mais temprano em que o prejacente *p* se transforma em verdadeiro (Mais+cedo(*p*)) deve seguir o Tempo de Aquisição da Evidência (EAT): $EAT < \text{Mais+cedo}(p)$ (Hirayama & Matthewson 2022) (ver (3)). *Xma* é infeliz em casos onde esta condição não se satisfaz, como mostra (4). Esse perfil temporal deriva de uma proibição em relação aos pedidos epistêmicos que o *xma* faz. Como a evidência deve ser adquirida antes de que o prejacente *p* seja verdadeiro, não pode haver evidência direta para *p* (Koev 2011).

Argumentamos, além disso, que em todos os seus usos –epistêmico ou circunstancial–*xma* é dependente do juiz (no sentido de Stephenson 2007 para modais epistêmicos). Por default, o juiz está predefinido ao falante em declarativas não encaixadas. Por exemplo, em (2), é a opinião do falante que usar o vestido vermelho completará as metas do destinatário.

Propomos, assim, (5) como a nossa análise para *xma*, onde a âncora modal é um índice que consiste em uma tupla mundo-tempo-juiz $\langle w', t', x \rangle$ (Stephenson 2007). Representamos o fato de que *xma* é compatível com uma variedade de origens conversacionais com uma relação de acessibilidade subespecificada *Acc* (também nos afastamos da força fracada necessidade aqui). *Xma* além disso, pressupõe uma orientação temporal futura do precedente: o tempo de avaliação *t* (que para a leitura epistêmica de *xma* é o EAT) deve ser anterior aos tempos-*p* mais cedo.

Perguntas com *xma*.

Em perguntas, *xma* mostra uma volta (flip) interrogativa, onde em lugar de ter o falante como âncora, o parâmetro do juiz está atribuído ao destinatário (Murray 2010). Assim, a pergunta em (6) invoca a opinião do destinatário. Modelando a denotação da pergunta em (6) como (7), usamos $\Box_{Acc,j}$ como a contribuição modal de *xma*, onde *Acc* representa o sabor modal, e *j* o juiz. Assim, a primeira proposição em (7) se lê como: “nos mundos em que o destinatário considera o

melhor de acordo com os objetivos do falante, nesses mundos o falante usa um vestido vermelho, no futuro do tempo de referência”.

Propomos que a leitura CQ aparente de *xma* em (1) é o resultado da virada (flip) interrogativa padrão na leitura epistêmica de *xma*, modelada em (8). Devido ao perfil evidencial e temporal de *xma*, a pergunta pressupõe que o destinatário tenha apenas evidências indiretas de p adquiridas antes de Mais-cedo(p). (Por conta de espaço, não incluímos a informação temporal em (8)).

Contudo, em cenários como (1), o contexto prevê que o falante não presume que o destinatário tenha tal evidência (nem Dorothy nem La-t estão esperando visitantes). Assim, o falante não espera que o destinatário tenha evidências para uma das proposições em (8). Argumentamos que a semântica da pergunta que contém *xma* emparelhada com este perfil pragmático particular do contexto dá origem à aparente leitura QC de (1). Ao invocar o estado epistêmico do destinatário num contexto em que o falante não espera que o destinatário tenha as evidências relevantes para o precedente, a competência do destinatário (Farkas 2022) é suspensa. Assim, o aparente sabor QC da interrogativa *xma* em (1) é derivado de uma semântica de pergunta canônica na leitura epistêmica de *xma*. Em nossa proposta, não existe nenhum dispositivo gramatical que codifique diretamente os efeitos QC.

Fazendo um balanço, o nosso relato compartilha algumas características de análises recentes de QCs em outras línguas, na medida em que derivamos a leitura de QC como um efeito colateral da inversão interrogativa de um modal/evidência inferencial ou conjectural em perguntas canônicas (e.g., Littel et al. 2010 for St’át’imcets, Nl̥əʔkepmxcín and Gitksan; Faller 2023 for Cuzco Quechua; Frana & Menéndez-Benito 2023 for Italian). No entanto, reconhecemos uma variação interlinguística genuína neste domínio, em que os CQs parecem ser mais gramaticalizados em algumas línguas em comparação com outras. Por exemplo, o alemão faz uma distinção sintática entre questões contendo *wohl* que envolvem simplesmente inversão (flip) interrogativa versus questões genuínas CQs (Eckardt 2020); por outro lado as CQs em Cheyenne se formam usando um evidencial reportativo e precisam de mais maquinaria para explicar a virada interrogativa (Murray, 2010). Adicionalmente, acreditamos que a nossa observação de que o *xma* está necessariamente orientada ao futuro pode dar uma pista de por que as línguas usam marcadores de futuro como marcadores conjecturais em declarativas e interrogativas (e.g., Italiano): este perfil temporal impõe uma proibição de provas diretas e, portanto, apenas provas indiretas podem ser utilizadas. O requisito evidencial indireto pode então tornar-se gramaticalizado como um requisito evidencial inferencial, o que nas interrogativas dá origem às leituras de tipo-CQ.

(1) *Contexto: Tem uma batida na porta no meio da noite. Dorothy e La-t não estavam esperando ninguém.*

La-t diz para Dorothy:

Qała *xma* ki-ʔin
quem MOD COMP-ser
‘Quem poderia ser?’

[Pergunta Conjectural]

(2) *Contexto: Vou para uma festa e não sei o que vestir; então eu pergunto para você a sua opinião. Você diz:*

xma-hin qanaxam-ni na-s kanuhus ʔa·qatwumʔt-s
MOD-2SG vestir-OBV DEM.NEAR-OBV vermelho vestido-OBV
‘Você devia usar esse vestido vermelho’

[Leitura teleológica de

xma]

(3) *Contexto: (Adaptado de Hirayama & Matthewson 2022) La-t envenena a comida de Mary’ e sai. Depois*

La-t diz:

Mati *xma* ʔis-it ksa·niʔxuʔni-ni na-s taxa-s

Mary MOD really-ADV to.be.sick-IND DEM.NEAR-OBV now-OBV
 ‘Mary deve estar muito doente nesse momento ’ [EAT
 (envenenamento) < Mais–cedo(p) (doença)]

(4) Contexto: (Adaptado de Hirayama & Matthewson 2022) *La·t visita Zara no hospital. La·t vê através da janela do quarto do hospital que os médicos parecem preocupados. La·t diz:*

#*xma* ?is-it ksa·ni?xu?ni-ni
 MOD realmente-ADVestar.doente-IND
 Intenção: ‘Ela deve estar muito doente’

Comentário do consultante: não [Mais–cedo(p)(doença) < EAT (ver médicos preocupados)]

(5) $[[xma(p)]]^{c;w,t,j}$ só é definido se {EAT / t} < Mais-*cedo(p)*
 Se definido, $[[xma]]^{c;w,t,j} = \lambda p_{(s,(i,et))} [\forall \langle w',t',x \rangle \in \mathbf{Acc}_{w,t,j} : p(w')(t')(x) = 1]$

(6) Contexto: *Tem um restaurante novo em ?aqam. Você e Laura querem ir lá para jantar. Laura está na sua casa ajudando você a ficar pronto. Você não tem certeza sobre o que vestir no restaurante. Não sabe se é mais sofisticado ou casual, mas Laura passou por lá antes e viu as pessoas que vão lá. Você pergunta para ela:*

Qapsin *xma*-hu k-u s-it hatqani?t
 o que MOD-1SG COMP-1SG PROGR-ADV vestir
 ‘O que eu devo vestir?’ [Leitura teleológica, virada interrogativa]

(7) $[[(6)]]^t = \{ \square_{\text{Teleo,Add}}(\text{sp veste o vestido vermelho em } t' > t), \square_{\text{Teleo,Add}}(\text{sp veste jeans em } t' > t), \dots \}$

(8) $[[(1)]]^t = \{ \square_{\text{Epis,Add}}(\text{é a Laura}), \square_{\text{Epis,Add}}(\text{é o Alfred}), \square_{\text{Epis,Add}}(\text{é o Chrystal}), \dots \}$

Referências

- Condoravdi, C.** 2002. Temporal Interpretation of Modals. Modals for the Present and for the Past. In D. Beaver, S. Kaufmann, B. Clark, & C. Luis (Eds.), *The Construction of Meaning* (59–88). CSLI Publications.
- Eckardt, R.** 2020. The case of German verb-final *wohl* questions. *Semantics and Pragmatics*, 13(9), 1–17.
- Faller, M.** 2023. Conjectural Speech Acts in Cuzco Quechua. *Journal of Pragmatics*, 214, 144–163.
- Farkas, D.** 2022. Non-intrusive Questions as a Special Type of Non-Canonical Questions. *Journal of Semantics*, 39, 295–337.
- Frana, I. Menéndez-Benito, P.** 2023. The evidential future in Italian. *Natural Language Semantics*, 31, 139–178.
- Hirayama, Y. & Matthewson, L.** 2022. Evidential-temporal interactions do not (always) come for free. *Journal of Pragmatics*, 193, 173–188.
- Koev, T.** 2011. Evidentiality and temporal distance learning. *Proceedings of SALT 21*, 115–134.
- Littell, P., Matthewson, L., & Peterson, T.** 2010. On the semantics of conjectural questions. In T. Peterson & U. Sauerland (Eds.), *Evidence from Evidentials*, 89–104. UBC. Working Papers in Linguistics.
- Matthewson, L.** 2012. On the (Non-) Future Orientation of Modals. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, 16(2), 431–446.
- Murray, S. E.** 2010. *Evidentiality and the Structure of Speech Acts*. PhD dissertation. Rutgers University.
- Stephenson, T.** (2007). Judge Dependence, Epistemic Modals, and Predicates of Personal Taste. *Linguistics and P*

ON THE STATUS OF SO-CALLED OPTIONAL PLURAL MARKERS

Veneeta Dayal

veneeta.dayal@yale.edu

Yale University

This talk looks at languages in which the base form allows for reference to singular as well as plural individuals and considers the status of so-called optional plural markers in such languages. Drawing on Cuzco Quechua it argues that the morpheme -kuna (classified as an optional plural marker by Faller 2009) is better analyzed as encoding a presupposition of sortability. This proposal explains various facts that the label of optional plurality fails to explain. In the second part of the talk I consider the relevance of the sortability hypothesis to other languages which have been claimed to have optional pluralization strategies.

SOBRE O ESTATUTO DOS ASSIM CHAMADOS MARCADORES PLURAIS³⁹

Veneeta Dayal

veneeta.dayal@yale.edu

Yale University

Essa fala investiga línguas em que a forma base permite referência tanto a indivíduos singulares quanto plurais e considera o estatuto dos assim chamados marcadores opcionais de plural em tais línguas. Com base em Cuzco Quechua argumenta que o morfema -kuna (classificado como um marcador opcional de plural por Faller 2009) é melhor analisado como codificando uma pressuposição de sortabilidade. Essa proposta explica vários fatos que o rótulo pluralidade opcional não consegue explicar. Na segunda parte, considero a relevância da hipótese da sortabilidade para outras línguas que foram classificadas como tendo estratégias de pluralização opcional.

³⁹ Traduzido por Roberta Pires de Oliveira.

SCOPE EFFECTS OF BARE NOUNS IN KAINGANG

Michel Navarro

michel.assisnavarro@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Introduction

This presentation addresses the scope behavior of indefinite bare nouns (BNs) in Kaingang (Jê, Brazil). I show that Kaingang BNs, which are number neutral, have unrestricted distribution (1a–b) and exhibit variable-scope effects in relation to other clause-mate operators, such as negation, intensional verbs, *if*-clauses, universal quantifiers, and adverbials (2a–4a). Kaingang BNs can have narrow, intermediate, and wide scope. The variable scope taking of Kaingang BNs, along with Hebrew BNs (Dayal 2004; Tonciulescu 2009) and Malagasy BNs (Paul 2016), contrast with the obligatory narrow scope of BNs in a wide range of typologically distinct languages (Carlson 1977a, b; Deprez 2005; Dayal 2004; Cheng & Sybesma 1999; Rullmann & You 2006, among others). Adopting a type-shifting framework (Partee 1987; Chierchia 1998; Krifka 2003), I analyse Kaingang BNs as predicate NPs mapped into arguments via a choice function type-shifter (CF) which, *à la* English indefinites under Reinhart’s (1997) analysis, gets existentially closed at any level in the clausal spine. Moreover, on the assumption that null Ds must be syntactically licensed (Contreras 1986; Chierchia 1998b; Longobardi 1994, 2001; Paul 2016), I claim that Kaingang BNs provide evidence that a CF is not always bound to a D and hence that it also belongs to the natural language inventory of covert type-shifters.

The data

Take the interactions between BNs and negation, for instance. The availability of wide and narrow scope readings of *pirã* ‘fish’ with respect to negation in (2a) was tested through the storyboard scenarios in Fig.1 and Fig.2 (Bruening 2008). The two readings of the BN in (2a) were attested in Kaingang. The wide scope interpretation was tested through the storyboard depicted in Fig.1, where one fish wasn’t caught. This reading is represented in (2b). (2a) is also true in the scenario depicted in Fig.2, where there aren’t any fish in the river. This shows that *pirã* also has narrow scope with respect to negation, as captured in (2c). In addition, BNs have “exceptional” scope, e.g., as opposed to the universal quantifier *kar* ‘all’ (as will be shown in the presentation), they scopally interact with *if*-clauses, which create syntactic islands. This is revealed through contexts A and B in (3). Context A makes sentence (3a) true under the interpretation in which the BN *kanhgág* ‘Kaingang’ scopes over the *if*-clause, as represented in (3b). The same sentence is also true in context B, i.e., under the interpretation in which the BN displays narrow scope with respect to the *if*-clause, as represented in (3c). Moreover, BNs exhibit intermediate scope in constructions with two universal quantifiers, as in (4a). The intermediate scope of the BN *ĩn* ‘house’, captured in (4b), was verified by the acceptance of (4a) in the context exhibited in Fig.3, where the houses covary with the number of chiefs, but not with the number of non-indigenous persons.

The analysis

I claim that the indefinite readings of Kaingang BNs are associated with a CF operator. BNs are modelled as predicate NPs mapped into arguments via a CF type-shifter. Their existential force and scope interactions with other operators arise from existential closure of the CF variable at any level in the clausal spine. Independent evidence that a CF can be a type-shifter in Kaingang, rather than be associated with a covert D, as proposed for Malagasy (Paul 2016), comes from the syntactic distribution of Kaingang BNs. On the assumption that null determiners must be syntactically licensed, if Kaingang BNs had a null D, we would expect restrictions on their distribution (e.g., they would be ruled out as external arguments). However, Kaingang BNs appear in any argument positions. In this regard, Kaingang BNs provide supporting evidence that a CF is

not always linked to the presence of a D. If this analysis is on the right track, it indicates that a CF operator is among the set of covert type-shifters available to BNs in argument positions.

- (1) a. **Gĩr** vỹ jãn ∅. b. Fógtẽ vỹ **gĩr** mỹ **jãnka**-∅ fẽg ∅.
 child NOM sing PFV Fógtẽ NOM child DAT necklace-ACC give PFV
 ‘A/some/the child(ren) sang.’ ‘Fógtẽ gave a/some necklace(s) to a/some/the child(ren).’

- (2) a. Fógtẽ vỹ **pirã**-∅ sam ∅ tũ nĩ.
 Fógtẽ NOM fish-ACC catch PFV NEG ASP
 ‘Fógtẽ didn’t catch a fish.’

- b. $\exists x[\text{FISH}(x) \wedge \neg[\text{CATCH}(x)(\text{FÓGTË})]]$ c. $\neg[\exists x[\text{FISH}(x) \wedge \text{CATCH}(x)(\text{FÓGTË})]]$

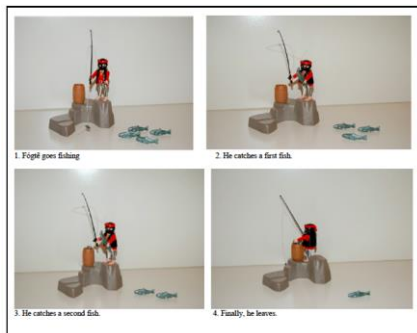


Fig.1: Wide scope context.

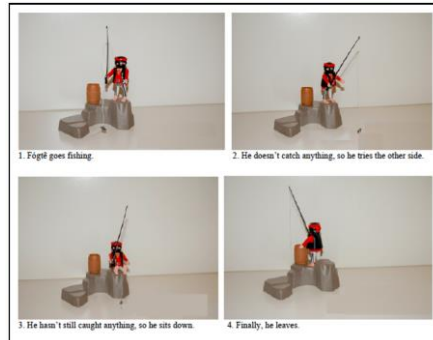


Fig.2: Narrow scope context.

- (3) ✓**Context A:** There will be many Kaingangs at the party. You, the party singer, are convinced that if a particular Kaingang (Fógtẽ) arrives there, you will sing *Garçom*.
 ✓**Context B:** You, the party singer, are convinced that if any Kaingang arrives at the party, whoever they are, you will sing the song *Garçom*.

- a. Fénhta ki **kanhgág** jun **mũra**, sóg *Garçom* jãn ke mũ.
 party at Kaingang arrive if 1SG.TOP *Garçom* sing FUT ASP
 ‘If a Kaingang arrives at the party, I will sing *Garçom*.’
 b. $\exists x[\text{KAINGANG}(x) \wedge [\text{ARRIVE}(x) \rightarrow \text{SING}(\text{GARÇOM})(\text{SPEAKER})]]$
 c. $[\exists x[\text{KAINGANG}(x) \wedge [\text{ARRIVE}(x)]] \rightarrow \text{SING}(\text{GARÇOM})(\text{SPEAKER})]$

- (4) a. **Pã'i** kar vỹ **fóg** kar tỹ **ĩn**-∅ han mũ to há nĩ.
 chief all NOM non.indigenous.person all ERG house-ABS make ASP like ASP
 ‘All chiefs like all non-indigenous persons that built a house.’

- b. For every chief x , there is a house y , such that x likes every non-indigenous person z that built y . ✓ $\forall > \exists > \forall$

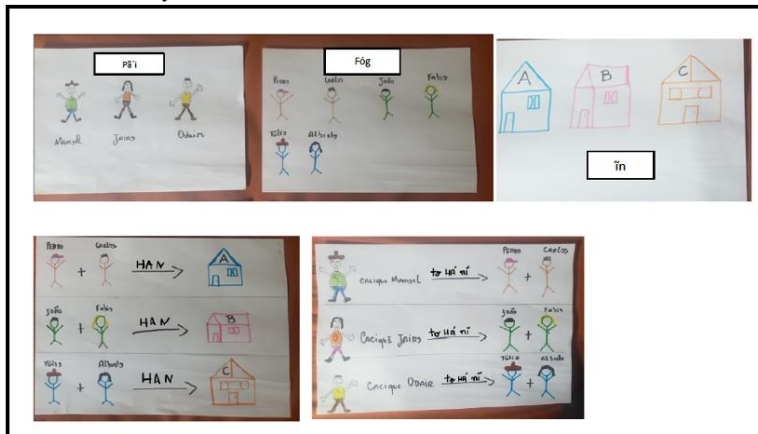


Fig.3: Intermediate scope context.

EFEITOS DE ESCOPO DE NOMES NUS EM KAINGANG⁴⁰

Michel Navarro

michel.assisnavarro@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Introdução

Esta apresentação aborda o comportamento quanto ao escopo de nomes nus (NNs) indefinidos em Kaingang (Jê, Brasil). Mostraremos que os NNs em Kaingang, que são neutros para número, apresentam distribuição irrestrita (1a–b) e exibem efeitos de variação de escopo em relação a outros operadores presentes na mesma sentença, tais como a negação, verbos intencionais, antecedentes de sentenças condicionais, quantificadores universais, e adverbiais (2a–4a). Os NNs em Kaingang podem exibir escopo estreito, intermediário e amplo. A variabilidade do escopo assumido pelos NNs em Kaingang, tal como atestado para os NNs do hebraico (Dayal 2004; Tonciulescu 2009) e da língua malgaxe (Paul 2016), contrasta com a obrigatoriedade de escopo estreito para os NNs em um grande número de línguas naturais tipologicamente distintas (Carlson 1977a, b; Deprez 2005; Dayal 2004; Cheng & Sybesma 1999; Rullmann & You 2006, entre outros). Adotando um quadro teórico de *type-shifting* (Partee 1987; Chierchia 1998; Krifka 2003), analisaremos os NNs do Kaingang como nominais predicativos que são mapeados a argumentos via um operador de mudança de tipos de livre escolha (*free choice*), à moda do tratamento dado por Reinhart's (1997) aos indefinidos do inglês. Os indefinidos do inglês, nessa abordagem, recebem fechamento existencial em qualquer nível da estrutura sentencial. Além disso, assumindo que Ds nulos devem ser sintaticamente licenciados (Contreras 1986; Chierchia 1998b; Longobardi 1994, 2001; Paul 2016), defenderemos que os NNs do Kaingang dão evidências de que operadores de livre escolha não estão necessariamente ligados a um D e, portanto, de que eles também pertencem ao inventário de operadores de mudança de tipo cobertos em língua naturais.

Os dados

Vejam as interações entre NNs e negação, por exemplo. A disponibilidade de leituras de escopo largo e estreito para *pirã* 'peixe' com relação à negação em (2a) foi verificada por meio dos cenários em *storyboard* nomeados Fig.1 e Fig.2 (Bruening 2008). As duas interpretações foram atestadas em Kaingang (2a). A leitura de escopo amplo foi atestada por meio do *storyboard* mostrado na Fig.1, em que um certo peixe não foi apanhado. Essa é a interpretação representada em (2b). (2a) também é verdadeira no cenário exibido Fig.2, em que não há peixe algum no rio. Isso mostra que *pirã* também pode assumir escopo estreito com respeito à negação, como vemos em (2c). Além disso, os NNs também apresentam escopo "excepcional", i.e., em oposição ao quantificador universal *kar* 'todo' (como será demonstrado na apresentação), eles interagem com os antecedentes de sentenças condicionais, criando assim ilhas sintáticas. Isso foi revelado nos contextos A e B, em (3). O contexto A torna a sentença (3a) verdadeira na interpretação em que o NN *kanhgág* 'Kaingang' tem escopo sobre o antecedente da condicional, tal como representado em (3b). A mesma sentença também é verdadeira no contexto B, i.e., na interpretação em que o NN apresenta escopo estreito em relação ao antecedente da condicional, como representado em (3c). Ademais, NNs exibem escopo intermediário em construções com dois quantificadores universais, tal como em (4a). O escopo intermediário do NN *ĩn* 'casa', capturado em (4b), foi aferido pela aceitação de (4a) no contexto exibido pela Fig.3, no qual as casas covariam com o número de chefes, mas não com o número de indivíduos não-indígenas.

A análise

Defendemos que as leituras indefinidas para os NNs do Kaingang estão associadas com um operador de livre escolha. NNs são moldados como NPs predicacionais e mapeados a

⁴⁰ Traduzido por Ana Paula Quadros Gomes.

argumentais via um operador de mudança de tipos de livre escolha. Sua força existencial e interações de escopo com outros operadores dão fruto a um fechamento existencial da variável *free choice* em qualquer ponto da árvore sintática. Evidências independentes de que o operador de livre escolha é um operador de mudança de tipo em Kaingang, em vez de estar associado a um D coberto, tal como na proposta de (Paul 2016) para a língua malgaxe, vem da distribuição sintática dos NNs em Kaingang. Assumindo que determinantes nulos precisam ser sintaticamente licenciados, se o NN do Kaingang NNs tivesse um D nulo, esperaríamos restrições na sua distribuição (p.ex., esses NNs não seriam aceitos como argumentos externos). Entretanto, os NNs do Kaingang são licenciados em qualquer posição argumental. Desse ponto de vista, os NNs do Kaingang sustentam a hipótese de que um operador de livre escolha não necessita estar sempre ligado a um D. Se essa análise estiver correta, a conclusão decorrente é que operadores de livre escolha integram o arsenal de alternadores de tipo cobertos disponíveis para NNs em posição argumental.

- (1) a. **Gĩr** vỹ jãn ∅. b. Fógtẽ vỹ **gĩr** mỹ **jãnka-∅** fẽg ∅.
 criança NOM cantar PFV Fógtẽ NOM criança DAT colar-ACC dar PFV
 ‘Uma/dada/a(s) criança(s) cantou/cantaram. ‘Fógtẽ deu/um/ certos colar(es) para
 uma/dadas/a(s) criança(s).’

- (2) a. Fógtẽ vỹ **pirã-∅** sam ∅ **tũ** nĩ.
 Fógtẽ NOM peixe-ACC pegar PFV NEG ASP
 ‘Fógtẽ não pegou um peixe.’

- b. $\exists x[\text{PEIXE}(x) \wedge \neg[\text{PEGAR}(x)(\text{FÓGTÊ})]]$ c. $\neg[\exists x[\text{PEIXE}(x) \wedge \text{PEGAR}(x)(\text{FÓGTÊ})]]$

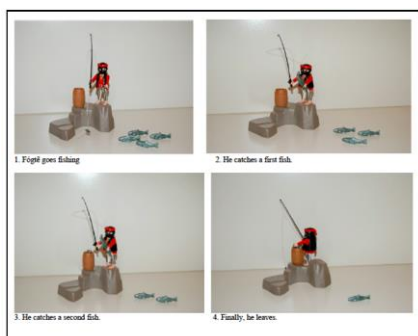


Fig.1: contexto de escopo largo.

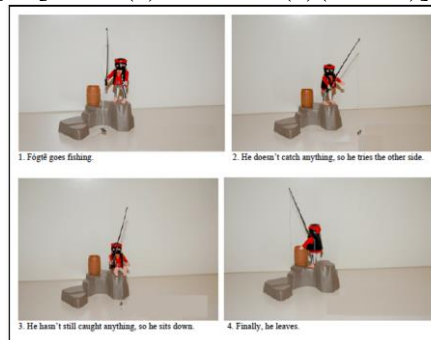


Fig.2: contexto de escopo estreito.

- (3) ✓**Contexto A:** Há diversos Kaingangs na festa. Você, o cantor da festa, decidiu que, quando um convidado Kaingang particular (Fógtẽ) chegar, você vai cantar *Garçom* para ele.

✓**Context B:** Você, o cantor da festa, está convencido de que se qualquer Kaingang chegar, seja quem for, você vai ter de cantar a canção *Garçom*.

- a. Fénhta ki **kanhgág** jun **mũra**, sóg *Garçom* jãn ke mũ.
 festa na Kaingang chegar se 1SG.TOP *Garçom* sing FUT ASP
 ‘Se um Kaingang chegar à festa, eu vou cantar *Garçom*.’

- b. $\exists x[\text{KAINGANG}(x) \wedge [\text{CHEGAR}(x) \rightarrow \text{SING}(\text{GARÇOM})(\text{FALANTE})]]$

- c. $[\exists x[\text{KAINGANG}(x) \wedge [\text{CHEGAR}(x)]] \rightarrow \text{SING}(\text{GARÇOM})(\text{FALANTE})]$

- (4) a. **Pã i kar** vỹ **fóg kar** tỹ **ĩn-∅** han mũ to há nĩ.
 chefe todo NOM não.indígena todo ERG casa-ABS fazer ASP gostar ASP
 ‘Todos os chefes gostam de não-indígenas que construíram uma casa.’

- b. Para todo chefe x , há uma casa y , tal que x gosta de todo não-indígena z que construiu y .
 $\forall \forall > \exists > \forall$

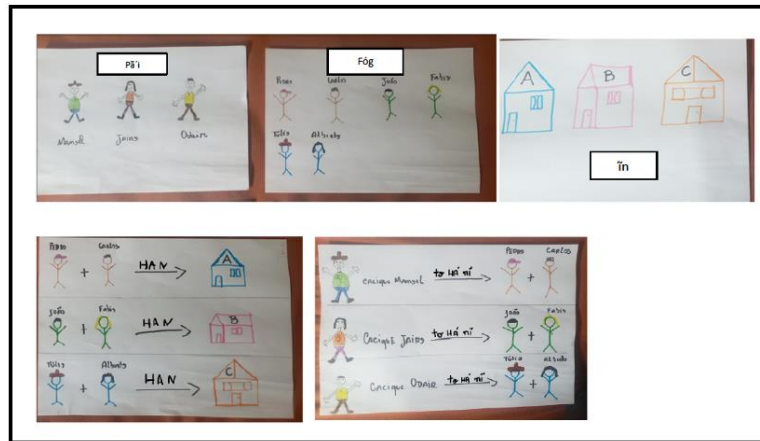


Fig.3: Contexto de escape intermediário.

DISTRIBUTIVE NUMERALS IN KADIWÉU (GUAIKURU)

Juliana Vignado

juvign@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Introduction

There are many ways to introduce pluralities in natural languages, one of which is through distributive numerals. As pointed by Kuhn (2019), these numerals can indicate that a plurality of individuals is distributed with respect to another plurality. For instance, (1) presents a Turkish sentence featuring the distributive numeral *üçer*, meaning "three each". In this example, the suitcases are distributed by the men.

- (1) iki adam **üçer** bavul tasıdı
two man three-DIST suitcase carried
"Two men carried three suitcases (each)." (Gil, 1982:14)

This work presents the distributive numerals of Kadiwéu through the description of data and initial considerations that suggest paths of analysis for the described phenomenon. The data were collected in February 2024 with 3 participants via controlled elicitation as proposed by Matthewson (2004) and inspired by works about distributive numerals in Karitiana (Arikém) like Müller (2012). Thus, by presenting contexts to delimit the intended meaning, the participants were asked to provide translations and judgments.

Data Description

In Kadiwéu, distributive numerals are constructed from cardinals and the suffix *-tibeci*. Like cardinal numerals, distributive numerals precede the noun they modify.

- (2) *iniwataale eGiatedi*
i-ni-wa-taale eGia-tedi
GEN-CL-PL monkey-PL
"two monkeys"
- (3) *iniwataaletibeci eGiatedi*
i-ni-wa-taale-tibeci eGia-tedi
GEN-CL-PL-dois-(?) monkey-PL
"monkey two by two"

The Kadiwéu native numerals always exhibits gender agreement and an incorporated classifier (Griffiths, 1975; Sandalo & Michelioudakis, 2016; Sandalo, 2017). In this language, distributive numerals are adnominal, just like cardinals.

- (4) *niganawaana yeligo iniwataaletibeci amendoim*
niganiga-awaana y-eligo i-ni-wa-taale-tibeci amendoim
child-DIM.F 3p-comer GEN-CL-PL-two-(?) peanut
"girl ate peanuts two by two"
"The girl ate two peanuts each time."
- (5) *iniwataaletibeci niganigawanigi oyeligo amendoim*
i-ni-wa-taale-tibeci niganiga-wanigi oy-eligo amendoim
GEN-CL-PL-dois-(?) child-DIM.M 3ppl-comer peanut
"two by two, children ate peanuts"/ "two children ate peanuts each time"

Terminologically, the plurality introduced by the distributive numeral is the share, and the second plurality is called the key (Kuhn, 2019). The data shows that the distributive numeral

distributes the modified noun, the key, by individuals and by time, the share. Although this is similar to what pluractionals do in the verbal domain, there are other languages whose distributive numerals behave in this manner. This is the case of distributive numerals in Telugu (Balusu, 2005), Tlingit (Cable, 2014), and Kaqchikel (Henderson, 2014), in which the distributive key may be participants or space-time segments.

What does "Tibeci" Means?

The suffix *-tibeci* was previously analyzed as a construction that is formed, among other things, with an allative case marker by Sandalo (1995) and Griffiths (2002) describes it as an affix that expresses the extension of the action in space or time. However, this morpheme has never been analyzed in detail in the literature. Regardless, there is data suggesting that this suffix has a more complex semantics. The examples in (6) and (7) suggest that it expresses iterative aspect, even in sentences that contain a distributive numeral (8).

(6) *Jalokodi*
Ja-lokodi
1p-run
“I run”

(7) *Jalokoditibeci*
Ja-lokodi-tibeci
1p-run-tibeci
“I always run”

(8) *itowataale onelegiwa oyadegitibeci iniwatadaGinitibeci mala*
i-to-wa-taale onelegiwa o-yadegi-tibeci i-ni-wa-tadaGini-tibeci. mala
Gen-CL-PL-two man 3ppl-bring-(?) M-CL-PL-three-(?) suitcase
“Two men carried three suitcases (each) each time”

Futhermore, *-tibeci* can also occur in indefinite pronouns (8) and quantifiers (9), and it marks plurality on these elements.

(9) *idatibeci*
i-da-tibeci
gen-CL-(?)
“some”

(Griffiths, 2002:68)

(10) *eliuditibeci*
eliodi-tibeci
many-(?)
“many times”

(Griffiths, 2002:45)

As the data shows, *-tibeci* seems to mark some kind of plurality, whether in the verbal domain or not. Thus, perhaps this element is something beyond a directional applicative or a simple verbal affix. It also could be a pluractional marker, wich is defined by Lasersohn (1995:240) as follows “pluractionals markers attach to the verb to indicate a multiplicity of actions, whether involving multiple participants, times or locations”. Nevertheless, the fact that *-tibeci* attaches to numerals, indefinite pronouns, and quantifiers remains unresolved.

Preliminary Remarks

Given the data, many questions arise. If this element is a directional applicative, why is it concatenated with non-verbal elements? The same question arises if we consider it as a lexical aspect or a pluractional mark. Indeed, what stands out in the meaning of this element is its relation to some sense of plurality, and following Kuhn (2019), I assume that distributive numerals modify

noun phrases to indicate a plurality of individuals. In this direction, maybe *-tibeci* could be something else that still needs to be clarified.

The current hypothesis is to consider that *-tibeci* is a locative with pluractional semantics, that is it is a morpheme whose meaning would be "distribute Xs across Ys". Note that this polysemy between some sort of locative and plural meaning is also observed in Mataguayan languages (see Nercesian, 2014; Campbell et al., 2020). However, further investigation is still needed to confirm this hypothesis.

Finally, this work has presented the distributive numerals of Kadiwéu, which constitute a set of novel data in the description and analysis of the language. Additionally, it raised a possible way of analysis for the linguistic phenomena presented. Therefore, it is still necessary to provide an analysis for *-tibeci* in order to offer an adequate analysis of distributive numerals in Kadiwéu.

References

- BALUSU, R. Distributive reduplication in Telugu. In C. Davis, A. R. Deal, & Y. Zabbal (Eds.), Proceedings of the 36th annual meeting of the North East Linguistic Society (NELS 36). Amherst, MA: University of Massachusetts GLSA Publications, pp. 39–53, 2005.
- CABLE, S. Distributive numerals and distance distributivity in Tlingit (and beyond). *Language*, 90(3), 562–606, 2014.
- CAMPBELL, Lyle; DÍAZ, Luis; ÁNGEL, Fernando. Nivaclé grammar. University of Utah Press, 2020
- GIL, David. Distributive numerals. University of California, Los Angeles, 1982.
- GRIFFITHS, G. Numerals and demonstratives in Kadiwéu. *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 1. 61-77, 1975.
- GRIFFITHS, G. Dicionário da Língua Kadiwéu. Kadiwéu-Português. Português-Kadiwéu. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística (SIL), 2002.
- HENDERSON, R. Dependent indefinites and their post-suppositions. *Semantics and Pragmatics*, 7(6), 1–58, 2014.
- KUHN, Jeremy. Pluractionality and distributive numerals. *Language and Linguistics Compass*, v. 13, n. 2, p. e12309, 2019.
- MATTHEWSON, Lisa. On the methodology of semantic fieldwork. *International journal of American linguistics*, v. 70, n. 4, p. 369-415, 2004.
- MÜLLER, Ana. Distributividade: o caso dos numerais reduplicados em Karitiana. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 2, p. 223-244, 2012.
- NERCESIAN, Verónica. Wichi Lhomtes: studio de la gramática y la interacción fonología-morfología- sintaxissemántica. Munich: LINCOM, 2014.
- SANDALO, Filomena. A grammar of Kadiwéu. University of Pittsburgh, 1995.
- SANDALO, Filomena. Uma nota sobre medir e contar com palavras emprestadas do português no kadiwéu. *Revista Linguística*, v. 13, n. 3, p. 110-126, 2017.
- SANDALO, Filomena; MICHELIODAKIS, Dimitris. Classifiers and plurality: evidence from a deictic classifier language. *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, v. 11, n. 1, p. 9, 2016.

NUMERAIS DISTRIBUTIVOS EM KADIWÉU (GUAIKURU)⁴¹

Juliana Vignado

juvign@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Introdução

Existem várias formas de introduzir pluralidades nas línguas naturais, e uma delas é por meio de numerais distributivos. Como aponta Kuhn (2019), esses numerais podem indicar que

⁴¹ Traduzido por Lara Frutos.

uma pluralidade de indivíduos é distribuída em relação a outra pluralidade. Por exemplo, a frase (1) apresenta uma construção em turco com o numeral distributivo *üçer*, que significa "três cada um". Nesse caso, as malas são distribuídas entre os homens.

- (1) iki adam üçer bavul tasıdı
dois homens três-DIST mala carregar
“Dois homens carregaram três malas (cada).” (Gil, 1982:14)

Este trabalho apresenta os numerais distributivos do Kadiwéu por meio da descrição de dados e considerações iniciais que sugerem caminhos de análise para o fenômeno descrito. Os dados foram coletados em fevereiro de 2024 com três participantes, utilizando elicitación controlada, conforme proposto por Matthewson (2004), e inspirado em estudos sobre numerais distributivos no Karitiana (Arikém), como o de Müller (2012). Assim, ao apresentar contextos para delimitar o significado pretendido, os participantes foram solicitados a fornecer traduções e avaliações.

Descrição dos dados

No Kadiwéu, os numerais distributivos são formados a partir de numerais cardinais com o sufixo *-tibeci*. Semelhante aos numerais cardinais, os numerais distributivos precedem o substantivo que modificam.

- (2) iniwataale eGiatedi
i-ni-wa-taale eGia-tedi
GEN-CL-PL macaco-PL
“dois macacos”
- (3) iniwataaletibeci eGiatedi
i-ni-wa-taale-tibeci eGia-tedi
GEN-CL-PL-dois-(?) macaco-PL
“macacos dois a dois”

Os numerais nativos do Kadiwéu sempre apresentam concordância de gênero e um classificador incorporado (Griffiths, 1975; Sandalo & Michelioudakis, 2016; Sandalo, 2017). Nesta língua, os numerais distributivos são adnominais, assim como os cardinais.

- (4) niganawaana yeligo iniwataaletibeci amendoim
niganiga-awaana y-eligo i-ni-wa-taale-tibeci amendoim
criança-DIM.F 3p-comer GEN-CL-PL-dois-(?) amendoim
“menina comeu amendoim de dois em dois”
“A menina comeu dois amendoim por vez.”
- (5) iniwataaletibeci niganigawanigi oyeligo amendoim
i-ni-wa-taale-tibeci niganiga-wanigi oy-eligo amendoim
GEN-CL-PL-dois-(?) criança-DIM.M 3ppl-comer amendoim
“dois a dois, crianças comeram amendoim”/ “duas crianças comeram amendois cada vez”

Terminologia

Terminologicamente, a pluralidade introduzida pelo numeral distributivo é chamada de "parte", enquanto a segunda pluralidade é referida como "chave" (Kuhn, 2019). Os dados mostram que o numeral distributivo distribui o substantivo modificado, a chave, por indivíduos, e por tempo, a parte. Embora isso seja semelhante ao que os pluracionais fazem no domínio verbal, há outras línguas cujos numerais distributivos apresentam esse comportamento. Esse é o caso dos numerais distributivos em Telugu (Balusu, 2005), Tlingit (Cable, 2014) e Kaqchikel (Henderson,

2014), nas quais a chave distributiva pode ser composta por participantes ou segmentos espaço-temporais.

O que significa "tibeci"?

O sufixo *-tibeci* foi anteriormente analisado como uma construção que se forma, entre outras coisas, com um marcador de caso alativo, segundo Sandalo (1995). Griffiths (2002) o descreve como um afixo que expressa a extensão da ação em espaço ou tempo. No entanto, esse morfema nunca foi analisado em detalhe na literatura. Apesar disso, há dados que sugerem que esse sufixo possui uma semântica mais complexa. Os exemplos em (6) e (7) indicam que ele expressa aspecto iterativo, mesmo em sentenças que contêm um numeral distributivo (8).

(6) Ja-lokodi
1p-correr
“Eu corro”

(7) Jalokoditibeci
Ja-lokodi-tibeci
1p-correr-tibeci
“Eu sempre corro”

(8) itowataale onelegiwa oyadegitibeci iniwatadaGinitibeci mala
i-to-wa-taale onelegiwa o-yadegi-tibeci i-ni-wa-tadaGini-tibeci. mala
Gen-CL-PL-dois homem 3ppl-trazer-(?) M-CL-PL-três-(?) mala
“Dois homens carregaram três malas (cada) cada vez”

Além disso, *-tibeci* também pode ocorrer em pronomes indefinidos (8) e quantificadores (9), marcando pluralidade nesses elementos.

(9) idatibeci
i-da-tibeci
gen-CL-(?)
“alguns” (Griffiths, 2002:68)

(10) eliuditibeci
eliodi-tibeci
muito-(?)
“muitas vezes” (Griffiths, 2002:45)

Análise Preliminar

Como os dados mostram, *-tibeci* parece marcar algum tipo de pluralidade, seja no domínio verbal ou não. Assim, talvez esse elemento seja mais do que um aplicativo direcional ou um simples afixo verbal. Ele também poderia ser um marcador de pluracionais, definido por Lasersohn (1995:240) como “marcadores pluracionais que se anexam ao verbo para indicar uma multiplicidade de ações, envolvendo múltiplos participantes, tempos ou locais”. No entanto, o fato de *-tibeci* se anexar a numerais, pronomes indefinidos e quantificadores permanece sem uma explicação clara.

Observações Preliminares

Diante dos dados, muitas perguntas surgem. Se esse elemento for um aplicativo direcional, por que ele se concatena com elementos não verbais? A mesma dúvida aparece se o considerarmos como um aspecto lexical ou um marcador de pluracionais. De fato, o que se destaca no significado desse elemento é sua relação com algum sentido de pluralidade. Seguindo Kuhn (2019), assumo que os numerais distributivos modificam frases nominais para indicar uma pluralidade de indivíduos. Nesse sentido, talvez *-tibeci* seja algo que ainda precisa ser esclarecido.

A hipótese atual é considerar que *-tibeci* é um locativo com semântica pluracional, ou seja, é um morfema cujo significado seria "distribuir Xs entre Ys". Vale ressaltar que essa polissemia entre algum tipo de locativo e significado plural também é observada em línguas mataguayanas (ver Nercesian, 2014; Campbell et al., 2020). Contudo, investigações adicionais são necessárias para confirmar essa hipótese.

Por fim, este trabalho apresentou os numerais distributivos do Kadiwéu, que constituem um conjunto de dados novos na descrição e análise da língua. Além disso, levantou uma possível abordagem para os fenômenos linguísticos apresentados. Portanto, ainda é necessário fornecer uma análise para *-tibeci*, a fim de oferecer uma compreensão adequada dos numerais distributivos em Kadiwéu.

Referências

- BALUSU, R. Distributive reduplication in Telugu. In C. Davis, A. R. Deal, & Y. Zabbal (Eds.), *Proceedings of the 36th annual meeting of the North East Linguistic Society (NELS 36)*. Amherst, MA: University of Massachusetts GLSA Publications, pp. 39–53, 2005.
- CABLE, S. Distributive numerals and distance distributivity in Tlingit (and beyond). *Language*, 90(3), 562–606, 2014.
- CAMPBELL, Lyle; DÍAZ, Luis; ÁNGEL, Fernando. *Nivaclé grammar*. University of Utah Press, 2020
- GIL, David. *Distributive numerals*. University of California, Los Angeles, 1982.
- GRIFFITHS, G. Numerals and demonstratives in Kadiwéu. *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 1. 61-77, 1975.
- GRIFFITHS, G. *Dicionário da Língua Kadiwéu. Kadiwéu-Português. Português-Kadiwéu*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística (SIL), 2002.
- HENDERSON, R. Dependent indefinites and their post-suppositions. *Semantics and Pragmatics*, 7(6), 1–58, 2014.
- KUHN, Jeremy. Pluractionality and distributive numerals. *Language and Linguistics Compass*, v. 13, n. 2, p. e12309, 2019.
- MATTHEWSON, Lisa. On the methodology of semantic fieldwork. *International journal of American linguistics*, v. 70, n. 4, p. 369-415, 2004.
- MÜLLER, Ana. Distributividade: o caso dos numerais reduplicados em Karitiana. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 2, p. 223-244, 2012.
- NERCESIAN, Verónica. *Wichi Lhomtes: studio de la gramática y la interacción fonología-morfología- sintaxissemántica*. Munich: LINCOM, 2014.
- SANDALO, Filomena. *A grammar of Kadiwéu*. University of Pittsburgh, 1995.
- SANDALO, Filomena. Uma nota sobre medir e contar com palavras emprestadas do português no kadiwéu. *Revista Linguística*, v. 13, n. 3, p. 110-126, 2017.
- SANDALO, Filomena; MICHELIOUDAKIS, Dimitris. Classifiers and plurality: evidence from a deictic classifier language. *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, v. 11, n. 1, p. 9, 2016.

BRAZILIAN PORTUGUESE'S COMPLEX SYSTEM TO EXPRESS MODALITY⁴²

Luiz Fernando Ferreira

l.ferreira@gmail.com

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Núbia Saraiva Ferreira Rech

nubiarech1971@gmail.com

Universidade de Santa Catarina (UFSC)

This paper describes Brazilian Portuguese's (henceforth BP) grammaticalized system to express modality - the category of meaning associated with the expression of possibilities and necessities (KRATZER, 1991). Verbs such as 'must' and 'can' are considered modals since they express necessities and possibilities respectively (01), what is called modal force, one dimension to consider when describing modality. Another dimension is the different flavors a modal can have such as epistemic (according to one's knowledge), deontic (according to the rules), circumstantial (according to the circumstances) and teleological (according one's goals) (von Stechow, 2006). Kratzer (1977) assumes, for English modal verbs, that modal force is lexically encoded whereas modal flavor is not since modal verbs always express the same force, but can express different flavors, as illustrated in Table 01. Matthewson, Rullman and Davis (2005) show that this is not true for every language since in St'át'imcets modal flavor is the dimension lexically encoded whereas modal force is the dimension that changes according to the context, as illustrated in Table 02. By considering each of those tables a possible configuration of a language's modal system, a valid question is if BP's system is closer to Table 01 or 02. Even if just the modal verbs 'poder', 'ter que' and 'dever' are considered, BP's system seems more complex than the ones represented in Table 01 or 02. While 'poder' behaves like English 'can', varying in force, but having a specific flavor, 'ter que' and 'dever' show a tendency for specialization. The verb 'ter que' expresses only root modality, but does not seem so natural in epistemic contexts (02a), and 'dever' is a non-dual modal conveying either possibilities (02b) or necessities (02c) (Pessotto, 2014).

We argue that for a full picture of BP's modal system other underdescribed modal verbs from BP should be included, such as the 'perigar', 'vai que' and 'dar p(a)ra' illustrated in (03). The verb 'perigar' was analyzed in (Ferreira; Rech, *no prelo*), the verb 'dar p(a)ra' has three descriptions (Pires de Oliveira, 2000; Duarte, 2012; Ferreira; Rech, *no prelo*) and 'vai que' was analyzed by Dearmas (2022). We analyzed the modal constructions illustrated in (03) semantically and syntactically to determine how they fit in BP's system. The methodology consisted in gathering spontaneous 325 spontaneous data - (i) 100 from 'perigar', (ii) 125 from 'dar para' and (iii) 100 from 'vai que' - from social networks, some news websites and from the Brazilian Portuguese Corpus. After that, we have used the introspective method with paraphrasing tests and contradiction tests to determine modal flavor and modal force and transitivity and precedence tests to determine the item's position.

Table 3 sums up our analysis of BP modal system and it shows a tendency for specification. Verb 'perigar' was not considered in the table since it is not a functional verb according to our tests. Verb 'dar para' expresses possibilities, but it has a higher degree of specification conveying only root modality and 'vai que' shows an even higher degree of specification, since it has both modal force and modal flavor lexically encoded. Moreover, they also show the association of modal verbs with other semantic and pragmatic dimensions not predicted in Tables 1 and 2. For example, the verb 'vai que' not only indicates the possibility of an eventuality happening, but also that this eventuality is a justification for another contextually salient proposition, as illustrated in (03b). Thus, including other verbs which express modality is

⁴² Translated by Luiz Fernando Ferreira.

essential to have a more transparent portrait of BP's modal system making it possible to have a translinguistic comparison more grounded in this language's reality.

- (01) a. João **must** be at home before 7pm.
 b. João **can** be at home, he is not at work today.
- (02) a. *As nuvens estão escuras, **tem que** chover. (epistêmica/necessidade)
 b. As nuvens estão escuras, **deve** chover. (epistêmica/possibilidade)
 c. No Brasil, as crianças devem se vacinar. (deôntica/necessidade)

Table 1: English modal verbs

Modal flavors	Modal force	
	possibility	necessity
Epistemic	can	must
Deontic		
Circumstantial		

Source: Matthewson, Rullman e Davis (2005)

Table 2: St'át'imcets modal particles

Modal flavors	Modal force	
	possibility	necessity
Epistemic	k'a	
Deontic	ka	
Circumstantial	ka- -a	

Source: Matthewson, Rullman e Davis (2005)

- (03) a. Não vou na praia hoje, **periga** chover.
 b. Não vou na hoje, **vai que** chove.
 c. Não vai chover, **dá para** ir pra praia.

Table 3: BP modal verbs

Modal flavor	possibility		necessity	
Epistemic	dever			
	vai que	poder		dever
Deontic	dar para		ter que	
Circumstantial				
Teleologic				

Source: the authors

Referências

- DEARMAS J. V. **Construções do tipo 'vai que'**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, 2022.
- DUARTE, M. E. L. A expressão da modalidade deôntica e epistêmica na fala e na escrita e o padrão SV. **Revista do GELNE**, v. 14, n. 1/2, p. 77-94, 2012.
- von FINTEL, K. Modality and Language. Em: BORCHERT, D. (Ed.). **Encyclopedia of Philosophy** – Second Edition. Detroit: MacMillan Reference USA, 2006.
- FERREIRA, L. F.; RECH, N. S. F. O VERBO 'DAR PARA' NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: um estudo a partir da cartografia sintática e da semântica formal. Artigo aceito para publicação na **ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA (UNESP. ONLINE)**.
- FERREIRA, L. F.; RECH, N. S. F. Aspectos sintáticos e semânticos do verbo 'perigar'. Artigo aceito para publicação na revista **Fórum Linguístico**.

KRATZER, A. Modality. Em: von STECHOW, A. & WUNDERLICH, D. (Eds.). **Semantik / Semantics: Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung** (pp. 639-650). Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 1991.

PESSOTTO, A. L. Epistemic and Gradable Modality in Brazilian Portuguese: a comparative analysis of ‘poder’, ‘dever’ and ‘ter que’. *ReVEL*, special issue 8, 2014, p. 49-75.

PIRES DE OLIVEIRA, R. A expressão ‘dar para/de Infinitivo’ em PB: uma análise formal. **XLVIII Seminário do GEL**. Assis, SP. Maio/2000.

O COMPLEXO SISTEMA MODAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Luiz Fernando Ferreira

l.ferreira@gmail.com

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Núbia Saraiva Ferreira Rech

nubiarech1971@gmail.com

Universidade de Santa Catarina (UFSC)

Este trabalho descreve a gramaticalização da modalidade no português brasileiro (doravante PB). Modalidade é a categoria do significado associada a expressão de possibilidades e necessidades (Kratzer, 1991) como ilustrado pelos verbos modais ‘dever’ e ‘poder’ que expressam necessidade e possibilidade respectivamente (01). A expressão de possibilidades e/ou necessidades é chamada de força modal, mas há outra dimensão dos itens modais que são os diferentes sabores que ele pode ter como epistêmico (a partir dos conhecimentos), deôntico (a partir das regras), circunstancial (a partir das circunstâncias) e teleológico (a partir dos objetivos) (von Stechow, 2006). Kratzer (1977) assume que os verbos modais do inglês lexicalizam força modal, mas não o sabor modal, pois eles sempre expressam a mesma força modal (ver tabela 01). Matthewson, Rullman e Davis (2005) mostram que isso não é verdadeiro para todas as línguas uma vez que em os modais em St’át’imcets lexicalizam o sabor modal enquanto a força muda de acordo com o contexto (ver tabela 02). Se essas tabelas são configurações possíveis do sistema modal de uma língua, uma questão válida é se o sistema modal do PB é mais próximo da tabela 01 ou 02. Mesmo considerando apenas os verbos ‘poder’, ‘ter que’ e ‘dever’, o comportamento do PB parece mais complexo do que representado nas tabelas 01 e 02. Enquanto ‘poder’ se comporta como o verbo modal do inglês ‘can’, variando no sabor modal, mas não na força, ‘ter que’ e ‘dever’ mostram uma tendência maior para especialização. O verbo ‘ter que’ soa mais natural com modalidade raiz, mas não tão natural com modalidade epistêmica (02a), e ‘dever’ se comporta como um modal não-dual expressando tanto possibilidades (02b) quanto necessidade (02c) (ver Pessotto, 2014).

No entanto, um quadro completo do sistema modal do PB requer considerar também outros verbos do PB subdescritos tais como ‘perigar’, ‘vai que’ e ‘dar p(a)ra’ ilustrados em (03). O verbo ‘perigar’ foi analisado em (Ferreira; Rech, *no prelo*), o verbo ‘dar p(a)ra’ possui três descrições (Pires de Oliveira, 2000; Duarte, 2012; Ferreira; Rech, *no prelo*) e ‘vai que’ tem uma investigação também focando seus aspectos sintáticos e semânticos (Dearmas, 2022). Realizamos uma análise sintática e semântica de construções modais como as ilustradas em (03) para determinar se eles se comportam como itens funcionais e observar como eles se enquadram no sistema do PB. Nossa metodologia consistiu na análise de 325 dados espontâneos - (i) 100 de ‘perigar’, (ii) 125 de ‘dar para’ e (iii) 100 de ‘vai que’ - de redes sociais, sites de notícias e do Corpus do Português Brasileiro e no uso do método introspectivo com o teste de paráfrase e contradição para determinar a força e o sabor modal e do teste de transitividade e precedência para determinar a posição do item na estrutura de constituintes.

A tabela 3 resume a nossa análise do sistema modal do PB mostrando uma maior tendência para especificação. O verbo ‘perigar’ não foi incluído na tabela por não se comportar como um verbo funcional em nossos testes. O verbo ‘dar para’ expressa possibilidades com um alto grau de especificação expressando apenas modalidade raiz e ‘vai que’ é ainda mais específico uma vez que ambos o sabor e a força modal são lexicalizados. Além disso, eles mostram uma associação de verbos modais com outras dimensões semânticas e pragmáticas não previstas nas tabelas 1 e 2. Por exemplo, ‘vai que’ não indica apenas possibilidades, mas funciona também como uma justificativa para outra proposição saliente no contexto, como ilustrado em (03b). Dessa forma, incluir outros verbos que expressam modalidade é essencial para ter um retrato mais transparente do PB de modo a termos uma comparação translinguística mais fidedigna.

- (01) a. João **deve** estar em casa antes das 7 da noite.
 b. João **pode** estar em casa, ele não está no trabalho hoje.
- (02) a. *As nuvens estão escuras, **tem que** chover. (epistêmica/necessidade)
 b. As nuvens estão escuras, **deve** chover. (epistêmica/possibilidade)
 c. No Brasil, as crianças **devem** se vacinar. (deôntica/necessidade)

Tabela 1: Verbos modais do inglês

Sabores modais	Forças modais	
	possibilidade	necessidade
epistêmico	can	must
deôntico		
circunstancial		

Fonte: Matthewson, Rullman e Davis (2005)

Table 2: St’át’imcets modal particles

Sabores modais	Forças modais	
	possibilidade	necessidade
epistêmico	k’a	
deôntico	ka	
circunstancial	ka- -a	

Fonte: Matthewson, Rullman e Davis (2005)

- (03) a. Não vou na praia hoje, **periga** chover.
 b. Não vou na hoje, **vai que** chove.
 c. Não vai chover, **dá para** ir pra praia.

Tabela 3: sistema modal do PB

Sabor modal	possibilidade		necessidade	
epistêmico	dever			
	vai que	poder	ter que	dever
deôntico	dar para			
circunstancial				
teleológico				

Fonte: Os autores

Referências

- DEARMAS J. V. **Construções do tipo ‘vai que’**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, 2022.
- DUARTE, M. E. L. A expressão da modalidade deôntica e epistêmica na fala e na escrita e o padrão SV. **Revista do GELNE**, v. 14, n. 1/2, p. 77-94, 2012.

von FINTEL, K. Modality and Language. Em: BORCHERT, D. (Ed.). **Encyclopedia of Philosophy** – Second Edition. Detroit: MacMillan Reference USA, 2006.

FERREIRA, L. F.; RECH, N. S. F. O VERBO `DAR PARA` NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: um estudo a partir da cartografia sintática e da semântica formal. Artigo aceito para publicação na **ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA (UNESP. ONLINE)**.

FERREIRA, L. F.; RECH, N. S. F. Aspectos sintáticos e semânticos do verbo 'perigar'. Artigo aceito para publicação na revista **Fórum Linguístico**.

KRATZER, A. Modality. Em: von STECHOW, A. & WUNDERLICH, D. (Eds.). **Semantik / Semantics: Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung** (pp. 639-650). Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 1991.

PESSOTTO, A. L. Epistemic and Gradable Modality in Brazilian Portuguese: a comparative analysis of 'poder', 'dever' and 'ter que'. **ReVEL**, special issue 8, 2014, p. 49-75.

PIRES DE OLIVEIRA, R. A expressão 'dar para/de Infinitivo' em PB: uma análise formal. **XLVIII Seminário do GEL**. Assis, SP. Maio/2000.

BARE SINGULARS IN BRAZILIAN PORTUGUESE, ENGLISH AND MADARIN CHINESE: EXPERIMENTAL EVIDENCES ON ATOMICITY

Kayron Beviláqua

kayronbevilaqua@gmail.com

Instituto Federal de Santa Catarina

The paper experimentally investigates three different types of languages in Chierchia's (2010) typology. We focus on Bare Singular (BS) nouns in Brazilian Portuguese (BrP) by comparing them with BS nouns in English (ENG) and in Mandarin Chinese (Mand). Following Beviláqua and Pires de Oliveira (2014, 2017), BS nouns are commonly interpreted in terms of cardinality and volume. There is some controversy regarding Mandarin. Cheung et al. (2012) show that some nouns exclusively raise number readings while others exclusively raise volume readings, indicating a lexical distinction between mass and count nouns. Conversely, Lin and Schaeffer (2018) show that nouns in Mandarin Chinese allow both number-based and volume-based interpretations, similar to BrP. In English, bare singulars are generally ungrammatical. Our research presents new experimental results comparing these languages.

We conducted a quantity-judgment test, presenting a question about quantities ("Who has more X?") in a scene with two side-by-side frames. One frame always contains three small objects, while the other frame contains one larger object of the same kind. The results, plotted in Graphic 1, indicate that in Mandarin, BS nouns only raise number interpretations, while in BrP, BS nouns raise both volume and number readings. In English, BS nouns raise only volume readings. The preliminary results suggest that number comparison is the primary dimension for count-unclassified nouns in Mandarin, challenging Lin and Schaeffer's (2018) argument that all nouns are semantically both count and mass in this language. For BrP, the results corroborate previous findings that BS nouns are both mass and count.

We conclude that in English, the BS denotes an atomic predicate, as plurality is obligatory, as Chierchia (2010) postulated. Thus, the volume reading results from grinding this atomic individual into subparts. In BrP, the volume reading is not a result of grinding. If Chierchia's description of a number-marking language is strictly applied, BrP cannot be a number-marking language because, in such languages, nouns are atomic predicates. This cannot be the case for the BS in BrP, since BS raises volume readings. For Mandarin, the results also challenge the view that nouns are kinds, as Chierchia (2010) argues. Since the 'count' noun with no classifier in the

prompt was systematically compared by number, this indicates a lexical mass-count distinction in this language.

References

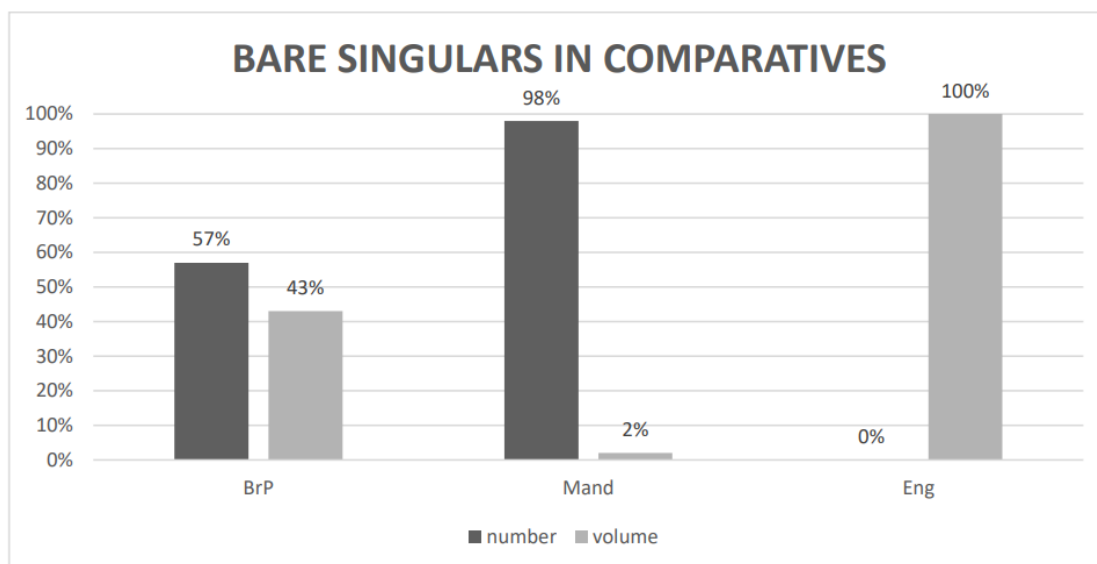
BEVILÁQUA, K.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Brazilian bare nouns in comparatives: experimental evidence for non-contextual dependency. *Revista Letras, Curitiba*, n. 96. 2017.

BEVILÁQUA, K.; PIRES de OLIVEIRA, R. Brazilian bare nouns and referentiality: evidence from an experiment. *Revista Letras*, v. 90. p. 235-275. 2014

CHIERCHIA. Mass nouns, vagueness, and semantic variation. *Synthese*, 174. p.99- 149. 2010.

CHEUNG, Pierina, Peggy LI & David BARNER. 2012. What counts in Mandarin Chinese: A

Data



Graphic 1. Results from quantity-judgment test

study of individuation and quantification. In *Proceedings of the Cognitive Science Society* 34, 210–215.

LIN, J. & SCHAEFFER, J., (2018) “Nouns are both mass and count: Evidence from unclassified nouns in adult and child Mandarin Chinese”, *Glossa: a journal of general linguistics* 3(1): 54.

SINGULARES NUS NO PORTUGUÊS BRASELEIRO, INGLÊS E MANDARIM: EVIDÊNCIA EXPERIMENTAL PARA ATOMICIDADE⁴³

Kayron Beviláqua

kayronbevilaqua@gmail.com

Instituto Federal de Santa Catarina

O presente artigo investiga experimentalmente três tipos diferentes de línguas na tipologia de Chierchia (2010). Focamos no chamado Singular Nu (Snu) no Português Brasileiro (PB), comparando-os com os nomes singulares nus em Inglês (ING) e em Mandarim Chinês (Mand). Seguindo Beviláqua e Pires de Oliveira (2014, 2017), os nomes nus singulares são comumente interpretados em termos de cardinalidade e volume. Há, contudo, uma controvérsia em relação ao Mandarim. Cheung et al. (2012) mostram que alguns nomes recebem exclusivamente interpretações cardinais, enquanto outros recebem exclusivamente interpretações de volume, indicando uma distinção lexical entre nomes massivos e contáveis. Por outro lado, Lin e Schaeffer (2018) mostram que nomes nus singulares em Mandarim permitem tanto interpretações baseadas em número quanto em volume, semelhante ao PB. No inglês, os singulares nus são geralmente

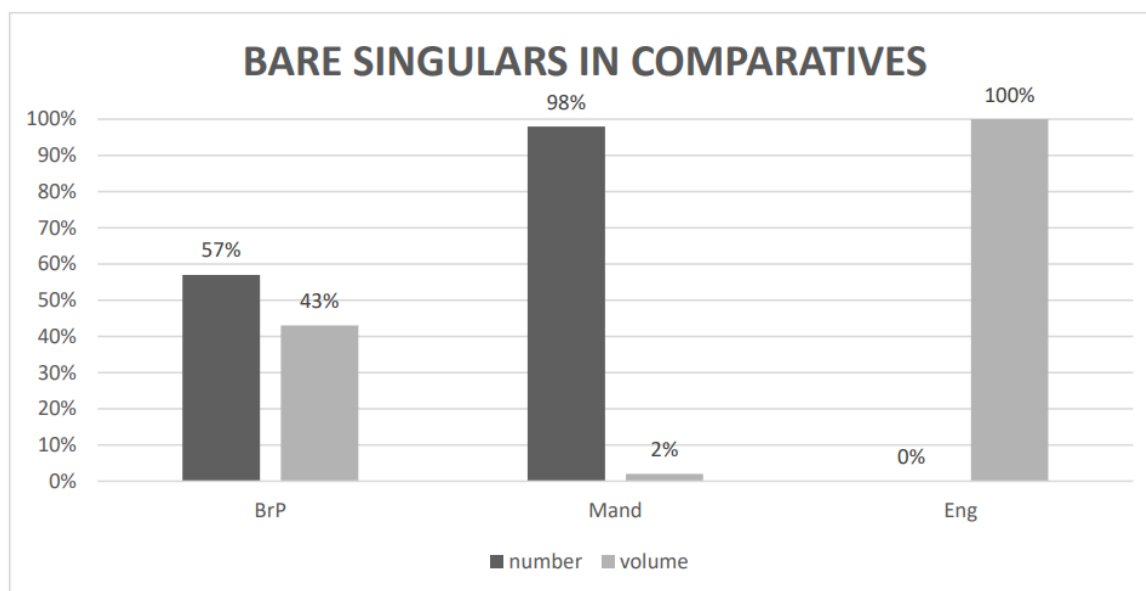
⁴³ Traduzido por Kayron Beviláqua.

agramaticais. Nossa pesquisa apresenta novos resultados experimentais comparando essas línguas.

Conduzimos um teste de julgamento de quantidade, apresentando uma pergunta sobre quantidades ("quem tem mais X?") em uma cena com dois quadros lado a lado. Um quadro sempre contém três objetos pequenos, enquanto o outro contém um objeto maior do mesmo tipo. Os resultados, apresentados no Gráfico 1, indicam que, em Mandarim, os nomes singulares nus levantam apenas interpretações numéricas, enquanto no PB, os nomes singulares nus recebem tanto leituras de volume quanto de número. Em inglês, os nomes singulares nus geram apenas leituras de volume. Os resultados preliminares sugerem que número é a principal dimensão para nomes não classificados como contáveis em Mandarim, desafiando o argumento de Lin e Schaeffer (2018) de que todos os nomes são semanticamente tanto contáveis quanto de massa nessa língua. Para o PB, os resultados corroboram achados anteriores de que os substantivos singulares nus são tanto de massa quanto contáveis.

Concluimos que, em inglês, o singular nu denota um predicado atômico, já que a pluralidade é obrigatória, como postulado por Chierchia (2010). Assim, a leitura de volume resulta da fragmentação desse indivíduo atômico em subpartes. No PB, a leitura de volume não é resultado dessa fragmentação. Se a descrição de Chierchia de uma língua com marcação de número for estritamente aplicada, o PB não pode ser uma língua de número marcado, pois, em tais línguas, os nomes são predicados atômicos. Isso não pode ser o caso para o BS no PB, já que o BS gera leituras de volume. Para o Mandarim, os resultados também desafiam a visão de que os substantivos são "kinds" (espécies), como argumenta Chierchia (2010). Como o substantivo 'contável' sem classificador no enunciado foi sistematicamente comparado por número, isso indica uma distinção lexical de massa-contagem nesta língua.

Data



Graphic 1. Results from quantity-judgment test

Referências

- BEVILÁQUA, K.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Brazilian bare nouns in comparatives: experimental evidence for non-contextual dependency. *Revista Letras*, Curitiba, n. 96. 2017.
- BEVILÁQUA, K.; PIRES de OLIVEIRA, R. Brazilian bare nouns and referentiality: evidence from an experiment. *Revista Letras*, v. 90. p. 235-275. 2014
- CHIERCHIA. Mass nouns, vagueness, and semantic variation. *Synthese*, 174. p.99- 149. 2010.
- CHEUNG, Pierina, Peggy LI & David BARNER. 2012. What counts in Mandarin Chinese: A study of individuation and quantification. In *Proceedings of the Cognitive Science Society* 34, 210–215.

LIN, J. & SCHAEFFER, J., (2018) “Nouns are both mass and count: Evidence from unclassified nouns in adult and child Mandarin Chinese”, *Glossa: a journal of general linguistics* 3(1): 54.

COLLECTING DATA IN SEMANTICS: INTERVIEW SPEAKER-SPEAKER/ INDIGENOUS LANGUAGE RESEARCHER⁴⁴

João Tsaputai Rikbaktsa

joaotsatuti@gmail.com

Professor de Língua Materna, Escola Estadual Indígena Myhyinomykyta Skiripi

Helena Loch de Oliveira

oliveirahelena068@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Laiara Machado Serafim

Laiara.serafim@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Léia da Silva

Leiajs@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

This research presents data collection of the Rikbaktsa language (Macro-Jê). It aims to contribute with an original methodology of data collection in semantics of sub represented languages (Matthewson (2004), Sanches-Mendes (2014), among others)⁴⁵. The collection occurs in two steps: a primary data collection based on a guide questionnaire (Lima & Rothstein 2020), and a speaker-speaker interview. The primary data was collected in several interviews with the first author of this work, a native speaker as well and native language teacher, with the help of another author of this paper who speaks the language. An adapted version of the Dayal questionnaire (in press), that runs through the main contexts to understand (in)definite distinction, including generics, was used as a guide. This is a crucial theoretical question, since in Rikbaktsa there are no articles .

The situations were depicted on cards and paired with sentences from the language. The card 1, with several flutes and a speaker pointing to one of these flutes in particular, is a situation of explicit pointing. In this situation, the sentence with the singular demonstrative in (1a) is better than the sentence with the bare singular noun (1b), although it is also accepted:

Card 1



1

⁴⁴ Translated by Helena Loch de Oliveira.

⁴⁵ This research is linked to the project *(In)definidos da perspectiva das línguas sub representadas* (Pires de Oliveira 2022).

(1) a. ta=ty my berekeze=ty
dem.nf.sg=acus 1p.sg.want, flute=acus
'I want this, flute'

b. berekeze=ty my
flute=acus 1sg.want
'I want a flute'

There are 22 cards associated with 45 sentences. The goal of the second phase is to verify the evaluations given in the primary data collection, as well as gather more data with new sentences⁴⁶. In the second phase, the indigenous researcher interviews other speakers using the cards with sentences. The interviewer presents the cards and asks the interviewee to pick one of them. The interviewer reads just one sentence that might correspond to that situation. Once the sentence is read, it leaves the game and the card goes back to the deck. The interviewee evaluates the degree of compatibility between the scene and the sentence. The interviewer notes the interviewee's reactions, corrections or suggestions.

There was, until now, one interview, made in more than one visit, with an 82 year old speaker. The interactions were recorded and the interviewer noted comments on the interview spreadsheet. The preliminary qualitative analysis shows that the task was challenging and fun for the participants. The data reveals the knowledge of the language of the interviewee who proposed corrections to the sentences. There were conversations about language and how to express the thought in the language. This is a positive result and there is much to be explored.

The materials collected are documents that can be used in Rikbaktsa classrooms. We can set up games or theatrical performances, analyze sentences syntactically and semantically in grammar classes or just play with the language. This research, which is in basic science, thus contributes to the community.

References

- DAYAL, V. Identifying (in)definiteness: a questionnaire. In: DAYAL, V., A Hitchhiker's Guide to (In)definiteness: Case Studies in Bare Argument Languages. (em fase de pré-publicação)
- LIMA, S.; ROTHSTEIN, S. A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. *Linguistic Variation*, 20:2. p. 174-218, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/lv.00015.lim>
- MATTHEWSON, L. On the Methodology of Semantic Fieldwork. *International Journal of American Linguistics* 70, p. 369-415, 2004.
- PIRES DE OLIVEIRA, 2022. A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas. Projeto Humanidades número 420314/2022-9,
- SANCHEZ-MENDES, Luciana. Trabalho de campo para análise linguística em Semântica Formal. *Revista Letras*, v. 90, n. 2, p. 277-293, 15 set. 2014. [Http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36278](http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36278).

COLETA DE DADOS EM SEMÂNTICA: ENTREVISTAS EM RIKBAKTSA FALANTE-FALANTE/PESQUISADOR INDÍGENAS

João Tsaputai Rikbaktsa
joaotsatuti@gmail.com

⁴⁶ Project approved by committee 69555923.4.0000.0121

Professor de Língua Materna, Escola Estadual Indígena Myhyinomykyta Skiripi

Helena Loch de Oliveira

oliveirahelena068@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Laiara Machado Serafim

Laiara.serafim@gmail.com

IC-CNPq-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Léia da Silva

Leiajs@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Esta pesquisa apresenta dados de coleta da língua Rikbaktsa (Macro-Jê). Visa contribuir com uma metodologia original de coleta de dados em semântica de línguas sub representadas (Matthewson (2004), Sanches-Mendes (2014), entre outros).⁴⁷ A coleta ocorre em duas etapas: a coleta de dados primários a partir de um questionário guia (Lima & Rothstein 2020), e a entrevista falante-falante. Os dados primários foram coletados em várias entrevistas com o primeiro autor deste trabalho, também falante nativo e professor de língua materna, e com a pesquisadora falante tardia da língua. Utilizamos como guia uma versão adaptada do questionário de Dayal (no prelo), que percorre os principais contextos para entender a distinção (in)definido, incluindo os genéricos. Essa é uma questão teórica crucial, já que em Rikbaktsa não há artigos.

As situações foram representadas em cartões e pareadas com sentenças da língua. O cartão 1, com várias flautas e o falante apontando para uma dessas flautas em específico, é uma situação de apontamento explícito. Nessa situação, a sentença com o demonstrativo singular em (1a) é melhor do que a sentença com o nome nu singular (1b), embora essa também seja aceita:

Cartão 1



- 1
- (1) a. ta=ty my berekeze=ty
 dem.nf.sg=acus 1p.sg.querer, flauta=acus
 ‘quero este, flauta’
 b. berekeze=ty my
 flauta=acus 1sg.querer
 ‘quero flauta’

São 22 cartões associados a 45 sentenças. O objetivo da segunda etapa é verificar as avaliações dadas na coleta primária, assim como as sentenças.⁴⁸ Na segunda etapa, o pesquisador indígena entrevista outros falantes usando os cartões com as sentenças. O entrevistador apresenta os cartões e pede para o entrevistado pegar um. O entrevistador lê apenas uma sentença correspondente àquela situação. Uma vez que a sentença é lida, ela sai do jogo e o cartão volta para o baralho. O entrevistado avalia o grau de compatibilidade entre a cena e a sentença. O entrevistador anota as reações, correções ou sugestões do entrevistado.

⁴⁷ Esta pesquisa está vinculada ao projeto *(In)definidos da perspectiva das línguas sub representadas* (Pires de Oliveira 2022).

⁴⁸ Projeto aprovado pelo comitê de 69555923.4.0000.0121

Houve, até o momento, uma entrevista, realizada em mais de uma visita, com uma falante de 82 anos. As interações foram gravadas e o entrevistador anotou comentários na planilha de entrevista. A análise qualitativa preliminar mostra que a tarefa foi desafiadora e divertida para os participantes. Os dados revelam o conhecimento da língua da entrevistada que propôs correções nas sentenças. Houve conversas sobre a língua e como expressar um pensamento na língua. Esse é um resultado positivo e há muito a ser explorado.

Os materiais coletados são documentos que podem ser utilizados em aulas de Rikbaktsa. Podemos montar jogos ou encenações teatrais, analisar as sentenças sintática e semanticamente em aulas de gramática ou apenas brincar com a língua. Essa pesquisa, que é em ciência básica, contribui assim para a comunidade.

Referências

- DAYAL, V. Identifying (in)definiteness: a questionnaire. In: DAYAL, V., A Hitchhiker's Guide to (In)definiteness: Case Studies in Bare Argument Languages. (em fase de pré-publicação)
- LIMA, S.; ROTHSTEIN, S. A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. *Linguistic Variation*, 20:2. p. 174-218, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/lv.00015.lim>
- MATTHEWSON, L. On the Methodology of Semantic Fieldwork. *International Journal of American Linguistics* 70, p. 369-415, 2004.
- PIRES DE OLIVEIRA, 2022. A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas. Projeto Humanidades número 420314/2022-9,
- SANCHEZ-MENDES, Luciana. Trabalho de campo para análise linguística em Semântica Formal. *Revista Letras*, v. 90, n. 2, p. 277-293, 15 set. 2014. [Http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36278](http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36278).

(IN)DEFINITENESS IN KAIOWÁ (TUPÍ-GUARANÍ): A CASE STUDY

Helena Guerra Vicente
helenaguerravicente@gmail.com
Universidade de Brasília

Daiane Ramires
danny-ramires@hotmail.com
Universidade de Brasília

Hermano Noletto
hermano84@gmail.com
Universidade de Brasília

Luiz Eduardo Silva Rocha
Universidade de Brasília

Marina Rabelo
marina.rabelo13@gmail.com
Universidade de Brasília

Kaiowá is a language without articles or obligatory number marking. It has a variety of demonstrative pronouns, but tests involving uniqueness and other semantic constraints show that they cannot work as definite articles. There is also a productive use of the numeral *peteĩ* ‘one’ as an indefiniteness marker. However, tests involving the inability to scope under negation highlight the fact that the numeral is not a bona fide indefinite article. We adopt the view that bare NPs are of semantic type $\langle e, t \rangle$, and must have their types shifted to $\langle e \rangle$ or $\langle \langle e, t \rangle, t \rangle$ to work as complete arguments. According to Chierchia (1998), there are two principles on semantic type shift: Blocking and Ranking. The first states that, for economy reasons, lexical items – i.e., (in)definite articles – are preferred over covert semantic type shift operations. The second principle establishes a crosslinguistic ranking for meaning preservation, i.e., $\overset{\cap}{\ } > \{ \iota, \exists \}$, in which bare plurals are in principle kind referring, via $\overset{\cap}{\ }$ (*down or nom*, an operation that is more meaning preserving than \exists). ι is the familiar definiteness operator. The way the second principle is established certainly reflects the widespread view that the NPs of articleless languages are ambiguous between (in)definite readings (cf. Löbner, 1985). Our work, however, aims to explore Dayal’s (2004, 2017) analysis in which bare nominals are in fact ambiguous between kind referring and definite readings: $\{ \overset{\cap}{\ }, \iota \} > \exists$. The ranking for meaning preservation, thus reformulated, states that, in the absence of \cap , the availability of ι blocks \exists whenever possible. Under this reasoning, the source of the perceived indefiniteness would be derived from kind readings (Dayal, 2017). For example, tests with differentiated scope under adverbials show us that bare plurals are not a sub-type of indefinite, an idea that dates to Carlson (1977:423): “the null determiner is not to be regarded as the plural of the indefinite article a”. Tests involving verbs of destruction/creation show that the bare plural is not a sub-type of indefinite, but kind referring:

- (1) *che sy o-juka (#peteĩva) anguja nd-ombopyta-i reheve kuehe*
1SG mother 3-kill #some mouse Neg-stop-Neg POSTP yesterday
'My mother killed mice/#some mice/#a mouse/#the mouse/#the mice non-stop yesterday.'

Our claim is that bare nouns in Kaiowá are either kind denoting or definites. All instances of perceived indefinite readings are derived from their kind level meaning via Chierchia's (1998) DKP. For the sentence in (1), we have that $\forall t [t \in \text{yesterday} \rightarrow \text{kill-at-t}(\text{mother}, \overset{\cap}{\text{mouse}})] \Rightarrow \forall t [t \in \text{yesterday} \rightarrow \exists x[\overset{\cup}{\cap}\text{mouse}(x) \wedge \text{kill-at-t}(\text{mother}, x)]$ abstracting away from the contribution of non-stop. The virtues of our study will lie in the predictions that can be made from what we already know about Kaiowá and other articleless languages: if bare plurals in a language can denote kinds, as is the case in Kaiowá, Hindi and Xhosa (Carstens et al., in prep.), for example, then they should allow differentiated scope readings of the type seen in (4); this should also be true for Karitiana, a language that can denote kinds but apparently lacks an overt indefinite like "some" (Müller, 2011). Whether these languages allow the full range of indefinite readings depends on how/whether Ranking operates in them. Dayal (2017: to appear) suggests parameterizing Ranking across languages. On one hand, there are languages like Hindi and Russian – and Kaiowá, as we claim –, which are $\{\overset{\cap}{}, \iota\} > \exists$, and only allow narrow scope indefinite readings. On the other, there is a language like Xhosa, which allows both wide and narrow scope indefinite readings. It also allows definite and kind reference (Carstens et al., to appear). Its highly permissive, unrestrained nature can be captured by not ranking $\overset{\cap}{}, \iota, \exists$. It is not in the scope of our work to fit Karitiana in this parameterization task force, but by allowing both wide and narrow scope indefinite readings (as well as definite and kind reference), one might speculate whether it aligns with Xhosa or with the original Ranking from Chierchia (1998).

References

- CARLSON, G. A unified analysis of the English bare plural. *L&P* 1, 1977, 413-457.
 CARSTENS, V.; MLETSHE, L.; DAYAL, V. (In)definiteness in Xhosa: a case study. In: DAYAL, V. *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker's Guide to Interpreting Bare Arguments*. MIT Press, to appear.
 CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *NLS* 6 (1), 1988, 339-405.
 DAYAL, V. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *L&P* 27, 2004, 393-450. DAYAL, V. Determining (in)definiteness in the absence of articles. In: HOHAUS, V.; ROTHE, W. *Proceedings of TripleA 3*, 2017, 85-99.
 DAYAL, V. *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker's Guide to Interpreting Bare Arguments*. MIT Press, to appear.
 LÖBNER, S. Definites. *Journal of Semantics*, 4, 1985, 279-326.
 MÜLLER, A. On the encoding of the definite/indefinite distinction in Karitiana. In: REICH, I. et al. (eds.). *Proceedings of Sinn & Bedeutung 15*, 2011, 435–449.

A (IN)DEFINITUDE EM KAIOWÁ (TUPÍ-GUARANÍ): UM ESTUDO DE CASO⁴⁹

Helena Guerra Vicente
helenaguerravicente@gmail.com
 Universidade de Brasília

Daiane Ramires

⁴⁹ Traduzido por Helena Guerra Vicente.

danny-ramires@hotmail.com
Universidade de Brasília

Hermano Noletto
hermano84@gmail.com
Universidade de Brasília

Luiz Eduardo Silva Rocha
Universidade de Brasília

Marina Rabelo
marina.rabelo13@gmail.com
Universidade de Brasília

O kaiowá é uma língua sem artigos ou marcação obrigatória de número. A língua possui uma variedade de pronomes demonstrativos, mas, testes envolvendo exclusividade e outras restrições semânticas mostram que eles não podem funcionar como artigos definidos. Há também um uso produtivo do numeral *peteĩ* 'um' como um marcador de indefinitude. No entanto, testes envolvendo impossibilidade de escopo sob negação evidenciam o fato de que o numeral não é um artigo indefinido de fato. Adotamos a visão de que os NPs nus são do tipo semântico $\langle e, t \rangle$ e devem ter seus tipos alterados para $\langle e \rangle$ ou $\langle \langle e, t \rangle, t \rangle$ para funcionar como argumentos completos. De acordo com Chierchia (1998), há dois princípios sobre a mudança de tipo semântico: *Blocking* e *Ranking*. O primeiro estabelece que, por razões econômicas, os itens lexicais - ou seja, artigos (in)definidos - são preferidos em relação às operações de mudança de tipo semântico encobertas. O segundo princípio estabelece uma classificação translinguística para a preservação do significado, ou seja, $\overset{\cap}{\iota} > \{t, \exists\}$, na qual os plurais nus são, em princípio, denotadores de espécie, via $\overset{\cap}{\iota}$ (*down* ou *nom*, uma operação mais preservadora de significado do que \exists). ι é o operador de definitude amplamente conhecido. A maneira pela qual o segundo princípio é estabelecido certamente reflete a visão generalizada de que os NPs de línguas sem artigo são ambíguos entre leituras (in)definidas (cf. Löbner, 1985). Nosso trabalho, no entanto, tem como objetivo explorar a análise de Dayal (2004, 2017) na qual os nominais nus são de fato ambíguos entre leituras de espécie e leituras definidas: $\{\overset{\cap}{\iota}, \iota\} > \exists$. *Ranking*, assim reformulado, estabelece que, na ausência de $\overset{\cap}{\iota}$, a disponibilidade de ι bloqueia \exists sempre que possível. De acordo com esse raciocínio, a fonte da indefinitude percebida seria derivada da leitura de espécie (Dayal, 2017). Por exemplo, testes com escopo diferenciado sob adverbiais nos mostram que os plurais nus não são um subtipo de indefinido, uma ideia que remonta a Carlson (1977:423): “o determinante nulo não deve ser considerado como o plural do artigo indefinido *a*”. Testes envolvendo verbos de destruição/criação mostram que o plural simples não é um subtipo de indefinido, e, sim, um denotador de espécie:

- (1) *che sy o-juka (#peteĩva) anguja nd-ombopyta-i reheve kuehe*
1SG mãe 3-matar #algum rato Neg-parar-Neg POSTP ontem
'Minha mãe matou ratos/#alguns ratos/#um rato/#o rato/#os ratos sem parar ontem.'

Argumentamos, portanto, que os NPs nus em kaiowá são denotadores de espécie ou definidos. Todas as instâncias em que há percepção de indefinitude são derivadas da sua leitura de espécie por meio da operação DKP (Chierchia, 1998). Para a sentença em (1), temos que $\forall t [t \in \text{ontem} \rightarrow \text{matar-em-t}(\text{mãe}, \overset{\cap}{\iota}\text{rato})] \Rightarrow \forall t [t \in \text{ontem} \rightarrow \exists x[\overset{\cup}{\iota}\text{rato}(x) \wedge \text{matar-em-t}(\text{mãe}, x)]$ *abstraindo a contribuição de non-stop*. As virtudes de nosso estudo residirão nas previsões que podem ser feitas a partir do que já sabemos sobre o kaiowá e outras línguas sem artigo: se os plurais nus em uma língua podem denotar espécie, como é o caso do kaiowá, do híndi e do xhosa (Carstens et al., em prep.), por exemplo, então eles devem permitir leituras de escopo diferenciado; isso também deve ser verdade para o karitiana, uma língua que pode denotar espécie, mas que,

aparentemente, não tem um indefinido explícito como “alguns” (Müller, 2011). Se essas línguas permitem a gama completa de leituras indefinidas depende de como/se *Ranking* opera nelas. Dayal (2017; no prelo) sugere parametrizar *Ranking* entre as línguas. Por um lado, há línguas como o híndi e o russo – e o kaiowá, como afirmamos –, que são $\{\overset{\wedge}{}, \iota\} > \exists$, e só permitem leituras indefinidas de escopo estreito. Por outro lado, há línguas como o xhosa, que permite leituras indefinidas de escopo amplo e estreito. O xhosa também permite leituras definidas e de espécie (Carstens et al., no prelo). Sua natureza altamente permissiva e irrestrita pode ser captada pelo não ranqueamento de $\overset{\wedge}{}, \iota, \exists$. Não faz parte do escopo do nosso trabalho enquadrar o karitiana nessa força-tarefa de parametrização, mas, ao permitir leituras indefinidas de escopo amplo e estreito (bem como leituras definidas e de espécie), pode-se especular se ele se alinha com o xhosa ou com o *Ranking* original de Chierchia (1998).

Referências

- CARLSON, G. A unified analysis of the English bare plural. *L&P* 1, 1977, 413-457.
- CARSTENS, V.; MLETSHE, L.; DAYAL, V. (In)definiteness in Xhosa: a case study. In: DAYAL, V. *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker’s Guide to Interpreting Bare Arguments*. MIT Press, to appear.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *NLS* 6 (1), 1988, 339-405.
- DAYAL, V. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *L&P* 27, 2004, 393-450.
- DAYAL, V. Determining (in)definiteness in the absence of articles. In: HOHAUS, V.; ROTHE, W. *Proceedings of TripleA* 3, 2017, 85-99.
- DAYAL, V. *The Open Handbook of (In)definiteness: A Hitchhiker’s Guide to Interpreting Bare Arguments*. MIT Press, to appear.
- LÖBNER, S. Definites. *Journal of Semantics*, 4, 1985, 279-326.
- MÜLLER, A. On the encoding of the definite/indefinite distinction in Karitiana. In: REICH, I. et al. (eds.). *Proceedings of Sinn & Bedeutung* 15, 2011, 435–449.

A SOURCE OF CONATIVITY IN TLINGIT PLURACTIONAL VERBS

Laurestine
laurestine.bradford@mail.mcgill.ca
McGill University

Bradford

Introduction

In Tlingit (Na-Dene family), the verb suffix $-x$ marks *pluractionality*, that is, specifies that an action is done several times (Leer, 1991; Crippen, 2019), as in (1b), which describes kneading a thing many times, in contrast to (1a). However, pluractional verbs are sometimes instead interpreted as *conative*, interpretations which are generally translated using the word “trying” in English, as in (2b) compared with (2a). Conative pluractional forms don't entail that the action was finished, and often seem to imply that it was not. Cusic (1981) and Wood (2007) find that expressing conativity with pluractional morphology is possible in several divergent languages. I propose that conativity in Tlingit pluractionality is inferred from a basic meaning of repeatedly beginning, and a removal of any entailment that the begun eventualities completed. This removal of a completion entailment resembles interpretations that are available with certain imperfective and perfective forms; however, there are several verbs that can have non-culminating interpretations in pluractional forms, but not in imperfective or perfective forms. This indicates the existence of special eventuality-class operations which are only possible with pluractional marking.

Conativity as repeated beginning.

I first propose, as hinted at by Leer (1991), that $-x$ expresses that there are several *beginnings* of eventualities of the kind described by the base verb. A pluractional is interpreted as conative in just those contexts where there is reason to believe that the beginnings failed to reach their expected endings. This lets us derive both pluractional and conative interpretations from a single lexical meaning and captures empirical differences between verbs embedded under *akoo.aakw* “s/he is trying” and non-embedded pluractional verbs.

Pluractional can derive non-culmination when perfective and imperfective aspect cannot.

Imperfective forms are associated with non-culmination in many languages. However, $-x$ must have additional effects on eventuality class which are unavailable to the imperfective aspect alone. The verb in (3) cannot appear in the imperfective aspect at all (Eggleston, 2017), but still, the pluractional form (3) may describe repeated non-culminating preparatory phases. In fact, I will present evidence that Tlingit also allows non-culmination in certain *perfective* forms, but that even in verbs for which this is not allowed, pluractional forms may still have non-culminating interpretations. I conclude that there are eventuality-class-modifying operations available to $-x$ which are not possible with only perfective or imperfective grammatical aspect marking.

Conclusion

I derive conativity in Tlingit pluractional forms from repeated beginning and lack of a completion entailment. The pluractional suffix has special access to preparatory phases of certain

events, which allow it to create a non-culminating event even when perfective and imperfective aspect cannot. This contributes to systematically describing Tlingit grammar and the linguistically available operations on event structure.

Data

- | | |
|---|--|
| <p>1. a. akachóox
 a- ka- chux -μμH
 3>3- qual- √knead -var
 “s/he kneads it”</p> | <p>b. akachúxx (Eggleston, 2017)
 a- ka- chux -μH -x
 3>3- qual- √knead -var
 rep
 “s/he kneads it (regularly)”</p> |
| <p>2. a. as.ée
 a- s- i -μμH
 3>3- caus- √cook -var
 “[s/he] is cooking it”</p> | <p>b. as.éex (Leer, 1976)
 a- s- i -μμH -x
 3>3- caus- √cook -var
 -rep
 “[s/he] is trying to [cook it]”</p> |
| <p>3. áx aklas’íkx
 áx a- k- la- s’ik -μH -x
 at.it 3>3- qual- caus-
 √smoke -var-rep
 “is trying to smoke it”</p> | |

References:

- Crippen, James. 2019. *The Syntax in Tlingit Verbs*. Vancouver: University of British Columbia, PhD dissertation.
- Cusic, David D. 1981. *Verbal Plurality and Aspect*. Palo Alto: Stanford University, PhD dissertation.
- Eggleston, Keri. 2017. *Online Tlingit verb dictionary: A database of over 1,100 conjugated Tlingit verbs*. Unpublished online resource. <http://ankn.uaf.edu/~tlingitverbs/>
- Landman, Fred. 1992. The progressive. *Natural Language Semantics* 1, 1–32. <https://doi.org/10.1007/BF02342615>
- Leer, Jeff. 1976. *Tlingit verb collection*. Unpublished manuscript.
- Leer, Jeff. 1991. *The schetic categories of the Tlingit verb*. Chicago: University of Chicago, PhD dissertation.
- Wood, Esther. 2007. *The Semantic Typology of Pluractionality*. Berkeley: University of California, PhD dissertation.

UMA FONTE DE CONATIVIDADE NOS VERBOS PLURACIONAIS EM TLINGIT⁵⁰

Laurestine

Bradford

laurestine.bradford@mail.mcgill.ca

McGill University

Introdução

Em Tlingit (família Na-Dene), o sufixo verbal -x marca *pluracionalidade*, ou seja, específica que uma ação é realizada várias vezes (Leer, 1991; Crippen, 2019), como em (1b), que descreve um evento de amassar uma coisa muitas vezes, em contraste com (1a). No entanto, verbos pluracionais são às vezes interpretados como *conativos*, interpretações que geralmente são traduzidas usando a palavra “trying” em Inglês (“tentando” em Português), como em (2b) em comparação com (2a). Formas pluracionais conativas não acarretam que a ação foi concluída e, muitas vezes, parecem implicar que não foi. Cusic (1981) e Wood (2007) encontraram que expressar conatividade com morfologia pluracional é possível em várias línguas divergentes.

⁵⁰ Traduzido por Marcus Vinicius Lunguinho.

Proponho que a conatividade na pluracionalidade em Tlingit é inferida de um significado básico de começar repetidamente e uma remoção de qualquer acarretamento de que as eventualidades iniciadas foram concluídas. Essa remoção de um acarretamento de conclusão se assemelha a interpretações que estão disponíveis com certas formas imperfectivas e perfectivas; no entanto, há vários verbos que podem ter interpretações de não culminação em formas pluracionais, mas não em formas imperfectivas ou perfectivas. Isso indica a existência de operações especiais de classes de eventualidades que só são possíveis com marcação pluracional.

Conatividade como começo repetido

Inicialmente, proponho, como sugerido por Leer (1991), que $-x$ expressa que há vários começos de eventualidades do tipo descrito pela base verbal. Um pluracional é interpretado como conativo apenas naqueles contextos em que há razão para acreditar que os começos das eventualidades falharam em atingir seus pontos finais esperados. Isso nos permite derivar tanto a interpretação pluracional como a interpretação conativa de um único significado lexical e captura diferenças empíricas entre verbos encaixados em *akoo.aakw* “ele/ela está tentando” e verbos pluracionais não encaixados.

Pluracional pode derivar não-culminação quando os aspectos perfectivo e imperfectivo não podem.

Formas imperfectivas são associadas à não-culminação em muitas línguas. No entanto, x deve ter efeitos adicionais na classe de eventualidade que não estão disponíveis apenas para o aspecto imperfectivo. O verbo em (3) não pode aparecer no aspecto imperfectivo (Eggleston, 2017), mas ainda assim, a forma pluracional (3) pode descrever fases preparatórias repetidas e não culminativas. Na verdade, apresentarei evidências de que Tlingit também permite a não-culminação em certas formas *perfectivas*, mas que mesmo em verbos para os quais isso não é permitido, as formas pluracionais ainda podem ter interpretações não-culminativas. Concluo que há operações de modificação de classe de eventualidade disponíveis para $-x$ que não são possíveis apenas com a marcação do aspecto gramatical perfectivo ou imperfectivo.

Conclusão

Eu derivo conatividade nas formas pluracionais em Tlingit do início repetido e da ausência de um acarretamento de término. O sufixo pluracional tem acesso especial a fases preparatórias de certos eventos, o que lhe permite criar um evento que não culmina, mesmo quando os aspectos perfectivo e imperfectivo não podem fazê-lo. Isso contribui para descrever sistematicamente a gramática Tlingit e as operações sobre a estrutura de evento linguisticamente disponíveis.

Dados.

<p>1. a. Akachóox a- ka- Chux -μH 3>3- qual- $\sqrt{\text{amassar}}$ - var “ela/ele amassa isso”</p>	<p>b. akachúxx (Eggleston, 2017) a- ka- chux -μH-x 3>3- qual- $\sqrt{\text{amassar}}$ - var-rep “ela/ele amassa isso (regularmente)”</p>
<p>2. a. as.ée a- s- I -μH</p>	<p>3>3- caus- $\sqrt{\text{cozinhar}}$ - var “[ela/ele] está cozinhando isso”</p>

b. as.éex (Leer, 1976) 3>3- caus- √cozinhar -
 a- s- i -μH -x var -rep
 “[ela/ele] está cozinhando isso”

3. ax aklas'íkx (Leer, 1976)
 áx- a- k- la- s'ik -μH -x
 at.it 3>3- qual- caus- √fumar -var -rep
 “está tentando fumar isso”

Referências.

- Crippen, James. 2019. *The Syntax in Tlingit Verbs*. Vancouver: University of British Columbia, Tese de Doutorado.
- Cusic, David D. 1981. *Verbal Plurality and Aspect*. Palo Alto: Stanford University, Tese de Doutorado.
- Eggleston, Keri. 2017. *Online Tlingit verb dictionary: A database of over 1,100 conjugated Tlingit verbs*. Recurso on-line não publicado. <http://ankn.uaf.edu/~tlingitverbs/>
- Landman, Fred. 1992. The progressive. *Natural Language Semantics* 1, 1–32. <https://doi.org/10.1007/BF02342615>
- Leer, Jeff. 1976. *Tlingit verb collection*. Manuscrito não publicado.
- Leer, Jeff. 1991. *The schetic categories of the Tlingit verb*. Chicago: University of Chicago, Tese de Doutorado.
- Wood, Esther. 2007. *The Semantic Typology of Pluractionality*. Berkeley: University of California, Tese de Doutorado.

QUANTIFIER APPROACH TO NEGATION IN KANIEN'KÉHA

Katya Morgunova

katya.morgunova@mail.mcgill.ca

McGill University

Introduction.

In Kanien'kéha (aka Mohawk < Northern Iroquoian), negation is bipartite: it consists of the particle *iah* and the negative prefix *te-* on the predicate. This is illustrated in (2): both elements are necessary for the sentence to express a negative statement. While both *iah* and *te-* have been descriptively labeled as negative in the literature (Michelson & Price, 2011), their combination never gives rise to double negation readings; instead, they always yield a single semantic negation. This fact raises a question about their individual semantic contribution.

In this talk, I propose that *iah* and *te-* actually carry out two distinct semantic roles in the sentence interpretation. Building on the quantifier approach to negation (Kratzer, 1989; Weiß, 2002) I propose that the particle *iah* is a negative (propositional) quantifier taking two arguments, while *te-* marks the predicates which are included in the quantifier's restrictor proposition. The latter claim hinges on an observation that the distribution on *te-* in the sentence crucially affects the scope of the particle *iah*. The Kanien'kéha data thus brings novel morphological evidence for the quantificational nature of negation. Additionally, my analysis presents a semantic approach to the problem of semantic concord, pace previous analyses of similar phenomena, which are prevalently syntax-based (see Yip 2023 for an overview of the problem).

Semantics of *iah*.

Despite both *iah* and *te-* being obligatory in negative sentences, the negative semantics is contributed by the former, rather than the latter. This is evident from the contexts where *iah* is used as a stand-alone negative answer particle (3). In contrast, we never find any contexts where verb phrases marked by *te-* express negation on their own. The question arises of whether the negative prefix ever makes any semantic contribution.

Against semantic vacuity of *te-*.

In some cases, the negative morphology on the verb in a negative sentence is optional and affects the overall interpretation of the sentence. For example, in (4), the embedded predicate *ti* 'be of number', appearing as a part of the direct object can *optionally* bear negative morphology. When it does, the focus of negation is limited to just the numeral *wisk* 'five', as evident from the subsequent context that speakers provide for this sentence.

I take the difference between (4a) and (4b) to indicate that the negative prefix is semantically meaningful. In this regard, Kanien'kéha negation differs from the phenomenon of Negative Concord (NC), which is also a structure where multiple negation-marked elements express a single semantic negation. According to the Agree approach to NC (Zeijlstra, 2004), only the negative operator is semantically interpretable, while other negative elements are not. However, as both *iah* and *te-* affect the semantics of the sentence, the Kanien'kéha data requires a different analysis.

Proposal.

I follow the proposal in Kratzer (1989) and Weiß (2002) who analyze negation as a quantifier, taking two arguments. This implementation is illustrated for an English example in (1). The first argument of the quantifier is the 'unfocused' part of the original non-negated proposition, where the constituent representing the focus of negation is replaced by the variable. The second argument is the whole non-negated original sentence. The negative operator then asserts that its second argument is false, while presupposing the truth of the first argument (see Tian and Breheny 2019 on evidence for representation of the positive component in negative sentences).

- (1) a. Lydia didn't like [BobF].
 b. Neg[λe .like(Lydia,x)][λe .like(Lydia, Bob)]

Building on this approach, I propose that in Kanien'kéha the negative morphology marks the predicates that are included in the presupposed restrictor of the negative quantifier, represented by the particle *iah*. The difference between (4a) and (4b) then lies in whether the embedded predicate *ti* 'be of number' is excluded or included in the presupposed proposition; in the latter case negation focuses solely on the numerical value modifying the predicate, matching the suggested context of the sentence in (4b). In the talk, I also show how the same mechanism extends to cases of propositional negation.

- (2) a. ***(Iah)** tehatá:wens.
***(iah)** te-ra-atawen-s
 NEG NEG-MSGA-swim-HAB
 'He doesn't swim'
- b. **Iah** ***(te)**hatá:wens.
iah ***(te)**-ra-atawen-s
 NEG NEG-MSGA-swim-HAB
 'He doesn't swim'
- (3) Q: Warisó:se ken iontátiats?
 Warisose ken iontak-iat-s?
 Josephine Q FI>FI-call-HAB
 'Is her name Josephine? **No**, her name is Mary.' (Deering & Harries-Delisle, 2007, p. 64)
- A: **Iah**,(Wá:ri iontátiats).
Iah,(Wari iontak-iat-s)
 NEG Mary FI>FI-call-HAB
- (4) a. **Iah** wisk nihá:ti ronteweiénstha' tekhé:ken
Iah wisk ni-ra-ti ron-teweiénst-ha' te-khe-ken
 NEG five PART-MSGA-be.number MPLA-study-hab NEG-1SG>M.PL-see.STAT
 'I didn't see five students'
- b. **Iah** wisk tehá:ti ronteweiénstha' tekhé:ken
Iah wisk te-ra-ti ron-teweiénst-ha' te-khe-ken
 NEG five NEG-M.SG.A-be.number M.PLA-study-HAB NEG-1SG>M.PL-SEE.STAT
 'I didn't see five students...' (**but I saw four**).

References.

- Deering, N., & Harries-Delisle, H. (2007). *Mohawk: A teaching grammar*. Kanien'kehá:ka Onkwawén:na Raotitíóhkwa Language; Cultural Center.
- Kratzer, A. (1989). An investigation of the lumps of thought. *Linguistics and Philosophy*, 12(5), 607–653. Retrieved April 1, 2024, from <http://www.jstor.org/stable/25001361>
- Michelson, K., & Price, C. (2011). *Native languages: A support document for the teaching of language patterns: Oneida, Cayuga, and Mohawk resource guide*. Ontario Ministry of Education.
- Tian, Y., & Breheny, R. (2019, March). Negation. In *The Oxford Handbook of Experimental Semantics and Pragmatics*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198791768.013.29>
- Weiß, H. (2002). A quantifier approach to negation in natural languages: Or why negative concord is necessary. *Nordic Journal of Linguistics*, 25(2), 125–153. <https://doi.org/10.1080/033258602321093346>
- Yip, K.-F. (2023, March). *A compositional account of "only" doubling* [Presentation at Syntax-Semantics Reading Group (LFRG) at MIT].
- Zeijlstra, H. (2004). *Sentential negation and negative concord*. Netherlands Graduate School of Linguistics.

ABORDAGEM QUANTIFICACIONAL PARA A NEGAÇÃO EM KANIEN'KÉHA⁵¹

Katya Morgunova

katya.morgunova@mail.mcgill.ca

McGill University

Introdução

Em Kanien'kéha (também conhecido como Mohawk, uma língua do grupo Iroquês do Norte), a negação é bipartida: consiste na partícula *iah* e no prefixo negativo *te-* no predicado. Isso é ilustrado em (2): ambos os elementos são necessários para que a frase expresse uma afirmação negativa. Embora tanto *iah* quanto *te-* tenham sido descritivamente rotulados como negativos na literatura (Michelson & Price, 2011), sua combinação nunca gera leituras de dupla negação; em vez disso, elas sempre produzem uma única negação semântica. Esse fato levanta uma questão sobre sua contribuição semântica individual.

Nesta apresentação, proponho que *iah* e *te-* exercem, na verdade, dois papéis semânticos distintos na interpretação da frase. Baseando-me na abordagem dos quantificadores à negação (Kratzer, 1989; Weiß, 2002), proponho que a partícula *iah* é um quantificador negativo (proposicional) que toma dois argumentos, enquanto *te-* marca os predicados que estão incluídos na proposição restritora do quantificador. Esta última afirmação depende da observação de que a distribuição de *te-* na frase afeta crucialmente o escopo da partícula *iah*. Os dados de Kanien'kéha, portanto, trazem novas evidências morfológicas para a natureza quantificacional da negação. Além disso, minha análise apresenta uma abordagem semântica para o problema da concordância semântica, ao contrário de análises anteriores de fenômenos semelhantes, que são predominantemente baseadas na sintaxe (ver Yip 2023 para uma visão geral do problema).

Semântica de *iah*

Apesar de *iah* e *te-* serem obrigatórios em frases negativas, a semântica negativa é contribuída pela primeira, em vez da segunda. Isso é evidente nos contextos em que *iah* é usado como uma partícula de resposta negativa independente (3). Em contraste, nunca encontramos contextos em que frases verbais marcadas por *te-* expressam negação por conta própria. A questão que surge é se o prefixo negativo alguma vez faz alguma contribuição semântica.

Contra a vacuidade semântica de *te-*

Em alguns casos, a morfologia negativa no verbo em uma frase negativa é opcional e afeta a interpretação geral da frase. Por exemplo, em (4), o predicado embutido *ti* 'ser de número', aparecendo como parte do objeto direto, pode opcionalmente apresentar morfologia negativa. Quando o faz, o foco da negação é limitado apenas ao numeral *wísk* 'cinco', como é evidente a partir do contexto subsequente que os falantes fornecem para esta frase.

Considero que a diferença entre (4a) e (4b) indica que o prefixo negativo é semanticamente significativo. Nesse aspecto, a negação em Kanien'kéha difere do fenômeno da Concordância Negativa (NC), que também é uma estrutura em que múltiplos elementos marcados por negação expressam uma única negação semântica. De acordo com o *Agree approach* para a NC (Zeijlstra, 2004), apenas o operador negativo é semanticamente interpretável, enquanto outros elementos negativos não são. No entanto, como tanto *iah* quanto *te-* afetam a semântica da frase, os dados de Kanien'kéha exigem uma análise diferente.

⁵¹ Traduzido por Dionatan Bastos Cardozo.

Proposta

Sigo a proposta de Kratzer (1989) e Weiß (2002), que analisam a negação como um quantificador, tomando dois argumentos. Essa implementação é ilustrada por um exemplo em português em (1). O primeiro argumento do quantificador é a parte ‘não focada’ da proposição original não negada, onde o constituinte que representa o foco da negação é substituído pela variável. O segundo argumento é a frase original não negada como um todo. O operador negativo, então, afirma que seu segundo argumento é falso, enquanto pressupõe a verdade do primeiro argumento (ver Tian e Breheny 2019 sobre evidências para a representação do componente positivo em frases negativas).

- (1) a. Lydia não gostar de [BobF].
b. Neg[λe .gostar+de(Lydia,x)][λe .gostar+de (Lydia, Bob)]

Baseando-me nessa abordagem, proponho que em Kanien’kéha a morfologia negativa marca os predicados que estão incluídos no restritor pressuposto do quantificador negativo, representado pela partícula *iah*. A diferença entre (4a) e (4b) reside, então, em saber se o predicado embutido *ti* ‘ser de número’ é excluído ou incluído na proposição pressuposta; neste último caso, a negação foca exclusivamente no valor numérico que modifica o predicado, correspondendo ao contexto sugerido da frase em (4b). Na apresentação, também mostro como o mesmo mecanismo se estende a casos de negação proposicional.

- (2) a. ***(Iah)** tehatá:wens.
***(iah)** te-ra-atawen-s
NEG NEG-MSGA-nadar-HAB
HAB
‘Ele não nada’
- b. **Iah** *(te)hatá:wens.
iah *(te)-ra-atawen-s
NEG NEG-MSGA-swim-
HAB
‘Ele não nada’

- (3) Q: Warisó:se ken iontátiats?
Warisose ken iontak-iat-s?
Josephine Q FI>FI-chamar-HAB
HAB
- A: **Iah**, (Wá:ri iontátiats).
Iah, (Wari iontak-iat-s)
NEG Mary FI>FI-chamar-
HAB

‘O nome dela é Josephine? **Não**, o nome dela é Mary.’ (Deering & Harries-Delisle, 2007, p. 64)

- (4)a. **Iah** wisk nihá:ti ronteweiénstha’ tekhé:ken
Iah wisk ni-ra-ti ron-teweiénst-ha’ te-khe-ken
NEG cinco PART-MSGA-ser.número MPLA-estudar-hab NEG-1SG>M.PL-see.STAT
‘Eu não vi os cinco estudantes’

- b. **Iah** wisk tehá:ti ronteweiénstha’ tekhé:ken
Iah wisk te-ra-ti ron-teweiénst-ha’ te-khe-ken
NEG cinco NEG-M.SG.A-be.número M.PLA-estudar-HAB NEG-1SG>M.PL-
VER.STAT
‘eu não vi os cinco estudantes...’ (**mas eu vi quatro**).

Referências

Deering, N., & Harries-Delisle, H. (2007). *Mohawk: A teaching grammar*. Kanien’kehá:ka Onkwawén:na Raotitíóhkwa Language; Cultural Center.

Kratzer, A. (1989). An investigation of the lumps of thought. *Linguistics and Philosophy*, 12(5), 607–653. Retrieved April 1, 2024, from <http://www.jstor.org/stable/25001361>

- Michelson, K., & Price, C. (2011). *Native languages: A support document for the teaching of language patterns: Oneida, Cayuga, and Mohawk resource guide*. Ontario Ministry of Education.
- Tian, Y., & Breheny, R. (2019, March). Negation. In *The Oxford Handbook of Experimental Semantics and Pragmatics*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198791768.013.29>
- Weiß, H. (2002). A quantifier approach to negation in natural languages: Or why negative concord is necessary. *Nordic Journal of Linguistics*, 25(2), 125–153. <https://doi.org/10.1080/033258602321093346>
- Yip, K.-F. (2023, March). *A compositional account of “only” doubling* [Presentation at Syntax-Semantics Reading Group (LFRG) at MIT].
- Zeijlstra, H. (2004). *Sentential negation and negative concord*. Netherlands Graduate School of Linguistics.

PLURALITY IN AVA GUARANI

Lara Frutos

larafrutog@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Introduction:

This work aims at analyzing the expression of plurality in Ava Guarani featured in the nominal domain by ‘-kuera’ morpheme. Ava Guarani is a southern American indigenous language from Tupi-Guarani family, present in Paraguay, Argentina, and Brazil. It does not present articles, but presents possessives, demonstratives, quantifiers, and numerals in adnominal position, therefore presenting DP. Bare nouns in the language have number neutral semantics and the language present a lexical distinction for mass and count nouns. For this work, I will analyze the plurality expressed by the plural/collective morpheme ‘-kuera’, which attaches to the noun (shown in (1)) as an expression of maximal sum. I will argue that a grammatical expression of number only occurs in the pronominal system of Avá Guarani, regarding the difference of the first and the second persons. The other sources of plurality are construed based on lexical properties, as well as for ‘-kuera’, which will be considered a quantity morpheme and not an expression of inflectional number. **‘-kuera’ in the literature:** The literature describes ‘-kuera’ in all Guaranian languages as both plural (Cardoso, 2007; Guerra-Vicente and Ramires, 2020 for Kaiowa; Tonhauser, 2006; Estigarribia, 2020 for Paraguayan Guarani) or collective morpheme (Cardoso, 2017 for Kaiowa; Guaranía, 2008; Frutos, 2016 for Paraguayan Guarani). Martins (2004) for Mbyá presents ‘kwery’ as ambiguous between plural and collective. Some authors (Frutos, 2016; Cardoso 2017) call attention to definite and totality meanings associated with ‘-kuera’. Guerra-Vicente & Ramires (2020), however, show that at least the definite meaning is not always present, showing consistent data of Kaiowa’s ‘-kwera’ in indefinite contexts.

Empirical evidence:

I will show here that ‘-kuera’ is not an inflectional expression of plural number but it expresses a different plurality meaning based on some empirical evidence: i) ‘kuera’ does not occur with numerals (in 2); ii) ‘-kuera’ has restrict use when the noun phrase refers to two or few individuals (sensitive to context) (in 3); iii) ‘-kuera’ does not make reference to intermediate sums in definite contexts (ex: 5 out of 10), as pointed back in Frutos (2016) (in 4); iv) ‘-kuera’ has an associative use (‘Adrianokuera’ means Adriano’s group-family, colleagues, friends); v) ‘-kuera’ cannot occur with nominal quantifier ‘heta’ (many) (in 5), but is preferable in generic sentences and with universal quantifiers (*opa* ‘all’) (in 6); vi) ‘-kuera’ is optional and not relevant to syntax; vii) ‘-kuera’ can only be used with restricted category of nouns (in 7). Regarding definiteness, the data show clear preference for definite readings, although consultants may try to accommodate indefinite ones (in 8). **Proposal:** In this analysis ‘-kuera’ is as an operator of a maximum sum (meaning: all the individuals in a given context), not entirely equivalent to additive plural operation (meaning: ‘more than one’ or ‘at least two’). This maximum sum operation should return only the maximal sum of individuals, as shown in (4) excluding intermediate sums, and this sum is not required to be semantically definite, although the definite reading is preferred. Therefore, definiteness will be considered only an implicature, possibly cancellable and all these possible interpretations for ‘-kuera’ arise from the maximum sum operation. This accounts for the impossibility of ‘-kuera’ with numerals, its apparent optionality in most contexts, and its preference for definite readings. It also accounts for the fact that generic readings are preferable with ‘-kuera’ (and even pointed out as agrammatical without it) and explains the possibility of indefinite sentences with ‘-kuera’, attested by Guerra-Vicente & Ramires (2020) for Kaiowa. The

impossibility of ‘-kuera’ with mass nouns will be accounted for as a semantic selection for nouns with individual atoms and the impossibility with ‘heta’ is accounted by the fact that both ‘-kuera’ and ‘heta’ present incompatible quantifier semantics. The associative reading could also be derived pragmatically: when used with proper nouns, that denote singular reference, it implicates that a plurality is associated with the referred proper noun. As an additional argument against the analysis of ‘-kuera’ as plural is that we must consider that an expression of plurality like ‘-kuera’ has not been described in the typology literature for plurals, which include associatives (Lewis, 2021), singular, dual, paucal and plural (Corbett & Mithun, 1996), but not maximal sum. In a comparative approach, I will show data from all of the varieties of Guaraní (Ava, Nhandeva, Mbyá, Kaiowa Guaraní and Paraguayan Guaraní) to support these claims.

(1) **Mitã-nguera o- jeroky-∅**

child-kuera 3-dance-nfut
 ‘(The) children danced/dance/are dancing’.

(2) *Mbohapy mitã-nguera
 three child-kuera

(3) **Adriano o-japi-∅ pitogue-kuera-pe.**

Adriano 3-shoot-nfut kiskabee-kuera-at
 ‘Adriano shot at (the) kiskabees’

Contexts: #There were 2 birds, Adriano shot them.
 Correction by consultant: “It has to be more”

(4) **Adriano o-japi-∅ pitogue-kuerape.**

Adriano 3-shoot-nfut kiskabee-kuera-at
 ‘Adriano shot at (the) kiskabees’

Contexts: #There were 10 birds, Adriano shot 7.
 ✓There were 10 birds, Adriano shot all of 10.

(5) *heta kure-kuera
 manypig-kuera

(6) **Opa mitã-nguera o- jeroky-∅**

All child-kuera 3-dance-nfut
 ‘(The) children danced/dance/are dancing’

(7) *jaguarete-kuera
 jaguar-kuera

(7) **Mbo’ehara o-heka-∅ iniñuã-nguera.**

teacher 3-search-nfut helpers-kuera
 ‘The teacher is looking for helpers’

?? Narrow scope: The teacher is looking for helpers but does not know who will appear.
 ✓Wide scope: There is a group of teacher’s helpers, and he/she is looking for ALL of them.

References

BRUNO ESTIGARRIBIA. 2020. *A Grammar of Paraguayan Guaraní*. Londres: University College London Press, 366 pp.

- CARDOSO, Valéria F. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)*. PhD dissertation. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- CARVALHO, Rosileide. *Análise Morfológica da Língua Kaiowá: fundamentos para uma gramática e dicionário bilíngue*. MA thesis. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- CORBETT, G.; MIHTHUN, M. Associative forms in a typology of number systems: Evidence from Yup'ik. *Journal of Linguistics*. 32, 1996.
- FRUTOS, L. *Aspectos sintáticos e semânticos da intensificação de grau no Guarani Paraguaio*. 2016. 352f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016
- GUARANIA, F. *Tabla sinóptica para una nueva gramática Guarani*. Asunción-PY: Servi Libro, 2008.
- GUERRA-VICENTE, H.; RAMIRES, D. Plurais em Kaiowá e o caso de implicaturas obrigatórias. *Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 62, n. 00, p. e020009, 2020*.
- LEWIS, R. Associative Plurality and the DP/NP typology. In: *Proceedings of the Workshop on Turkic and Languages in Contact with Turkic*, vol. 6, LSA, 2021.
- MARTINS, M. F. *Descrição e análise de aspectos da gramática do guaraní mbyá*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2004.
- TONHAUSER, J. (2006). *The Temporal Semantics of Noun Phrases: Evidence from Guaraní*. PhD thesis, Stanford University.

PLURALIDADE EM AVA GUARANI⁵²

Lara Frutos

larafrutog@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a expressão de pluralidade no Ava Guarani no domínio nominal por meio do morfema ‘-kuera’. O Ava Guarani é uma língua indígena da família Tupi-Guarani, presente no Paraguai, Argentina e Brasil. A língua não possui artigos, mas apresenta possessivos, demonstrativos, quantificadores e numerais em posição adnominal, configurando assim uma estrutura de DP. Os substantivos nus na língua têm uma semântica neutra em relação ao número, e existe uma distinção lexical entre substantivos contáveis e não contáveis. Neste trabalho, analisarei a pluralidade expressa pelo morfema plural/coletivo ‘-kuera’, que se anexa ao substantivo (conforme mostrado em (1)), representando uma soma maximal. Argumentarei que a expressão gramatical do número ocorre apenas no sistema pronominal do Ava Guarani, considerando a diferença entre as primeiras e segundas pessoas. As outras fontes de pluralidade são construídas com base em propriedades lexicais, sendo assim ‘-kuera’ será considerado um quantificador e não uma expressão flexional de número.

‘-kuera’ na literatura

A literatura descreve ‘-kuera’, com uma versão presente em todas as línguas guaranis, como um morfema plural (Cardoso, 2007; Guerra-Vicente e Ramires, 2020 para Kaiowa; Tonhauser, 2006; Estigarribia, 2020 para Guarani Paraguaio) ou coletivo (Cardoso, 2017 para Kaiowa; Guarania, 2008; Frutos, 2016 para Guarani Paraguaio). Martins (2004) para Mbyá apresenta ‘kwery’ como ambíguo entre plural e coletivo. Alguns autores (Frutos, 2016; Cardoso, 2017) destacam os significados de definitude e totalidade associados a ‘-kuera’. No entanto,

⁵² Traduzido por Lara Frutos.

Guerra-Vicente & Ramires (2020) mostram que, pelo menos, o significado definido nem sempre está presente, apresentando dados consistentes do ‘-kwera’ em Kaiowa em contextos indefinidos.

Evidências empíricas

Mostrarei que ‘-kuera’ não é uma expressão flexional de plural, mas expressa um significado de pluralidade diferente com base em algumas evidências empíricas: i) ‘kuera’ não ocorre com numerais (em 2); ii) ‘-kuera’ tem uso restrito quando a frase nominal se refere a duas ou poucas pessoas (sensível ao contexto) (em 3); iii) ‘-kuera’ não se refere a somas intermediárias em contextos definidos (ex: 5 de 10), conforme apontado por Frutos (2016) (em 4); iv) ‘-kuera’ tem um uso associativo (‘Adrianokuera’ significa grupo-família de Adriano, colegas, amigos); v) ‘-kuera’ não pode ocorrer com o quantificador nominal ‘heta’ (muitos) (em 5), mas é preferível em sentenças genéricas e com quantificadores universais (opa ‘todos’) (em 6); vi) ‘-kuera’ é opcional e não relevante para a sintaxe; vii) ‘-kuera’ pode ser utilizado apenas com uma categoria restrita de substantivos (em 7). Em relação à definitude, os dados mostram uma clara preferência por leituras definidas, embora os consultores possam tentar acomodar leituras indefinidas (em 8).

Proposta

Nesta análise, ‘-kuera’ é considerado um operador de soma maximal (significado: todos os indivíduos em um determinado contexto), não sendo totalmente equivalente à operação de pluralidade aditiva (significado: ‘mais de um’ ou ‘pelo menos dois’). Esta operação de soma maximal deve resultar apenas na soma maximal de indivíduos, conforme demonstrado em (4), excluindo somas intermediárias, e essa soma não precisa ser semanticamente definida, embora a leitura definida seja preferida. Portanto, a definitude será considerada apenas uma implicatura, possivelmente cancelável, e todas as possíveis interpretações para ‘-kuera’ surgem da operação de soma maximal. Isso explica a impossibilidade de ‘-kuera’ com numerais, sua aparente opcionalidade na maioria dos contextos e sua preferência por leituras definidas. Também esclarece por que leituras genéricas são preferíveis com ‘-kuera’ (e até consideradas agramaticais sem ele) e explica a possibilidade de sentenças indefinidas com ‘-kuera’, conforme atestado por Guerra-Vicente & Ramires (2020) para Kaiowa. A impossibilidade de ‘-kuera’ com substantivos não contáveis será explicada como uma seleção semântica para substantivos com átomos individuais, e a impossibilidade com ‘heta’ se deve ao fato de que ‘-kuera’ e ‘heta’ apresentam semânticas de quantificadores incompatíveis. A leitura associativa também pode ser derivada pragmaticamente: quando usada com nomes próprios, que denotam referência singular, implica que uma pluralidade está associada ao nome próprio referido. Um argumento adicional contra a análise de ‘-kuera’ como plural é que devemos considerar que uma expressão de pluralidade como ‘-kuera’ não foi descrita na literatura de tipologia para plurais, que inclui associativos (Lewis, 2021), singular, dual, paucal e plural (Corbett & Mithun, 1996), mas não soma maximal. Em uma abordagem comparativa, apresentarei dados de todas as variedades de Guaraní (Ava, Nhandeva, Mbyá, Kaiowa Guaraní e Guaraní Paraguai) para apoiar essas afirmações.

(1) Mitã-nguera o-jeroky-∅

criança-kuera 3-dançar-nfut

‘As crianças dançaram/dançam/estão dançando’.

(2) *Mbohapy mitã-nguera

três criança-kuera

(3) Adriano o-japi-∅ pitogue-kuera-pe.

Adriano 3-atirar-nfut bemtevi-kuera-em

‘Adriano atirou em (os) bem-te-vis’

Contextos: #Havia dois pássaros, Adriano atirou neles.
Correção do consultor: “Tem que ser mais”

(4) Adriano o-japi-∅ pitogue-kuerape.

Adriano 3-atirar-nfut bemtevi-kuera-em
‘Adriano atirou em (os) bem-te-vis’

Contexts: #Havia 10 pássaros, Adriano atirou em 7.

(5) *heta kure-kuera
Muito porcos-kuera

(6) Opa mitã-nguera o-jeroky-∅

Todos criança-kuera 3-dançar-nfut
‘Todas as crianças dançaram/dançam/estão dançando’

(7) *jaguarete-kuera
onça-kuera

(7) Mbo'ehara o-heka-∅ iniñuã-nguera.

professor 3-procurar-nfut ajudantes-kuera
‘O professor está procurando por ajudantes’

?? Escopo estreito: O professor está procurando por ajudantes e não sabe quem vai aparecer

✓ Escopo largo: Existe um grupo de alunos que o professor está procurando.

Referências

BRUNO ESTIGARRIBIA. 2020. *A Grammar of Paraguayan Guaraní*. Londres: University College London Press, 366 pp.

CARDOSO, Valéria F. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guaraní)*. PhD dissertation. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

CARVALHO, Rosileide. *Análise Morfológica da Língua Kaiowá: fundamentos para uma gramática e dicionário bilíngue*. MA thesis. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

CORBETT, G.; MIHTHUN, M. Associative forms in a typology of number systems: Evidence from Yup'ik. *Journal of Linguistics*. 32, 1996.

FRUTOS, L. *Aspectos sintáticos e semânticos da intensificação de grau no Guaraní Paraguaio*. 2016. 352f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016

GUARANIA, F. *Tabla sinóptica para una nueva gramática Guaraní*. Asunción-PY: Servi Libro, 2008.

GUERRA-VICENTE, H.; RAMIRES, D. Plurais em Kaiowá e o caso de implicaturas obrigatórias. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 62, n. 00, p. e020009, 2020.

LEWIS, R. Associative Plurality and the DP/NP typology. In: *Proceedings of the Workshop on Turkic and Languages in Contact with Turkic*, vol. 6, LSA, 2021.

MARTINS, M. F. *Descrição e análise de aspectos da gramática do guaraní mbyá*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2004.

TONHAUSER, J. (2006). *The Temporal Semantics of Noun Phrases: Evidence from Guaraní*. PhD thesis, Stanford University.

TENSE MARKING ON NOUNS IN TUPI-GUARANÍ LANGUAGES

Déborah Christina de Mendonça OLIVEIRA

deborahmendonca@gmail.com

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida SALLES

heloisasalles@gmail.com

Universidade de Brasília (UnB)

In the present study, we examine the grammatical encoding of tense on nouns in Tupí-Guaraní (TG) languages. A well-known fact is that TG languages display a morphosyntactic marking on nouns indicating a temporal relation with respect to speech situation. This fact is contrastively shown in (1a-c), from Kamaiurá and extracted from Seki (2000, p. 124-125), in which the derived noun is assigned to a perfective interpretation in the presence of the inflectional particle *-et*, the glosses are translated from Portuguese to English, including the nominalizer (Nom) and so-called Relational-morphology (Rel), which encodes person marking (irrelevant for the present discussion).

A question that arises is whether tense is syntactically encoded in the nominal projection. This topic has been previously discussed in Alexiadou's (2001) study of nominalizations, in which it is argued that aspect, but not tense, is encoded in the DP structure. In turn, Tonhauser (2007) examines the nominal morphology of Paraguayan Guaraní, showing that the temporal markers *-kue* (*past-time-oriented meaning*) and *-rã* (*future-time-oriented meaning*) are found with stative predicates such as *óga* (house), but not with stative predicates denoting an eventuality, such as *asẽ* (cry). According to the author, *-kue* and *-rã* are grammatical markers of perfective aspect and prospective aspect/mood, respectively, thus implying that they are not tense markers on nouns. The former is illustrated in (2), from Tonhauser (2007, p. 835-836, 838).

In the present analysis, we would like to entertain the hypothesis that temporal marking is syntactically represented in the structure of nominalizations, by the marker of past tense *-puer-*, as contrastively shown in (3a-c), extracted from Rodrigues (1953, p. 140) (the gloss is translated from Portuguese to English, including the (nominal) argument marker (ARG), $-\emptyset\sim\text{-a}$). We argue that the presence of tense morphology in nominalizations in TG languages may constitute preliminary evidence to postulate the presence of the functional head T in the DP structure. In this respect, we follow Oliveira's; Salles' (2010) and Oliveira's (2014) discussions of these (and additional) data from TG languages, being also in line with Lecarme's (2008) analysis of tense marking on the noun in Somali (see also IMAI, 2005). Assuming that the DP is a phase projection (Chomsky, 2001), we tentatively propose that tense marking on the noun in (3c) is rendered accessible to clausal T in the extended projection of the VP headed by the volitional verb 'potar', under a type of edge-feature percolation (cf. (4)).

Examples

(1) a. je=r-etsak-at
1sg=Rel-see-Nom 'what is seen by me'

b. je=r-emi-etsak
1sg=Rel-Nom-see 'what is seen'

c. i-mono-pyr-et
3-send-Nom-Past 'the one who was sent'

(2) Ko'agã a-hecha che-róga-kue

now A1SG-see B1SG-house-KUE 'I am seeing my former house'

(3) a. a-só-potar

1-ir-querer 'I want to go'

b. a-i-potar nde só-Ø

1s-querer você ir-ARG 'I want you to go'

c. a-i-potar nde só-puer-a

1s-querer você ida-PAST-ARG 'I wanted you to go'

(4) [CP [TP T_{puer} a-i-potar [DP [nde] [D' só ... [TP puer [ArgP -a [NP [N' N_{só}]]]]]]]]

References

ALEXIADOU, Artemis. **Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: Michael Kenstowicz (Ed.); Ken Hale: **A Life in Language**. Cambridge, MA: MIT Press. p. 1-52.

IMAI, Takashi. On the Parallelism of Extended Nominals and Clauses. **English Linguistics and Literature**. Vol. 9, 2005, p. 15-24. Disponível em: <http://trail.tsuru.ac.jp/dspace/handle/trair/136>.

LECARME, Jacqueline. Tense and Modality in Nominals. In: Jacqueline Guéron; Jacqueline Lecarme (Org.). **Time and Modality: Studies in Natural Language and Linguistic Theory**. Dordrecht: Springer, 2008. p. 195-225.

OLIVEIRA, Déborah Christina; SALLES, Heloísa. A categoria tempo em nominais. **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

OLIVEIRA, Déborah Christina. **Nominalizações no português brasileiro: estrutura argumental, formação e morfossintaxe**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

RODRIGUES, Aryon. Morfologia do Verbo Tupi. **Letras**. Curitiba, n. 1, 1953. p. 121-152.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

TONHAUSER, Judith. Nominal Tense? The Meaning of Guaraní Nominal Temporal Markers. **Language**, vol. 83, n. 4, 2007, p. 831-869. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lan.2008.0037>.

A MARCAÇÃO NOMINAL DE TEMPO EM LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ

Déborah Christina de Mendonça OLIVEIRA

deborahmendonca@gmail.com

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida SALLES

heloisasalles@gmail.com

Universidade de Brasília (UnB)

Neste estudo, examinamos a codificação gramatical de tempo nos nomes em línguas Tupi-Guaraní (TG). É bem conhecido o fato de que as línguas TG apresentam marcação morfológica de tempo nos nomes, indicando uma relação temporal com a situação do falante. Esse fato é contrastivamente ilustrado em (1a-c), pelos dados de Kamaiurá coletados por Seki (2000, p. 124-125), nos quais o nome derivado recebe interpretação perfectiva em presença da partícula flexional

-et. A glosa traz o nominalizador (Nom) e o assim chamado morfema relacional (Rel), o qual codifica marcação de pessoa (irrelevante para a presente discussão).

Uma questão que se coloca é se o tempo está ou não codificado sintaticamente na projeção nominal. Esse tema foi debatido anteriormente no estudo de nominalizações de Alexiadou (2001), no qual a autora defende que o aspecto, mas não o tempo, está codificado na estrutura do DP. Tonhauser (2007), por sua vez, examina a morfologia nominal do Guaraní Paraguaio, mostrando que os marcadores temporais *-kue* (significando orientação para o passado) e *-rã* (significando orientação para o futuro) estão presentes em predicados estativos tais como *óga* ('casa'), mas não em predicados estativos que denotam eventualidades, tais como *asẽ* ('choro'). De acordo com o autor, *-kue* e *-rã* são, respectivamente, marcadores gramaticais de aspecto perfectivo e de aspecto/modo prospectivo, implicando assim que não se trata de marcadores temporais internos aos nomes. Vide a ilustração em (2), de Tonhauser (2007, p. 835-836, 838).

Na presente análise, temos como hipótese que a marcação nominal está sintaticamente representada na estrutura das nominalizações, pelo marcado de tempo passado *-puer-*, como mostrado por contraste em (3a-c), dados extraídos de Rodrigues (1953, p. 140), cuja glosa inclui o marcador nominal de argumento ((ARG), \emptyset ~-a). Vamos defender que a presença de morfologia de tempo nas nominalizações de línguas TG constitui evidência preliminar para se postular um núcleo funcional T interno à estrutura do DP. Ao propor isso, seguimos as discussões de Oliveira, Salles (2010) e Oliveira (2014) sobre esses dados e outros tantos dados provenientes de línguas TG, além de nos alinharmos a Lecarme (2008), que analisa a marcação temporal nos nomes em Somali (ver ainda IMAI, 2005). Assumindo que o DP é uma fase da derivação (Chomsky, 2001), tentativamente proporemos que a marcação temporal no nome em (3c) é acessada pelo T presente na projeção estendida do VP nucleada pelo verbo volitivo 'potar', num tipo de percolação de traços de borda (cf. (4)).

Exemplos

(1) a. je=r-etsak-at

1sg=Rel-ver-Nom 'o que é visto por mim'

b. je=r-emi-etsak

1sg=Rel-Nom-ver 'o que é visto'

c. i-mono-pyr-et

3-enviar-Nom-Past 'o que foi enviado'

(2) Ko'agã a-hecha che-róga-kue

agora A1SG-ver B1SG-cada-KUE 'estou vendo minha casa pregressa'

(3) a. a-só-potar

1-ir-querer 'Eu quero ir'

b. a-i-potar nde só- \emptyset

1s-querer você ir-ARG 'Eu quero que você vá'

c. a-i-potar nde só-puer-a

1s-querer você ida-PAST-ARG 'Eu queria que você fosse'

(4) [CP [TP T_{puer} a-i-potar [DP [nde] [D' só ... [TP puer [ArgP -a [NP [N' N_{sé}]]]]]]]]

Referências

- ALEXIADOU, Artemis. **Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: Michael Kenstowicz (Ed.); Ken Hale: **A Life in Language**. Cambridge, MA: MIT Press. p. 1-52.
- IMAI, Takashi. On the Parallelism of Extended Nominals and Clauses. **English Linguistics and Literature**. Vol. 9, 2005, p. 15-24. Disponível em: <http://trail.tsuru.ac.jp/dspace/handle/trair/136>.
- LECARME, Jacqueline. Tense and Modality in Nominals. In: Jacqueline Guéron; Jacqueline Lecarme (Org.). **Time and Modality: Studies in Natural Language and Linguistic Theory**. Dordrecht: Springer, 2008. p. 195-225.
- OLIVEIRA, Déborah Christina; SALLES, Heloísa. A categoria tempo em nominais. **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.
- OLIVEIRA, Déborah Christina. **Nominalizações no português brasileiro: estrutura argumental, formação e morfossintaxe**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- RODRIGUES, Aryon. Morfologia do Verbo Tupi. **Letras**. Curitiba, n. 1, 1953. p. 121-152.
- SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- TONHAUSER, Judith. Nominal Tense? The Meaning of Guaraní Nominal Temporal Markers. **Language**, vol. 83, n. 4, 2007, p. 831-869. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lan.2008.0037>.

INTENTIVE ASPECT, PURPOSIVES, AND THEIR RESULTS IN KANIEN'KÉHA

Terrance Gatchalian

terrance.gatchalian@mail.mcgill.ca

McGill University

Katya Morgunova

katya.morgunova@mail.mcgill.ca

McGill University

1. Introduction:

Traditionally, Kanien'kéha (also Mohawk < Northern Iroquoian) is described as exhibiting a three-way aspectual distinction for eventive verbs between punctual, habitual and stative aspects. However, for a small group of motion verbs, this generalization does not hold: rather than the punctual aspect, motion verbs have an intensitive aspect (see Michelson and Doxtator 2002 on Oneida; also Lukaniec 2018; Woodbury 2018). Below, we examine complex predicates derived with the purposive suffix, which occupy a middle ground, exhibiting a four-way aspectual distinction (DeCaire 2023; Martin 2023), as well as provide an account for its specific semantic characterization.

More broadly, this topic relates to long-standing questions in event semantics concerning the possible decomposition of meanings encoded by verbs (e.g., Dowty 1979; Levin and Rappaport Hovav 1995). In recent models, the results of events are typically not differentiated (e.g., Ramchand 2008). We establish here that Kanien'kéha treats two classes of results distinctly: the result state of purposive predicates need not be actualized, which we propose is due to an intentional modal operator scoping over the result state, similar to sub-lexical modal analyses of “defeasible causatives” (Martin and Schäfer 2017); the result state of non-motion predicates obligatorily culminates.

Thus this paper makes two contributions: 1 we outline the key diagnostics for differentiating motion, non-motion, and purposive verbs in Kanien'kéha (§2-3); and 2 we present novel data showing purposive results need not be actualized, evidencing sublexical modality over result states (§3-5).

2. Intensive Aspect.

While both non-motion and motion verbs occur in the habitual and stative aspects, only non-motion verbs occur in the punctual aspect (2a) and only motion verbs occur in the intensive (3b). Crucially, punctual aspect verbs obligatorily co-occur with the modal prefixes, such as factual (2b), whereas intensive aspect verbs optionally co-occur (3b). Verbs derived with the purposive suffix, expressing motion/intention, occupy a middle ground: they inflect for both punctual (4a) and intensive aspects (4b) (see Table 1).

3. (Non-)culmination.

The novel test for differentiating purposive results and non-purposive telic results is culmination in perfective contexts. Telic predicates in (5a) entail culmination, where the result must be actualized in the evaluation world. In contrast, purposive predicates in (5b) implicate culmination, shown by the felicity of a continuation which contradicts the actualization of the swimming event. This observation reveals the key contrast between telic and purposive results.

4. Purposive and intentions.

To elucidate the source of the above contrast, note that purposive verbs do not only express motion leading to the root event; they may express an underspecified process of intent. The modal nature of purposive results is illustrated in (4b), where the purposive verb here expresses an intention to carry out the event of the root verb. No portion of the root event need be carried out: in (4b) the hunting is asserted to not have occurred yet, and in (4a) the actualization of hunting is an implicature (following the discussion in §3).

5. Analysis.

We propose the analysis in (1) to account for the observation that purposive events culminate into its result. Purposive event descriptions introduce a preparatory event and a sublexical intentional modal component scoping over the resulting root event (cf. Martin and Schäfer 2017).

- (1) a. $\llbracket \text{wash.car} \rrbracket^w = \lambda x \lambda e \exists e'. \text{wash.car}(e)(w) \wedge \text{agent}(e, x) \wedge \text{result}(e', e)(w)$
 b. $\llbracket \text{swim-PURP} \rrbracket^w = \lambda x \lambda e. \text{preparatory.event}(e)(w) \wedge \text{agent}(e, x) \wedge \square_w^w$
intents-of-x $\exists e'$

Non-culmination in both aspects of the purposive is derived by excluding the evaluation world from the modal base in (1b). We propose that the presence of sublexical modality in the semantics of purposive predicate also explains its compatibility with the intensive aspect.

6. Conclusions.

We have shown 1 that the intensive aspect is distinct from the punctual aspect, and occurs with motion and purposive verbs; 2 that purposive verbs share properties with both lexical motion and non-motion verbs; and 3 that the result of purposive verbs differs from telic results in the defeasibility of culmination interpretations, accounted for here with a sublexical modal scoping over purposive results.

(2) Non-motion verb

- a. Wahárase'
 wa'-ra-rast-e'
 m.sg.a-draw-punc
 'He drew.'
 b. *Rárase'
 *ra-rast-e'
 m.sg.a-draw-punc
 Intended: 'He draws.'

(3) Motion verb

- a. Wà:ke'
 wa'-k-e-'
 fact-1sg.a-go-int
 'I am going there.'
 b. Í:ke'
 i-k-e-'
 ep-1sg.a-go-int

'I am walking.'

(4) Purposive verb

- a. Wa'katorátha'
 wa'-k-atorat-h-a'
 fact-1sg.a-hunt-
 purp-punc
 'I went to hunt.'

Woodbury, Hanni. 2018. *A reference grammar of the Onondaga language*. Toronto: University of Toronto Press.

ASPECTO INTENTIVO, PROPÓSITO E OS RESULTADOS EM KANIEN'KÉHA⁵³

Terrance Gatchalian
terrance.gatchalian@mail.mcgill.ca
McGill University

Katya Morgunova
katya.morgunova@mail.mcgill.ca
McGill University

1. Introdução.

Tradicionalmente, o Kanien'kéha (também conhecido como Mohawk < Iroquês do Norte) é descrito como exibindo uma distinção aspectual tripla para verbos eventivos, entre aspectos *pontual*, *habitual* e *estativo*. No entanto, para um pequeno grupo de *verbos de movimento*, essa generalização não se aplica: em vez do aspecto *pontual*, os verbos de movimento têm um aspecto intencional (veja Michelson e Doxtator 2002 sobre o Oneida; também Lukaniec 2018; Woodbury 2018). Abaixo, examinamos predicados complexos derivados com o sufixo PROPOSITIVO, que ocupam um meio-termo, exibindo uma distinção aspectual *quádrupla* (DeCaire 2023; Martin 2023), além de fornecer uma explicação para sua caracterização semântica específica.

De forma mais ampla, este tópico está relacionado a questões antigas na semântica de eventos, que tratam da possível decomposição dos significados codificados pelos verbos (por exemplo, Dowty 1979; Levin e Rappaport Hovav 1995). Em modelos recentes, os RESULTADOS dos eventos geralmente não são diferenciados (por exemplo, Ramchand 2008). Estabelecemos aqui que o Kanien'kéha trata duas classes de resultados de forma distinta: o estado resultante de predicados propositivos não precisa ser concretizado, o que propomos ser devido a um operador modal intencional que abrange o estado resultante, semelhante às análises modais sublexicais de "causativos defeituosos" (Martin e Schäfer 2017); o estado resultante de predicados que não envolvem movimento culmina obrigatoriamente.

Assim, este artigo faz duas contribuições: 1. delineamos os principais diagnósticos para diferenciar verbos de movimento, não-movimento e propositivos em Kanien'kéha (§2-3); e 2. apresentamos dados inéditos mostrando que os resultados dos predicados propositivos não precisam ser concretizados, evidenciando a modalidade sublexical sobre os estados resultantes (§3-5).

2. Aspecto Intencional.

Embora tanto os verbos de não-movimento quanto os de movimento ocorram nos aspectos habitual e estativo, apenas os verbos de não-movimento ocorrem no aspecto pontual (2a) e apenas os verbos de movimento ocorrem no aspecto INTENCIONAL (3b). É crucial notar que os verbos no aspecto pontual co-ocorrem obrigatoriamente com os prefixos modais, como o factual (2b), enquanto os verbos no aspecto intencional co-ocorrem opcionalmente

⁵³ Traduzido por Dionatan Bastos Cardozo.

(3b). Verbos derivados com o sufixo propositivo, que expressam movimento/intenção, ocupam uma posição intermediária: eles flexionam tanto para o aspecto pontual (4a) quanto para o intencional (4b) (ver Tabela 1).

3. (Não) Culminação.

O teste inovador para diferenciar resultados propositivos e resultados télicos não-propositivos é a culminação em contextos perfectivos. Predicados télicos em (5a) *acarretam* culminação, onde o resultado deve ser concretizado no mundo de avaliação. Em contraste, predicados propositivos em (5b) *implicam* culminação, demonstrada pela adequação de uma continuação que contradiz a concretização do evento de *nadar*. Essa observação revela o contraste chave entre resultados télicos e propositivos.

4. Propositivos e intenções

Para esclarecer a origem do contraste mencionado, observe que os verbos propositivos não expressam apenas movimento que leva ao evento raiz; eles podem expressar um processo subespecificado de intenção. A natureza modal dos resultados propositivos é ilustrada em (4b), onde o verbo propositivo expressa uma intenção de realizar o evento do verbo raiz. Nenhuma parte do evento raiz precisa ser realizada: em (4b), é afirmado que a *caça* ainda não ocorreu, e em (4a) a concretização da *caça* é uma implicatura (segundo a discussão em §3).

5. Análise

Propomos a análise em (1) para explicar a observação de que eventos propositivos culminam em seu resultado. As descrições de eventos propositivos introduzem um evento preparatório e um componente modal intencional sublexical que abrange o evento raiz resultante (cf. Martin e Schäfer 2017).

(1) a. $[[\text{lavar.carro}]]_w = \lambda x \lambda e \exists e'. \text{lavar.carro}(e)(w) \wedge \text{AGENTE}(e, x) \wedge \text{RESULTA}(e', e)(w)$

b. $[[\text{nadar-PURP}]]_w = \lambda x \lambda e. \text{preparatório.evento}(e)(w) \wedge \text{AGENTE}(e, x) \wedge \Box w' w$
 intenções-de-x $\exists e' [\text{RESULTA}(e', e)(w') \wedge \text{nadar}(e')(w') \wedge \text{AGENTE}(e', x)]$

A não culminação em ambos os aspectos do propositivo é derivada pela exclusão do mundo de avaliação da base modal em (1b). Propomos que a presença de modalidade sublexical na semântica do predicado propositivo também explica sua compatibilidade com o aspecto intencional.

6. Conclusões

Mostramos 1. que o aspecto intencional é distinto do aspecto pontual e ocorre com verbos de movimento e propositivos; 2. que os verbos propositivos compartilham propriedades tanto com verbos de movimento lexicais quanto com verbos de não-movimento; e 3. que o resultado dos verbos propositivos difere dos resultados télicos no cancelamento das interpretações de culminação, explicada aqui com uma modalidade sublexical abrangendo resultados propositivos.

(2) Verbos de não-movimento

a. Waháraste'

wa'-ra-rast-e'
 m.sg.a-desenhar-punc
 'Ele desenhou.'

- b. *Ráaste'
 *ra-rast-e'
 m.sg.a-desenhar-punc
 Intended: 'Ele desenha.'

(3) Verbo de movimento

- a. Wà:ke'
 wa'-k-e-'
 fact-1sg.a-ir-int
 'Eu vou lá.'
- b. Í:ke'
 i-k-e-'
 ep-1sg.a-ir-int
 'Eu estou andando.'

(4) Verbos de propósito

- a. Wa'katorátha'
 wa'-k-atorat-h-a'
 fact-1sg.a-caçar-purp-punc
 'Eu fui caçar.'
- b. Katoráthe'
 k-atorat-h-e'
 1sg.a-caçar-purp-int
 'Estou quase indo caçar.'

Aspecto	Não-movimento	Propósito	Movimento
Pontual	✓	✓	*
Habitual	✓	✓	✓
Estado	✓	✓	✓
Inventivo	*	✓	✓

Tabela 1: Classes de verbo e seus aspectos

(5)

- a. # Thetén:re akè:sere **wa'ke'serehtakwatáko'** nek tsi
 thetenre ake-'sere wa'-ke-'sere-ht-a-kwatak-w-o' nek tsi
 ontem 1sg.POSS-CARRO FATO-1sgA-carro-nmlz-jr-lavar-punc mas
- áro'khe thiewákhson'.
 áro'khe th-ie-wak-hs-on'
 ainda não CONTR-TRANS-1sgP-terminar-STAT

Intenção: ‘Eu lavei o meu carro ontem, mas eu não terminei ainda.’

- b. Tho **wa’katawenha’** nek tsi kahnó:ton tsi iontawenstákhkwa’
Tho wa’-k-atawen-h-a’ nek tsi ka-hnot-on tsi iontawenstahkwa’
tem FACT-1sgA-nadar-PURP-PUNC mas NA-be.fechado-STAT piscina

tánon iah teiotò:n’on aonkwatá:wen’
tánon iah te-io-ton’on aon-k-atawen-’
e NEG NEG-NP-ser.possível OPT-1sgP-swim-punc

‘Eu fui lá nadar mas a piscina estava fechada então eu não pude nadar.’

References

- DeCaire, Ryan Oheróhskon. 2023. The role of adult immersion in kanien’kéha revitalization. Doctoral Dissertation, University of Hawai’i at Hilo, Hilo, HI.
- Dowty, David. 1979. Word meaning and Montague grammar. Dordrecht: Reidel.
- Levin, Beth, and Malka Rappaport Hovav. 1995. Unaccusativity: At the syntax-lexical semantics interface. Number 26 in Linguistic Inquiry Monographs. Cambridge, MA: MIT Press.
- Lukaniec, Megan. 2018. The elaboration of verbal structure: Wendat (Huron) verb morphology. Doctoral Dissertation, University of California Santa Barbara, Santa Barbara.
- Martin, Akwiratékha’. 2023. Tekawennahsonterónnion: Kanien’kéha morphology. Kahnawake, QC: Kanien’kehá:ka Onkwawén:na Raotitíóhkwa, 2nd ed. edition.
- Martin, Fabienne, and Florian Schäfer. 2017. Sublexical modality in defeasible causative verbs. In Modality across syntactic categories, ed. Ana Arregui, Maria Luisa Rivero, and Andres Salanova, 87–108. Oxford: Oxford University Press.
- Michelson, Karin, and Mercy Doxtator. 2002. Oneida-English/English-Oneida dictionary. Toronto: University of Toronto Press.
- Ramchand, Gillian Catriona. 2008. Verb meaning and the lexicon: A first phase syntax. Cambridge Studies in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- Woodbury, Hanni. 2018. A reference grammar of the Onondaga language. Toronto: University of Toronto Press.

EXPLORING CONTINUOUS ASPECT IN NSYILXCEN (OKANAGAN SALISH)

John Lyon

john.lyon@ubc.ca

University of British Columbia (UBC) - Okanagan

Nsyilxcen (a.k.a. Okanagan, ISO: 639-3) is a Southern Interior Salish language spoken in British Columbia with less than 81 fluent elder speakers (FPCC 2022). This paper examines the semantics of ‘continuous aspect’, which I argue constitutes an outer layer of viewpoint aspect, further modifying the temporal sub- or super-interval semantics introduced at the level of (im)perfectivity (Kratzer 1998), similar in some ways to a ‘perfect’ under an extended-now (XN) approach (Iatridou et al. 2001, Pancheva 2003). Two continuous aspects have been described (A. Mattina 1993, N. Mattina 1996): A prefix *s-* yields a ‘perfect continuous’ (1a), meaning “something like the English perfect, with present relevance” (A. Mattina 1993:12), while a prefix *sc-* yields a ‘continuous’ (1b), described as a “situation in progress.” (N. Mattina 1996:61). (A suffixal portion *-x* occurs with both, surfacing as *-mix* with inherently unstressed stems.) I argue that continuous aspect is compositional, and contains either a (null) perfective (1a) or *c-* imperfective (1b), as supported by their interpretation with respect to punctual adverbials, i.e., the continuative is always *s----*(*mi*)*x*.

(1)a. $\text{ła? c-n?ułx}^w \text{ Hailey, kn s-}\mathring{\text{o}}\text{-ni}\mathring{\text{k}}\text{-x t spic}\mathring{\text{a}}\text{n.}$
 when CISL-enter Hailey 1SG.SBJ CONT-PFV-dance-MID+CONT OBL rope
 When Hailey came in, I *had already* cut the rope. *perfective continuative*

b. $\text{ła? c-n?ułx}^w \text{ Hailey, kn s-c-ni}\mathring{\text{k}}\text{-x t spic}\mathring{\text{a}}\text{n.}$
 when CISL-enter Hailey 1SG.SBJ CONT-IPFV-dance-MID+CONT OBL
 rope
 When Hailey came in, I was (still) cutting a rope. *imperfective continuative*

The semantic effect of the continuative coincides in some ways with ‘perfects’ cross-linguistically (Bertrand et al. 2022): For example, similarly to English (Iatridou et al. 2001), only continuative states can occur as perfective with a ‘universal’ perfect reading (2) (i.e. the eventuality holds at the reference time), dynamic verbs require an imperfective (3). In the perfective, dynamic verbs have only ‘existential’ perfect readings (e.g. 1a) (i.e. the eventuality does not hold at the reference time).

(2) $\text{tl pnic}\mathring{\text{i}}? \text{ ła? k}^w\text{ul}\mathring{\text{.}}\mathring{\text{a}}\mathring{\text{l}} \text{ ki? s-}\mathring{\text{o}}\text{-n-q}^w\mathring{\text{a}}\mathring{\text{y}}\mathring{\text{q}}^w\mathring{\text{fay-s-x.}}$
 from at.that.time when get.made•C2.RED AJCT.C CONT-PFV-LOC-blue-eye-CONT
 My son has had green eyes ever since he was born.

(3) $\text{s-c-/*}\mathring{\text{o}}\text{-}\mathring{\text{c}}\mathring{\text{x}}^w\mathring{\text{.}}\mathring{\text{a}}\mathring{\text{x}}^w\text{-m}\mathring{\text{i}}\mathring{\text{x}} \text{ ul way } \mathring{\text{f}}\mathring{\text{a}}\mathring{\text{p}}\mathring{\text{n}}\mathring{\text{a}}? \text{ snt}\mathring{\text{x}}^w\mathring{\text{i}}\mathring{\text{w}}\mathring{\text{s}} \text{ i? snk}^w\mathring{\text{k}}^w\mathring{\text{f}}\mathring{\text{a}}\mathring{\text{c.}}$
 CONT-IPFV/PFV-get.spilled•C2.RED-CONT and already now middle DET
 night
 The water has been spilling since midnight.

But there are reasons to question an XN-style perfect analysis for Nsyilxcen: Imperfective continuatives are sometimes translated as ‘starting to’ (4a), which suggests that the introduced time span might extend beyond the reference time, not only backwards, as with standard XN approaches. Also, perfective continuatives in some cases allow prospective readings, unlike a perfect (4b).

(4) $\text{way sic ki? kn s-c-}/\mathring{\text{o}}\text{-k}^w\mathring{\text{a}}\mathring{\text{l}}\mathring{\text{c}}\mathring{\text{n}}\mathring{\text{c}}\mathring{\text{u}}\mathring{\text{t}}\text{-x.}$

already new AJCT.C 1SG.SUBJ CONT-IPFV/PFV-cook-CONT

a. With IPFV: I am just starting to cook.

b. Consultant's Comment on PFV version: Means you haven't started cooking yet.

Overall, this suggests that while the continuative introduces an additional temporal interval which further modifies the inclusion relation between the event-time and reference time as established by (im)perfectivity (similar to an XN-style perfect), the reference time does not necessarily constitute the right boundary of this interval.

References

- Bertrand A, Aonuki Y, Chen S, Davis H, Gambarage J, Griffin L, Huijsmans M, Matthewson L, Reisinger D, Rullmann H, et al. (2022). Nobody's Perfect. *Languages*. 7(2):148
- First Peoples' Cultural Council. (2022). *The Report on the Status of B.C. First Nations Languages*. Brentwood Bay, BC.
- Iatridou, S., E. Anagnostopoulou, and R. Izvorski. (2001). Observations about the form and meaning of the perfect. In *Ken Hale: A Life in Language*, edited by Michael Kenstowicz, Cambridge, MA: MIT Press, 189–238. Re-printed in *Perfect Explorations* (2003), edited by A. Alexiadou, M. Rathert, & A. von Stechow. Mouton de Gruyter, 153-204.
- Kratzer, A. (1998). More structural analogies between pronouns and tenses. In *Proceedings of semantics and linguistic theory VIII*, eds. Strolovitch Devon and Aaron Lawson, 92-110. Ithaca: Cornell University.
- Mattina, A. (1993). Okanagan Aspect: A Working Paper. *Proceedings of the 28th Annual International Conference on Salish and Neighboring Languages*.
- Mattina, N. (1996). *Aspect and category in Okanagan word formation*. PhD dissertation, Simon Fraser University.
- Pancheva, R. (2003). The aspectual makeup of perfect participles and the interpretations of the perfect. In *Perfect Explorations*. Edited by Artemis Alexiadou, Monika Rathert, and Arnim von Stechow. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 277–306.

EXPLORANDO O ASPECTO CONTÍNUO EM NSYILXCN (OKANAGAN SALISH)⁵⁴

John Lyon

john.lyon@ubc.ca

University of British Columbia (UBC) - Okanagan

O Nsyilxcn (também conhecido como Okanagan, ISO: 639-3) é uma língua Salish do interior-sul falada na Colúmbia Britânica, com menos de 81 falantes idosos fluentes (FPCC 2022). Este artigo examina a semântica do “aspecto contínuo”, que, segundo minha argumentação, constitui uma camada externa do aspecto do ponto de vista, modificando ainda mais a semântica do subintervalo ou superintervalo temporal introduzida no nível da (im)perfectividade (Kratzer 1998), semelhante, de certa forma, a um *perfect* sob uma abordagem do tipo “agora-estendido” (*extended now*, XN) (Iatridou et al. 2001, Pancheva 2003). Dois aspectos contínuos foram descritos (A. Mattina 1993, N. Mattina 1996): Um prefixo *s-* produz um *perfect* contínuo (1a), que significa “algo como o *perfect* do inglês, com relevância presente” (A. Mattina 1993:12), enquanto um prefixo *sc-* produz um “contínuo” (1b), descrito como uma “situação em andamento”. (N. Mattina 1996:61). (Uma porção sufixal *-x* ocorre com ambos, ocorrendo como *-mix* com radicais inerentemente átonos). Defendo que o aspecto contínuo é composicional e contém um perfectivo (nulo) (1a) ou um

⁵⁴ Traduzido por Helena Guerra Vicente.

c- imperfectivo (1b), como sustentado pela interpretação dos autores com relação aos adverbiais pontuais; ou seja, o continuativo é sempre *s---(mi)x*.

(1) a. *ła? c-nʔułx^w Hailey, kn s-∅-nik-x t spic̥ən.*
quando CISL-entrar Hailey 1SG.SBJ CONT-PFV-dançar-MID+CONT OBL corda
‘Quando Hailey entrou, eu *já tinha* cortado a corda.’ *continuativo perfectivo*

b. *ła? c-nʔułx^w Hailey, kn s-c-nik-x t spic̥ən.*
quando CISL-entrar Hailey 1SG.SBJ CONT-IPFV-dançar-MID+CONT OBL corda
‘Quando Hailey entrou, eu (ainda) estava cortando uma corda. *continuativo imperfectivo*

O efeito semântico do continuativo coincide, de certa forma, com os *perfects* em nível translíngüístico (Bertrand et al. 2022): Por exemplo, semelhantemente ao inglês (Iatridou et al. 2001), somente os estados contínuos podem ocorrer como perfectivos com uma leitura perfectiva “universal” (2) (ou seja, a eventualidade se mantém no tempo de referência), os verbos dinâmicos exigem um imperfectivo (3). No perfectivo, os verbos dinâmicos têm apenas leituras perfectivas “existenciais” (por exemplo, 1a) (ou seja, a eventualidade não se mantém no tempo de referência).

(2) *tl pnicí? ła? k̥wul̥•əl̥ ki? s-∅-n-q̥wəyq̥ʕay-s-x.*
de em.aquele.tempo quando ser.feito•C2.RED AJCT.C CONT-PFV-LOC-azul-olho-CONT
‘Meu filho tem olhos verdes desde quando ele nasceu.’

(3) *s-c-/*∅-čx^w•əx^w-míx ul̥ way ʕapná? snt̥xiw̥s i? snk^wk̥ʕac.*
CONT-IPFV/PFV-ser.derramado•C2.RED-CONT e já agora meio DET noite
‘A água está derramando desde meia-noite.’

Mas há razões para questionar uma análise para o *perfect* no estilo XN para o Nsyilxcn: Os continuativos imperfectivos às vezes são traduzidos como “começando a” (4a), o que sugere que o período de tempo introduzido pode se estender além do tempo de referência, e não apenas para trás, como nas abordagens padrão do XN. Além disso, os continuativos perfectivos, em alguns casos, permitem leituras prospectivas, diferentemente de um *perfect* (4b).

(4) *way sic ki? kn s-c-/*∅-k̥wəlcncút-x.*
já novo AJCT.C 1SG.SUBJ CONT-IPFV/PFV-cozinhar-CONT
a. Com IPFV: Eu estou acabando de começar a cozinhar.
b. Comentário do Consultor na versão PFV: Significa que você ainda não começou a [cozinhar].

Em geral, isso sugere que, embora o contínuo introduza um intervalo temporal adicional que modifica ainda mais a relação de inclusão entre o tempo do evento e o tempo de referência, conforme estabelecido pela (im)perfectividade (semelhantemente a um *perfect* no estilo XN), o tempo de referência não constitui necessariamente o limite correto desse intervalo.

Referências

- Bertrand A, Aonuki Y, Chen S, Davis H, Gambarage J, Griffin L, Huijismans M, Matthewson L, Reisinger D, Rullmann H, et al. (2022). Nobody’s Perfect. *Languages*. 7(2):148
First Peoples’ Cultural Council. (2022). *The Report on the Status of B.C. First Nations Languages*. Brentwood Bay, BC.
Iatridou, S., E. Anagnostopoulou, and R. Izvorski. (2001). Observations about the form and meaning of the perfect. In *Ken Hale: A Life in Language*, edited by Michael Kenstowicz,

- Cambridge, MA: MIT Press, 189–238. Re-printed in *Perfect Explorations* (2003), edited by A. Alexiadou, M. Rathert, & A. von Stechow. Mouton de Gruyter, 153-204.
- Kratzer, A. (1998). More structural analogies between pronouns and tenses. In *Proceedings of semantics and linguistic theory VIII*, eds. Strolovitch Devon and Aaron Lawson, 92-110. Ithaca: Cornell University.
- Mattina, A. (1993). Okanagan Aspect: A Working Paper. *Proceedings of the 28th Annual International Conference on Salish and Neighboring Languages*.
- Mattina, N. (1996). *Aspect and category in Okanagan word formation*. PhD dissertation, Simon Fraser University.
- Pancheva, R. (2003). The aspectual makeup of perfect participles and the interpretations of the perfect. In *Perfect Explorations*. Edited by Artemis Alexiadou, Monika Rathert, and Arnim von Stechow. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 277–306.

PERFECTIVE AND NEUTRAL ASPECT IN TWO MIXE LANGUAGES

Rodrigo Romero-Méndez

rrmz@unam.mx

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

In this paper, I argue that two under-represented Oaxaca Mixe languages do not express imperfective aspect in the verb inflection, as one might suppose from previous descriptions, but rather they are neutral with respect to viewpoint aspect. Mixe languages belong to the Mixezoque linguistic family and are spoken in Southern Mexico. They form a dialect chain, although they are sometimes divided into five different groupings (see Wichmann 1995, 2008, 2012). In this paper I will present data from Coatlán Mixe (CoaMi) and Ayutla Mixe (AyMi). CoaMi is a conservative Oaxaca Mixe language in many phonological and some morphological aspects, while AyMi, which is spoken at the other end of the Mixe dialectal chain, is more innovative in many respects (Author 2021).

For the description of Mixe languages, as other Mesoamerican languages, the terms “incompletive” and “completive” are commonly used when describing their TAM. In many cases, people assume that incompletive means imperfective and completive means perfective. However, except for a few cases (such as Bohnemeyer 2002), little or nothing is said with respect to their actual meaning. In fact, in the description of Native American languages, the idea of morphemes or constructions with completive and incompletive semantics goes back to Boas (1911), but they were almost never defined; when they were, the definition could be compatible with telicity or viewpoint aspect (for example, in Wonderly 1944 and Foster & Foster 1948).

Using a neoreichenbachian analysis (Reichenbach 1947, Klein 1994, *inter alia*), in the imperfective aspect the Reference Time (T_{Ref}) is properly included in the situation time (T_{Sit}) ($T_{Ref} \subset T_{Sit}$). In the perfective aspect, the T_{Sit} is included in the T_{Ref} ($T_{Sit} \subseteq T_{Ref}$).

In this presentation I will show that, what is usually describe as incompletive in Mixe languages, does not actually encode imperfective aspect. In (1) and (2), both from CoaMi, the incompletive inflection is used (-*py* and -*y* are allomorphs), even though in (1) T_{Ref} is properly included in T_{Sit} and in (2) T_{Sit} is included in T_{Ref} . Something similar happens in AyMix. For this reason, I argue that the so called incompletive is neutral with respect to viewpoint aspect.

For CoaMi, the lack of AM suffix plus the use of the \B form of the verb stem for *tyuun* ‘do’ in (3) indicates perfective aspect. In this case, T_{Sit} is included in T_{Ref} . As will be shown, AyMi lost this inflection and other syntactic strategies are used to express perfectivity.

In the presentation, will explain with more detail the verbal morphology and I will present a more detailed semantic analysis of the completive and incompletive (or neutral) inflection for CoaMi. In addition, I will present contrasting data from AyMi to show that the verb does not express aspect anymore.

The data for this presentation was gathered directly by the author in several fieldtrips from 2005 to 2024. Many insights are based on corpus analysis from texts recorded, transcribed and analyzed by the author for both AyMix and CoaMix. However, the burden of the proof is based on elicitation tasks either directly based on Dahl’s questionnaires (1985, 2000) or in other similar elicitation tasks. As will be shown, the basic methodology is to set a context in which a perfective or an imperfective interpretation arises.

These findings open up questions regarding the semantics of other Mixezoque languages and in particular whether Oaxaca Mixe languages lost the contrast between imperfective and perfective aspect or rather Mixezoque languages never really encoded

imperfective aspect and it was resolved pragmatically or by other syntactic expressions. On the other hand, I will show that the fact that the one of the suffixes is neutral rather than imperfective explains other aspect markers and the rise of past tense in AyMi and other Mixe languages.

1) (Right now)¿Ti yë mmuku'uk tyuumpy?
 ti yë m-muku'uk y-tuum-py
 what DEM 2POSS-friend 3A-do\B-INC;INDEP
 'What is your friend doing?' (TRef \subset TSit)

2) Ko mnëkxy të nma'okyëtsy
 ko m-nëkx-y të n-ma'ok-y=ëëtsy
 when 2S-go-INC;DEP ANT 2s-sleep\A-neu;dep=1
 'When you left, I slept.' (TSit \subseteq TRef)
 (Context: Yesterday, you visited your friend)

3) ¿Ti ëxëëy tyuun ko k yatay?
 ti ëxëëy y-tuun ko y-kay-ta-y
 what yesterday 3A-do\B when 3S-eat-finish-NEU;INDEP
 'What did she do when you finish eating?' (TSit \subseteq TRef).

References

- Boas, Franz. 1911. *Handbook of American Indian Languages*. Part 1. Washington: Government Printing Office.
- Bohnemeyer, Jürgen. 2002. *The grammar of time reference in Yukatek Maya*. Muenchen: LINCOM Europa.
- Comrie, Bernad. 1976. *Aspect*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Foster, Mary y Foster, George. 1948. *Sierra Popoluca Speech*. Washington: Government Printing Office.
- Klein, Wolfgang. 1994. *Time in language*. London: Routledge.
- Reichenbach, Hans. (1947). *Elements of symbolic logic*. New York: Free Press
- Wichmann, Søren. 1995. *The relationship among the Mixe-Zoquean languages of Mexico*. Salt Lake City: University of Utah Press
- Wonderly, William. 1944. Zoque III: Morphological Classes, Affix List, and Verbs. *IJAL* 17(3): 137-162

ASPECTO PERFECTIVO E NEUTRO EM DUAS LÍNGUAS MIXE⁵⁵

Rodrigo Romero-Méndez

rrmz@unam.mx

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Neste artigo, argumento que duas línguas Mixe do Oaxaca, pouco representadas, não expressam aspecto imperfeito na inflexão do verbo, como se poderia supor a partir de descrições anteriores, mas, em vez disso, são neutras em relação ao aspecto de ponto de vista. As línguas Mixe pertencem à família linguística Mixezoque e são faladas no sul do México. Elas formam uma cadeia de dialetos, embora às vezes sejam divididas em cinco agrupamentos diferentes (ver Wichmann 1995, 2008, 2012). Neste artigo, apresentarei dados do Coatlán Mixe (CoaMi) e do Ayutla Mixe (AyMi). CoaMi é uma língua Mixe do Oaxaca conservadora

⁵⁵ Traduzido por Dionatan Bastos Cardozo.

em muitos aspectos fonológicos e alguns morfológicos, enquanto AyMi, que é falada no outro extremo da cadeia dialectal Mixe, é mais inovadora em muitos aspectos (Autor 2021).

Para a descrição das línguas Mixe, assim como de outras línguas mesoamericanas, os termos “incompletivo” e “completivo” são comumente usados ao descrever seu TAM. Em muitos casos, as pessoas assumem que incompletivo significa imperfeito e completivo significa perfeito. No entanto, exceto por alguns casos (como Bohnemeyer 2002), pouco ou nada é dito a respeito de seu significado real. Na verdade, na descrição das línguas nativas americanas, a ideia de morfemas ou construções com semântica completiva e incompletiva remonta a Boas (1911), mas quase nunca foram definidas; quando o foram, a definição poderia ser compatível com telicidade ou aspecto de ponto de vista (por exemplo, em Wonderly 1944 e Foster & Foster 1948).

Usando uma análise neoreichembachiana (Reichenbach 1947, Klein 1994, entre outros), no aspecto imperfeito o Tempo de Referência (TRef) está devidamente incluído no tempo da situação (TSit) ($TRef \subset TSit$). No aspecto perfeito, o TSit está incluído no TRef ($TSit \subseteq TRef$).

Nesta apresentação, mostrarei que o que geralmente é descrito como incompletivo nas línguas Mixe, na verdade, não codifica aspecto imperfeito. Em (1) e (2), ambos do CoaMi, a inflexão incompletiva é utilizada (-py e -y são alomorfos), mesmo que em (1) TRef esteja devidamente incluído em TSit e em (2) TSit esteja incluído em TRef. Algo semelhante acontece em AyMi. Por essa razão, argumento que o chamado incompletivo é neutro em relação ao aspecto de ponto de vista.

Para o CoaMi, a falta do sufixo AM, além do uso da forma \B da raiz verbal para *tyuun* ‘fazer’ em (3), indica aspecto perfeito. Nesse caso, TSit está incluído em TRef. Como será mostrado, AyMi perdeu essa inflexão e outras estratégias sintáticas são usadas para expressar perfectividade.

Na apresentação, explicarei com mais detalhes a morfologia verbal e apresentarei uma análise semântica mais detalhada da inflexão completiva e incompletiva (ou neutra) para CoaMi. Além disso, apresentarei dados contrastantes de AyMi para mostrar que o verbo não expressa mais aspecto.

Os dados para esta apresentação foram coletados diretamente pelo autor em várias expedições de campo de 2005 a 2024. Muitas percepções são baseadas na análise de corpus de textos gravados, transcritos e analisados pelo autor tanto para AyMi quanto para CoaMi. No entanto, o ônus da prova baseia-se em tarefas de elicitación, diretamente baseadas nos questionários de Dahl (1985, 2000) ou em outras tarefas de elicitación similares. Como será mostrado, a metodologia básica é estabelecer um contexto em que uma interpretação perfectiva ou imperfeita surja.

Essas descobertas levantam questões sobre a semântica de outras línguas Mixezoque e, em particular, se as línguas Mixe do Oaxaca perderam o contraste entre o aspecto imperfeito e o perfeito ou se, na verdade, as línguas Mixezoque nunca codificaram realmente o aspecto imperfeito e ele foi resolvido pragmaticamente ou por outras expressões sintáticas. Por outro lado, mostrarei que o fato de um dos sufixos ser neutro em vez de imperfeito explica outros marcadores de aspecto e o surgimento do passado em AyMi e outras línguas Mixe.

1) (Agora)_iTi yë mmuku'uk tyuumpy?

ti yë m-muku'uk y-tuum-py
 o que dem 2POSS-amigo 3a-do\B-INC;INDEP
 'O que o seu amigo está fazendo?' (TRef \subset TSit)

2) Ko mnëkxy tē nma' okyëtsy
 ko m-nëkx-y tē n-ma' ok-y=ëëtsy
 quando 2s-go-INC;DEP ANT 2s-dormir\A-neu;dep=1
 'Quando você saiu, eu dormi.' (TSit \subseteq TRef)
 (Contexto: Ontem, você visitou seu amigo)

3) ǀTi ëxëëy tyuun ko kyatyay?
 ti ëxëëy y-tuun ko y-kay-ta-y
 o que ontem 3a-do\B quando 3s-comer-terminar-NEU;INDEP
 'O que ela fez quando terminou de comer?' (TSit \subseteq TRef).

Referências

- Boas, Franz. 1911. *Handbook of American Indian Languages*. Part 1. Washington: Government Printing Office.
- Bohnemeyer, Jürgen. 2002. *The grammar of time reference in Yukatek Maya*. Muenchen: LINCOM Europa.
- Comrie, Bernad. 1976. *Aspect*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Foster, Mary y Foster, George. 1948. *Sierra Popoluca Speech*. Washington: Government Printing Office.
- Klein, Wolfgang. 1994. *Time in language*. London: Routledge.
- Reichenbach, Hans. (1947). *Elements of symbolic logic*. New York: Free Press
- Wichmann, Søren. 1995. *The relationship among the Mixe-Zoquean languages of Mexico*. Salt Lake City: University of Utah Press
- Wonderly, William. 1944. Zoque III: Morphological Classes, Affix List, and Verbs. *IJAL* 17(3): 137-162

THE DISCOURSE FUNCTION OF VERBAL ASPECT IN TWO WEST-TUKANOAN LANGUAGES

Jelle Christiaans

jellechristiaans@gmail.com

Leiden University

West-Tukanoan languages obligatorily encode either imperfective or perfective aspect on their converbs (“dependent verbs” as Bruil 2014 calls them in Ecuadorian Siona). This binary aspectual opposition has two functions: a temporal one, and a discourse one.

Most often, these forms have their temporal function: imperfective aspect signals that a state of affairs (event, situation, state, etc.) does not yet come to an end at a particular reference time whereas perfective aspect signals that a state of affairs does come to an end at a particular reference time (Klein 1994, Bohnemeyer 1998, 2013). This is illustrated for Ecuadorian Siona in sentences 1 and 2.

However, aspect does not have this temporal function in all verbs. In Ecuadorian Siona, the aspectual forms of *caye* ‘to say’ and *señe* ‘to ask’ always describe a speech act that comes to an end at the reference time. This talk aims to show that aspect in these two verbs fulfills a discourse function: they structure reported conversations in narratives. Aspect signals whether or not a verbal exchange (a conversation) comes to an end or not. Imperfective forms typically raise the expectation that there will be a further reply or another conversational turn, signaling that the verbal exchange does not yet come to an end (e.g. sentence 3). Perfective forms do not raise this expectation and typically round off a verbal exchange, thus signaling that the verbal exchange comes to an end (e.g. sentence 4). Interestingly, this discourse function *only* occurs in these two verbs. This has to do with the low functionality of imperfective aspect in verbs of reported speech.

This talk also aims to show that a similar phenomenon can be observed for the verb *ásá* ‘to hear’ in Máfhìkì, a related language. Aspectual forms of this verb always describe an act of listening of a speech act that comes to an end at the reference time. Imperfective forms signal that the listener is going to reply to what they just heard (e.g. sentence 5), whereas perfective forms signal that this is not the case (e.g. sentence 6).

These discourse functions are the product of a grammatical metaphor (Panther & Thornburg 2009). Metaphors always involve the mapping of an “image schema” (Johnson 1987:2) from a source domain onto a target domain. In this case, the image schema that is being mapped is that of ‘coming to an end’. For the temporal function of aspect, this image schema applies on the level of the state of affairs (event, situation, state, etc.), because the aspectual opposition signals whether or not the state of affairs comes to an end at the reference time. Thus, the source domain is that of the state of affairs.

For the discourse function of aspect, this image schema is mapped onto the target domain of discourse. Imperfective aspect signals that a particular discourse segment (a conversation/verbal exchange) has not yet come to an end. Perfective aspect signals that such a discourse segment *has* come to an end.

This particular discourse function is a semantic extension of verbal aspect that has not yet been described in the linguistic literature. This (novel!) finding is thus an addition to our knowledge of possible semantic extensions of verbal aspect. It will thus be possible to construct a ‘typology’ of semantic extensions of verbal aspect. Studying these semantic extensions in various languages helps better understand the category of aspect.

Ecuadorian Siona:

- (1) **gɔʔi-nĩ** ǐ-ǐ kia-i-nã d̥ʒehk-waʔi-re
return-PFV.SS PRO-CLF:M tell-2/3SG.M.PST.N.ASS-REP other-PL-ACC
‘After he had got back, he told the others. (Hammock story line 27, Bruil 2014:351)
- (2) **ǎĩ-hĩ** **tuhtu-hi-nã** d̥ʒeoʔka-βi sjad̥ʒa-βi
eat-IPFV:PL **sit.high-IPFV:PL-DS** below-from river-from
nõʔk^we-dihcho-i-nã hã-õ-waʔi
move-made.fall-2/3SG.M.PST.N.ASS-REP DEM.PRX-CLF:F-PL
dõmĩ-sĩ-re
woman-child-ACC
‘While they were eating and sitting up top, (the anaconda) from below from the river moved and made these girls fall.’ (Bruil 2014:161)
- (3) **kaa-ko-nã** “sɔe k^waʔko-sih-ko-a” kaa-i-nã
say-IPFV:F.SG-DS already cook-NLZ:PST-CLF:F-COP say-2/3SG.M.PST.N.ASS-REP
REP
‘When she had said that, he said “it is already cooked”. (Batman/Oyobai story, 20101123slicr001,⁵⁶ line 018)
- (4) **kaa-o-nã** ǐ-ǐ mĩ-nĩ k^wãʔsěki-wĩ
say-PFV:SG.F-DS PRO-CLF:M go.up-PFV.SS hook-CLF:CONTAIN
nẽẽ-sih-ko-re mĩ-ã-nĩ ǐ-ǐ ...
make-NLZ:PST-CLF:F-ACC go.up-TRS-PFV.SS PRO-CLF:M ...
‘When she had said that, he went up and he took up a hook he had made and he...’ (Hammock story, line 23, Bruil 2014:350)

Máihĩkì:

- (5) ǐ-ǐ **ásá-kì** tíno-hĩ “... ..”
PRO-CLF:M **hear-IPFV:M.SG** reply-3SG.M.PRS.ASS “... ..”
‘When he heard this, he replies: “... ..” (Farmer 2018:96)
- (6) **ásá-rè** bìbì-kò ǐ-ò tèà
hear-PFV.SS run-3SG.F.PRS.ASS PRO-CLF:F also
‘When she heard this, she also runs.’ (Farmer 2018:98)

References

- Bohnmeyer, J. (1998). *Time relations in discourse: Evidence from Yukatek Maya*. Diss., Tilburg University.
- Bohnmeyer, J. (2013). Aspect vs. Relative Tense: the Case Reopened. *Natural Language & Linguistic Theory* 32(3), 917–54. <https://doi.org/10.1007/s11049-013-9210-z>
- Bruil, M. (2014). *Clause-typing and Evidentiality in Ecuadorian Siona*. Utrecht: LOT Publications.
- Farmer, S.J. (2018). Máihĩkì. *International Journal of American Linguistics*, 84, suppl. 1, S95–S108. <https://doi.org/10.1086/695547>
- Johnson, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Klein, W. (1994). *Time in Language*. London/New York: Routledge.

⁵⁶ Accessible through <http://elar.soas.ac.uk/deposit/siona-140954>.

Panther, K-U, and L.L. Thornburg. (2009). Introduction. On figuration in grammar. In K-U Panther, L.L. Thornburg & A. Barcelona (eds.), *Metonymy and metaphor in grammar* (pp. 1–44). Amsterdam: John Benjamins.

A FUNÇÃO DISCURSIVA DO ASPECTO VERBAL EM DUAS LÍNGUAS OESTE-TUKANOAN⁵⁷

Jelle Christiaans

jellechristiaans@gmail.com

Leiden University

As línguas Tukano-Ocidental codificam obrigatoriamente o aspecto imperfectivo ou perfectivo em seus co-verbos (“verbos dependentes”, como denominados por Bruil (2014), para o Siona Equatoriano). Essa oposição aspectual binária tem duas funções: uma temporal, e outra, discursiva.

Na maioria das vezes, essas formas têm sua função temporal: o aspecto imperfectivo sinaliza que um estado de coisas (evento, situação, estado etc.) ainda não chegou ao fim em um determinado tempo de referência, enquanto o aspecto perfectivo sinaliza que um estado de coisas chega ao fim em um determinado tempo de referência (Klein 1994, Bohnemeyer 1998, 2013). Isso é ilustrado no Siona Equatoriano nas sentenças 1 e 2.

Contudo, o aspecto não tem essa função temporal em todos os verbos. No Siona Equatoriano, as formas aspectuais de *caye* 'dizer' e *señe* 'perguntar' sempre descrevem um ato de fala que chega ao fim no tempo de referência. Esta apresentação tem como objetivo mostrar que o aspecto desses dois verbos cumpre uma função discursiva: eles estruturam conversas relatadas em narrativas. O aspecto sinaliza se uma troca verbal (uma conversa) chega ou não ao fim. As formas imperfectivas normalmente criam a expectativa de que haverá ainda outra resposta ou outro turno de conversação, sinalizando que a troca verbal ainda não chegou ao fim (por exemplo, sentença 3). As formas perfectivas não criam essa expectativa e normalmente encerram uma troca verbal, sinalizando, assim, que a troca verbal chegou ao fim (por exemplo, sentença 4). É interessante notar que essa função discursiva só ocorre nesses dois verbos. Isso tem a ver com a baixa funcionalidade do aspecto imperfectivo em verbos de discurso relatado.

Esta apresentação também tem como objetivo mostrar que um fenômeno semelhante pode ser observado para o verbo *ásá* 'ouvir' em Máihkì, uma língua relacionada. As formas aspectuais desse verbo sempre descrevem um ato de ouvir um ato de fala que chega ao fim no tempo de referência. As formas imperfectivas indicam que o ouvinte vai responder ao que acabou de ouvir (por exemplo, sentença 5), enquanto as formas perfectivas indicam que esse não é o caso (por exemplo, sentença 6).

Essas funções discursivas são o produto de uma metáfora gramatical (Panther e Thornburg 2009). As metáforas sempre envolvem o mapeamento de um “esquema de imagem” (Johnson 1987:2) de um domínio de origem para um domínio de destino. Nesse caso, o esquema de imagem que está sendo mapeado é o de “chegar ao fim”. Para a função temporal de aspecto, esse esquema de imagem se aplica no nível do estado de coisas (evento, situação, estado etc.), porque a oposição aspectual sinaliza se o estado de coisas chega ou não ao fim no tempo de referência. Assim, o domínio de origem é o do estado de coisas.

Para a função discursiva do aspecto, esse esquema de imagem é mapeado no domínio-alvo do discurso. O aspecto imperfectivo indica que um determinado segmento do discurso (uma conversa/troca verbal) ainda não chegou ao fim. O aspecto perfectivo indica que esse segmento de discurso chegou ao fim.

⁵⁷ Traduzido por Helena Guerra Vicente.

- Bohnenmeyer, J. (2013). Aspect vs. Relative Tense: the Case Reopened. *Natural Language & Linguistic Theory* 32(3), 917–54. <https://doi.org/10.1007/s11049-013-9210-z>
- Bruil, M. (2014). *Clause-typing and Evidentiality in Ecuadorian Siona*. Utrecht: LOT Publications.
- Farmer, S.J. (2018). Máhìkì. *International Journal of American Linguistics*, 84, suppl. 1, S95–S108. <https://doi.org/10.1086/695547>
- Johnson, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Klein, W. (1994). *Time in Language*. London/New York: Routledge.
- Panther, K-U, and L.L. Thornburg. (2009). Introduction. On figuration in grammar. In K-U Panther, L.L. Thornburg & A. Barcelona (eds.), *Metonymy and metaphor in grammar* (pp. 1–44). Amsterdam: John Benjamins.

DEMONSTRATIVES IN MIGUELEÑO CHIQUITANO⁵⁹

Andrey Nikulin

nikulin@ufg.br

Universidade Federal de Goiás

This talk looks at the demonstrative system of Chiquitano, a Macro-Jê language spoken in Bolivia (Santa Cruz department) and in some communities in Brazil (Mato Grosso state), with a focus on the variety spoken in the municipality of San Miguel de Velasco (hereafter Migueleño Chiquitano). Unlike most other Macro-Jê languages, Migueleño Chiquitano requires a demonstrative in both definite and indefinite noun phrases, with some exceptions, thus resembling the articles of Romance or Germanic. In addition to encoding definiteness or indefiniteness, demonstratives in Migueleño Chiquitano cumulatively express categories such as gender of the referent (masculine or non-masculine), number of the referent (singular or plural), distance/deixis (proximal, medial, and distal) and movement (static or centrifugal). The system in question has not been described in the literature and it is not fully understood at present, being subject of ongoing research.

The research questions to be addressed in the talk include the following. First, I analyze instances of noun phrases with no number agreement between the noun and the demonstrative. It will be argued that such a combination is only possible with mass nouns (1). The semantics of the demonstrative *ma*, which has so far been associated with medial deixis, will also be discussed. The proposal is that the demonstrative *ma* should be used with noun phrases denoting non-specific (i.e., unseen, imaginary/hypothetical, or generic) entities (2–3). A third phenomenon to be considered are the bare noun phrases (with no demonstratives), which are not very numerous in the corpus. It will be shown that demonstratives are not obligatory in nominal predicates (4), with proper or possessed names (5), as well as in nominal phrases denoting indefinite/generic mass entities (6).

The study is based on a corpus of naturalistic data recorded by the author over more than 6 years of research with speakers of the language in the communities of San Juan de Lomerío and San Miguel de Velasco, Bolivia. The data in (1–3) and (6) below have been extracted from dialogues; the data in (4–5) come from elicitation.

Data:

- (1) *¿Y auki kóota'a ap-iñ-oko man-iño soe-sí?*
then where 2PL-INV-leave DEM-PL wood-SG
'And then where did you guys leave **this firewood**?'
- (2) *Ajá, Ø-a-samu ma sôga-j ojiñ-ityo'.*
yep NF-A-make DEM cord-SG be_good-also
'Yep, [the perotó] is good for making **CORDS**, too.' (in general)
- (3) *¿Kóosane'e ka'a a-iyi áb-o'i ma kaparu-jí?*
how PURP NF-succeed 2PL-ERG DEM caparú-SG

⁵⁹ Translated by Andrey Nikulin.

‘I wonder how you guys have managed to [fish] **the caparú fish?**’

- (4) *Za'a kese-s ta á-kese.*
DEM knife-SG FOC 2SG-knife

‘This knife is **yours.**’

- (5) *Matorí-j Ø-yau n-Ato'ixh ñ-at-ẽ'ẽ kuma mesi-xh.*
parrot-SG 3SG-pet L-Antonia IE-eat-IE.3SG DEM cat-SG
‘A cat has eaten **Antonia’s parrot.**’

- (6) *Ta ko' o-pe'e oi pe'e-s.*
FOC PURP 1+2-warm_up INSTR fire-SG
‘It serves for us to warm up with **fire.**’

Abbreviations

A = *a-* prefix (etymological antipassive); DEM = demonstrative; ERG = ergative adposition; FOC = focus; IE = extended inverse voice; INV = inverse voice; INSTR = instrumental adposition; PL = plural; PURP = purposive; SG = singular; 1/2/3 = first/second/third person

DEMONSTRATIVOS EM CHIQUITANO MIGUELENHO

Andrey Nikulin

nikulin@ufg.br

Universidade Federal de Goiás

A apresentação aborda o sistema dos demonstrativos do Chiquitano, uma língua Macro-Jê falada na Bolívia (departamento de Santa Cruz) e em algumas comunidades no Brasil (estado de Mato Grosso), com foco na variedade dialetal do município de San Miguel de Velasco (doravante Chiquitano Miguelenho). À diferença das demais línguas Macro-Jê, o Chiquitano Miguelenho exige a ocorrência de um demonstrativo nos sintagmas nominais tanto definidos como indefinidos, com algumas exceções, assemelhando-se aos artigos das línguas românicas ou germânicas. Além de codificar definitude ou indefinitude, os demonstrativos do Chiquitano Miguelenho expressam, cumulativamente, categorias como gênero do referente (masculino ou não masculino), número do referente (singular ou plural), distância/dêixis (proximal, medial e distal) e movimento (estático ou centrífugo). O sistema em questão não foi descrito na literatura e nesta fase da pesquisa não é compreendido em sua totalidade, sendo objeto de pesquisa em andamento.

As questões de pesquisa a serem contempladas na apresentação incluem as seguintes. Em primeiro lugar, serão analisadas as instâncias de sintagmas nominais em que não há concordância de número entre o nome e o demonstrativo. Argumentar-se-á que tal combinação é possível unicamente com nomes não contáveis (1). Será discutida, ainda, a semântica do demonstrativo *ma*, que até o presente tem sido associado com dêixis medial. A proposta é que o demonstrativo *ma* deve ser usado com sintagmas nominais que denotam entidades não específicas (isto é, não vistas, imaginárias/hipotéticas ou genéricas) (2–3). Um terceiro fenômeno a ser considerado são os casos de ausência de demonstrativo (sintagmas nominais nus), pouco numerosos no *corpus*. Será mostrado que os demonstrativos não são

obrigatórios em predicados nominais (4), com nomes próprios ou possuídos (5), bem como em sintagmas nominais que denotam entidades não contáveis indefinidas/genéricas (6).

O estudo baseia-se em um *corpus* de dados naturalísticos gravados pelo autor ao longo de mais de 6 anos de pesquisa junto a falantes da língua nas comunidades de San Juan de Lomerío e San Miguel de Velasco, Bolívia. Os dados (1–3) e (6) abaixo foram retirados de diálogos; os dados em (4–5) foram elicitados.

Dados:

- (1) *¿Y auki kóota'a ap-íñ-oko man-iño soe-sí?*
daí onde 2PL-INV-deixar **DEM-PL** pau-SG
'E daí onde vocês deixaram **essa lenha?**'
- (2) *Ajá, Ø-a-samu ma sôga-j ojiñ-ityo'.*
aham NF-A-fazer **DEM** **barbante-SG** ser_bom-também
'Aham, para fazer **barbante** [a embiratanha] serve também.' (em geral)
- (3) *¿Kóosane'e ka'a a-iyi áb-o'i ma kaparu-jí?*
como FNLD NF-conseguir 2PL-ERG **DEM** caparu-SG
'Como será que vocês conseguiram [pescar] **peixe caparu?**'
- (4) *Za'a kese-s ta á-kese.*
DEM faca-SG FOC **2SG-faca**
'Essa faca é **tua.**'
- (5) *Matorí-j Ø-yau n-Ato'ixh ñ-at-ẽ'ẽ kuma mesi-xh.*
louro-SG **3SG-criação** L-Antônia IE-comer-IE.3SG DEM gato-SG
'Um gato comeu **o louro da Antônia.**'
- (6) *Ta ko' o-pe'e oi pe'e-s.*
FOC FNLD 1+2-se_aquecer INSTR **fogo-SG**
'É para a gente se aquecer com **fogo.**'

Abreviações

A = prefixo *a-* (antipassivo etimológico); DEM = demonstrativo; ERG = adposição ergativa; FNLD = finalidade; FOC = foco; IE = voz inversa estendida; INV = voz inversa; INSTR = adposição instrumental; PL = plural; SG = singular; 1/2/3 = primeira/segunda/terceira pessoa

EXPRESSIVE MEANING IN PARAGUAYAN GUARANI

Estefanía Baranger

estefaniabaranger@gmail.com

Universidad de Buenos Aires (UBA)

Martín Califa

martin.califa@unahur.edu.ar

Universidad Nacional de Hurlingham (UNAHUR) / CONICET

Sofía Checchi

sofiachecchi96@gmail.com

Universidad Nacional de Hurlingham (UNAHUR) / CONICET

Mercedes Pujalte

mercedespujalte@gmail.com

Nacional de Hurlingham (UNAHUR) / CONICET

Expressive meaning refers to the “affective coloring of linguistic expressions” (Corver, 2016). Although significant strides have been made in deepening our understanding of its characteristics and how it is encoded in particular languages (Gutzmann, 2015; McCready, 2010; Potts, 2005; a.o), it still remains a poorly-studied area, especially among South American languages (c.f. Tonhauser et al., 2013). This presentation focuses on the Paraguayan Guarani *-ete/-ite* suffix and the command clitics *-ke* y *-py*, looking at the type of semantic contribution they make and the theoretical implications that their analysis affords.

According to the literature on expressiveness, a distinction can be made between linguistic expressions that do not interfere with the truth conditions of the sentence in which they appear –*pure expressives*– and those which do –*mixed expressives*– (McCready, 2010). In Paraguayan Guarani, we can identify examples of the two kinds. As can be seen in (1a), the particle *anga* conveys commiseration on part of the speaker. The sentence without *anga* (1b) shares identical truth conditions with (1a), showing it does not change the at-issue content of the utterance and thus qualifies as a pure expressive.

In contrast, (2) features the suffix *-ete/-ite*, which is an arguably mixed expressive. Its semantic contribution is oriented to the evaluation of the speaker and goes in parallel to the at-issue dimension, given that the term is predicative in itself (McCready 2010). The suffix *-ite* is typically identified as a superlative (Estigarribia, 2020) or, more recently, as a degree intensifier (Frutos, 2016): *iporãite* ‘(s)he’s very pretty’. But this suffix may also express a prime-exemplar sense when modifying a nominal, as in (2). Furthermore, note that in (3a-b) the same nominal with *-ite* refers to a subgroup relative to the denotation of *Guarani*. Alternatively, it could be analyzed as a reduction of *teete* ‘very own’, as in *lo ñanemba’e teete* ‘our very own things’ (Estigarribia 2020:120). Note that in (4) this gives the interpretation of a true exponent of the class just like *-ete* in (2).

Another potential case of mixed expressives are the command clitics *-ke* and *-py*, used in combination with the optative and imperative mood. In (5) it can be seen that *-ke* carries a sense of urgency. When used in interactions, *-ke* acquires an additional social hierarchy expressive sense, *i.e.*, it is infelicitous if used by a socially inferior participant (6). Similar observations can be made concerning *-py*.

Given this empirical domain of potential expressive phenomena in Paraguayan Guarani, we will evaluate to which extent the contribution of these expressions is entirely semantic or if there is a relevant interaction with pragmatic components (Potts, 2005). More specifically, we will discuss their position in Tonhauser et al.’s (2013) taxonomy of projective

content. In doing so, we enrich the existing tests in light of the morphosyntactic particularities of the expressions we examine. Tonhauser et al. (2013) find that pure expressives, such as *anga* in (1), fall into Class B of their classification given they lack the two key properties they consider: a) strong contextual felicity and b) obligatory local effect. Our preliminary data show that mixed-expressives like the ones discussed above do not belong in Class B as they behave differently with respect to properties a) and b).

(1a) *Jairo heta anga o-sufri o-kakuaa aja.*
 J. a.lot ANGA 3AC-suffer 3AC-grow.up while
 ‘Jairo suffered a lot growing up, poor thing.’ [Estigarribia 2020:188]

(1b) *Jairo heta osufri okakuaa aja.* ‘Jairo suffered a lot growing up.’

(2) *A-ñe’ẽ guarani-ete.*
 1SG.AC-speak Guarani-ETE
 ‘I speak true Guarani (i.e., not mixed with Spanish).’

(3a) *A-ñe’ẽ guarani pero n-a-ñe’ẽ-i guarani-ete.*
 1SG.AC-speak Guarani but NEG-1SG.AC-speak-NEG Guarani-SUP
 ‘I speak Guarani but I don’t speak true Guarani.’

(3b) *#A-ñe’ẽ guarani-ete pero n-a-ñe’ẽ-i guarani.*
 1SG.AC-speak Guarani-SUP but NEG-1SG.AC-speak-NEG G.
 ‘I speak true Guarani but I don’t speak Guarani.’

(4) *María o-japo vori vori teete/*-ete.*
 M. 3AC-make vori.vori TEETE ‘M. makes authentic vori vori.’

(5) *T-oký-ke.*
 OPT-rain-KE ‘May it rain soon!’

(6) [Context A: teacher talking to student. OK]
 [Context B: student talking to teacher. #]
Ei-pe’á-ke ovetã.
 IMP-open-KE window. ‘Open the window now!’

References

- Corver, N. 2016. Emotion in the Build of Dutch: Deviation, Augmentation and Duplication. *Tijdschrift voor Nederlandse Taal- en Letterkunde* 132(4):232-275.
- Estigarribia, B. 2020. *A Grammar of Paraguayan Guarani*. UCL Press.
- Frutos, L. 2016. *Aspectos Sintáticos e Semânticos da Intensificação de Grau no Guarani Paraguaio*. Doctoral Dissertation, Universidad de São Paulo.
- Gutzmann, D. 2015. *Use-Conditional Meaning*. Oxford University Press.
- McCready, E. 2010. Varieties of Conventional Implicature. *Semantics & Pragmatics* 3, 1–57.
- Potts, C. 2005. *The Logic of Conventional Implicatures*. Oxford University Press.
- Tonhauser, J., Beaver, D., Roberts, C. & Simons, M. 2013. Toward a Taxonomy of Projective Content. *Language* 89 (1), 66-109.

SIGNIFICADO EXPRESSIVO EM GUARANI PARAGUAIO⁶⁰

Estefanía Baranger
estefaniabaranger@gmail.com

⁶⁰ Traduzido por Guilherme Augusto Duarte Borges.

Universidad de Buenos Aires (UBA)

Martín Califa

martin.califa@unahur.edu.ar

Universidad Nacional de Hurlingham (UNAHUR) / CONICET

Sofía Checchi

sofiachecchi96@gmail.com

Universidad Nacional de Hurlingham (UNAHUR) / CONICET

Mercedes Pujalte

mercedespujalte@gmail.com

Nacional de Hurlingham (UNAHUR) / CONICET

O significado expressivo refere-se à “coloração afetiva de expressões linguísticas” (Corver, 2016). Embora avanços significativos tenham sido feitos no aprofundamento de nossa compreensão de suas características e como isso é codificado em línguas específicas (Gutzmann, 2015; McCready, 2010; Potts, 2005;), ainda é uma área pouco estudada, especialmente entre as línguas sul-americanas (c.f. Tonhauser et al., 2013). Esta apresentação se concentra no sufixo *-ete/-ite* do guarani paraguaio e nos clíticos de comando *-key* y *-py*, observando o tipo de contribuição semântica que eles produzem e as implicações teóricas que suas análises proporcionam.

De acordo com a literatura sobre expressividade, uma distinção pode ser feita entre expressões linguísticas que não interferem nas condições de verdade da sentença em que aparecem – expressivos puros – e aquelas que interferem – expressivos mistos – (McCready, 2010). No guarani paraguaio, podemos identificar exemplos dos dois tipos. Como pode ser visto em (1a), a partícula *anga* transmite compaixão por parte do falante. A sentença sem *anga* (1b) compartilha condições de verdade idênticas com (1a), mostrando que não altera o conteúdo em questão do enunciado e, portanto, se qualifica como um expressivo puro.

Em contraste, (2) apresenta o sufixo *-ete/-ite*, que é um expressivo indiscutivelmente misto. Sua contribuição semântica é orientada para a avaliação do falante e vai em paralelo à dimensão em questão, dado que o termo é predicativo em si mesmo (McCready 2010). O sufixo *-ite* é tipicamente identificado como um superlativo (Estigarribia, 2020) ou, mais recentemente, como um intensificador de grau (Frutos, 2016): *iporãite* ‘ela/ele é muito bonita/o’. Mas esse sufixo também pode expressar um sentido arquetípico ao modificar um nominal, como em (2). Além disso, note que em (3a-b) o mesmo nominal com *-ite* se refere a um subgrupo relativo à denotação de Guarani. Alternativamente, ele poderia ser analisado como uma redução de *teete* ‘próprias’, como em *lo ñanemba’e teete* ‘nossas próprias coisas’ (Estigarribia 2020:120). Note que em (4) isso dá a interpretação de um verdadeiro expoente da classe, assim como *-ete* em (2).

Outro caso potencial de expressivos mistos são os clíticos de comando *-ke* e *-py*, usados em combinação com os modos optativo e imperativo. Em (5) pode ser visto que *-ke* carrega um sentido de urgência. Quando usado em interações, *-ke* adquire um sentido expressivo de hierarquia social adicional, ou seja, não tem felicidade se usado por um participante socialmente inferior (6). Observações semelhantes podem ser feitas a respeito de *-py*.

Dado esse domínio empírico de potenciais fenômenos expressivos no guarani paraguaio, avaliaremos em que medida a contribuição dessas expressões é inteiramente

semântica ou se há uma interação relevante com componentes pragmáticos (Potts, 2005). Mais especificamente, discutiremos sua posição na taxonomia de conteúdo projetivo de Tonhauser et al. (2013). Ao fazer isso, enriquecemos os testes existentes à luz das particularidades morfossintáticas das expressões que examinamos. Tonhauser et al. (2013) demonstram que expressivos puros, como *anga* em (1), se enquadram na Classe B de sua classificação, uma vez que não possuem as duas propriedades principais que consideram: a) forte felicidade contextual e b) efeito local obrigatório. Nossos dados preliminares mostram que expressivos mistos como os discutidos acima não pertencem à Classe B, pois se comportam de forma diferente em relação às propriedades a) e b).

(1a) *Jairo heta anga o-sufri o-kakuaa aja.*
 J. muito ANGA 3AC-sofrer 3AC-crescer enquanto
 ‘Jairo sofreu muito crescendo, pobrezinho.’ [Estigarribia 2020:188]

(1b) *Jairo heta osufri okakuaa aja.* ‘Jairo sofreu muito crescendo.’

(2) *A-ñe’ẽ guarani-ete.*
 1SG.AC-falar Guarani-ETE
 ‘Eu falo o verdadeiro guarani (i.e., sem mistura com espanhol).’

(3a) *A-ñe’ẽ guarani pero n-a-ñe’ẽ-i guarani-ete.*
 1SG.AC-falar Guarani mas NEG-1SG.AC-falar-NEG Guarani-SUP
 ‘Eu falo Guarani mas não falo o verdadeiro guarani.’

(3b) *#A-ñe’ẽ guarani-ete pero n-a-ñe’ẽ-i guarani.*
 1SG.AC-falar Guarani-SUP mas NEG-1SG.AC-falar-NEG G.
 ‘Eu falo o verdadeiro Guarani mas não falo guarani.’

(4) *María o-japo vori vori teete/*-ete.*
 M. 3AC-fazer vori.vori TEETE.
 ‘M. fez o autêntico vori vori.’

(5) *T-oký-ke.*
 OPT-chover-KE ‘Pode chover em breve!’

(6) [Contexto A: professor falando com estudante. OK]
 [Contexto B: estudante falando com professor. #]
Ei-pe’á-ke ovetã.
 IMP-abrir-KE janela ‘Abra a janela agora!’

Referências

- Corver, N. 2016. Emotion in the Build of Dutch: Deviation, Augmentation and Duplication. *Tijdschrift voor Nederlandse Taal- en Letterkunde* 132(4):232-275.
- Estigarribia, B. 2020. *A Grammar of Paraguayan Guarani*. UCL Press.
- Frutos, L. 2016. *Aspectos Sintáticos e Semânticos da Intensificação de Grau no Guarani Paraguaio*. Doctoral Dissertation, Universidad de São Paulo.

- Gutzmann, D. 2015. *Use-Conditional Meaning*. Oxford University Press.
- McCready, E. 2010. Varieties of Conventional Implicature. *Semantics & Pragmatics* 3, 1–57.
- Potts, C. 2005. *The Logic of Conventional Implicatures*. Oxford University Press.
- Tonhauser, J., Beaver, D., Roberts, C. & Simons, M. 2013. Toward a Taxonomy of Projective Content. *Language* 89 (1), 66-109.

CITIZEN SCIENCE IN THE RESEARCH ON UNDER-REPRESENTED LANGUAGES⁶¹

Luana De Conto

luanadeconto@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

This work discusses the adoption of Citizen Science initiatives as a methodological practice in research on underrepresented languages. We show the work developed in the research project “(In)definidos: a perspectiva das línguas sub-representadas” and the participation of researchers in training who speak the languages studied and we analyze the development of this partnership taking into account the foundations of citizen science (IRWIN, 1995; BONNEY, 1996).

We start from the idea of citizen science as the implementation of participatory projects between scientific researchers and non-scientist collaborators, understood here as members of the community without ties to research institutions and without prior instruction on scientific work.

In the field of Linguistics, citizen science is gaining space especially in the building of linguistic data corpora (FIUMARA et al., 2016) and in sociolinguistics (RYMES; LEONE, 2014; SVENDSEN, 2018), and more recently in the research on endangered languages (AUSTIN, 2023).

In this sense, we point out that the language consultants linked to the (In)definidos Project are mostly researchers in training, with an academic background that classifies them as scientists and their collaboration does not directly configure what is understood as citizen science. These researchers work in the formulation of the questionnaire, data collection and discussion. We emphasize that their participation establishes points of connection with the communities that provides spaces for dynamization of the scientific production process, in view that they promote a shift from the image of the scientist-expert to an image of a scientific work that is closer to the local communities.

As a consequence, we highlight the fact that research projects articulated with the speaking communities result in the expansion of the concept of scientific research by including in the process of scientific reflection members of society who otherwise would be distant from scientific practice and contributing to a vision of science as a participatory process that is fed back by exchange dynamics between academia and the community.

Referências

AUSTIN, Peter A. (2023). Citizens, speakers, and documentation of (endangered) languages and cultures. In: Csató, Eva A. & Karakoç, Birsel (eds.), *Journal of Endangered Languages* 13, Vol. 23: Language Documentation in Comparative Turkic Linguistics. Ankara. 7–19.

⁶¹ Translated by Helena Loch de Oliveira.

BONNEY, R. Citizen science: a lab tradition. *Living Bird*, Nova York, v. 15, p. 7-15, 1996.
FIUMARA, J.; CIERI, C.; WRIGHT, J. LIBERMAN, M. LanguageARC: Developing Language Resources Through Citizen Linguistics. Proceedings of the LREC 2020 Workshop “Citizen Linguistics in Language Resource Development”; pages 1–6 Language Resources and Evaluation Conference (LREC 2020), Marseille, 11–16 May 2020. Disponível em: <<https://par.nsf.gov/servlets/purl/10162726>>.

IRWIN, A. Citizen science: a study of people, expertise and sustainable development. London and New York: Routledge, 1995.

RYMES, B.; LEONE, A. Citizen Sociolinguistics: A New Media Methodology for Understanding Language and Social Life. In: Working Papers in Educational Linguistics 29(2): 25-43, 2014. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/76391319.pdf>>

SVENDSEN, B. The dynamics of citizen sociolinguistics. In: *Journal of Sociolinguistics* 22/2, 2018: 137-160. <<https://doi.org/10.1111/josl.12276>>

CIÊNCIA CIDADÃ NA PESQUISA DE LÍNGUAS SUB-REPRESENTADAS

Luana De Conto

luanadeconto@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Este trabalho discute a adoção de iniciativas de Ciência Cidadã como prática metodológica na pesquisa de línguas sub-representadas. Expomos o trabalho desenvolvido no projeto de pesquisa “(In)definidos: a perspectiva das línguas sub-representadas” e a participação de pesquisadores em formação falantes das línguas pesquisadas e analisamos o desenvolvimento dessa parceria levando em conta os fundamentos da ciência cidadã (IRWIN, 1995; BONNEY, 1996).

Partimos da ideia de ciência cidadã como a implementação de projetos participativos entre pesquisadores cientistas e colaboradores não-cientistas, entendidos aqui como membros da comunidade sem vínculo com instituições de pesquisa e sem instrução prévia no trabalho científico.

No campo da Linguística, a ciência cidadã ganha espaço especialmente na construção de corpora de dados linguísticos (FIUMARA et al., 2016) e na sociolinguística (RYMES; LEONE, 2014; SVENDSEN, 2018), e mais recentemente na pesquisa de línguas ameaçadas (AUSTIN, 2023).

Nesse sentido, apontamos que os consultores de língua vinculados ao Projeto (In)definidos se constituem majoritariamente como pesquisadores em formação, com um percurso acadêmico que os enquadra como cientistas e sua colaboração não configura diretamente o que se entende por ciência cidadã. Esses pesquisadores e pesquisadoras atuam na formulação do questionário, coleta de dados e discussão. Ressaltamos que sua participação estabelece pontos de conexão com as comunidades que propiciam espaços de dinamização do processo de produção científica, posto que promovem o deslocamento da imagem do cientista-especialista para uma imagem de fazer científico mais próximo das comunidades locais.

Como consequência, ressaltamos o fato de que projetos de pesquisa articulados com as comunidades falantes resultam na ampliação do conceito de pesquisa científica ao englobar no processo de reflexão científica membros da sociedade que estariam distantes da prática científica e colaboram para uma visão de ciência como processo participativo e retroalimentado pelas dinâmicas de troca entre academia e comunidade.

Referências

AUSTIN, Peter A. (2023). Citizens, speakers, and documentation of (endangered) languages and cultures. In: Csató, Eva A. & Karakoç, Birsal (eds.), *Journal of Endangered Languages* 13, Vol. 23: Language Documentation in Comparative Turkic Linguistics. Ankara. 7–19.

BONNEY, R. Citizen science: a lab tradition. *Living Bird*, Nova York, v. 15, p. 7-15, 1996.

FIUMARA, J; CIERI, C.; WRIGHT, J. LIBERMAN, M. LanguageARC: Developing Language Resources Through Citizen Linguistics. Proceedings of the LREC 2020 Workshop “Citizen Linguistics in Language Resource Development”; pages 1–6 Language Resources and Evaluation Conference (LREC 2020), Marseille, 11–16 May 2020. Disponível em: <<https://par.nsf.gov/servlets/purl/10162726>>.

IRWIN, A. Citizen science: a study of people, expertise and sustainable development. London and New York: Routledge, 1995.

RYMES, B.; LEONE, A. Citizen Sociolinguistics: A New Media Methodology for Understanding Language and Social Life. In: *Working Papers in Educational Linguistics* 29(2): 25-43, 2014. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/76391319.pdf>>

SVENDSEN, B. The dynamics of citizen sociolinguistics. In: *Journal of Sociolinguistics* 22/2, 2018: 137-160. <<https://doi.org/10.1111/josl.12276>>

THE CHEYENNE POTENTIAL, IRREALIS AND CONDITIONAL MODES

Quartz Colvin

quartz.colvin@rutgers.edu

Rutgers University

For this project, I analyze the Cheyenne mode affixes *māh-* and *vé'-*, and describe how their individual modal semantics combine both syntactically and semantically to create the conditional mode *māh-vé'-*. Using data from Cheyenne language texts, I describe the Kratzerian modal features of these three morphemes.

The two morphological verb templates referenced in this project are the Conjunct order (syntactically dependent clauses) and Independent order (syntactically independent clauses). My investigation of these mode prefixes primarily includes Conjunct verbs with these prefixes. However, when I mention tense or aspect features, that refers to the marking on the Independent order verb accompanying it. Additionally, the semantic dependency relation is the opposite of the syntactic dependency relation. Semantically, the Conjunct verb is the independent one.

1. Facts

Fact 1: the morpheme *māh-* (example (1)) is described as a 'potential mode' and is only found in syntactically dependent clauses. The 'potential mode' refers to an action or state that hasn't occurred but the speaker expects to occur (Leman 2014).

Fact 2: the morpheme *vé'-* (example (2)) is described as the '*irrealis* mode' which is an action or state contrary to reality (Leman 2014). It can appear as a preverb in independent clauses or a mode prefix in dependent clauses.

Fact 3: *māh-vé'-* (example (3)) is the marker for the conditional mode, and while only *māh-* is the mode prefix, the preverb *vé'-* still contributes semantic content to the conditional.

Fact 4: *māh-* dependent clauses only occur with future tense independent clauses; *vé'-* dependent clauses only occur with present (unmarked) tense independent clauses; *māh-vé'-* dependent clauses can occur with both present and future tense independent clauses.

2. The goal

My main aim is to account for the concatenative nature of the conditional's semantics. Descriptively, it carries something from the individual semantics of both *māh-* and *vé'-*. Using Kratzer's theory of types of modality (Kratzer 1981; Portner 2009), I will characterize the contributions of *māh-* and *vé'-* to the Cheyenne conditional.

3. Proposal

First, I posit that the potential mode *māh-* is a good possibility modal with a circumstantial modal base and a realistic conversational background. I also claim that the *irrealis* morpheme *vé'-* is a simple possibility modal. It has a totally realistic conversational background and an empty ordering source (Kratzer 1981). Initially, it looks as if *vé'-* is formally characterized by strong non-possibility. However, this doesn't quite fit for the morpheme since it isn't simply the opposite meaning of the good possibility modal *māh-*. Additionally, Kratzer's theory does not have an equivalent to 'strong non-possibility,' so as long as I use her model, this concept isn't an option.

When these two modal prefixes are combined to create the conditional, *vé'-* contributes counterfactuality and conversational background while *māh-* contributes the modal base and ordering source. Table 1 below summarizes the modal features of the three mode prefixes so the reader can track which features are retained from which morphemes.

Table 1: Summary of semantic features

	<i>máh-</i>	<i>vé'-</i>	<i>máh+vé'-</i>
<i>ir/realis:</i>	irrealis	irrealis	irrealis
<i>conversational background:</i>	–	totally realistic	realistic
<i>ordering source:</i>	non-empty	empty	non-empty
<i>modal base:</i>	circumstantial	empty	circumstantial

Cheyenne is an understudied language with an impressive set of modal morphology, but this marks a first pass at a semantic account of its mode prefixes.

4. Data

- 1) **máh**-nohtsést-ov-o-htsè nè-stse-véstahem-a
POT-ask.trans-FIN-DIR-3 2-FUT-help-INV
 “When you ask him, he’ll help you.” (Leman 2014)
- 2) **vé'**-sâa-'ono'kóhtáhé-stovè-hanéhe-e'éstse ma'háhko'e
IRR-NEG-respected-middle.PV-NEG-CJT.4PL badger.DEF
 “If there is not kindness, the badger turns his back on us.” (Leman 1980:20)
- 3) (3) Andy **máh+vé'**-háa'éše-néménè-stse é-ohkè-káhane-otse-séstse
 Andy **POT+IRR**-long.time.PV-sing-CJT.3 3-HAB-tired-become-RPT.3
 “If Andy sings for a long time, he gets tired, they say.” (Murray 2016)

5. References

- Kratzer, A. (1981). The notional category of modality. In Eikmeyer, H.-J. and Rieser, H., editors, *Words, Worlds, and Contexts*, pages 38–74. de Gruyter, Berlin.
- Leman, W. (1980). *Cheyenne Texts: An Introduction to Cheyenne Literature*, Occasional Publications in Anthropology, Linguistic Series No. 6, University of Northern Colorado Museum of Anthropology.
- Leman, W. (2014). *The Cheyenne Language*, Chief Dull Knife College.
- Murray, S. (2016). *Evidentiality and Illocutionary Mood in Cheyenne*, Cornell University.
- Portner, P. (2009). *Modality*, Oxford University Press.

OS MODOS POTENCIAL EM CHEYENNE , IRREALIS E CONDICIONAL⁶²

Quartz Colvin
quartz.colvin@rutgers.edu
 Rutgers University

Nesta proposta, analiso os afixos modais do Cheyenne *máh-* e *vé'-*, e descrevo como a semântica modal de cada um se combina tanto sintática quanto semanticamente para criar o modo condicional *máh-vé'-*. Por meio de dados de textos em língua Cheyenne, descrevo os traços modais desses três morfemas ao modo de Kratzer.

Os dois templates morfológicos de verbos a que este projeto se refere são os

⁶² Traduzido por Ana Paula Quadros Gomes.

conjuntivos ou *der* (sentenças sintaticamente dependentes) e a ordenação independente (sentenças sintaticamente independentes). A investigação conduzida sobre esses prefixos modais inclui, num primeiro momento, verbos conjuntivos com esses prefixos. No entanto, ao mencionar traços temporais ou aspectuais, estou falando apenas de verbos em ordem independente acompanhados desses prefixos. Além disso, a relação de dependência semântica se contrapõe à de dependência sintática. Semanticamente, os verbos conjuntivos é que são independentes.

1. Fatos

Fato 1: o morfema *mäh-* (exemplo (1)) é descrito como um ‘modo potencial’ que só é encontrado em orações encaixadas. Esse ‘modo’ diz respeito a uma ação ou estado que não ocorreu ainda, mas que o falante espera que venha a ocorrer (Leman 2014).

Fato 2: o morfema *vé’-* (exemplo (2)) é descrito como um ‘modo *irrealis*’, que vem a ser uma ação ou estado contrário à realidade (Leman 2014). Esse morfema pode vir preverbalmente, em sentenças independentes, ou como um prefixo modal, em sentenças dependentes.

Fato 3: *mäh-vé’-* (exemplo (3)) é o marcador de modo condicional, e se, por um lado, apenas *mäh-* é um prefixo modal, de outro, *vé’-* pré-verbal também dá contribuições semânticas ao conteúdo das condicionais.

Fato 4: *mäh-* orações dependentes ocorrem exclusivamente com sentenças independentes no futuro; *vé’-* orações dependentes ocorrem exclusivamente com sentenças independentes no tempo presente (não-marcado); *mäh-vé’-* orações dependentes ocorrem tanto com sentenças independentes no futuro quanto com sentenças independentes no presente.

2. Objetivos

O objetivo geral é dar conta da natureza concatenativa da semântica dos condicionais. Do ponto de vista descritivo, e entre os ingredientes é a semântica individual tanto de *mäh-* quanto de *vé’-*. Aplicando a Teoria da Modalidade de Kratzer (Kratzer, 1981; Portner, 2009), pretendo caracterizar as contribuições de *mäh- évé’-* para as condicionais em Cheyenne.

3. Proposta

Primeiramente, eu proponho que o modo potencial *mäh-* é um modal de possibilidade com uma base modal circunstancial e um fundo conversacional realista. Eu também defendo que o morfema *irrealis vé’-* é um simples modal de possibilidade. Ele tem um fundo conversacional totalmente realista e uma fonte de ordenação vazia (Kratzer 1981). A princípio, *vé’-* parece poder ser formalmente caracterizado por uma forte não-possibilidade. Entretanto, isso não é adequado ao morfema, pois não se trata simplesmente do significado oposto ao modal de boa possibilidade *mäh-*. Ademais, o modelo de Kratzer não inclui um equivalente a “forte não-possibilidade”. Assim, enquanto eu estiver empregando essa teoria, tal conceito não será uma opção viável.

Quando ambos os prefixos modais se combinam para criar o condicional, *vé’-* contribui com contrafactualidade e com o fundo conversacional, ao passo que *mäh-* contribui com a base modal e a fonte de ordenação. A Tabela 1 resume os traços modais dos três prefixos de modo, a fim de que o leitor possa acompanhar que traços são conservados por cada

Table 1: Summary of semantic features

	<i>máh-</i>	<i>vé'-</i>	<i>máh+vé'-</i>
<i>ir/realis</i>	irreal	irreal	irreal
<i>Fundo conversacional</i>	–	totalmente realista	realista
<i>Fonte de ordenação</i>	não-vazio	vazio	não-vazio
<i>base modal</i>	circunstancial	vazio	circunstancial

Cheyenne é uma língua insuficientemente descrita com um número impressionante de morfemas modais, mas esta é a primeira tentativa de analisar esses prefixos.

4. Data

- (1) máh-nòhtsést-ov-ò-htse né-stse-véstáhem-a
POT-ask.trans-FIN-DIR-3 2-FUT-ajuda-INV
“Quando você pedir a ele, ele vai te ajudar.” (Leman 2014)
- (2) vé'-sâa-'ono'kòhtáhé-stovè-hanéhe-e'éstse ma'háhko'e IRR-NEG-respeitado-centro.PV-NEG-CJT.4PL texugo.DEF
“Se não houver gentileza, o texugo vai dar as costas para nós.” (Leman 1980:20)
- (3) Andy máh+vé'-háa'éše-néménè-stse é-ohkè-káhane-otse-séstse
Andy POT+IRR-muito.tempo.PV-sing-CJT.3 3-HAB-cansado-ficou-RPT.3
“Quando Andy canta por muito tempo, ele fica cansado, dizem.” (Murray 2016)

5. Referências

- Kratzer, A. (1981). The notional category of modality. In Eikmeyer, H.-J. and Rieser, H., editors, *Words, Worlds, and Contexts*, pages 38–74. de Gruyter, Berlin.
- Leman, W. (1980). *Cheyenne Texts: An Introduction to Cheyenne Literature*, Occasional Publications in Anthropology, Linguistic Series No. 6, University of Northern Colorado Museum of Anthropology.
- Leman, W. (2014). *The Cheyenne Language*, Chief Dull Knife College.
- Murray, S. (2016). *Evidentiality and Illocutionary Mood in Cheyenne*, Cornell University.
- Portner, P. (2009). *Modality*, Oxford University Press.

A PRACTICAL GUIDE TO FORMAL SEMANTICS AND PRAGMATICS IN BASIC EDUCATION

Luiz Fernando Ferreira

l.ferreira@gmail.com

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

This talk discusses different ways in which formal semantics and pragmatics can contribute to education at the elementary and high school levels. In Brazil, most of the discussions and analysis employed at schools come either from traditional grammars or textual linguistics. Therefore, linguistic analysis is done either without following a scientific criterion, in the case of traditional grammar, or conditioned to a textual analysis, in the case of textual linguistics. However, the rigorous methodological procedure adopted in formal analysis can be easily adapted for the classroom and constitutes a great way to introduce students to scientific reasoning (Müller, 2009; Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016). In this approach, the students' competence to assess the grammaticality of a sentence is an essential tool in the classroom (see Vicente; Pilati, 2012). This talk will focus specifically on proposals from formal semantics and pragmatics showing how they can contribute to activities in basic education. For instance, the Fregean concepts of sense and reference can be adapted to teach cohesion (Ferreira; Barcellos, 2020); the Stalnaker concept of Common Ground (Ferreira; Shimoda, 2020) and the semantic of questions (Rosa-Silva; Ferreira, 2024) are a great way to work with coherence and textual progression; truth conditions and paraphrasis are great tools to work with semantic variation and change in the classroom (Ferreira; Barcellos; Souza, 2024) and teaching semantic differences in embedded environments (Ferreira; Silva, 2024). We illustrate how to implement these ideas using a material that teaches linguistics for high school students (Ferreira; Barcellos, 2023). Thus, we demonstrate that formal semantics' and pragmatics' contributions can be both theoretical and methodological since the students' intuition about the semantics of a sentence is really effective to develop activities that are more comprehensible and intuitive to them.

UM GUIA PRÁTICO DE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA FORMAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA⁶³

Luiz Fernando Ferreira

l.ferreira@gmail.com

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Esta palestra discute diferentes maneiras pelas quais a semântica e a pragmática formais podem contribuir para a educação na escola do nível básico ao médio. No Brasil, a maior parte da discussão na escola vem ou de gramáticas tradicionais ou da linguística textual. Portanto, a análise linguística é realizada sem seguir um critério científico, no caso da gramática tradicional, ou condicionada à análise textual, no caso da linguística textual. No entanto, o procedimento metodológico rigoroso adotado na análise formal pode ser facilmente adaptado para a sala de aula e constitui um grande modo de introduzir os alunos no pensamento científico (Müller, 2009; Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016). Nessa abordagem, a competência dos alunos para acessar a gramaticalidade de uma ferramenta essencial na sala de aula (see Vicente; Pilati, 2012). Esta palestra foca especificamente em propostas da semântica e da pragmática formais mostrando como elas podem contribuir com atividades na

⁶³ Traduzido por Roberta Pires de Oliveira.

educação básica. Por exemplo, os conceitos de sentido e referência podem ser adaptados para ensinar coesão (Ferreira; Barcellos, 2020); o conceito de Fundo comum de Stalnaker (Ferreira; Shimoda, 2020) e a semântica de perguntas (Rosa-Silva; Ferreira, 2024) são ótimas maneiras de trabalhar com coerência e progressão textual; condições de verdade e paráfrases são ótimos instrumentos para trabalhar com variação semântica e mudança na sala de aula (Ferreira; Barcellos; Souza, 2024) e ensinar as diferenças semânticas em contextos de encaixamento (Ferreira; Silva, 2024). Ilustramos como implementar essas ideias usando um material que ensina linguística para alunos do ensino médio (Ferreira; Barcellos, 2023). Demonstramos, portanto, que as contribuições da semântica e da pragmática formais podem ser tanto teórica quanto metodológica já que a intuição dos alunos sobre a semântica de uma sentença é realmente eficaz para desenvolver atividades que são mais compreensivas e intuitivas para eles.

References

- FERREIRA, L. F.; BARCELLOS, M. E. M. . Ensino de coesão textual em um paradigma formal: uma abordagem ativa. In: GUESSER, S.; RECH, N. F. (Org.). **Gramática, aquisição e processamento linguístico**: subsídios para o professor de língua portuguesa. 1ed. Campinas: Pontes, 2020, v. 1, p. 109-138.
- FERREIRA, L. F.; BARCELLOS, M. E. M. UNO (Livro eletrônico): **A ciência da linguagem**: Aprofundamento temático. 1. ed. São Paulo: Santillana Educação, 2023. v. 1.
- FERREIRA, L. F.; BARCELLOS, M. E. M. ; SOUZA, R. Ensino de Metáfora: Vertentes teóricas, metodologia e prática. In: RECH, N. F. R.; GUESSER, S. (Org.). **Morfologia, Sintaxe e Semântica na Educação Básica**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2021, v. , p. 285-319.
- FERREIRA, L. F.; ROSA-SILVA, F. Uma abordagem semântica para o ensino de orações subordinadas substantivas. In: FERREIRA, L. F.; FRUTOS, L.; COELHO, O. (Orgs.). **Jornada pelos significados**: Contribuições de Ana Müller para a semântica. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2024, v. , p. 185-219.
- FERREIRA, L. F.; SHIMODA, L. T. Ensino de coerência em um paradigma formal. In: Ana Müller, Nize Paraguassu Martins. (Org.). **Ensino de gramática**: Reflexões sobre a semântica do Português Brasileiro. 1ed. Campinas: Pontes, 2021, v. 1, p. 214-231.
- GUERRA VICENTE, H.; PILATI, E. . Teoria Gerativa e 'Ensino' de Gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **VERBUM** - Cadernos de Pós Graduação, v. 2, p. 4-14, 2012.
- MÜLLER, A. A investigação da Língua Portuguesa: o amor à pesquisa. **Linha d'Água**, v. 22, p. 114-122, 2009.
- MÜLLER, A.; MARTINS, N. P. Ensino de gramática: reflexões sobre a semântica do português brasileiro. **Campinas: Pontes Editores**, 2021.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; QUAREZEMIN, S. Gramáticas na escola. **Petrópolis, RJ: Vozes**, p. 184, 2016.
- ROSA-SILVA, F.; FERREIRA, L. F. O ensino da coerência a partir de mecanismos da semântica de perguntas. **Revista Educação e Linguagens**. Dossiê: Homenagem a João Wanderley Geraldi, p. 274 - 300, 2024.

THE MIXTEC RESTITUTIVE

Michael W. Swanton

mswanton@unam.mx

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Violeta Vázquez-Rojas Maldonado

vr.maldonado@gmail.com

El Colegio de México (ColMex)

Elodia Ramírez Pérez

Biblioteca de Investigación Juan de Córdova

In Mixtec (Otomanguean, Southern Mexico) and other related languages, there is a prefix, usually of the shape *na-*, that has traditionally been glossed as “repetitive” (e.g. Macaulay 1996) With evidence collected from texts, dictionaries, and hypothesis-guided elicitation (Tonhauser and Matthewson 2016), we propose that it is rather a *restitutive* affix (glossed RSTU), *i.e.*, it triggers the presupposition that, prior to the event described by the verb root, there was a state of affairs that ceased to be the case and which was again obtained as a result of the event described in the main assertion. In some cases, *na-* can also have a *counter-directional* meaning (Fabricius-Hansen 2001), that is, it adds the presupposition that a process by which the previous state ceased to obtain is reversed. Examples of these readings are provided in (1) and (2). Sentence (1a), without *na-*, merely asserts that the water dried up. (1b), with *na-*, asserts that the clothes dried, and further presupposes that they had previously been dry, then they were not dry anymore, and now the state of the clothes being dry obtains again as a result of the asserted event. This example can be considered a case of restitutive but also counterdirectional, assuming, with Zwarts (2018) that there is a “scalar path” that leads from one gradual state to another and vice versa. The pair (2a) and (2b) are similar: in the first of them it is not assumed that the door has been open before, but in (2b) it is. In this case the purely restitutive meaning is clearer, since it is assumed that the store opens daily, and that it went from closed to open again.

Crucially, and against its usual gloss, the prefix *na-* does not have a repetitive meaning. One piece of evidence of this is that, when it occurs with activity verbs (or manner verbs, *v.* Rappaport Hovav and Levin 2010) that do not entail a resulting state, such as *kaʔã* ‘speak’ in (3a) and (3b), *na-* does not merely presuppose the occurrence of a previous event of the same kind. Sentence (3b), with the prefix, presupposes an interval in which no speaking event (between the agent and her peers) occurred. In this case, the verb “to speak” is interpreted as a habit or capacity rather than as an activity, *i.e.*, it has a stative interpretation. In the context (3c), the sentence with *na-* is unacceptable, which means that merely resuming an activity is not enough to license the prefix. In (4b), the prefix adds the presupposition that the child lost the ability to walk for a certain lapse. If *na-* contributed a repetitive meaning, for (4b) to be true it would suffice that the event of speaking or walking has previously occurred, but this is not the case, as can be attested by the unacceptability of *na-* in context (4c). The absence of a purely repetitive reading is evidence that restitutive and counter-directional readings are the common denominator of this prefix, and that they are not derived from a repetitive meaning. We propose an analysis of this prefix along the lines proposed by Zwarts (2018) for a restitutive modifier which involves the reversal of a scalar path (SPATH) that leads from the absence of a state to its restitution:

$$\text{RESTITUTIVE} = \lambda E \lambda e: \exists e' [e' < e \wedge E' (e') \wedge \text{REVERSE}(\text{SPATH}(e), \text{SPATH}(e'))] . [E(e)]$$

(Zwarts 2018:226)

The overlap between repetitive, restitutive and counter-directional readings of event descriptions has long been recognized. A classic example is the English adverb *again* (e.g. McCawley 1968) and the German *wieder* (Stechow 1996). Recent scholarship has sought to define more precisely the presuppositions of such readings and situate them within broader semantic structures or typologies (e.g. the ‘*re*’ domain per Zwarts 2019 or *counterdirectionality* per Iyer 2023). These advances have been spurred on by the study of such phenomena in a larger set of languages, e.g. Dutch (Zwarts 2019), Kutchi Gujarati (Patel-Grosz and Beck 2019) and Hindi-Urdu (Iyer 2023). In this talk, we will seek to contribute to this endeavor by presenting evidence from Mixtec.

Examples from Peñoles Mixtec (p.c. Elodia Ramírez Pérez):

- (1a) **jitfi** ⁿdute ðoko
dry water well
 ‘The well water is drying up.’
- (1b) jatfi **na-jitfi** ðoo nuu keʔe weʔe fji ⁿdisa waʔa ni-ⁿdʒii
 quickly **RSTU-dry** clothes face patio house because truly well PFV-be.sunny
 ‘The clothes are drying quickly outside in the patio, because it’s really sunny.’
- (2a) **kaa** bolsa kahwe
open bag coffee
 ‘Open the (new) bag of coffee.’
- (2b) **na-kaa** juʔujeʔe nà=kiʔu tatfi fiti weʔe
RSTU-open door OPT=enter wind inside house
 ‘Open the door so the house ventilates.’
- (3a) natu **kaʔã** ⁿdaa nayiu
 NEG **speak** truth people
 ‘People don’t speak the truth.’
- (3b) **na-kaʔã** fitfi=ka ⁿdiʔi tata=fji ⁿdiʔi nana=fji fji ní-kuðe wiʔi=fji nuu=ju
RSTU-speak time=ALO with father=3.F with mother=3.F because PFV-be.angry
 a.lot=3.F before=3.PL

natu fji-ni=ⁿdi nak^weⁿda ní-kuðe=fji ⁿdiʔi=ju
 NEG NP-know=1.EXCL why PFV-be.angry=3.F with=3.PL
 ‘That woman is talking again with her father and mother, because she had gotten very angry with them. We don’t know why she got angry with them..’

(3c) *Context:* Sara talked to her parents before going to work. Then, after returning from work, she talked to them again.

neʔe kaʔã taa Sara ⁿdiʔi tata=fji ⁿdiʔi nana=fji
 early speak CL.F Sara with father=3.F with mother=3.F

ðuate s(i)-aʔa=fji kiðetfju=fji
 then NP-go.NB=3.F do.work=3.F

ⁿdefio=fji te **na-kaʔã**=fji ⁿdiʔi nana=fji tata=fji
 return=3.F COOR **RSTU-speak**=3.F with mother=3.F with father=3.F

‘Sara spoke with her father and mother early. Then, she went to work.
She returned and spoke again with her mother and father.’

(4a) ni-**f(i)-ika** wiʔi=te
PFV-NP-walk a.lot=3.M
‘He walked a lot.’

(4b) ni-**na-ka-(i)ka**=te ʔi ni-ⁿduwaʔa saʔa=te
PFV-RSTU-P-walk=3.M because PFV-heal foot=3.M
‘He is walking again because his food healed.’

(4c) Context: The baby learned how to walk today. He took a few steps and then fell over. Then he got up and walked a few more steps.

#sa=**na-ka-(i)ka** te=liʔli=ka
ANT=RSTU-P-walk CL.M=baby=DEM.D
‘That baby is walking again.’

References

- Iyer, Jyoti. 2023. Counterdirectionality in the grammar: Reversals and restitutions. PhD dissertation, University of Massachusetts Amherst
- Macaulay, Monica 1996. *A Grammar of Chalcatongo Mixtec*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press
- McCawley, James. 1968. The role of semantics in grammar. In *Universals in Linguistic Theory* (Emmon Bach and R. Harms, eds), pp. 124-169. New York: Holt, Rinhart & Winston.
- Patel-Grosz, Prity and Sigrid Beck. 2019. Different ‘again’. *Semantics and Pragmatics*, 12: 1-52
- Rappaport Hovav, Malka and Beth Levin. 2010. Reflections on manner/result complementarity. In: *Syntax, Lexical Semantics and Event Structure* (E. Doron, M. Rappaport Hovav, I. Sichel, ed), pp. 21-38. Oxford: Oxford University Press.
- Stechow, Arnim von. 1996. The different readings of wieder “again”: a structural account. *Journal of Semantics* 13:87–138
- Tonhauser, Judith and Lisa Matthewson. 2016. Empirical evidence in research on meaning. MS, Ohio State University and University of British Columbia
- Zwarts, Joost. 2019. From ‘back’ to ‘again’ in Dutch: the structure of the ‘re’ domain. *Journal of Semantics*, 36: 211-240

O RESTITUTIVO MIXTECO⁶⁴

Michael W. Swanton
mswanton@unam.mx
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Violeta Vázquez-Rojas Maldonado
vr.maldonado@gmail.com
El Colegio de México (ColMex)

Elodia Ramírez Pérez
Biblioteca de Investigación Juan de Córdova

⁶⁴ Traduzido por Andrey Nikulin.

Em Mixteco (família Otomangueana, sul do México) e outras línguas aparentadas, há um prefixo, geralmente com a forma *na-*, que tradicionalmente é glosado como “repetitivo” (por exemplo, em Macaulay 1996). Com as evidências coletadas de textos, dicionários e elicitación guiada por hipóteses (Tonhauser e Matthewson 2016), propomos que se trata de um afixo restitutivo (glosado como RSTU), ou seja, propomos que desencadeia a pressuposição de que, antes do evento descrito pela raiz verbal, um estado de coisas havia deixado de existir, mas foi obtido novamente como resultado do evento descrito na asserção principal. Em alguns casos, o prefixo *na-* pode ter, ainda, um significado *contradirecional* (Fabricius-Hansen 2001), ou seja, acrescenta a pressuposição de que o processo pelo qual o estado anterior havia deixado de existir foi revertido. Exemplos dessas leituras são fornecidos em (1) e (2). A oração (1a), sem o *na-*, afirma, apenas, que a água secou. (1b), com o *na-*, afirma que as roupas secaram, pressupondo, ainda, que elas haviam estado secas anteriormente, depois pararam de estar secas, e agora o estado das roupas secas foi obtido novamente como resultado do evento afirmado. Esse exemplo pode ser considerado uma instância do restitutivo, mas também do contradirecional, assumindo, seguindo Zwarts (2018), que há um “caminho escalar” que leva de um estado gradual a outro e vice-versa. Os pares (2a) e (2b) são semelhantes: no primeiro exemplo, não se supõe que a porta havia sido aberta antes, à diferença de (2b). Nesse caso, o significado puramente restitutivo é mais claro, pois se supõe que a loja abre diariamente e que passou do estado “fechada” para o estado “aberta” novamente.

Crucialmente, e contrariando sua glosa usual, o prefixo *na-* não tem um significado repetitivo. Uma evidência disso é que, quando ocorre com verbos de atividade (ou verbos de modo, ver Rappaport Hovav e Levin 2010) que não implicam um estado resultante, como *ka?ã* ‘falar’ em (3a) e (3b), o prefixo *na-* não pressupõe apenas a ocorrência de um evento anterior do mesmo tipo. O exemplo (3b), com o prefixo, pressupõe um intervalo em que não ocorreu nenhum evento de fala (entre o agente e seus pares). Nesse caso, o verbo “falar” é interpretado como um hábito ou capacidade, e não como uma atividade, ou seja, tem uma interpretação estativa. Em (3c), a oração com *na-* é inaceitável, o que significa que o simples fato de retomar uma atividade não é suficiente para licenciar o prefixo. Em (4b), o prefixo acrescenta a pressuposição de que a criança perdeu a capacidade de andar por um determinado lapso. Se o *na-* acrescentasse um significado repetitivo, para que (4b) fosse verdadeira, bastaria que o evento de falar ou andar tivesse ocorrido anteriormente, mas esse não é o caso, como pode ser atestado pela inaceitabilidade de *na-* no contexto (4c). A ausência de uma leitura puramente repetitiva é uma evidência de que as leituras restitutivas e contradirecionais são o denominador comum do prefixo, e que elas não são derivadas de um significado repetitivo. Propomos uma análise desse prefixo nos moldes de Zwarts (2018) para um modificador restitutivo que envolve a reversão de um caminho escalar (SPATH), que leva da ausência do estado a sua restituição:

$$\text{RESTITUTIVE} = \lambda E \lambda e: \exists e' [e' < e \wedge E'(e') \wedge \text{REVERSE}(\text{SPATH}(e), \text{SPATH}(e'))] . [E(e)] \text{ (Zwarts 2018:226)}$$

A sobreposição entre leituras repetitivas, restitutivas e contradirecionais de descrições de eventos é reconhecida há muito tempo. Um exemplo clássico é o advérbio *again* do inglês (ver, por exemplo, McCawley 1968) e *wieder* do alemão (Stechow 1996). Estudos recentes têm procurado definir com mais precisão os pressupostos dessas leituras e situá-las em estruturas ou tipologias semânticas mais amplas (por exemplo, o domínio “*re-*” de Zwarts 2019, ou a contradirecionalidade de Iyer 2023). Esses avanços foram estimulados pelo estudo de tais fenômenos em um conjunto maior de línguas, tais como o holandês (Zwarts 2019), o kutchi (Patel-Grosz e Beck 2019) e o híndi-urdu (Iyer 2023). Nesta comunicação, procuraremos contribuir para esta linha de pesquisa com evidências do Mixteco.

Exemplos do Peñoles Mixteco (Elodia Ramírez Pérez, comunicação pessoal):

- (1a) **jitʃi** ⁿdute ðoko
secar água poço
 ‘A água do poço está secando.’
- (1b) **jaʃi na-jitʃi** ðoo nuu keʔe weʔe ʃii ⁿdisa waʔa ni-ⁿdzii
 rápido **RSTU-secar** roupa rosto pátio casa porque muito bem PFV-
 fazer_sol
 ‘As roupas estão secando rapidamente do lado de fora, no pátio, porque está muito ensolarado.’
- (2a) **kaa** bolsa kahwe
abrir pacote café
 ‘Abre um (novo) pacote de café.’
- (2b) **na-kaa** juʔujeʔe nà=kiʔu taʃi ʃiti weʔe
RSTU-abrir porta OPT=entrar vento dentro casa
 ‘Abre a porta para ventilar a casa.’
- (3a) **patu kaʔã** ⁿdaa payiu
^{NEG} **falar** verdade gente
 ‘As pessoas não falam a verdade.’
- (3b) **na-kaʔã** ʃiʃi=ka ⁿdiʔi tata=ʃi ⁿdiʔi nana=ʃi ʃii
RSTU-falar tempo=ALO com father=3.F com mãe=3.F porque
- ní-kuðe wiʔi=ʃi nuu=ju **patu** ʃi-ni=ⁿdi nak^weⁿda
 PFV-ter_raiva muito=3.F diante=3.PL NEG NP-saber=1.EXCL por_que
- ní-kuðe=ʃi ⁿdiʔi=ju
 PFV-ter_raiva=3.Fcom=3.PL
- ‘Essa mulher está falando novamente com o pai e a mãe dela, porque ela tinha ficado com raiva deles. Não sabemos por que ela ficou com raiva deles.’
- (3c) *Contexto*: Sara conversou com os pais antes de ir para o trabalho. Em seguida, depois de voltar do trabalho, ela conversou com eles novamente.
- neʔe kaʔã taa Sara ⁿdiʔi tata=ʃi ⁿdiʔi nana=ʃi
 cedo falar CL.F Sara com pai=3.F com mãe=3.F
- ðuate s(i)-aʔa=ʃi kiðeʃiu=ʃi
 então NP-ir.NB=3.F trabalhar=3.F
- # ⁿdeʃio=ʃi te **na-kaʔã**=ʃi ⁿdiʔi nana=ʃi ⁿdiʔi tata=ʃi
 voltar=3.F COOR **RSTU-falar**=3.F with mother=3.F with father=3.F
 ‘A Sara falou com o pai e a mãe dela cedo. Depois foi trabalhar.’
- # ‘Ela voltou e falou de novo com a mãe e com o pai dela.’
- (4a) **ni-f(i)-ika** wiʔi=te
 PFV-NP-**andar** muito=3.M
 ‘Ele andou muito.’

(4b) ni-na-ka-(i)ka=te ʃĩi ni-ⁿduwaʔa saʔa=te
 PFV-RSTU-P-andar=3.M porque PFV-sarar pé=3.M
 ‘Ele está andando de novo porque o pé dele sarou.’

(4c) *Contexto*: O bebê aprendeu a andar hoje. Ele deu alguns passos e depois caiu. Depois levantou e deu mais alguns passos.

#sa=na-ka-(i)ka te=liʔli=ka
 ANT=RSTU-P-andar CL.M=bebê=DEM.D
 # ‘Aquele bebê está andando de novo.’

Referências

- Iyer, Jyoti. 2023. Counterdirectionality in the grammar: Reversals and restitutions. PhD dissertation, University of Massachusetts Amherst.
- Macaulay, Monica 1996. *A Grammar of Chalcatongo Mixtec*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- McCawley, James. 1968. The role of semantics in grammar. In *Universals in Linguistic Theory* (Emmon Bach and R. Harms, eds), pp. 124-169. New York: Holt, Rinhart & Winston.
- Patel-Grosz, Pritty and Sigrid Beck. 2019. Different ‘again’. *Semantics and Pragmatics*, 12: 1-52.
- Rappaport Hovav, Malka and Beth Levin. 2010. Reflections on manner/result complementarity. In: *Syntax, Lexical Semantics and Event Structure* (E. Doron, M. Rappaport Hovav, I. Sichel, ed), pp. 21-38. Oxford: Oxford University Press.
- Stechow, Arnim von. 1996. The different readings of *wieder* “again”: a structural account. *Journal of Semantics* 13:87–138.
- Tonhauser, Judith and Lisa Matthewson. 2016. Empirical evidence in research on meaning. MS, Ohio State University and University of British Columbia.
- Zwarts, Joost. 2019. From ‘back’ to ‘again’ in Dutch: the structure of the ‘re’ domain. *Journal of Semantics*, 36: 211-240.

THE REPETITIVE PREFIX AND ARGUMENTLESS PRESUPPOSITION IN KANIEN'KÉHA

Willie Myers

willie.myers@mail.mcgill.ca

McGill University

Introduction.

In grammars of Kanien'kéha (Iroquoian), the repetitive prefix is frequently equated with English *again* (Bonvillain 1973; Michelson et al. 2011; Martin 2023), as seen in (1) where the occurrence of the repetitive with the verb root 'buy' is translated as 'buy again'.

- (1) a. Wa'khní:non'.
wa'-k-hninon-'
FACT-1sgA-buy
'I bought it.'
- b. Sakhní:non'.
s-a-k-hninon-'
REP-FACT-1sgA-buy
'I bought it **again**'

Despite this similarity in meaning, however, the repetitive can be found in a significantly wider distribution than English *again*, casting doubt on such a comparison and raising questions about the content of the presupposition it induces. In this talk, I propose that the repetitive in Kanien'kéha differs crucially from 'again' in that its presupposition can include only the verb. Its distribution therefore differs from English where the presupposition of *again* must include more syntactic elements, specifically the subject for intransitives and the object for transitives (Bale 2007). Based on this, I argue that while the repetitive shares the same semantics as *again*, the composition of verbs in Kanien'kéha differs English, giving rise to argumentless presuppositions.

Argumentless presupposition.

Evidence for the repetitive's argumentless presupposition comes from the fact that the subject and object of the sentence with the presupposition does not need to occur in its co-text. With an intransitive verb like 'go', as in (2), the co-text can differ in subject, indicating that the presupposition does not include the subject. In this instance, the presupposition is only that an event of going in will have happened; the agent of this event doesn't matter.. Similarly, with a transitive verb like 'eat', the object can vary between the co-text and the sentence with the presupposition, as in (3). Finally, both the subject and object can vary between the co-text and the sentence with the presupposition, as in (4), indicating that the presupposition does not include either argument. Instead, only the verb falls within the scope of the presupposition, resulting in a weak presupposition and a wide distribution.

- (2) a. KÓ:r i-en-ha-táweia't-e'.
Paul TRANS-FUT-MsgA-go-PUNC
'Paul will go in.'
- b. Wá:ri nòn:wa i-en-ts-ien-táweia't-e'.
Mary now TRANS-FUT-REP-FsgA-go-PUNC
'Mary will go in next.'
- (3) a. É:ri wà:-ke-k-e'.
cherry FACT-1sgA-eat-PUNC
'I ate cherries.'
- b. Sok o'wà:ron s-á:-ke-k-e'.
then meat r REP-FACT-1sgA-eat-PUNC
'Then, I ate meat.'

- (4) a. Rón:kwe wa-hi-aterennaién:-hahse’.
 man FACT-1sg>3sg-pray-BEN
 ‘I prayed for the man.’
 b. Sok è:rhar s-a-hs-aterennaién:-hahse’.
 then dog REP-FACT-2sgA-pray-BEN
 ‘Then, you prayed for the dog.’

Semantics of the repetitive.

Despite the use of words like ‘next’ or ‘then’ being used in the English glosses of sentences with argumentless presuppositions, I argue that the repetitive morpheme still shares the same general semantics as English again. According to many proposals (see, e.g., von Stechow 1996; Jäger and Blutner 2003; Beck and Johnson 2004), again is a propositional modifier that introduces a presupposition. The same is true for the repetitive, as evidenced by (5) in which the presupposition of the repetitive persists under negation.

- (5) Context: your friend has never bought a car before.
 #En-se-sh-e’serehta-hnion?
 FUT-REP-2sgA-car-buy.STAT
 Intended: ‘Are you going to buy a car again?’

In line with past accounts such as Bale (2007), I therefore propose that the repetitive, like again, is interpreted as a function on sets of events with a precondition on its application which induces a presupposition. This precondition states that the repetitive s- can only join with a predicate P if some eventuality which also satisfies P occurs before the point E of the asserted event.

- (6) **Precondition:** $[[s-]](P)$ is defined iff $e(e < E \ \& \ P(e))$

Analysis

Assuming that the semantics of the repetitive are in line with that of again, I argue that the wider distribution of the repetitive stems not from unique semantics but from the composition of verbs in the language. Specifically, the repetitive can apply VP internally where again cannot. Following much work on again, I take that the presupposition triggered by the repetitive is determined by its syntactic complement. Thus, for a sentence like (3), in which the presupposition does not include the object, the syntactic complement is comprised only of the verb, giving rise to the presupposition that an event described solely as ‘eating’ previously occurred. Because the verb enters the syntax without arguments, I denote it as follows.

- (7) $[[EAT]] = \lambda eEAT(e)$

In the talk, I further probe this claim by examining restitutive readings and the particle á:re’ ‘again’ which co-occurs with the repetitive but triggers different presuppositions based on where it adjoins syntactically.

References

- Bale, Alan. 2007. Quantifiers and verb phrases: An exploration of propositional complexity. *Natural Language and Linguistic Theory* 25:447–483.
 Beck, Sigrid, and Kyle Johnson. 2004. Double objects again. *Linguistic Inquiry* 35:97–123.
 Bonvillain, Nancy. 1973. *A Grammar of Akwesasne Mohawk*. Ottawa: National Museum of Man.

Jäger, Gerhard, and Reinhard Blutner. 2003. Competition and interpretation: The German adverb *wieder* ('again'). In *Modifying adjuncts*, eds. Ewald Lang, Claudia Maienborn, and Cathrine Fabricius-Hansen, 393–416. Berlin: Mouton de Gruyter.

Martin, Akwiratékha'. 2023. *Tekawennahsonterónnion: Kanien'kéha morphology*. Kahnawà:ke: Kanien'kehá:ka Onkwawén:na Raotitíóhkwa Language and Cultural Center.

Michelson, Karin, Catherine Price, and Keith Lickers. 2011. *Native Languages: A Support Document for the Teaching of Language Patterns: Oneida, Cayuga, and Mohawk*. Ontario: Ontario Ministry of Education.

von Stechow, Arnim. 1996. The different readings of *wieder* "again": A structural account. *Journal of Semantics* 13:87–138.

O PREFIXO REPETITIVO E PRESSUPOSIÇÃO NÃO ARGUMENTAL EM KANIEN'KÉHA⁶⁵

Willie Myers

willie.myers@mail.mcgill.ca

McGill University

Introdução

Nas gramáticas do Kanien'kéha (Iroquoian), o prefixo repetitivo é frequentemente associado ao Inglês *again*, 'de novo', em Português' (Bonvillain 1973; Michelson et al. 2011; Martin 2023), como se vê em (1), onde a ocorrência do repetitivo com a raiz verbal 'comprar' é traduzida como 'comprar de novo'.

- | | | |
|-----|--|---|
| (1) | a. Wa'khní:non'.
wa'-k-hninon-'
FATO-1sgA-comprar
'Eu comprei isso' | b. Sakhní:non'.
s-a-k-hninon-'
REP-FACT-1sgA-comprar
'Eu comprei isso de novo ' |
|-----|--|---|

Apesar dessa similaridade no significado, o repetitivo pode ser encontrado em uma distribuição significativamente mais ampla do que o Inglês *again*, lançando dúvidas sobre tal comparação e levantando questões sobre o conteúdo da pressuposição que ele induz. Nesta apresentação, proponho que o repetitivo em Kanien'kéha difere crucialmente de 'again' no sentido de que sua pressuposição pode incluir apenas o verbo. Sua distribuição, portanto, difere do Inglês, onde a pressuposição de *again* deve incluir mais elementos sintáticos, especificamente o sujeito no caso de verbos intransitivos e o objeto no caso de verbos transitivos (Bale 2007). Com base nisso, argumento que, enquanto o repetitivo compartilha a mesma semântica que *again*, a composição dos verbos em Kanien'kéha difere do Inglês, dando origem a pressuposições de ausência de argumentos.

Pressuposição de ausência de argumentos

A evidência para a pressuposição de ausência de argumentos do repetitivo vem do fato de que o sujeito e o objeto da sentença com a pressuposição não precisam ocorrer em seu co-texto. Com um verbo intransitivo como 'go' ('ir'), no exemplo em (2), o co-texto pode diferir em relação ao sujeito, o que indica que a pressuposição não inclui o sujeito. Nesse caso, a pressuposição é apenas que um evento de entrar terá acontecido; o agente deste evento não importa. Da mesma forma, com um verbo transitivo como 'eat' ('comer'), o objeto pode variar entre o co-texto e a sentença com a pressuposição, como em (3). Finalmente, tanto o sujeito quanto o objeto podem variar entre o co-texto e a sentença com a pressuposição, como em (4), indicando que a pressuposição não inclui nenhum dos argumentos. Em vez disso, apenas

⁶⁵ Traduzido por Marcus Vinicius Lunguinho.

o verbo se encontra no escopo da pressuposição, resultando em uma pressuposição fraca e uma ampla distribuição.

- (2) a. Kó:r i-en-ha-táweia't-e'.
Paul TRANS-FUT-MSGA-ir-PUNC
'Paul vai entrar'
- b. Wá:ri nòn:wa i-en-ts-ien-táweia't-e'.
Mary agora TRANS-FUT-REP-FsgA-ir-PUNC
'Mary vai entrar depois'
- (3) a. É:ri wà:-ke-k-e'.
cereja FACT-1sgA-comer-PUNC
'Eu como cerejas'
- b. Sok o'wà:ron s-á:-ke-k-e'.
então carne REP-FACT-1sgA-comer-PUNC
'Então, eu como carne'
- (4) a. Rón:kwe wa-hi-aterennaién:-hahse'.
homem FACT-1sg>3sg-rezar-BEN
'Eu rezei pelo homem'
- b. Sok è:rhar s-a-hs-aterennaién:-hahse'.
então cachorro REP-FACT-2sgA-rezar-BEN
'Então, você rezou pelo cachorro'

Semântica do repetitivo

Apesar do uso de palavras como 'next' ('próximo') ou 'then' ('então') nas glosas de sentenças com pressuposição de ausência de argumentos, eu argumento que o morfema repetitivo ainda compartilha a mesma semântica geral que o Inglês *again*. De acordo com muitas propostas (cf. von Stechow 1996; Jäger e Blutner 2003; Beck e Johnson 2004), *again* é um modificador proposicional que introduz uma pressuposição. O mesmo é verdade para o repetitivo, como evidenciado em (5), em que a pressuposição do repetitivo resiste à negação.

- (5) Contexto: seu amigo nunca comprou um carro antes.
#En-se-sh-e'serehta-hnion?
FUT-REP-2sgA-car-comprar.STAT
Interpretação pretendida: 'Você vai comprar um carro outra vez?'

Em consonância com abordagens anteriores, como Bale (2007), proponho, portanto, que o repetitivo, como *again*, seja interpretado como uma função sobre conjuntos de eventos com uma pré-condição em sua aplicação que induz uma pressuposição. Essa pré-condição estipula que o repetitivo *s-* só pode se combinar com um predicado P se alguma eventualidade que também satisfaz P ocorrer antes do ponto E do evento afirmado.

- (6) **Pré-condição:** $[[s-]](P)$ é definida sse $e(e < E \ \& \ P(e))$

Análise

Assumindo que a semântica do repetitivo está alinhada com a de *again*, argumento que a distribuição mais ampla do repetitivo deriva não de uma semântica única, mas da composição de verbos na língua. Especificamente, o repetitivo pode se aplicar internamente ao VP, onde *again* não pode. Seguindo muitos trabalhos sobre *again*, considero que a pressuposição desencadeada pelo repetitivo é determinada por seu complemento sintático. Assim, para uma sentença como (3), cuja pressuposição não inclui o objeto, o complemento

sintático é composto apenas pelo verbo, dando origem à pressuposição de que um evento descrito apenas como ‘comer’ ocorreu anteriormente. Como o verbo entra na sintaxe sem argumentos, eu o denoto da seguinte forma.

$$(7) \llbracket \text{COMER} \rrbracket = \lambda e \text{COMER}(e)$$

Na apresentação, investigo ainda mais essa afirmação examinando as leituras restitutivas e a partícula *á:re* ‘de novo’, que ocorre simultaneamente com o repetitivo, mas desencadeia diferentes pressuposições dependendo do lugar em que ela sintaticamente se adjuge.

Referências

- Bale, Alan. 2007. Quantifiers and verb phrases: an exploration of propositional complexity. *Natural Language and Linguistic Theory* 25:447-483.
- Beck, Sigrid, and Kyle Johnson. 2004. Double objects again. *Linguistic Inquiry* 35:97-123.
- Bonvillain, Nancy. 1973. *A Grammar of Akwesasne Mohawk*. Ottawa: National Museum of Man.
- Jäger, Gerhard, and Reinhard Blutner. 2003. Competition and interpretation: The German adverb *wieder* (‘again’). In *Modifying adjuncts*, eds. Ewald Lang, Claudia Maienborn, and Cathrine Fabricius-Hansen, 393-416. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Martin, Akwiratékhá’. 2023. *Tekawennahsonterónnion: Kanien’kéha morphology*. Kahnawà:ke: Kanien’kehá:ka Onkwawén:na Raotitióhkwa Language and Cultural Center.
- Michelson, Karin, Catherine Price, and Keith Lickers. 2011. *Native Languages: A Support Document for the Teaching of Language Patterns: Oneida, Cayuga, and Mohawk*. Ontario: Ontario Ministry of Education.
- von Stechow, Arnim. 1996. The different readings of *wieder* “again”: A structural account. *Journal of Semantics* 13:87-138.

EPISTEMIC AUTHORITY IN IMBABURA KICHWA: DIRECT EVIDENCE ISN'T ALWAYS IT!

Sama'a Salama

samaa.salama@mail.mcgill.ca

McGill University

Imbabura Kichwa⁶⁶ (IQ) is one of the Ecuadorian variants of Quechua presently spoken in the province of Imbabura by the Kichwa Karanki people. All the data for this study was collected in the community of Chirihuasi⁶⁷ through a variety of elicitation methods including natural speech, questionnaires, and designed tasks (ex. Map Task (Anderson et.al, 1999)). A feature of Quechuan languages found across its different variants is the overlap between the marking of evidential and focus categories (Cole, 1982; Faller, 2002; Grzech, 2020; Muysken, 1995; Sánchez, 2010 etc.), for example in (1) focus on the object is marked with an enclitic that encodes evidential information.

Imbabura Kichwa has retained two of the three classically discussed enclitics =*mi* and =*cha*, the third marker =*shi* (which corresponds to reportative *si~sis* in southern languages) is only accepted by some speakers and when it is accepted it is used as a dubitative in IQ (2), in the same way as =*cha* (3). The present study focuses on the enclitic =*mi* which has been argued to be a marker of direct evidence source (e.x. Muysken, 1995). I claim that: (i) =*mi* in Imbabura Kichwa cannot only mark direct evidence, even if it is compatible with it, and (ii) evidentiality more generally cannot be properly accounted for as only encoding information source. As examples such as (4) through (6) demonstrate that =*mi* is compatible with various sources of evidence but is only felicitous if the speaker believes the prejacent to be true.

While the facts at first seem similar to Cuzco Quechua's best possible grounds (Faller, 2020) which largely depends on event *type* to determine the licensing of =*mi*, =*mi* in IQ seems to be blind to event type in a way similar to =*mi* in, for example, Upper Napo Kichwa (Grzech, 2020). Example (7) is an identical event as that above in (2) and (5), however speaker judgement is different as to what =*mi* is encoding (direct witnessing vs. knowledge of).

What this asks, and what this work begins to answer, is the following: is =*mi* at its core a marker of epistemic authority, and if yes, what is the relationship of the speaker's knowledge in relation to the hearer? To understand this data in relation to prior proposals and cement their differences I combine the proposals of Matthewson (2020) and Bergqvist & Grzech (2023) into one that maintains the three dimensions of evidential meaning (information type, location, and strength) and the notion that an evidential is then contextually bound, not just for a single evidential form, but for that same form in different discourse contexts. This means that which values (either direct or indirect) are required for the licensing of a specific evidential form is bound by the discourse context. I extend this analysis to this project's data from Imbabura Kichwa, advancing the argument that =*mi* does not encode for direct evidence nor best possible grounds, but rather the epistemic authority of the speaker, ending the line of inquiry and answering the current QUD.

Finally, this reassessment of =*mi* (along with =*cha*) also leads to a question of its focus role. Whether it is always marking focus or rather acts like a focus sensitive operator, associating in certain discourse contexts with alternatives but not always. I begin to propose that these enclitics are not markers of focus, rather evidential markers at their core that associate with focus.

⁶⁶ Deep gratitude to the community of Chirihuasi in Ecuador for hosting our field team and being so generous in their time, effort and patience as they shared their language with us.

⁶⁷ The data from Imbabura Kichwa used in this study is newly collected data by researcher between 2023 and 2024 (REB S-04-23-9087).

Examples:

1. Jaun pata-ta=mi miku-n
Juan potato-ACC=MI eat-3s
'*Juan eats [potato]_F*'
2. mishki-kuna-ta mikuy usha-n=shi (B.T. 06.02)
sweet-PL-ACC eat-INF can-3SG=SHI
'*She can eat sweets*' (subtle doubt)
3. mishki-kuna-ta mikuy usha-n=cha (B.T. 06.02)
sweet-PL-ACC eat-INF can-3SG=CHA
'*She can eat sweets*' (subtle doubt)
4. Carlos=mi ana-ta mucha-rka (M. 30. 05)
Carlos=MI Ana-ACC kiss-PST.3
'*Carlos kissed Ana*' [speaker is simply knowledgeable]
5. Juan papa-ta=mi miku-n
(M.05.29)
Juan potato-ACC=MI eat-3s
'*Juan eats potato*' [directly observed by speaker]
6. Carlos-ka rura-rka-mi hatun wasi-ta, imashi-na rura-rka-chu
(B.T.05.29)
Carlos=TOP build-3PST=MI large house-ACC, how-? build-PST-Q
'*Carlos built a house; how did he build it?*' [Inferring from results, speaker did not see Carlos build it, they wouldn't need to ask 'how' if they did directly witness it.]
7. Juan=mi papa-ta miku-n
Juan=MI potato-ACC eat-3s
'*Juan eats potato*' [no direct witness]

References

- Aikhenvald, A. Y. (2004). *Evidentiality*. Oxford University Press.
- Aikhenvald, A. Y. (2018). Introduction. In A. Y. Aikhenvald (Ed.), *The Oxford Handbook of Evidentiality* (pp. 1–44). Oxford University Press.
- Bergqvist, H., & Grzech, K. (2023). The role of pragmatics in the definition of evidentiality. *STUF - Language Typology and Universals*, 76(1), 1–30
- Cole, P. (1982). *Imbabura Quechua*. North-Holland Publishing Company.
- É.Kiss, K. (1995). Introduction. In *Discourse Configurational Languages* (pp. 3–27). Oxford University Press.
- Faller, M. (2002). *Semantics and pragmatics of evidentials in Cuzco Quechua* [PhD, Stanford University].
- Grzech, K. (2020). Managing Common Ground with epistemic marking: 'Evidential' markers in Upper Napo Kichwa and their functions in interaction. *Journal of Pragmatics*, 168, 81–97.
- Hintz, D., & Hintz, D. (2014). The evidential category of mutual knowledge in Quechua. *Lingua*, 186–187, 88–109.
- Matthewson, L. (2020). Evidence Type, Evidence Location, Evidence Strength. In *Evidentials and Modals* (pp. 82–120). Brill. DOI: 10.1163/9789004436701_006
- Muysken, P. 'Focus in Quechua', in Katalin É Kiss (ed.), *Discourse Configurational Languages* Oxford University Press.

Sánchez, L. (2010). *The Morphology and Syntax of Topic and Focus*. John Adams Publishing Company.

AUTORIDADE EPISTÊMICA EM IMBABURA KICHWA: NEM SEMPRE É EVIDÊNCIA DIRETA⁶⁸

Sama'a Salama

samaa.salama@mail.mcgill.ca

McGill University

Imbabura Kichwa⁶⁹(IQ) é uma das variantes equatorianas de quíchua atualmente falada na província de Imbabura pelo povo Kichwa Karanki. Todos os dados para este estudo foram coletados na comunidade de Chirihuasi⁷⁰ por meio de uma variedade de métodos de elicitación, incluindo fala natural, questionários e tarefas projetadas (ex. Map Task (Anderson et.al, 1999)). Uma característica das línguas quíchuas encontrada em suas diferentes variantes é a sobreposição entre a marcação de categorias evidenciais e de foco (Cole, 1982; Faller, 2002; Grzech, 2020; Muysken, 1995; Sánchez, 2010, etc.). Por exemplo, em (1) o foco no objeto é marcado com um enclítico que codifica informações evidenciais.

Imbabura Kichwa manteve dois dos três enclíticos classicamente discutidos =*mi* e =*cha*, o marcador de terceira =*shi* (que corresponde ao *si~sis* reportativo em línguas do sul) é aceito apenas por alguns falantes e quando aceito é usado como um dubitativo em IQ (2), da mesma forma que =*cha* (3). O presente estudo se concentra no enclítico =*mi* que é dito ser um marcador de fonte de evidência direta (por exemplo, Muysken, 1995). Eu afirmo que: (i) =*mi* em Imbabura Kichwa não pode apenas marcar evidência direta, mesmo que seja compatível com ela, e (ii) a evidencialidade, em geral, não pode ser adequadamente considerada como apenas codificador de fonte da informação. Como nos exemplos de (4) a (6) mostram, =*mi* é compatível com várias fontes de evidência, mas só tem felicidade se o falante acredita que o precedente é verdadeiro.

Embora os fatos pareçam, a princípio, semelhantes, na melhor das hipóteses, ao quíchua de Cusco (Faller, 2020), que dependem amplamente do *tipo* de evento para determinar o licenciamento de =*mi*, =*mi* em IQ parece não ser sensível ao *tipo* de evento de uma forma semelhante ao =*mi* em, por exemplo, Upper Napo Kichwa (Grzech, 2020). O exemplo (7) é um evento idêntico ao exemplo acima em (2) e (5), no entanto, o julgamento do falante é diferente quanto ao que =*mi* está codificando (testemunho direto vs. conhecimento de).

O que se pergunta, e o que este trabalho começa a responder, é o seguinte: se =*mi* em sua essência é um marcador de autoridade epistêmica e, se sim, qual é a relação do conhecimento do falante em relação ao ouvinte? Para entender esses dados em relação às propostas anteriores e consolidar suas diferenças, combino as propostas de Matthewson (2020) e Bergqvist & Grzech (2023) em uma que mantém as três dimensões do significado evidencial (tipo de informação, localização e força) e a noção de que um evidencial é contextualmente limitado, não apenas para uma única forma evidencial, mas para essa mesma forma em diferentes contextos de discurso. Isso significa que os valores (diretos ou indiretos) necessários para o licenciamento de uma forma evidencial específica são limitados pelo contexto do discurso. Estendo esta análise aos dados deste projeto de Imbabura Kichwa, avançando o argumento de que =*mi* não codifica evidência direta, nem os melhores

⁶⁸ Traduzido por Guilherme Augusto Duarte Borges.

⁶⁹ Profunda gratidão à comunidade de Chirihuasi, no Equador, por receber a nossa equipe de campo e por ser tão generosa com seu tempo, esforço e paciência ao compartilhar sua língua conosco.

⁷⁰ Os dados de Imbabura Kichwa usados neste estudo são recentes e foram coletados pelos pesquisadores entre 2023 e 2024 (REB S-04-23-9087).

fundamentos possíveis, mas sim a autoridade epistêmica do falante, encerrando a linha de investigação e respondendo ao QUD atual.

Finalmente, esta reavaliação de *=mi* (junto com *=cha*) também leva a uma questão com relação ao seu papel de foco. Se ele sempre marca foco ou se age como um operador sensível ao foco, associando-se em certos contextos de discurso com alternativas, mas nem sempre. Início assim, a proposta que esses enclíticos não são marcadores de foco, mas sim marcadores evidenciais em seu núcleo que se associam ao foco.

Exemplos:

1. Jaun pata-ta=*mi* miku-n
 Juan batata-ACC=*MI* comer-3s
 ‘Juan come [batata]_F’

2. mishki-kuna-ta mikuy usha-n=*shi* (B.T. 06.02)
 doce-PL-ACC comer-INF poder-3SG=*SHI*
 ‘Ela pode comer doces’ (dúvida sutil)

3. mishki-kuna-ta mikuy usha-n=*cha* (B.T. 06.02)
 doce-PL-ACC comer-INF poder-3SG =*CHA*
 ‘Ela pode comer doces’ (dúvida sutil)

4. Carlos=*mi* ana-ta mucha-rka (M. 30. 05)
 Carlos=*MI* Ana-ACC beijo-PST.3
 ‘Carlos beijou Ana’ [falante é simplesmente conhecedor]

5. Juan papa-ta=*mi* miku-n
 (M.05.29)
 Juan batata-ACC=*MI* comer-3s
 ‘Juan come batata’ [diretamente observado pelo falante]

6. Carlos-ka rura-rka-mi hatun wasi-ta, imashi-na rura-rka-chu (B.T.05.29)
 Carlos=*TOP* construir-3PST=*MI* grande casa-ACC, como-? construir-PST-Q
 ‘Carlos construiu uma casa; como ele construiu ela?’ [Deduzindo dos resultados, o falante não viu Carlos construir, eles não precisariam perguntar "como" se tivessem testemunhado isso diretamente.]

7. Juan=*mi* papa-ta miku-n
 Juan=*MI* batata-ACC comer-3s
 ‘Juan come batata’ [sem testemunho direto]

References

- Aikhenvald, A. Y. (2004). *Evidentiality*. Oxford University Press.
- Aikhenvald, A. Y. (2018). Introduction. In A. Y. Aikhenvald (Ed.), *The Oxford Handbook of Evidentiality* (pp. 1–44). Oxford University Press.
- Bergqvist, H., & Grzech, K. (2023). The role of pragmatics in the definition of evidentiality. *STUF - Language Typology and Universals*, 76(1), 1–30
- Cole, P. (1982). *Imbabura Quechua*. North-Holland Publishing Company.
- É.Kiss, K. (1995). Introduction. In *Discourse Configurational Languages* (pp. 3–27). Oxford University Press.

- Faller, M. (2002). Semantics and pragmatics of evidentials in Cuzco Quechua [PhD, Stanford University].
- Grzech, K. (2020). Managing Common Ground with epistemic marking: ‘Evidential’ markers in Upper Napo Kichwa and their functions in interaction. *Journal of Pragmatics*, 168, 81–97.
- Hintz, D., & Hintz, D. (2014). The evidential category of mutual knowledge in Quechua. *Lingua*, 186–187, 88–109.

ADVERBIAL SUBORDINATE CLAUSES IN SAKURABIAT: TEMPORAL REFERENCE AND TENSE MARKING⁷¹

Ana Vilacy Galúcio

avilacy@museu-goeldi.br

Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGPA)

Frida Natália Lobato de Albuquerque

lobato.frida21@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGPA)

This presentation aims to analyze the representation of time and the interpretation of temporal reference in adverbial subordinate clauses in Sakurabiat, a language of the Tupari branch of the Tupi linguistic family. Sakurabiat is among the most endangered languages of the Tupi family today. There has been no vertical transmission for at least 30 years. There are fewer than 15 speakers among a population of just over 100 people, distributed across five small villages in the Rio Mequéns Indigenous Land, Alto Alegre dos Parecis municipality, Rondônia, Brazil (Galucio, 2021). Adverbial subordinate clauses in this language are formally expressed through postpositional phrases and verbal phrases derived from nominalized verbal forms (Galucio, 2011) and function as modifying adjuncts to the main clauses. They can occur before or after the main clauses (see Thompson and Longacre (2007) for a definition of adverbial clauses). Sakurabiat contrasts main and adverbial subordinate clauses (temporal/conditional, causal, and final) concerning tense marking. In this language, unlike in the main clauses, no explicit tense marks adverbial subordinate clauses. The temporal reference of the adverbial subordinate clause is conditioned by the tense marking in the main clause and evaluated concerning the time of the event in the main clause. This pattern of correlation between the temporal reference and tense marking in the main clause and the temporal reference of the adverbial subordinate clause is illustrated in examples (1-4) for temporal/conditional adverbial clauses. There is no formal distinction between conditional adverbial clauses and temporal adverbial clauses in Sakurabiat. Propositions that establish temporal links and propositions that establish conditional links between events are expressed by the same morphosyntactic strategy: a locative postpositional phrase, whose object can be a nominalized verb or a demonstrative pronoun (Galucio, 2011). In (1), the past temporal reference of the adverbial subordinate clause is conditioned by the past marking on the verb of the main clause. In (2), the future marking in the main clause conditions the future temporal reference of the adverbial clause, whereas in (3), there is a hypothetical future in the main clause, which conditions the hypothetical interpretation in the adverbial clause. In example (4), habitual aspect marking occurs in the main clause, with no tense marking, only the use of the copula. We will discuss the correlation between tense marking and temporal reference of these and other adverbial clauses in Sakurabiat, using the assumptions of Cover and Tonhauser (2015) for the description of temporal reference, based on data from natural discourse and elicitation.

Examples

1. krrit se-ayt-kwa-t [se-akar-ab=ese]
child 3c-cry.PL.EV-PSS 3c-fall-NMLZ=LOC
'The child cried when she fell'

⁷¹ Translated by Uiara Nunes.

2. o-yarap-kwa pa òròt [kwe mi-a-ab=ese pe= èt] 1s-cheerful-TR FUT me.ENF
animal kill; shoot-VT-NMLZ =LOC OBL= tu 'I'll be happy if / when you
kill a hunt'
3. si se-jarap-kwa pegat eteet [pear so-a i-mi-A-ab=ese]
mom 3c-happy-VBLZ fut.irr hip macaw view-VT OBJ.NMLZ- shoot; kill-VT-NMLZ=LOC
'My mother would be happy if I saw and killed a macaw'
4. o-kip asi ne kakwa [òt kwesog=õ ka-ab=ese] 1s- leg pain COP usual [I
away=DAT move-NMLZ=LOC] 'My legs always hurt if/when I walk a lot'

References

- COVER, R., J. Tonhauser. Theories of meaning in the field: temporal and aspectual reference. In Bochnak and Matthewson (ed.), *Methodologies in semantic fieldwork*. Oxford University Press, New York, pp. 306-349, 2015.
- GALUCIO, A. V. Subordinate adverbial construction in Mekens. In: VAN GIJN, R; HAUDE, K; MUYSKEN, P. *Subordinate in Native South American Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 25-43, 2011.
- GALUCIO, A. V. Documentação e revitalização linguística: uma interseção possível, necessária e desejável. In: Fundação Universidade Federal de Rondônia. *(Re)vitalizar línguas minorizadas e/ou ameaçadas: teorias, metodologias, pesquisas e experiências*. Patrícia Goulart Tondineli (org). Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, p. 20-43, 2021.
- THOMPSON, S. A., R. and Longacre. Adverbial clauses, in: Shopen, T. (ed.), *Language Typology and Syntactic Description Vol. II*. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 236-269, 2007.

SENTENÇAS SUBORDINADAS ADVERBIAIS EM SAKURABIAT: REFERÊNCIA TEMPORAL E REPRESENTAÇÃO DE TEMPO

Ana Vilacy Galúcio

avilacy@museu-goeldi.br

Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGPA)

Frida Natália Lobato de Albuquerque

lobato.frida21@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGPA)

O objetivo desta apresentação é analisar a representação de tempo e a interpretação da referência temporal nas sentenças subordinadas adverbiais em Sakurabiat, uma língua do ramo Tupari da família linguística Tupi. Sakurabiat figura entre as línguas mais ameaçadas da família Tupi, na atualidade. Não há transmissão vertical há pelo menos 30 anos e atualmente há menos de 10 falantes, em uma população de pouco mais de 100 pessoas, distribuídas em cinco pequenas aldeias na Terra Indígena Rio Mequéns, município de Alto Alegre dos Parecis, Rondônia, Brasil (Galucio, 2021). As sentenças subordinadas adverbiais nessa língua são formalmente expressas em sintagmas pós-posicionais e sintagmas verbais derivados a partir de formas verbais nominalizadas (Galucio, 2011) e funcionam como adjuntos, ou seja, modificadores adverbiais das sentenças matrizes, podendo ocorrer antes ou depois das mesmas. Para a análise das adverbiais, tomamos como base a definição de Klein (1994), segundo o qual o *tempo verbal* é definido como aquele que codifica uma relação entre o tempo da fala e o tempo do tópico, ou seja, o momento em que determinado enunciado é dito e o momento ou intervalo sobre o qual se fala. Sakurabiat contrasta sentenças matrizes e subordinadas

adverbiais (temporais/condicionais, causais e finais) com relação à marcação de tempo. Nesta língua, diferentemente das sentenças matrizes, não há marcação explícita de tempo nas sentenças subordinadas adverbiais. A referência temporal da cláusula subordinada adverbial é condicionada pela representação do tempo na matriz e avaliada em relação ao tempo do tópico desta. Esse padrão de correlação entre a referência temporal e marcação de tempo da matriz e a referência temporal da subordinada adverbial é ilustrado nos exemplos (1-4) para cláusulas adverbiais temporais/condicionais. Proposições que estabelecem ligações temporais e proposições que estabelecem ligações condicionais entre eventos são expressas pela mesma estratégia morfosintática: um sintagma pós-posicional locativo cujo objeto pode ser uma forma verbal nominalizada ou um pronome demonstrativo (Galucio, 2011). Em (1) a referência temporal de passado da subordinada adverbial é condicionada pela marcação de passado no verbo da sentença principal. Em (2) a codificação de futuro na sentença principal condiciona a referência temporal de futuro da adverbial, enquanto em (3) há um futuro hipotético na sentença principal o que condiciona a interpretação hipotética na adverbial. No exemplo (4), a codificação de aspecto habitual é realizada na sentença matriz, não há marcação de tempo apenas o uso da cópula. Analisaremos as implicações da ausência de marcação tempo nas subordinadas adverbiais e a correlação entre marcação de tempo, referência temporal e a marcação de aspecto entre as cláusulas adverbiais e as sentenças principais, utilizando os pressupostos de Cover e Tonhauser (2015) para a descrição de referência temporal, com base em dados provenientes de falas de discurso natural e de elicitación.

EXEMPLOS

1. kirit se-ayt-kwa-t [se-akar-ab=ese]
criança 3c-chorar.PL.EV-PSS 3c-cair-NMLZ=LOC
'A criança chorou quando caiu' (literalmente: 'criança chorou na sua própria queda')
2. o-yarap-kwa pa òrõt [kwe mi-a-ab=ese pe= ãt]
1s-alegre-TR FUT eu.ENF animal matar;atirar-VT-NMLZ =LOC OBL=tu
'Eu vou ficar feliz se/quando você matar uma caça' (literalmente: 'eu serei feliz na matança da caça por você')
3. ãsi se-yarap-kwa pegat eteet [pera so-a i-mi-a-ab=ese]
mãe 3c-feliz-VBLZ fut.irr hip arara ver-VT OBJ.NMLZ-atirar;matar-VT-
NMLZ=LOC 'Minha mãe ficaria feliz se eu visse e matasse uma arara' (literalmente: 'minha mãe estaria feliz na visualização e matança da arara')
4. o-kip asi ne kakwa [õt kwesog=õ ka-ab=ese]
1s-perna dor COP habitual [eu longe=DAT mover-NMLZ=LOC]
'Minhas pernas sempre doem se/quando eu ando muito' (literalmente: 'minhas pernas habitualmente doem na andança para longe')

Referências

COVER, R., J. Tonhauser. Theories of meaning in the field: temporal and aspectual reference. In Bochnak e Matthewson (ed.), *Methodologies in semantic fieldwork*. Oxford University Press, New York, p. 306-349, 2015.

GALUCIO, A. V. Subordinate adverbial construction in Mekens. In: VAN GIJN, R; HAUDE, K; MUYSKEN, P. *Subordinate in Native South America Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 25-43, 2011.

GALUCIO, A. V. Documentação e revitalização linguística: uma interseção possível, necessária e desejável. In: Fundação Universidade Federal de Rondônia. *(Re)vitalizar línguas minorizadas e/ou ameaçadas: teorias, metodologias, pesquisas e experiências*. Patrícia Goulart Tondineli (org). Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, p. 20-43, 2021.

KLEIN, W. *Time in Language*. London: Routledge, 1994.

NON-SPEAKER-ORIENTED EXPRESSIVES IN KTUNAXA

Starr Sandoval

starr.sandoval@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Violet Birdstone

University of British Columbia (UBC)

Dorothy Alpine

University of British Columbia (UBC)

This paper provides the first documentation and analysis of expressive nouns in Ktunaxa, a severely endangered language isolate spoken in Interior British Columbia and the northwest United States. Ktunaxa expressives liberally allow non-speaker-oriented interpretations under attitude reports. This contrasts English expressives, which are usually speaker-oriented. Most accounts of English expressives treat their judge as contextually variable (Potts 2007, Schlenker 2007). I argue this analysis is better suited for Ktunaxa, and I suggest more rigid theory of expressives in English to account for their default orientation to the speaker.

Expressive nouns in Ktunaxa typically relate to body parts (e.g. *ʔa:kuk* ‘penis’, *ʔis* ‘vagina’, *ʔakataxikp* ‘butthole’, *ʔakaxikp* ‘colon’) or animals (e.g. *stukał* ‘female animal’, *skinkuɕ* ‘coyote’), as many pejoratives crosslinguistically do (Gutzmann 2019). They exhibit features of expressives discussed by Potts (2007). They are perspective dependent — evaluated by a particular judge. They invoke immediacy, as just uttering these expressives updates the context. In (2), B cannot deny the expressive content inflicted by A in (1). Repeating these slurs also strengthens their effect, as in (3). They also exemplify descriptive ineffability. Consultants commented these words were hard to paraphrase besides translating them to pejoratives they know in English. These words also project in disjunction, which Schlenker (2019) argues distinguishes expressives from other presuppositions. This is shown in (4)—whether La:t stole the carrots or not, the speaker thinks he’s a bastard.

In English, the judge of expressives is typically the speaker, even under attitude reports, as in (5) (Potts 2007). In Ktunaxa, the subject of the matrix clause can be the judge of an expressive under attitude reports. Example (6) doesn’t give rise to a contradiction. When the orientation isn’t known from context, the judge could be either the speaker or the subject, shown in the commentary of (7). This is found even if elements extract out of the embedded clause, as in (8), which suggests this is not merely a quotative effect.

Imposing a speaker-orientation constraint on expressive language in English raises challenges for exceptional cases. For example, in (9) the father is most easily interpreted as the judge (Kratzer 1999). Indeed, most modern accounts of expressives in English treat the attitude holder as contextually variable due to such examples (Harris & Potts 2009, Schlenker 2007, Amaral et al 2007). However, the stark contrast in acceptability between (5) and (6) suggest expressive judges in English and Ktunaxa differ semantically. With Ktunaxa expressives, non-speaker orientation is common and systemic. In English, it’s infrequent and often requires coercion. I analyze these English exceptional cases as features of free indirect discourse—a narrative report of a protagonist’s speech or thought that may shift indexicals to the protagonist’s perspective (Maier 2014). This theory is supported by Harris & Potts (2009)’s observation that non-speaker-oriented expressive are not limited to propositional attitude embedding—they provide examples of matrix clauses in which expressives are

oriented to an implicit protagonist. Example (9) can be rephrased to have this effect as well (10).

I analyze Ktunaxa expressives using Potts’s framework, though other theories such as Schlenker (2007) or Gutzmann (2019) could be adapted to these ideas as well. Crucially, I argue his original analysis for English is better suited for Ktunaxa, as the judge is contextually determined. A nominal expressive like *ʔa:kuk* is of type $\langle e, \epsilon \rangle$, where ϵ represents a function from a context to another context. A context is a triple consisting of two individuals and an interval to represent attitude. Shown in (1), *ʔa:kuk* updates the context so that a judge (judge_c)’s attitude (\mathbf{I}') towards an individual (x) is stronger than it was before (\mathbf{I}). For \mathbf{I}' to be from -1 to 0 ensures the speaker’s attitude is negative. Defining the maximal interval length as $.2$ ensures *ʔa:kuk* delivers a large expressive charge. I represent expressives in English similarly, but the judge is speaker-oriented, shown in (12). I adopt Eckardt (2015)’s framework for free indirect discourse to represent exceptional cases in English. Sentences like (9) are interpreted with respect to two contexts—that of the narrator (the speaker) and that of the protagonist (the speaker’s father). Crucially, the perspective shift from the speaker of the sentence is not invoked lexically by the expressive, but rather as an effect of the second context.

This also raises the question of how cross-linguistically robust (non-)speaker-orientation is in expressives—under propositional attitudes and in other grammatical contexts. More broadly, how can cross-linguistic data shape diagnostics to identify expressive language in a fieldwork setting?

(1) A: ϕ is qawsaqaʔ-ni Vancouver-s 2.SUBJ NEG think-IND COMP-COP
 vagina live-IND Vancouver-OBV vagina
 ‘That bitch lives in Vancouver.’ ‘You don’t think she’s a bitch

(2) B:#Hin qa qatwiyi-ni k-ʔin ϕ is

(3) ʔa:kataxipk sankiʔ-ni ϕ ʔa:kataxipk sanakatini. Hu qa ϕ ʔakit-ni ʔa:kataxipk!
 butthole rude-IND CONJ butthole ugly-IND 1.SUBJ NEG like-IND butthole
 ‘That butthole is ugly and that butthole is rude. I don’t like that butthole!’

Consultant comment: *You’d repeat butthole that many times if you really don’t like them.*

(4) *Context: you notice the carrots in your garden have gone missing. No one in your neighborhood was home last night except for La-t so it must have been him or something else. He seems like a nice guy, but if he ends up being the one who stole your carrots, he’s stamya!*

#Ein lu-ni k ʔaynap ni ϕ na-s ʔak stamya La-t k ʔaynap
 EVID no-IND COMP steal carrot-OBV or idiot La-t COMP steal
 ‘Either nobody stole my carrots, or that idiot La-t did!’

Consultant comment: *You already think La-t is stamya. He couldn’t possibly be a nice guy.*

(5) Mary thinks that bastard is mean, #but I like him. He’s not a bastard.

(6) *Context: Mary doesn’t like Fred, but you like him. Your sister asks how people find Fred.*

qałwiyi-ni ʔa·kuk-s k-sahan-s, miksan hu ɕlakit-ni. Qa ʔi-ni ʔa·kuk-s
 think-IND penis-OBV COMP-bad-OBV but 1.SUBJ like-IND. NEG cop-IND penis-
 OBV.

‘She thinks that bastard is mean, but I like him. He’s not a bastard.’

Consultant comment: *It makes sense. Mary is the one who thinks Fred is a bastard. You do not*

(7) La·t qałwiyi-ni ʔa·kuk-s k qawsaqa-s Vancouver-s
 Fred think-IND penis-OBV COMP live-OBV Vancouver-OBV
 ‘Fred thinks that bastard lives in Vancouver.’

Consultant comment: *We don’t know who thinks he’s a bastard. It could be Fred or you.*

(8) *Context: Mary thinks La·t is a butthole. You don’t judge him, but you’re curious what Mary said about him.*

Qała-s k qałwiy ʔak ałaxipk-s La·t-s kałqukałmaxaka-s Mali
 who-OBV COMP think butthole-OBV La·TOBV kiss-OBV Mary
 ‘Who did Mary think that butthole La·t kissed?’

(9) My father screamed that he would never allow me to marry that bastard.

(10) Her father looked at her with disdain. He would never allow her to marry that bastard.

(11) $\llbracket \text{ʔa·kuk} \rrbracket = \lambda x \lambda c .$
 the context c' that varies from c in
 that:

- c' includes $\langle \text{judge}_c \mathbf{I}' \mathbf{x} \rangle$
- $\mathbf{I}' \sqsubseteq [-1, 0]$
- the length of \mathbf{I}' is not more than .2
- if c contained $\langle \text{judge}_c \mathbf{I} \mathbf{x}, \mathbf{I}' \sqsubseteq \mathbf{I}$

(12) $\llbracket \text{bastard} \rrbracket = \lambda x \lambda c .$
 the context c' that varies from c in
 that:

- c' includes $\langle \text{speaker}_c \mathbf{I}' \mathbf{x} \rangle$
- $\mathbf{I}' \sqsubseteq [-1, 0]$
- the length of \mathbf{I}' is not more than .2
- if c contained $\langle \text{speaker}_c \mathbf{I} \mathbf{x} \rangle$, $\mathbf{I}' \sqsubseteq \mathbf{I}$

References

- Amaral, P., C. Roberts & E. A. Smith. 2007.** Review of the logic of conventional implicatures by Chris Potts. *Linguistics and Philosophy*.
- Eckardt, R. 2015.** The contexts of free indirect discourse. *The Semantics of Free Indirect Discourse*.
- Gutzmann, D. 2019.** *The grammar of expressivity*.
- Harris, J. & C. Potts. 2009.** Perspective-shifting with appositives and expressives. *Linguistics and Philosophy*.
- Kratzer, A. 1999.** Tutorial on attitude ascriptions. Lecture notes.
- Maier, E. 2014.** Language shifts in free indirect discourse. *Journal of literary semantics*.
- Potts, C. 2007.** The centrality of expressive indices. *Theoretical Linguistics*.
- Schlenker, P. 2007.** Expressive presuppositions.
- Schlenker, P. 2019.** Gestural semantics. *Natural Language and Linguistic Theory*.

EXPRESSIVOS NÃO ORIENTADOS PARA O FALANTE EM KTUNAXA⁷²

Starr Sandoval

starr.sandoval@ubc.ca

University of British Columbia (UBC)

Violet Birdstone

University of British Columbia (UBC)

Dorothy Alpine

University of British Columbia (UBC)

Este trabalho apresenta a primeira documentação e análise de nomes expressivos em Ktunaxa, uma língua altamente ameaçada de extinção, falada isoladamente no interior da Columbia Britânica e no noroeste dos Estado Unidos. Os expressivos em Ktunaxa permitem livremente interpretações não orientadas para o falante em contextos de reportar atitudes. Nisso, contrastam com os expressivos do inglês, geralmente orientados para o falante. A maior parte dos tratamentos de expressivos do inglês trazem o juiz como uma variável contextual (Potts, 2007; Schlenker, 2007). Defendo que essa análise é mais apropriada para Ktunaxa, e sugiro uma teoria de expressivos mais restrita para dar conta da orientação para o falante ser padrão nos expressivos do inglês.

Os nomes expressivos em Ktunaxa tipicamente estão relacionados a partes do corpo (p.ex. *ʔaːkuk* ‘pênis’, *çis* ‘vagina’, *ʔakataxikp* ‘orifício anal’, *ʔaːkaxikp* ‘colon’) ou a animais (p.ex. *stukat* ‘fêmea de animal’, *skinkuç* ‘coiote’), além de haver vários interlinguisticamente pejorativos (Gutzmann, 2019). Eles exibem os traços de expressividade discutidos por Potts (2007), sendo dependentes quanto à perspectiva — avaliados por um juiz em particular. Invocam imediatismo, pois apenas proferir esses expressivos atualiza o contexto. Em (2), B não pode negar o conteúdo expressivo imposto por A em (1). Repetir esses insultos intensifica seus efeitos, como em (3). Eles exemplificam, ainda, a infabilidade descritiva. Os consultores que comentaram sobre esses termos acharam difícil dar uma paráfrase a eles que não empregasse termos pejorativos do inglês conhecidos por eles. Essas expressões também projetam em disjunções, o que, conforme a proposta de Schlenker (2019), distingue expressivos de outras pressuposições. Isso é mostrado em (4) — quer Laːt tenha roubado cenouras ou não, o falante pensa que ele é um bastardo.

E inglês, o juiz de expressivas é tipicamente o falante, mesmo em relatos de atitude, como se vê em (5) (Potts, 2007). Em Ktunaxa, o sujeito da sentença matriz pode ser o juiz de um expressivo sob relato de atitude. O exemplo (6) não produz contradição. Nos casos em que a orientação não é dada pelo contexto, o juiz pode ser tanto o falante quanto o sujeito, como mostra o comentário em (7). Isso ocorre mesmo quando elementos são extraídos da sentença encaixada, como em (8), o que sugere que não se trata de um mero efeito quotativo.

Impor uma restrição a orientação para o falante às expressivas do inglês cria desafios para os casos excepcionais. Por exemplo, em (9), o pai é mais comumente tomado como o juiz (Kratzer, 1999). De fato, a maior parte das propostas mais recentes sobre expressivos em inglês tratam o tomador de atitude como uma variável contextual por conta desses exemplos

⁷² Traduzido por Ana Paula Quadros Gomes.

(Harris; Potts, 2009; Schlenker, 2007, Amaral et al, 2007). No entanto, o agudo contraste em termos de aceitabilidade entre (5) e (6) sugere que os juízes expressivos diferem semanticamente nas línguas Ktunaxa e inglês. Em Ktunaxa, a orientação para um juiz distinto do falante é frequente e sistemática. Em inglês, ela é pouco usual e, muitas vezes, coercitiva. Em minha análise, esses casos excepcionais do inglês são fruto do discurso indireto — um discurso reportado narrando a fala ou o pensamento do protagonista, o que muda a indexação para a perspectiva do protagonista (Maier, 2014). Essa análise é referendada pela observação de Harris e Potts (2009) de que expressivos não-orientados para o falante não estão limitados a encaixadas com atitude proposicional — esses autores apresentam exemplos de sentenças matriz nas quais o expressivo está orientado para um protagonista implícito. Tanto o exemplo (9) quanto o (10) podem ser modificados para apresentar esse efeito.

Minha proposta para os expressivos do Ktunaxa se insere no quadro teórico de Potts, além de estar de acordo com teoria como as de Schlenker (2007) ou Gutzmann (2019), mediante adaptações. Crucialmente, defendo que a análise original de Potts é mais adequada para o Ktunaxa, visto que o juiz é determinado pelo contexto. Um expressivo nominal como *ʔa:kuk* é do tipo $\langle e, \epsilon \rangle$, tal que ϵ representa uma função de um contexto a outro. Um contexto é uma tripla contendo dois indivíduos e um intervalo para representar a atitude. Como se vê em (1), *ʔa:kuk* atualiza o contexto, de modo que a atitude (**I'**) do juiz (**juizc**) em relação ao indivíduo (x) é mais forte do que era de (**I**). Isso porque definir **I'** como compreendendo de -1 a 0 garante que a atitude do falante é negativa. Definir o intervalo máximo como se estendendo até .2 garante que *ʔa:kuk* engendra uma grande carga expressiva. Eu represento os expressivos do inglês de forma semelhante, mas com o julgamento sendo orientado para o falante, como se vê em (12). Adoto Eckardt (2015) quanto a assumir que o discurso livre indireto representa casos excepcionais do inglês. Sentenças como (9) são interpretadas relativamente a dois contextos: o do narrador (o falante) e o do protagonista (o pai do falante). Crucialmente, a mudança de perspectiva do falante para o sujeito da sentença não é fruto do conteúdo lexical do expressivo, e sim um efeito do segundo contexto.

Isso também levanta questões sobre a robustez da orientação para o falante ou para o não-falantes em expressivos inter-linguisticamente, tanto em contextos de atitude proposicional como em outros contextos gramaticais. Ampliando a questão, como dados de diversas línguas podem afinar diagnósticos para identificar expressivos em um trabalho de campo?

- (1) A: çis qawsaqaʔ-ni Vancouver-s
vagina morar-IND Vancouver-OBV
‘Essa cachorra mora em Vancouver’
- (2) B: #Hin qa qatwiyi-ni k-ʔin çis
2.SUBJ NEG pensar-IND COMP-COP vagina
‘Você não se dá conta de que ela é uma cadela’
- (3) ʔa:kataxipk sankiʔ-ni ç ʔa:kataxipk sanakatini. Hu qa çtakit-ni ʔa:kataxipk!
Cu rude-IND CONJ cu feio-IND 1.SUBJ NEG gostar-IND cu
‘Esse cuzão é feio e esse cuzão é rude. Eu não gosto desse cuzão!’

Comentário do consultor: *Você repete “cuzão” muitas vezes para mostrar que você realmente não gosta dessa pessoa.*

(4) *Contexto: você notou que sumiram cenouras da sua horta. Ninguém nas proximidades estava em casa na noite passada, além de La·t, então ou deve ter sido ele ou alguém de fora da vizinhança. Ele aparenta ser um cara legal, então deve ter sido alguém de fora que furtou suas cenouras. Mesmo ele sendo ou parecendo legal, se for descoberto que ele tirou suas cenouras, então ele é um stámya!*

#Ein lu-ni k ʔaynap niçna-s tak stámya La·t k ʔaynap
EVID não-IND COMP roubar cenoura-OBV ou idiota La·t COMP roubou

‘Ou bem ninguém daqui roubou minhas cenouras, ou foi aquele idiota do La·t quem fez isso!’

Comentário do consultor: *Você já acha que La·t é um stámya. Ele não pode ser um cara legal de jeito nenhum.*

(5) Mary thinks that bastard is mean, #but I like him. He’s not a bastard.

‘Maria acha que esse desgraçado é mau, #mas eu gosto dele. Ele não é um desgraçado.

(6) *Contexto: Maria não gosta de Fred, mas você sim. Sua irmã te pergunta o que as pessoas pensam de Fred.*

qałwiyi-ni ʔa·kuk-s k-sahan-s, miksan hu ɕlakił-ni. Qa ʔi-ni ʔa·kuk-s
pensar-IND pênis-OBV COMP-mau-OBV mas 1.SUBJ gostar-IND. NEG cop-IND pênis-OBV.

‘Ela acha que esse filho da puta é mau, mas eu gosto dele. Ele não é um filho da puta.’

Comentário do consultor: *Faz sentido. Maria é quem acha que Fred é um filho da puta. Você não pensa assim.*

(7) La·t qałwiyi-ni ʔa·kuk-s k qawsaqa-s Vancouver-s
Fred achar-IND pênis-OBV COMP mora-OBV Vancouver-OBV

‘Fred acha que aquele filho da puta mora em Vancouver.’

Comentário do consultor: *Você não sabe quem é que considera o Fred um filho da puta. Pode ser você ou o Fred.*

(8) *Contexto: Mary acha que La·t é um cuzão. Você não tem opinião, mas está curioso sobre o que a Mary disse sobre ele.*

Qała-s k qałwiy ʔak ałaxipk-s La·t-s kałqukałmaxaka-s Małi
quem-OBV COMP achar cuzão-OBV La·TOBV beijar-OBV Mary

‘quem a Maria acha que o cuzão do La·t beijou?’

(9) My father screamed that he would never allow me to marry that bastard.

‘Meu pai gritou que nunca iria permitir que eu me casasse com aquele filho de uma puta.’

(10) Her father looked at her with disdain. He would never allow her to marry that bastard.

‘O pai dela olhou-a com desdém. Ele jamais permitiria que ela se casasse com aquele filho de uma puta.’

(11) $\llbracket \text{ʔa·kuk} \rrbracket = \lambda x \lambda c .$

o contexto c' que se mapeia a c tal que:

- c' includes $\langle \text{juiz}_c \mathbf{I}' \mathbf{x} \rangle$
- $\mathbf{I}' \sqsubseteq [-1, 0]$
- o tamanho de \mathbf{I}' não é mais que .2
- se c continua $\langle \text{juiz}_c \mathbf{I} \mathbf{x} \rangle$, $\mathbf{I}' \sqsubseteq \mathbf{I}$

(12) $\llbracket \text{bastard} \rrbracket = \lambda x \lambda c .$

o contexto c' que varia de c em que:

- c' inclui $\langle \text{falante}_c \mathbf{I}' \mathbf{x} \rangle$
- $\mathbf{I}' \sqsubseteq [-1, 0]$
- o tamanho de \mathbf{I}' não é mais do que n .2
- se c continua $\langle \text{falante}_c \mathbf{I} \mathbf{x} \rangle$, $\mathbf{I}' \sqsubseteq \mathbf{I}$

Referências

- Amaral, P., C. Roberts & E. A. Smith. 2007.** Review of the logic of conventional implicatures by Chris Potts. *Linguistics and Philosophy*.
- Eckardt, R. 2015.** The contexts of free indirect discourse. *The Semantics of Free Indirect Discourse*.
- Gutzmann, D. 2019.** *The grammar of expressivity*.
- Harris, J. & C. Potts. 2009.** Perspective-shifting with appositives and expressives. *Linguistics and Philosophy*.
- Kratzer, A. 1999.** Tutorial on attitude ascriptions. Lecture notes.
- Maier, E. 2014.** Language shifts in free indirect discourse. *Journal of literary semantics*.
- Potts, C. 2007.** The centrality of expressive indices. *Theoretical Linguistics*.
- Schlenker, P. 2007.** Expressive presuppositions.
- Schlenker, P. 2019.** Gestural semantics. *Natural Language and Linguistic Theory*.

REDUCTIONISM IN SEMANTICS: THE CASE OF SUFFIXATION IN WEST GREENLANDIC

Tess Huijting

thuijting@gmail.com

University of Groningen

In Inuit-Yupik languages (one branch of Inuit-Yupik-Unangan or ‘Eskimo-Aleut’), much of the structure traditionally associated with syntax is accomplished solely through bound suffixes. This phenomenon shows some similarities with noun incorporation and lexical affixation, but it fits neither category comfortably (cf. Gerdts, 1998), which for a long time left the questions of the origin and synchronic functioning of these suffixes unanswered. Over the past decades, it has been suggested that the answer to both questions lies in semantics, with Mithun (1999: 50) noting that Inuit-Yupik suffixes tend to be “more diffuse and/or general in their meaning than their root counterparts,” and Cook and Johns (2009: 156) arguing that they universally “do not add any kind of encyclopedic semantics [...], but merely quantify or restrict the semantics of the preceding stem.” Diffuseness and the absence of encyclopedic semantics are now widely considered defining characteristics of Inuit-Yupik suffixes, and a modern consensus is that in Inuit-Yupik, affixhood is not an intrinsic feature, but is determined syntactically as a direct result of these semantic characteristics (cf. Johns, 2007).

However, new data from one Inuit-Yupik variety, West Greenlandic, shows that a select number of these suffixes cannot be analyzed as being diffuse in meaning or devoid of encyclopedic semantics. Rather, these suffixes add highly specific lexical content to the preceding stem. This shows that the aforementioned characteristics are far from universal, and poses a major issue for our current understanding of Inuit-Yupik word formation. Examples include the distinctly encyclopedic verbalizing suffix *-erniar* ‘sell’ (1), and the polysemous verbalizing suffix *-ler*, which specifically denotes putting on clothing (2a), installing an item on something else (2b), or covering something in a particular substance (2c).

This talk will discuss a number of these suffixes, and argue why previous analyses of their semantics fall short. A recurring theme in these analyses is the assumption that distinct meanings are first and foremost active pragmatic extensions, i.e., they are derived on the spot by each speaker individually, rather than conventionalized and stored. For a cognate of *-ler* in (2), for instance, Tersis & Mahieu (2006: 167) contend that the suffix is a monosemous light verb, arguing that its various senses are simply context-dependent extensions of a basic core meaning ‘bring into superficial contact with’. Such a top-down analysis is attractive to linguists, as it appears to arrive at a definition that is as monosemous as possible and as polysemous as necessary. However, as is the case in West Greenlandic, this over-reliance on monosemy and metaphorical extensions often results in definitions that overgenerate. After all, if *-ler* has a basic meaning ‘bring into superficial contact with’, then why is its real-world use restricted to specifically ‘put on clothing’, ‘install’ and ‘cover with’, and do we not find any other plausible extensions of this proposed basic meaning (‘put bread on a plate’, ‘clean a table’, etc.)? Through examining a number of lexical and polysemous suffixes in West Greenlandic, this talk aims to show how foregoing overgeneralizations in semantic analysis can have a far-reaching impact on our understanding of morphosyntactic structure.

West Greenlandic

- (1) *Mobiile-erniar-pit?*
phone-sell-INT.2SG

‘Are you selling phones?’

- (2a) *Kami-ler-punga.*
boot-**put_on**-IND.1SG
‘I’m putting boots on.’
- (2b) *Iigaq assilia-ler-paa.*
wall.ABS.SG picture-**install**-IND.3SG>3SG
‘He’s hanging a picture on the wall.’
- (2c) *Panakaasia-li-laar-iuk.*
flour-**cover_with**-please-IMP.2SG>3SG
‘Sprinkle some flour on [the dough].’

References

- Cook, C., & Johns, A. (2009). Determining the semantics of Inuktitut postbases. In M.-A. Mahieu & N. Tersis (Eds.), *Variations on Polysynthesis: The Eskaleut languages* (pp. 149–170). John Benjamins Publishing.
- Gerds, D. B. (1998). Incorporation. In A. Spencer & A. M. Zwicky (Eds.), *The handbook of morphology* (pp. 84–100). Blackwell.
- Johns, A. (2007). Restricting Noun Incorporation: Root Movement. *Natural Language & Linguistic Theory*, 25(3), 535–576.
- Mithun, M. (1999). *The languages of native North America*. Cambridge University Press.
- Tersis, N., & Mahieu, M.-A. (2006). Sémantique des affixes incorporants en langue inuit (Groenland oriental). *Études/Inuit/Studies*, 30(1), 157–181.

REDUCCIONISMO EM SEMÂNTICA: O CASO DE SUFIXAÇÃO EM GREENLÂNDICO OCIDENTAL⁷³

Tess Huijting
thuijting@gmail.com
University of Groningen

Nas línguas *Inuit-Yupik* (um ramo da família *Inuit-Yupik-Unangan* ou ‘Esquimó-Aleut’), grande parte da estrutura tradicionalmente associada à sintaxe é realizada exclusivamente por sufixos ligados. Esse fenômeno apresenta algumas semelhanças com a incorporação de substantivos e a afixação lexical, mas não se encaixa confortavelmente em nenhuma dessas categorias (cf. Gerds, 1998), o que, por muito tempo, deixou as questões sobre a origem e o funcionamento sincrônico desses sufixos sem resposta. Nas últimas décadas, sugeriu-se que a resposta para ambas as questões está na semântica, com Mithun (1999: 50) observando que os sufixos *Inuit-Yupik* tendem a ser “mais difusos e/ou gerais em seu significado do que suas contrapartes radicais,” e Cook e Johns (2009: 156) argumentando que eles universalmente “não adicionam nenhum tipo de semântica enciclopédica [...], mas meramente quantificam ou restringem a semântica da raiz precedente.” A difusão e a ausência de semântica enciclopédica são agora amplamente consideradas características definidoras dos sufixos *Inuit-Yupik*, e um consenso moderno é que, nessas línguas, a condição de afixo não é uma característica intrínseca, mas é determinada sintaticamente como resultado direto dessas características semânticas (cf. Johns, 2007).

⁷³ Traduzido por Dionatan Bastos Cardozo.

No entanto, novos dados de uma variedade *Inuit-Yupik*, o Groenlandês Ocidental, mostram que um número seletivo desses sufixos não pode ser analisado como tendo um significado difuso ou sendo desprovido de semântica enciclopédica. Em vez disso, esses sufixos acrescentam um conteúdo lexical altamente específico à raiz precedente. Isso demonstra que as características mencionadas anteriormente estão longe de serem universais e representam um grande problema para nossa compreensão atual da formação de palavras no *Inuit-Yupik*. Exemplos incluem o sufixo verbalizador claramente enciclopédico *-erniar*, que significa ‘vender’ (1), e o sufixo verbalizador polissêmico *-ler*, que denota especificamente vestir uma peça de roupa (2a), instalar um item em algo (2b) ou cobrir algo com uma substância específica (2c).

Esta apresentação discutirá vários desses sufixos e argumentará porque as análises anteriores de sua semântica são insuficientes. Um tema recorrente nessas análises é a suposição de que significados distintos são, antes de tudo, extensões pragmáticas ativas, ou seja, derivados espontaneamente por cada falante individualmente, em vez de serem convencionados e armazenados. Para um cognato de *-ler* em (2), por exemplo, Tersis & Mahieu (2006: 167) defendem que o sufixo é um verbo leve monossêmico, argumentando que seus vários sentidos são simplesmente extensões dependentes do contexto de um significado central básico ‘colocar em contato superficial’. Uma análise de cima para baixo como essa é atraente para linguistas, pois parece chegar a uma definição tão monossêmica quanto possível e tão polissêmica quanto necessário. No entanto, como ocorre no Groenlandês Ocidental, essa dependência excessiva da monossêmia e de extensões metafóricas frequentemente resulta em definições que geram mais do que o necessário. Afinal, se *-ler* tem um significado básico de ‘colocar em contato superficial’, então por que seu uso no mundo real é restrito especificamente a ‘vestir uma peça de roupa’, ‘instalar’ e ‘cobrir com’, e não encontramos outras extensões plausíveis desse significado proposto (‘colocar pão em um prato’, ‘limpar uma mesa’, etc.)? Ao examinar diversos sufixos lexicais e polissêmicos no Groenlandês Ocidental, esta apresentação busca mostrar como evitar generalizações excessivas na análise semântica pode ter um impacto profundo em nossa compreensão da estrutura morfossintática.

West Greenlandic

- (1) *Mobiile-erniar-pit?*
 telefone-**vender**-INT.2SG
 ‘Você está vendendo telefones?’
- (2a) *Kami-ler-punga.*
 bota-**vestir**-IND.1SG
 ‘Estou colocando minhas botas.’
- (2b) *ligaq assilia-ler-paa.*
 parede.ABS.SG pintura-**colocando**-IND.3SG>3SG
 ‘Ele está colocando uma pintura na parede.’
- (2c) *Panakaasia-li-laar-iuk.*

farinha–**cobrir_com**–por favor–IMP.2SG>3SG
'Salpique um pouco de farinha [na massa].'

Referências selecionadas

- Cook, C., & Johns, A. (2009). Determining the semantics of Inuktitut postbases. In M.-A. Mahieu & N. Tersis (Eds.), *Variations on Polysynthesis: The Eskaleut languages* (pp. 149–170). John Benjamins Publishing.
- Gerdts, D. B. (1998). Incorporation. In A. Spencer & A. M. Zwicky (Eds.), *The handbook of morphology* (pp. 84–100). Blackwell.
- Johns, A. (2007). Restricting Noun Incorporation: Root Movement. *Natural Language & Linguistic Theory*, 25(3), 535–576.
- Mithun, M. (1999). *The languages of native North America*. Cambridge University Press.
- Tersis, N., & Mahieu, M.-A. (2006). Sémantique des affixes incorporants en langue inuit (Groenland oriental). *Études/Inuit/Studies*, 30(1), 157–181.